

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Liliana Farah de Almeida Prado

**A ética muçulmana e o espírito do capitalismo no Egito
contemporâneo após a *Infitah***

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC - SP

Liliana Farah de Almeida Prado

A ética muçulmana e o espírito do capitalismo no Egito

contemporâneo após a *Infitah*

DOCTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais com área de concentração em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Sob a orientação do Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende.

SÃO PAULO

2009

Banca Examinadora

Dedico este Trabalho ao meu filho Adam, por seu entendimento e paciência nas minhas ausências.

AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento ao **Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende** por acreditar em meu projeto desde o início, pelo carinho, pela paciência, confiança e contínuo apoio em todos os momentos para a conclusão de mais uma etapa desta jornada acadêmica. Tê-lo como orientador foi um grande presente!

Agradeço ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, professores e coordenadores, pelo acolhimento e estímulo contínuo.

Também quero agradecer ao Prof. Dr. Edson Passetti e Prof. Dr. Édison Nunes pelas importantíssimas contribuições dadas em minha Banca de Qualificação em 2008.

Agradeço a todos os meus AMIGOS e ALUNOS, por me ajudarem a crescer e realizar-me como ser humano.

Agradeço a CAPES, pois sem seu apoio financeiro este projeto não se concretizaria.

RESUMO

Esta Tese de Doutorado situa-se no campo das Relações Internacionais e descreve como o capitalismo e a ética muçulmana imbricam-se no Egito contemporâneo após a sua Infitah ou “abertura das portas” comerciais com o mundo desde 1974.

A linha histórico-política traçada desde a Revolução de 1952 até hoje, mostram como o intervencionismo e o neoliberalismo traçaram o perfil sócio-cultural da população egípcia moderna que é governada há 28 anos por uma mesmo presidente.

O fundamentalismo islâmico que tem fortíssimas raízes no Egito passa a ter importância mundial a partir da disseminação de suas idéias por todo o Oriente Médio e conseqüências desta disseminação sentidas por todo o mundo, Ocidente e Oriente, nos dias de hoje.

Palavras-chave: Capitalismo; Islamismo; Fundamentalismo.

ABSTRACT

This research for Doc's degree purpose, developed in the field of International Relations, describes how the capitalism and Islamic ethic are imbricated in contemporary Egypt after the Infitah or open-doors commercial policy since 1974.

The political and historical lines drew since the Revolution of 1954 until our days, shows how the interventionism and neo-liberalism draws the social and economic of modern Egyptian population profile which is administered by the same president since 28 years ago.

The Islamic fundamentalism which has his strong roots in Egypt becomes to have a global importance from the disseminated ideas to all Middle East, and the consequences from that dissemination are felt all over the world, East and West nowadays.

Key-words: Capitalism; Islamism; Fundamentalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
I- DA ÉTICA MUÇULMANA AO SIGNO DO FUNDAMENTALISMO EGIPCIO	15
1.1 Islã.....	15
1.1.1 Islã no Brasil.....	22
1.1.2 Os pilares do Islã.....	25
1.1.3 O Corão e outros livros sagrados.....	31
1.1.4 <i>Haadith e Sunnah</i>	39
1.1.5 <i>Sharia</i>	41
1.1.6 <i>Sharia</i> e os Direitos Humanos.....	52
1.1.7 <i>Sharia</i> e globalização	54
1.2 Capitalismo no Egito	58
1.3 Islã, Capitalismo e Democracia	73
1.4 Signo do Fundamentalismo.....	81
1.4.1 Religião e Política no Islã egípcio.....	82
1.4.2 Estado-nação, identidade e fundamentalismo.....	87
1.4.3 Terrorismo	105
1.4.4 Principais personagens egípcios no fundamentalismo islâmico.....	110
1.4.5 Perfil dos jovens fundamentalistas	129
1.4.6 Pensamento fundamentalista egípcio e Osama bin Laden	137

1.4.7 Al-Qaeda e o Egito	141
II- INTERVENCIONISMO E NEOLIBERALISMO	145
2.1 Intervencionismo	145
2.1.1 Revolução de 1952 – Era Nasser.....	149
2.2 Neoliberalismo	159
2.2.1 Era Sadat	159
2.2.2 <i>Infitah</i>	164
2.2.3 Era Mubarak.....	167
III- RELAÇÕES INTERNACIONAIS: GLOBALIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA EGÍPCIA.....	179
3.1 Papel do Estado.....	183
3.2 Níveis de consumo e crescimento de renda	184
3.3 Disparidade de renda e padrões de consumo	190
3.4 Necessidades básicas.....	192
3.5 Tratados Internacionais e o Egito	193
3.6 Outros aspectos da globalização egípcia	200
3.6.1 Meio ambiente.....	200
3.6.2 Cultura em geral.....	200
3.6.3 Posição da Mulher.....	206
3.6.4 Idioma árabe	212

3.6.5 O primeiro carro	215
3.6.6 Férias de verão	217
3.6.7 <i>Marketing</i>	219
3.6.8 Roupas	221
3.6.9 Festa de Aniversário	224
3.6.10 Festas de Casamento	225
3.6.11 Jornalismo	227
3.6.12 Televisão	228
3.6.13 Revistas e Jornais	231
3.6.14 Telefones.....	231
3.6.15 INTERNET	232
CONSIDERAÇÕES FINAIS	234
REFERÊNCIAS.....	238

INTRODUÇÃO

Esta Tese tem como tema a ética muçulmana e o capitalismo no Egito contemporâneo após a Infitah, ou sua abertura comercial após 1974. Seu objetivo principal é descrever como o capitalismo e o islamismo egípcio imbricaram-se com o advento de uma economia globalizada ou mundializada, e com supremacia dos padrões ocidentais, mais especificamente americanos no início, de consumo. Além disto, torna-se também importante destacar o Egito como grande berço dos ideais fundamentalistas que foram disseminados por todo o mundo oriental e ocidental. Coloca-se ainda importância em descrever a linha temporal que vai desde a Revolução egípcia de 1954 quando da posse de Nasser, a curta trajetória do liberal Sadat e a longa estadia no poder de Mubarak. Esta linha temporal é permeada pelas influências de fundamentalistas e ações terroristas, fazendo o Egito um ponto de nascimento destes ideais, um solo ruim para seu estabelecimento e fronteiras porosas para sua disseminação.

A escolha deste tema deu-se por diversas razões:

- a) Experiência profissional nas áreas de comércio exterior e marketing internacional com países islâmicos;
- b) Importância de entender como a ética muçulmana é afetada pelo capitalismo e a globalização para futuros relacionamentos profissionais e acadêmicos;
- c) O tamanho da população muçulmana no mundo que cresce em proporções geométricas;
- d) Importância dada pelo Governo brasileiro em estreitar as relações comerciais e de parcerias com países de maioria muçulmana;
- e) Crescente destaque do Egito tanto em seu crescimento como economia mundial como em sua posição de destaque nos conflitos do Oriente Médio.

f) Possibilidade de estabelecer parâmetros de igualdades e diferenças entre as características e conseqüências da Infitah no Egito em comparação com outros países de maioria islâmica e até mesmo com o Brasil.

g) Possibilidades de descrever um panorama positivo nas relações políticas entre Estados do Oriente e do Ocidente e um novo formato geopolítico determinado por uma nova, e ainda difícil de descrever, forma de lidar com uma Soberania porosa.

O Egito possui aproximadamente 80 milhões de habitantes.¹ O Ministro de Finanças, Youssef Boutros Ghali, prevê uma taxa de crescimento do país entre 4,4% e 4,7% no último trimestre do ano fiscal 2008/2009, dando indícios de que a economia egípcia conseguiu superar a crise internacional.

Economicamente falando, o Egito é um mercado tradicional e importante no comércio com o Brasil. No ano passado foi um dos nossos principais parceiros, sendo o segundo maior importador de produtos brasileiros dentre os países árabes com US\$ 1,24 bilhão² afirmou o presidente da Câmara Árabe, Antonio Sarkis Jr. Um dos principais produtos importados do Brasil é a carne bovina, mas também compra minério de ferro, açúcar, aviões, alumina calcinada (para produção de alumínio) chassis com motor, fumo, soja e papel.

As importações brasileiras deste país somaram US\$ 52,77 milhões³ no ano passado, representando um aumento de quase 80% em comparação ao ano anterior. Os principais produtos importados foram o algodão, instrumentos e aparelhos para medicina, superfosfato, fosfato e couro bovino. A Feira Internacional do Cairo ocorre desde 1968. É um evento multissetorial que contará com a participação da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira em um estande de aproximadamente 54 m² neste ano.

¹ 76,8 milhões segundo < <http://icarabe.org> > último acesso em 18/10/2009

² Fonte: Marina Sarruf da Agencia de Notícias Brasil - Árabe.

³ Ibid.

Todos os países árabes, com exceção da Mauritânia, tiveram taxa de crescimento superior a media mundial. O Egito teve 7,16% de crescimento em sua economia.

A metodologia usada nesta pesquisa inclui pesquisas bibliográficas nacionais e internacionais em livros, revistas e sites oficiais e variados, filmes e documentários em DVD que ilustrassem as categorias de fundamentalismo, terrorismo e radicalismo. Foram desenvolvidas entrevistas formais e informais na American University no Cairo, na Embaixada Brasileira do Cairo, na Câmara Britânica também no Cairo, conversas com juristas, empresários, funcionários de empresas egípcias da área de prestação de serviços e hotelaria, jornalistas de vários países do Oriente Médio.

Aqui no Brasil destacam-se as pesquisas feitas junto a Câmara de Comércio Brasil e Países Árabes e a participação de todos os eventos promovidos por esta entidade, além de entrevistas informais por representantes das mais importantes Mesquitas do Estado do São Paulo.

Foram feitas até o momento seis viagens ao Egito, sendo a primeira para conhecer todas as principais capitais e pontos turísticos e as outras ficaram locadas no Cairo por ser a mais importante cidade do país, e ter maior possibilidade de pesquisa. Anterior à escolha de um país para ser o objeto de estudo da pesquisa, visitou-se: Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia. O Egito mostrou-se mais “hospitaleiro” de fácil circulação para uma mulher ocidental.

A problematização foi feita a partir do interesse em identificar no Egito, padrões de adequação da ética muçulmana ao capitalismo após o país passar oficialmente para uma posição globalizada em suas relações comerciais, sociais e políticas após a “abertura das portas” ou *Infitah*. Questionou-se com relação a este imbricamento no que diz respeito a qual elemento se sobreporia ao outro e em que circunstâncias e com quais conseqüências também políticas, econômicas e sociais.

A possível hipótese lançada primeiramente é que não haveria uma sobreposição, mas um ajuste, apesar de com conseqüências não muito agradáveis para a população em geral. Seria um novo desenho político, econômico, social e ético para uma antiga, e muitíssimo antiga civilização. Além da conseqüência deste novo perfil poder ser disseminado através da porosidade de suas fronteiras.

O capítulo primeiro pretende fundamentar o conceito de Islã, seus pilares, seus livros, como o Corão, Sunnah e Haadith, a lei Islâmica *Sharia*, seus desdobramentos e sua relação com os Direitos Humanos. Ainda tenta descrever o capitalismo no Egito, sua relação com a idéia de democracia, sua relação com categorias de Estado-nação, identidade, fundamentalismo e a influência de ideais fundamentalistas nascidos no Egito que foram disseminados para todo o Oriente Médio e todo o resto do mundo. Osama bin Laden, Al-Qaeda e o perfil dos novos fundamentalistas e terroristas são relacionados com os ideais egípcios e esse novo panorama globalizado que se estabelece.

O capítulo segundo fará uma análise de dois períodos importantes para o Egito: o Intervencionismo desde a Revolução de 52 ou Era Nasser e o neoliberalismo, a Infitah e a curta e trágica em seu final, Era Sadat. Finaliza na figura polêmica de Hosni Mubarak que está no governo com sucessivas reeleições desde a morte de seu sucessor em 1981.

O capítulo terceiro destacará as principais conseqüências na vida política, social, econômica e ética, do imbricamento do capitalismo e da ética muçulmana no Egito.

Este trabalho passou por diversas etapas e transformações em sua configuração durante todo o seu desenvolvimento. As principais dificuldades encontradas foram o fato de não dominar o idioma egípcio como gostaria e a preocupação em ter o discernimento necessário na hora de analisar as informações obtidas sem esquecer as divergências entre ocidente e oriente e o papel da mídia tendenciosa em ambos os lados. Trata-se, portanto de trazer um

novo olhar para as relações estabelecidas entre nações com éticas tão profundamente diferentes, mas que querem desenvolver-se como elemento global no contexto deste novo século.

I- DA ÉTICA MUÇULMANA AO SIGNO DO FUNDAMENTALISMO EGÍPCIO

Este capítulo tem como objetivo mostrar os diversos aspectos éticos do Islã, algumas definições, pilares, livros, breve histórico no intuito de esclarecer os fundamentos islâmicos, bem como tecer um pano de fundo para os próximos capítulos. Fala também do Capitalismo e seu imbricamento com os preceitos islâmicos no Egito.

Da mesma forma, apresenta um levantamento dos principais personagens egípcios no desenvolvimento das idéias e ideologias fundamentalistas e terroristas até os dias de hoje.

1.1 Islã

O que é importante ressaltar logo de início, é que o islamismo não é um apelo individual, ou de fé individual. É a estruturação de uma sociedade que está espalhada por todo o mundo e mesmo assim mantém seus pilares básicos. O Islã é uma proposta comunitária, é a tentativa de união de um Povo que com a modernidade vai se fragmentar em possibilidades de integração com a nova realidade. Uns mais ortodoxos, uns menos, mas todos de uma forma ou de outra mantém os pilares básicos, os ritos que unem esta comunidade independente de tempo ou espaço.

Falo inicialmente do Islã de forma geral para depois chegar à especificidade dentro do Egito. Também farei algumas considerações com relação ao capitalismo em sua definição geral para depois particularizá-lo no Egito, objeto de estudo.

Segundo Peter Demant, o termo muçulmano refere-se a um fenômeno sociológico, enquanto islâmico diz respeito especificamente à religião. Pode-se afirmar, por exemplo, que o Egito possui uma maioria muçulmana, mas nem por isso é um Estado Islâmico. Os termos islamismo e islamista, por sua vez, são utilizados geralmente para definir movimentos religiosos radicais do islã político,

inspiração do que se chama popularmente de fundamentalismo muçulmano. O termo Islã é usado ainda para definir determinadas áreas geográficas e civilizacionais, como a península arábica ou o Oriente Médio⁴, onde a religião islâmica é predominante. Na verdade, se a palavra árabe refere-se a um povo específico, Oriente Médio diz respeito a uma região geográfica em particular e Islã a uma religião. (2004:14).

Maomé (570-632 d.C.) ou Muhammad, em árabe, fundador do Islamismo, definiu a fé que pregava como Islã que significa “submissão a Deus”. Os muçulmanos são aqueles que se “submetem” e Comunidade Muçulmana ou islâmica é aquela formada pelos que aceitam a revelação final de Deus à humanidade através de Maomé.

O início da fé do Islã é marcado pelo recebimento da palavra de Deus por Maomé através do Anjo Gabriel quando estava em Meca em 610 d.C. e teria continuado a receber mensagens até o fim de sua vida em 632 d.C.

Esta revelação preencheu um vazio religioso que perturbavam muito os povos da Arábia. Esta região era um centro de santuários de cultos de diversas divindades, mas nada comparado às escrituras judaicas e cristãs. As palavras de Maomé unificaram tribos árabes e apenas um século depois compunham um verdadeiro império que ia da Espanha ao Marrocos no ocidente, e até o Afeganistão e Paquistão, no oriente. Só saíram da Europa no século XV quando foram expulsos pelos cristãos da Espanha e Portugal.

Conforme declarado na Surata (ou sura) 2, chamada “A Vaca”, o Corão, livro sagrado islâmico, foi revelado no mês de Ramadã. Isto quer dizer que a chamada “Noite do Decreto” marcou o início da revelação do Corão ao Profeta e sua obrigação de transmitir a mensagem nele contida à comunidade. Inúmeras tradições a respeito desta noite foram relatadas, e o dia exato é incerto. O mais

⁴ O Oriente Médio é formado pelos povos árabes, judeus, persas e outros. Os países que fazem parte do Oriente Médio são: Palestina, Egito, Israel, Jordânia, Líbano, Síria, Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Emirados Árabes, Iêmen, Irã, Iraque, Kwait, Omã. (CARVALHO, 2008)

correto é dizer que aconteceu “no mês do Ramadã”⁵, ou o mês do jejum para os muçulmanos. Lembrando que eles seguem o calendário lunar, então o mês do Ramadã neste ano em especial, iniciou no primeiro dia da lua nova em 21 de agosto, marcando o ano de 1430⁶ até a próxima lua nova em setembro dia 22.

De qualquer forma, naquela noite, assuntos de importância e novos valores foram estabelecidos, o destino das nações foi determinado. A Humanidade não teve condições de avaliar a abrangência e a importância deste momento, mas certamente, séculos mais tarde, ainda sentimos os resultados deste momento: uma ideologia, uma base para valores e padrões para uma comunidade, um abrangente código de comportamento moral e social, um código de ética nascia, sem falar em desdobramentos políticos e econômicos que serão desenvolvidos mais adiante.

Vejam os dados abaixo⁷:

PAISES COM MAIS DE 75% DE MUÇULMANOS NA POPULAÇÃO:

Senegal, Mauritânia, Marrocos, Argélia, Mali, Níger, Líbia, Egito, Somália, Iêmen, Arábia Saudita, Omã, Emirados Árabes Unidos, Catar, Barein, Kwait, Paquistão, Afeganistão, Bangladesh, Jordânia, Síria, Líbia, Tunísia, Líbano, Turquia, Irã, Iraque, Geórgia, Bósnia, Azerbaijão, Turcomenistão, Uzbequistão, Tadjiquistão, Comores.

PAISES DE 50 A 74% DE MUÇULMANOS NA POPULAÇÃO:

Guiné Bissau, Chade, Sudão, Quirquistão, Indonésia Singapura, Ilhas Mauricio

PAISES DE 10 A 49% DE MUÇULMANOS NA POPULAÇÃO:

⁵ No Ramadã o muçulmano deve abster-se de água, comida, sexo, desavenças, intrigas e tudo que possa desagradar os ensinamentos de Allah. Este período vai do alvorecer ao crepúsculo, quando se quebra o jejum. Prevê um período de jejum e meditação para a purificação espiritual e depuração física dos muçulmanos. (sheikh Armando Hussein Saleh, da Mesquita Brasil em São Paulo).

⁶ Os muçulmanos passam a contar o tempo a partir de 622 d.C. quando Maomé faz a emigração de Meca para Medina.

⁷ Fonte: Revista Aventuras na História de agosto 2007

Guiné, Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim, Burkina Fasso, Gongo, Togo, Benin, Nigéria, Camarões, Republica Centro Africana, Etiópia, Ruanda, Tanzânia, Malawi, Moçambique, Malásia, Brunei, Índia, Cazaquistão, Macedônia, Servia, Montenegro, Albânia, Suriname.

Algo interessante de se observar é que apenas 20% dos muçulmanos são povos de idioma árabe.

Os muçulmanos somam aproximadamente um quarto da população mundial. São árabes, iranianos, paquistaneses, turcos, chineses, asiáticos, além de europeus, americanos, brasileiros e muito mais. Encontram-se concentrados num vasto arco, que se estende da África ocidental até a Indonésia, passando pelo Oriente Médio e a Índia. Em muitos destes países os muçulmanos constituem a maioria da população local e, em outros, importantes minorias.

Os números que aparecem como previsões de crescimento desta população no mundo merecem atenção. Em continentes onde as taxas de fertilidade⁸ estão cada vez mais baixas, como é o caso da Europa, a quantidade de imigrantes muçulmanos promete elevar o numero da população e, na mesma proporção, aumentar os adeptos ao islã em poucos anos.

Exemplificando as taxas de fertilidade⁹ temos:

França	1,8
Inglaterra	1,6
Grécia	1,3
Alemanha	1,3
Itália	1,2
Espanha	1,1

Na União Européia toda, isto é, 31 países, a taxa de fertilidade média é de 1,38. Historicamente, segundo o especialista em Oriente Médio, Michael Luders,

⁸ Taxa de fertilidade é um termo usado pelos estudos demográficos para designar o numero proporcional de nascimentos com vida em uma determinada população de mulheres.

⁹ www.indexmundi.com (dados de 2007)

observa-se que há um processo difícil de reverter, isto é, em poucos anos a Europa deixaria de existir.¹⁰ Com a imigração islâmica isto não acontecerá. O crescimento da população europeia desde 1990, cerca de 90%, deve-se a imigração islâmica. Levando em consideração os números particulares abaixo, estima-se que um terço dos recém nascidos em toda Europa será nascido em família muçulmana em 2025, daqui a 17 anos.

No caso da França, a taxa de fertilidade é de 1,8, enquanto que a taxa das famílias islâmicas vão de 2,4 a 8,1. O sul da França já tem mais mesquitas que igrejas. Neste país, 30% dos que tem menos de 20 anos são islâmicos. Em Nice, Marselha e Paris, 45% dos que tem menos de 20 anos são islâmicos. Portanto, em 2027, um em cada cinco franceses será muçulmano. Em apenas 39 anos a França será praticamente uma republica islâmica.

Na Inglaterra a população muçulmana cresceu de 82 mil para 2,5 milhões em 30 anos. Das milhares de mesquitas existentes, muitas eram igrejas anteriormente.

Na Holanda, 50% dos recém-nascidos são muçulmanos, quer dizer que em 15 anos metade da população holandesa será muçulmana.

Na Rússia há mais de 23 milhões de muçulmanos, ou um em cada cinco.

Na Bélgica, 25% da população e 50% dos recém-nascidos são muçulmanos.

Norbert Der Spiegel informa que a queda da população alemã não pode ser detida, sua espiral descendente não é mais reversível. De acordo com a Conferência Alemã Islâmica (CAI) há cerca de 3,4 milhões de muçulmanos no país sem qualquer traço de homogeneidade entre si, isto é, vindos de vários países e pertencentes a várias etnias e com vários níveis de escolaridade. Prevê-se que em aproximadamente 2050, a Alemanha será praticamente um Estado muçulmano.

¹⁰ Para uma cultura sobreviver por mais de 25 anos, é necessário um mínimo de 2,11 de taxa de fertilidade, 2,11 crianças por família. (LUDERS, 2007:35)

Cabe aqui uma correção nestes cálculos, que levam em conta o maior índice de fertilidade das famílias muçulmanas, que é 8,0. As médias desta taxa nas famílias muçulmanas flutuam de 2,4% a 8,1%, que de qualquer forma, seriam mais que suficientes para perpetuar uma colônia étnica¹¹ que teria como “média grosseira”, 5,3 filhos por família.

Em suas últimas declarações, Muammar Khadafi, líder da Líbia, ressaltou que há sinais de que Allah garantirá vitória do Islã na Europa sem espadas, sem armas, sem conquistas. Não precisam de terroristas ou bombas homicidas.

O Canadá tem uma taxa de fertilidade de 1,6, bem abaixo dos 2,11 necessários para se “manter uma cultura”, conforme Michel Luders.¹² O Islã é a religião que mais cresce no mundo. Entre 2001 e 2006, a população do Canadá aumentou em 1,6 milhões, destes, 1,2 milhões vieram da imigração.

Nos Estados Unidos a taxa de fertilidade é 2,11, o mínimo necessário. Em 1970 havia 100.000 muçulmanos, hoje há por volta de 9 milhões.¹³

O número de islâmicos já passou o número de membros da Igreja Católica¹⁴ e dentro de 5 a 7 anos, o islamismo será a religião dominante no mundo.¹⁵

Ironicamente, quando eu checava estes números, vi uma citação da Bíblia em um site da Igreja Batista do Brasil e quis também checá-la no próprio Livro Sagrado. Qual não foi minha surpresa quando percebi que não encontrava minha Bíblia Sagrada. Claro que tinha uma, mas não conseguia encontrar, no entanto sem sair da cadeira de meu escritório, apenas num passar de olhos pude ver

¹¹ O professor de Sociologia Hartmut Haussermann usa a expressão “colônia étnica” ao invés da tradução literal comumente usada “sociedade paralela” por julgá-la portadora de uma semântica de pânico e preconceito.

¹² Exemplificando, se dois casais tem um filho só cada um, ou seja, a metade que havia de indivíduos antes, e se estes dois filhos, juntos, possuem apenas um filho, haverá então ¼ do que havia de avós.

¹³ www.bbcbrasil.com

¹⁴ www.jmn.org.br (02/05/09 14h09)

¹⁵ Lembrar que hoje, se contarmos os cristãos e não apenas os católicos, ou seja, ortodoxos, anglicanos, protestantes, ainda chega-se a 33%.

cinco livros do Corão Sagrados em pelo menos três idiomas diferentes...
Perdoem-me minha informalidade, mas não pude resistir à ironia...

Geertz aponta uma definição de religiosidade que retrata muito bem a relação do crente com os ensinamentos islâmicos na sua grande maioria:

Vista como fenômeno social, cultural e psicológico (isto é, humano), a religiosidade não é meramente saber a verdade, mas incorporá-la, vivê-la e dar-se a ela incondicionalmente. (2004:30)

O muçulmano tem consciência de compartilhar a herança espiritual com o judaísmo e o cristianismo, as outras grandes religiões monoteístas nascidas nos desertos do Oriente Médio.

Mansour Chalita cita N.J. Dawood ao falar dos dogmas do Islã:

Deus havia revelado sua vontade aos judeus e aos cristãos pela voz de seus mensageiros. Mas eles desobedeceram às ordens de Deus e dividiram-se em seitas cismáticas. O Alcorão acusa os judeus de terem corrompido as Escrituras e os cristãos, de adorarem Jesus como Filho de Deus, quando Deus nunca teve filho e quer ser adorado com absoluta exclusividade. Tendo-se assim desencaminhado, judeus e cristãos devem ser chamados de novo para a senda da retidão, a religião verídica fundada por Abraão e que Maomé, o último dos profetas, veio pregar. (2003:24-25)

Ele ainda completa o dogma com as seguintes proposições islâmicas:

- a) Deus é o único e onipotente;
- b) Outros elementos da religião muçulmana: ressurreição dos mortos, o juízo final, a *Geena* (inferno) e o Paraíso;
- c) Maomé é o mensageiro de Deus, encarregado de transmitir Suas palavras aos homens;
- d) O Corão não classifica os homens conforme sua raça, cor, nacionalidade, cultura, posses econômicas ou classe social. O que os distingue é sua fé: crentes (muçulmanos) e os descrentes ou infiéis (não-muçulmanos);

e) Além das verdades em que o muçulmano deve crer, há cinco deveres ou pilares que o crente deve seguir.

1.1.1 O Islã no Brasil

Segundo Diogo Pereira (2005), a 1ª chegada do Islã ao Brasil data do período colonial, denominados sob o termo genérico de “male”, eram muçulmanos. Eles estavam localizados principalmente na região de Salvador, Bahia.

A 2ª presença acontece na 2ª metade do século XIX, com a imigração de sírios, libaneses e turcos vindos do extinto império otomano. Eles dirigiram-se principalmente para São Paulo (em 1920 haviam chegado 20.000, 40% do total no território nacional). As razões desta imigração foram principalmente o crescimento do comércio internacional de bens manufaturados e crescimento urbano não suficiente para absorver o contingente demográfico vindo das regiões rurais.

Talvez estas sejam algumas das razões pelas quais os imigrantes sírio-libaneses que aqui chegaram tinham conhecimentos das técnicas do campo e eram bons artesãos e comerciantes. Existem controvérsias com relação ao registro destas chegadas: ao que parecem, naquela época aqueles que vinham de países ditos árabes, foram classificados em geral como “turcos”. Outro aspecto é que muitos muçulmanos se diziam cristãos por temerem represálias e os outros eram os cristãos maronitas¹⁶.

Segundo a Federação Islâmica Brasileira¹⁷, o número de muçulmanos é aproximadamente 1,5 milhão, apesar de se falar em até 3 milhões. Existe uma dificuldade em comparar este número aos levantados pelo IBGE, uma vez que os muçulmanos acabam sempre inclusos na classificação “outros” nas designações de religião. A maioria destes muçulmanos vive no Paraná e no Rio Grande do Sul, também há um número significativo nos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. O Brasil possui cerca de 100 mesquitas oficiais e salas de oração, na capital

¹⁶ Libaneses cristãos.

¹⁷ www.islam.org.br

paulista há 11 mesquitas, incluindo a 1ª mesquita edificada da América Latina, A Mesquita Brasil de 1920.

O perfil socioeconômico dos muçulmanos no Brasil é de uma população em sua maioria urbana e branca. A maior parte não possui nacionalidade brasileira e vem do Líbano, seguido de longe por Síria e Israel. Eles possuem um nível educacional nitidamente mais alto que os brasileiros e também tem um rendimento mais elevado. (TRUZZI, 2009: 26).

O sheikh Mohammad Al-Moghrabi¹⁸, líder sunita, que acaba de assumir a Mesquita Brasil a partir de hoje, faz os seguintes planos para o crescimento do islã no Brasil:

Antes de 11 de setembro, os muçulmanos não fizeram a sua parte em divulgar a religião e o mundo conheceu o islamismo pela mídia. Foi um erro. Quero unificar as comunidades, promover um fundo social único para ações sociais, reunir as mulheres muçulmanas em palestras e os jovens em um centro cultural e de convivência para que estabeleçam relações duradouras e possam se casar. A sociedade islâmica são como os dedos, você junta e tem a mão. Seria importante ter um porta-voz, um representante do Islã Moderno (2007).

Os seguidores do Islã estão em número pequeno no Brasil e é politicamente fraco, pois não há uma entidade única representante como é o caso do Papa na Igreja Católica. Os *sheikhs* são representações ou líderes locais em suas localidades, mas sem hierarquias entre si. Esta fragmentação que não é só brasileira e dificulta a possibilidade de se corrigir a sua imagem pública ruim deixada injustamente, atreladas ao terrorismo.

O problema do Brasil não é praia nem caipirinha, mas a falta de apoio aos jovens, reforça o *sheikh* Al-Mogharaby. O jovem sem fé fica perdido. Ele tem de sentir que tem papel na sociedade. No Líbano eles encontram apoio nas mesquitas e nas escolas. Tem atividades, são preparados para o mercado de trabalho. Não ficam com tempo livre. Quando fazem algo errado, não podem ser

¹⁸ Ele é Libanês e decidiu aos 11 anos ir para Al-Azhar no Egito para estudar direito e religião em tempo integral.

abandonados. A violência que resulta da pobreza e da ignorância e do sentimento de ser inútil.

Em complemento ao que o *sheikh* apontou, nós já temos um grupo bastante significativo, centenas de jovens muçulmanos convertidos nas periferias de São Paulo e ABC paulista. Trata-se de um novo perfil de muçulmanos que aparece nos últimos anos. Eles não possuem descendência árabe, são em geral pobres e negros com pouco acesso a educação e tentam desvencilhar-se das mãos do vício de bebidas e drogas. Inspiram-se na história de Malcolm X e dos maleses¹⁹ baianos na época escravocrata de 1835.

Um sentimento de exclusão e marginalidade em suas histórias de vida é unido ao ritmo “rap” que é usado para a divulgação do Islã nas periferias e nas prisões.

O foco desta divulgação é o jovem. Eliane Brum relata em sua reportagem para a Revista Época, que eles se intitulam “revertidos” e não convertidos, como se tivessem resgatando sua história e identidade tomada pela escravidão.

Projetos sociais importantes estão sendo construídos e mantidos com recursos vindos da Síria e do Kuwait. Estes projetos objetivam além de disseminar o islamismo, impedir a dissolução da família afro-brasileira pela bebida e pelas drogas. Muitas mulheres vêm no Islã uma forma de fugir dos estereótipos impostos pela mídia e cobrem-se, respeitando-se como mulheres e cidadãs.

Expressões como “o Brasil pode ser um estado islâmico”, o nordeste será o “celeiro do islamismo”, são usualmente ouvidas por este grupo ainda disperso. No entanto, para este ano o núcleo islâmico quer iniciar a construção de Nova Medina, uma comunidade muçulmana capaz de acolher os convertidos de vários pontos da periferia paulista. A comunidade islâmica de Passo Fundo (Rio Grande do Sul) em clara expansão, já tem um cemitério e o terreno para a futura mesquita, estes doados pelo governo do Kuwait.

¹⁹ Malês quer dizer muçulmano no idioma ioruba.

Em nenhum momento aceitam serem confundidos com homem-bomba, seguidores de Bin Laden ou com qualquer linha agressiva fundamentalista.

Que estes grupos estão fazendo bem para muitos jovens, não há dúvidas, mas os desdobramentos deste crescimento, não reconhecido pela Federação Islâmica Brasileira, só serão vistos no futuro.

Na zona leste de São Paulo temos a Escola Islâmica Brasileira²⁰ que já há 40 anos atende aproximadamente 450 alunos na educação infantil, ensino fundamental e médio e tem 70% de seus estudantes muçulmanos. É uma escola bilíngüe (árabe-portugues) onde convivem tranquilamente crianças e professores de outras religiões. A maior preocupação de seus docentes é a grande quantidade de informações erradas nos livros brasileiros que falam do Islã. Na medida do possível a Sociedade Islâmica Brasileira tem alertado as editoras brasileiras.

São Paulo também tem a 1ª Universidade Islâmica do Brasil, a Unisb. Localizada no bairro Anália Franco, promove curso de teologia islâmica e o presidente da instituição é um egípcio, Said Bassyumi Said.²¹ Apesar de ainda não ter tido a provação do MEC para funcionar como universidade, apenas faculdade, ele confirma que há muitas instituições internacionais que tem interesse em promover o ensino e a divulgação da fé muçulmana no Brasil.

Como o foco desta Tese é o Egito, não me estenderei muito na descrição do islamismo brasileiro, embora seja assunto bastante pertinente para próximos trabalhos e estudos na continuação de minha linha de pesquisa, pois o islã está sendo considerado um novo instrumento de transformação política por lideres da periferia paulista

1.1.2 Os pilares do Islã

Os cinco pilares ou observâncias fundamentais do Islã seguidos pelos muçulmanos são: a declaração de fé, as preces, a purificação, o jejum do Ramadã

²⁰ <[http:// www.islamia.com.br](http://www.islamia.com.br)> acessos 30/11/2004 e 30/09/2009

²¹ <<http://www.folhadesaopaulo.com.br>> acessos 16/08/2004 e 30/09/2009

e a peregrinação. Quase se pode falar em um 6º pilar que é a *jirad* ou “esforço no caminho de Deus” ou ainda como muitos falam “a guerra interior” que o crente trava para seguir os preceitos islâmicos. Este pilar, hoje em dia, está bastante relacionado a temas como fundamentalismo e terrorismo, tema que mais adiante será mais bem abordado.

a) Declaração de fé ou *Shahadah*

Para adotar o Islã como religião é necessário fazer uma declaração de fé que se divide em duas partes: primeiramente o fiel tem de afirmar que não há outro Deus senão *Allah (ou Al-ilah)* e que Maomé é seu genuíno mensageiro. Proclama então que Maomé não é apenas um profeta, mas um mensageiro de Deus. E com estas declarações a pessoa se torna um muçulmano. Não há cerimônias especiais.

Na observância do credo, segundo Francis Robson, exige-se acreditar não só em Deus, mas em seus anjos, seus livros sagrados (incluindo a Tora, os Salmos de Davi, no Evangelho, *Corão, Haadith*), seus mensageiros (de Adão a Maomé) e no Juízo Final, quando os homens serão julgados. (2007:40).

b) Prece ou *Salat*

O exercício da oração deve ser repetido cinco vezes ao dia com o corpo voltado para a direção da cidade árabe Meca, berço do Islã e local sagrado. A primeira oração deve ser feita ao amanhecer (ou *sabh*), depois ao meio-dia (ou *zohr*), ao meio da tarde (ou *assr*), ao pôr do sol (ou *magreb*) e à noite (*esha* em árabe).

Antes de orar o fiel deve se purificar, isto é, se lavar (*wudu*, em árabe) na seqüência: mãos, boca (três vezes), nariz (três vezes), face (três vezes), braço direito (três vezes), braço esquerdo (três vezes), cabelos (levemente), orelhas, perna direita, perna esquerda.

Quando possível a oração deve ser feita na mesquita, especialmente na 6ªfeira, dia consagrado, ao meio dia. Após, inicia-se o descanso semanal muçulmano. Isto quer dizer que o fim-de-semana no país muçulmano começa na 6ªfeira e não no sábado. Domingo é um dia normal de trabalho e inicia a semana.

No momento das orações realizadas em mesquitas, os fiéis se voltam para um arco de madeira chamado mihrab que se assemelha a um púlpito na direção da cidade de Meca, Arábia Saudita, onde se localiza o Santuário da *Caaba* na Grande Mesquita de Meca. Em países islâmicos a direção de Meca é demarcada em paredes para auxiliar os fiéis a orarem para a direção correta. Durante a *haji*, ou a peregrinação, esta Mesquita pode acomodar um milhão de fiéis ao mesmo tempo.

Celso Martins lembra que a purificação ou ablução é feita com água ou areia, no caso de estarem no meio de uma região seca e desértica. (2003:24)

Na tradição muçulmana, a Caaba é o centro do planeta, o foco de todas as orações muçulmanas. Segundo a tradição, Adão assentou a primeira pedra, e a estrutura foi reconstruída pelo profeta Ibrahim (Abraão na tradição judaico-cristã) e seu filho Ismael, o antepassado dos árabes, com rocha cinza-azulada dos montes ao redor. Mohammed bin Laden, pai do famoso terrorista Osama bin Laden, foi convidado pelo rei da Arábia Saudita para a restauração de todas as grandes mesquitas da região, dentre elas, da Grande Mesquita de Meca. Ironicamente a família Bin Laden selaria para sempre uma aliança com o primeiro homem da terra e criador do monoteísmo. (WRIGHT, 2007:83)

c) Purificação ou prática da esmola ou *Zakat*

Deve-se contribuir com 2,5%de toda sua riqueza, bens, ganhos, anualmente como reconhecimento de que o verdadeiro dono de todas as coisas é Deus e não o homem. Esta contribuição só pode ser destinada a pobres, órfãos, viúvas, para libertação de escravos, quitação de dívidas alheias, ou ainda para apoiar as pessoas que trabalham em causas divinas: construção de hospitais, mesquitas ou escolas religiosas.

Haddad (200:57) afirma que o *zakat*, um dos pilares de fé, é a esmola legal, serve para purificar o dinheiro ganho. Não é caridade, mas obrigação do rico e direito do pobre.

A população mais pobre não se intimida ao pedir o *zakat* para qualquer um que pareça ter mais posses que eles. Os turistas principalmente são normalmente cercados por crianças e adultos na esperança de receber algum dólar ou euro. No dia-a-dia é comum tanto dar-se a esmola espontaneamente para quem achamos que precise, ou que de alguma forma estivesse nos auxiliando em algo como um porteiro, um guarda, etc. Da mesma forma é comum este pedido por muitos nas ruas. A postura apresentada é um misto de subserviência e a certeza de que é um direito dele, tanto pedir quanto receber. Particularmente tenho que confessar que não sou ou fui à turista/pesquisadora mais dadivosa que conheceram...

Segundo Robson, o objetivo da esmola é duplo: por um lado o de purificar ou legitimar os aumentos da propriedade privada dedicando uma porção dos ganhos às necessidades comuns; por outro, é uma manifestação do sentido de responsabilidade social do crente, de sua vontade de contribuir para o sustento da comunidade ou ummah. (2007:40).

d) Jejum do *Ramadã*

O nono mês do calendário lunar islâmico é o mês em que Maomé teria recebido sua primeira revelação divina. Durante este tempo, os muçulmanos que estiverem bem de saúde devem abster-se de comida, bebida e sexo, do nascer ao por do sol. No 27º dia é comemorada a “Noite do Poder”, ou “Noite do Decreto”, dia do recebimento da 1ª mensagem (a data correta é difícil de precisar). O mês então termina, quebra-se o jejum com um banquete ou *Eid Al-Fitr*, festa semelhante ao Natal, inclusive com troca de presentes.

Ao termino do *Ramadã*, a comunidade muçulmana realiza a festa do desjejum. A celebração acontece nas mesquitas para comemorar. Faz parte da

tradição, segundo o *sheikh* Armando Hussein Saleh²², pagar o valor de uma diária de alimentação para um necessitado muçulmano por cada membro da família, assim todas as pessoas, mesmos as mais pobres podem ter sua ceia após cumprir o jejum.

Algumas Suras no Corão lembrar o fiel que, em qualquer época do ano, os muçulmanos não devem comer carne de porco ou consumir qualquer espécie de bebida alcoólica.

e) Peregrinação ou *Haji*

É a peregrinação ao santuário da Caaba em Meca, Arábia Saudita. Deve ser feita por todo o adulto ao menos uma vez na vida, caso tenha saúde e condições financeiras. A temporada de peregrinação segue o mês do Ramadã, quando o santuário recebe mais de dois milhões de muçulmanos de todas as partes do mundo.

A *Caaba* é o mais importante local de peregrinação. Trata-se de uma estrutura em formato de cubo com aproximadamente 14m de altura e 10m x 15m de área envolta em um tecido preto ricamente bordado com versos do Alcorão. Em um canto, encontra-se a sagrada “pedra negra”, um meteorito que os muçulmanos acreditam ter sido dado a Abraão pelo Anjo Gabriel como símbolo do pacto firmado com Deus.

Eles passam o dia orando e pedindo perdão numa época reservada a uma espécie de exame de consciência. Em Meca o peregrino deve vestir um tecido branco sem costura chamado *ihram*, que simboliza o início da purificação. Muitas pessoas aproveitam o *Haji* para raspar totalmente a cabeça antes de começar ou ao final dos rituais em simbolismo de uma “nova vida” que se inicia. Os rituais incluem sete voltas em torno da *Caaba*, e o apedrejamento aos pilares que simbolizam o apedrejar o demônio.

²² Coordenador do grupo de Estudos Islâmicos Brasileiro na Mesquita Brasil, a mais importante e mais antiga da América Latina com sua construção em 1920 na hoje Avenida do Estado.

A peregrinação, segundo Farah, é uma instituição religiosa estabelecida na época de Abraão, que foi encarregado por Deus de ir ao topo da montanha para chamar os fiéis. (2004:25)

O muçulmano acredita que sua vida é importante por pertencer a uma comunidade ou umma. Este sentimento é alimentado por todos os pilares, ritos-chave da fé, sendo sua culminação suprema a peregrinação anual a Meca.

(...) o desenvolvimento da Liga Muçulmana Mundial segue sendo mais um exemplo de como este rito continua mantendo unida a comunidade ao longo das gerações; enquanto a rapidez que os Estados muçulmanos se somaram à Conferência Islâmica, afora a habilidade diplomática ilustra, por sua vez, a chamada permanente da comunidade muçulmana". (ROBSON, 2007:173).

Segundo Geertz, o ritual sustenta a moral geral, especialmente em tempos tensos, afirmando e demonstrando a interdependência entre os homens, a necessidade adaptativa da vida social. O principal contexto embora não único, em que os símbolos religiosos operam para criar e sustentar a crença é evidentemente o ritual. (2004:100-107).

Nessas crenças e obrigações simples e claras, o muçulmano se sente unido com seus irmãos de fé.

O muçulmano anseia por escapar pelo menos uma vez na vida, aos caprichos da vida diária e peregrinar ao local de nascimento do Profeta a Casa de seu Deus. Ali ele busca, com seus irmãos, alimento espiritual e libertação. A peregrinação simboliza o retorno à nossa origem. Sentimos a alegria desse retorno, e o impulso do nosso coração fica satisfeito e realizado. (MOHAMMAD ABDUL-RAUF apud BELT, 2001:165).

Alguns fiéis mais abastados recorrem aos verdadeiros oásis de conforto oferecido por hotéis internacionais de altíssimo nível ao final dos rituais: boas e luxuosas acomodações com direito a um suntuoso bufê. Outros fiéis, de origem mais simples, retornam para suas terras após dormirem em acampamentos montados pelo Governo, comerem pão e beberem água. As diferenças sociais continuam a existir após o cerimonial, mas durante o mesmo, é impossível distinguir-se no meio da multidão.

Em conversas informais, quando eu questionava alguns fiéis sobre suas vivências do *haji* na Arábia Saudita, as descrições eram sempre como “momentos de êxtase”, “fusão com Deus”, “um momento que valeu toda sua vida”... Não raro vi muitas lágrimas rolares de olhos destes fiéis quando falavam ou simplesmente lembravam deste momento tão sublime.

O Egito não é um país que estimula a saída de seus cidadãos para outros países, tanto devido à burocracia dos documentos como o baixo valor de sua moeda. Dificilmente um cidadão que não faça parte da elite do país tem condições de fazer uma viagem destas, uma vez que o dólar chega a ser seis vezes superior a sua moeda no câmbio oficial e até dez vezes no câmbio negro. No entanto, se o cidadão realmente pretende fazer a peregrinação, o Governo tem linhas especiais de empréstimos, agências especiais que formam grupos, dão todo apoio logístico e burocrático para tal viagem.

1.1.3 O Corão e outros livros sagrados

Além de sua importância religiosa, o corão é uma obra prima da literatura árabe. Esta palavra quer dizer “leitura” ou “recitação” em árabe. Ele não foi escrito por Maomé, uma vez que ele não sabia nem ler nem escrever. Naquela época a literatura era em sua maioria oral e as palavras eram guardadas em memória ou escritas em qualquer lugar possível: peles, folhas, pedras, pergaminhos.

Mansour Challita nos conta como ele chegou até nós:

Após a morte do Profeta, seu sucessor Abu Bakr, receando que a mensagem se perdesse com o desaparecimento dos primeiros companheiros e as flutuações dos textos memorizados, encarregou Zaid ibn Thabet de reunir todos os fragmentos. E Osman, terceiro sucessor de Maomé, mandou organizar o livro definitivo que chegou até nós. (2003:20-21)

O texto é formado de 114 Suratas ou suras (ou capítulos) subdivididos em números variados de *ayas* (ou versículos) num total de 6236 versículos. Sua revelação completa demorou aproximadamente 23 anos. Quando se cita uma

parte do Livro se coloca a sura e o versículo citado: 2:182, por exemplo, refere-se à sura de número 2 e o versículo escolhido 182.

Oitenta e seis das 114 suras foram reveladas em Meca (a contar do ano de 610 d.C.), onde o Profeta nasceu e viveu até a idade de 52 anos. Estes capítulos versam sobre doutrina e ética. As 28 restantes foram reveladas em Medina, onde se refugiou em 622 d.C. que é considerado o 1º ano da era Islâmica e morreu (632 d.C). Estes capítulos falam de problemas políticos e legais.

Cada sura tem um título: A Vaca, As Mulheres, As Abelhas, etc. Mas o título não representa o conteúdo da mesma, é apenas um nome aleatório escolhido. Não há nem colocação por cronologia nem por agrupamentos de assuntos. A única ordem que se pode notar é que as suras mais longas estão colocadas em primeiro lugar e as mais curtas ficaram por último.

O Corão menciona 23 profetas, dos quais 21 aparecem na Bíblia: Adão, Noé, Abraão, Davi, Jose, Jacó, Jô, Moisés, Jesus, etc. Ele nomeia e reconhece as escrituras de Abraão, a Tora de Moisés, os salmos de Davi e os Evangelhos de Jesus como livros revelados por Deus.

Segundo Dr.Helmi Nasr, professor de Estudos Árabes e Islâmicos na Universidade de São Paulo, de quem ganhei a primeira versão em português do Corão, não se pode falar em “tradução” do Corão. É possível apenas traduzir o “significado do Corão”, já que os muçulmanos só chamam de Corão a versão original, em árabe, com as palavras exatas de *Allah*. O que diferencia esta edição de outras que podemos encontrar é o fato de ser feita do árabe diretamente para o português. Normalmente o que se encontra é a tradução do sentido a partir do inglês ou francês e só daí se passa para o português. Perde-se muito de seu sentido nestes caminhos de um idioma para outro. Os fiéis acreditam que não houve alteração alguma no seu conteúdo original recebido por Maomé. Como são consideradas mensagens diretas de Deus, as próprias palavras em árabe são sagradas, independentemente de se compreender ou não o significado. Eles

estabelecem desta forma, um elo forte entre vários grupos islâmicos e várias etnias espalhadas pelo mundo:

A maior parte dos turcos, paquistaneses e indonésios, por exemplo, não tem o árabe como idioma nativo, mas reza seguindo o mesmo Corão de sauditas, jordanianos e argelinos. Em escolas e faculdades muçulmanas estudam a recitação do Corão para pronunciar as palavras corretamente. (FARAH, 2001:32).

A expressão “Em nome de Deus, o Clemente Misericordioso” dita em árabe dá o início às suras e é também usada para iniciar documentos formais ou legais. Em países muçulmanos ouvimos o recitar de partes do Corão em várias solenidades, discursos e até em partidas de futebol.

Segundo o *sheikh* Jihad Hassan Hammadeh, um dos líderes da comunidade islâmica no Brasil, o Corão é mais que um livro religioso, é um sistema econômico, jurídico e político.²³

Segundo os muçulmanos, nas palavras de CAVALCANTE (2003:27), as distorções das palavras de Jesus, bem como as principais diferenças e similaridades entre as outras religiões abraâmicas seriam:

a) A devoção de Jesus, ou Issa, como figura divina.

Para os muçulmanos, Jesus não é filho de Deus, mas um dos três profetas, mensageiros da palavra de Deus ao lado de Moisés e Maomé.

b) Há mais citações de Maria (ou Myriam no Corão) do que em todo Novo Testamento, já que ela é um exemplo de mulher a ser seguido. As citações de Maria tratam desde a gravidez de sua mãe Ana, até a anunciação dos nascimentos de João batista e Jesus.

Ela não é considerada “Mãe de Deus”, nem intercede a favor dos pecadores, pois, para os muçulmanos não há intermediários entre o ser humano e o Criador. Algumas correntes místicas do islamismo, como os sufis, fazem referências a Maria em algumas orações.

²³ O sheikh Jihad fica na Grande Mesquita da região do centro de São Paulo, Avenida do Estado.

- c) O Corão reconhece a concepção virginal de Jesus na Sura 21.
- d) Para os muçulmanos, Jesus, apesar de aparentemente ter morrido na cruz, teria sido levado por Deus antes da condenação, deixando em seu lugar um corpo qualquer, para que as pessoas pensassem que havia morrido. Assim, de acordo com esta interpretação, Jesus não redime os pecados da humanidade por meio de seu sacrifício, como crêem os cristãos, pois esse poder pertence exclusivamente a Deus.
- e) O Corão diz que Jesus não ressuscitou.
- f) Pela sua riqueza de detalhes e de suas instituições, o torna mais próximo do Levítico, parte do Antigo Testamento presente na Tora judaica (que também cuida das leis que devem ser rigorosamente seguidas pelos judeus).
- g) Entre os 6.326 versículos do Corão há desde instruções para o casamento até regras sobre como o governante deve agir na cobrança de impostos. O Corão é mais que um livro religioso, segundo o *sheikh* Jihad Hassan Hammadeh, líder da religião islâmica no Brasil, é um sistema econômico, jurídico e político.
- h) O islamismo rejeita o dogma da Santa Trindade, ou seja, a concepção de Deus em Pai, Filho e Espírito Santo por ir contra a idéia de que Deus é único.
- i) Para o Corão, Abraão (ou Ibrahim para os árabes), “o pai dos crentes” era muçulmano porque se mostrou submisso a Deus, e, portanto é considerado precursor de Maomé.
- j) A tradição muçulmana preservou a maior parte dos episódios da vida de Moisés, numa versão próxima a dos outros textos. O Corão enfatiza o enfrentamento entre Moisés e o faraó, que rechaçava a palavra divina. A punição do faraó, por meio das “Sete Pragas”, demonstra o poder divino e testemunha para os muçulmanos que Moisés é também um “mensageiro de Deus”.
- k) O arcanjo Gabriel (*Jibril* para os árabes) é considerado porta-voz de Deus. No Alcorão é sempre por intermédio de Gabriel que Deus se dirige àquele que

escolheu para transmitir suas palavras. Foi Gabriel que recitou²⁴ o Corão para Maomé.

l) Judaísmo, Cristianismo e Islã são consideradas religiões abraâmicas, isto é, identificam às origens em Abraão, pastor nômade hebreu, com quem Deus teria firmado uma Aliança.

m) Tanto o Velho como o Novo Testamento consistem de coleções de diferentes livros, estendendo-se por um longo período de tempo, e são considerados pelos crentes a materialização da revelação divina. O princípio central da fé muçulmana tem que o Corão é não-criado, eterno, divino e imutável.

n) A Mesquita é a igreja muçulmana, no sentido de ser um lugar de culto da comunidade. No entanto, não é uma instituição com sua própria hierarquia e leis em contraposição com o Estado.

Os *ulemás* ou *mulás* no Irã podem ser descritos como sacerdotes no sentido de serem homens que possuem a religião como profissão e recebem treinamento e certificado. Não há, no entanto, qualquer idéia de mediação entre o clero e o fiel. Não há ordenações ou sacramentos como na Igreja cristã.

A principal função dos ulemás é preservar e interpretar a Lei Sagrada.

Durante o decorrer da história, as relações com este povo com preceitos tão semelhantes aos preceitos cristãos, não foram muito harmoniosas. Um exemplo disto é um longo período de ocupações, guerras e toda espécie de tentativa de disseminar o Islã por toda Europa e Ásia.

Abaixo apresento um trecho que data do século XX, portanto muito recente, que retrata muito bem a inquietação que esta comunidade traz e as distorções no seu entendimento:

²⁴ Alguns autores usam a expressão “ditar” o Corão, mas, como sabemos que Maomé era analfabeto, isto não faria qualquer sentido.

Os cristãos misericordiosos sentiam-se desafiados por uma fé, que reconhecia um Deus como criador do universo, mas que negava a Trindade; uma fé que aceitava Cristo como profeta nascido de uma virgem, mas negava sua condição divina e que tivesse sido crucificado; que acreditava no dia do Juízo, no Céu e no Inferno, mas que parecia fazer do sexo, a chave das recompensas celestiais; que olhava a Bíblia cristã como a palavra de Deus, mas que outorgava a autoridade suprema a um livro que, ao que parece, negava em grande parte os ensinamentos daquela. (ROBSON, 2007:16).

Para o olhar europeu, Moisés não tinha boa fama na época: ter várias esposas não seria adequado aos preceitos cristãos. Ele não possuía milagres presenciados, então como poderia ser um Profeta? Alguns erros de tradução, principalmente do clássico “As Mil e uma Noites”, traziam sim a idéia errônea de uma liberdade sexual tanto na Terra como no Paraíso e a luta por não ser um povo submisso às potências européias, trouxe a idéia de que o Islã pregava o uso da força. Esta imagem fantasiosa de um lugar cheio de mulheres prontas a atender os desejos masculinos, só existia no imaginário europeu e traz uma errada imagem da posição feminina islâmica. É uma visão orientalista e errônea pelo desconhecimento dos fundamentos que regem a vida do muçulmano.

As passagens belicosas do Corão são usadas por alguns líderes e governantes para justificar a morte dos inimigos do Islã. Da mesma forma são usadas pelo ocidente para confirmar que o Islã incita violência.

No século VII, a Arábia Saudita, hoje cobiçada por possuir a maior reserva mundial de petróleo, não passava de uma região desértica que não interessava a ninguém. Neste local, habitavam tribos nômades, os chamados beduínos, mercadores que cruzavam a região em direção aos reinos vizinhos e viviam ameaçados pelas tribos locais.

O Corão fala de paz, bem como de guerra e nisto não há qualquer conotação de agressividade intrínseca. Para entender o porquê o Profeta receberia mensagens referentes à guerra, basta lembrar-se da época em que foi feito. A disputa por territórios e propriedades era algo presente na vida dos que viviam neste século.

Se levarmos em consideração a época na qual Maomé viveu, entenderemos que após a perseguição sofrida e seu exílio forçado, só mesmo com a força poderia voltar mais tarde. Maomé pode ser considerado um guerreiro e um estadista, e não teria diferente postura sendo um líder nesta época.

Armstrong (2001:41) justifica a fama de Maomé dizendo que este, por ter vivido em uma sociedade violenta e perigosa, às vezes adotou métodos que nós, que temos a sorte de viver em um mundo mais seguro, achamos perturbadores.

Devo comentar brevemente que ela esquece de que cada época tem sua categoria de segurança e violência e conseqüentemente do que sejam considerados métodos perturbadores. Temos muitos exemplos hoje que certamente fariam qualquer guerreiro da época se arrepiar.

Além de um rigoroso código penal e constitucional, o Corão também traz detalhes do comportamento pessoal e social. Fala desde o asseio pessoal até as relações íntimas entre marido e mulher, maneira de saudar, andar, responder aos insensatos, ou que são julgados como tal. Prega e exalta a generosidade, a caridade, a hospitalidade²⁵, a gratidão e condena duramente a avareza, a mentira, a hipocrisia, a avidez, a cobiça, a deslealdade, o orgulho, a arrogância. Prega o culto e a união perene da família e a bondade para com os pais.

O judaísmo e o islamismo têm em comum a crença em uma lei divina que regula todos os aspectos da atividade humana, incluindo até mesmo comida e bebida.

Mansour Challita (2003:31-36) destaca algumas características de estilo encontradas no Corão:

a) A maior parte do Corão é escrita em primeira pessoa do singular ou do plural: é Deus que fala pela boca de Maomé. Quando se dirige a uma só pessoa (tu), está

²⁵ O Corão diz que temos de ser acolhedores, receber em nossas casas os hóspedes com o que há de melhor em nossos lares, mas por apenas três dias. Não descobri o porquê deste número, mas de certa forma faz sentido o não-abuso...

dirigindo-se a Maomé; quando se dirige a muitas pessoas (vós), está se dirigindo ao conjunto dos muçulmanos; e quando fala “deles”, está falando dos não-muçulmanos, em geral ou algum grupo específico. Deus fala de si mesmo na terceira pessoa do singular.

b) O Corão não tendo sido escrito, mas transmitido oralmente por Maomé, um aceno de mão ou cabeça ou qualquer movimento do corpo podiam indicar de quem se falava. Na tradução de seu significado, para tornar o sentido mais claro, é necessário muitas vezes substituir o pronome pelo nome das pessoas visadas.

c) A língua árabe tem recursos que as línguas européias não possuem. Por exemplo, além do singular e plural, o árabe tem um terceiro número: o duplo, isto é, tem flexões especiais para verbo, o substantivo, o adjetivo, o pronome quando se trata de dois objetos ou duas pessoas. Tem também flexões diferentes conforme se trata do plural feminino ou masculino ou de coisas. Os verbos têm afixos que lhe diversificam o sentido muito mais que nas línguas européias.

d) O mundo do Corão é masculino. Deus fala aos homens e fala-lhes das mulheres.

e) Há um vocabulário caracteristicamente corânico, mesmo em relação ao árabe clássico. Quem ler o Corão verificará que há inúmeras notas de rodapé para esclarecer expressões próprias deste Livro e diversas expressões se repetem por todo o texto.

f) Expressões e imagens refletem o meio e a época nos quais o Corão foi revelado. Era um meio de desertos, oásis, de comércio primitivo e de atividades pastoris. Maomé fala aos seus ouvintes com a linguagem que eles entendem.

g) Certas palavras que aparecem em nossa tradução com letras maiúsculas (o idioma árabe não tem letras maiúsculas), são empregadas no Corão num sentido incomum: a Hora representa o fim do homem, a ressurreição; O Julgamento representa o juízo final, O Grito, representa a calamidade enviada por Deus, etc.

1.1.4 *Haadith e Sunnah*

O Corão não é a única fonte religiosa para o Islã. Como os muçulmanos acreditam que as palavras e ações de Maomé são um exemplo prático de como viver de acordo com a vontade de Deus, as primeiras comunidades logo se preocuparam em preservar o máximo das memórias e atos da vida do Profeta.

As tradições compostas pelos atos e memórias do Profeta estão na *Sunnah*.

(...) havia um registro oral do que Maomé dissera e fizera como juiz e administrador. Como a maior parte de seus companheiros tomara nota desses dizeres e ações, codificou-se a *Sunnah* e os juristas determinam que todas as decisões legais que não eram abordados pelo Corão deveriam ser baseadas numa tradição ligada diretamente ao fundador do islamismo. (FARAH, 2001:24)

Os *Haadith*, “ditos e as ações” do profeta em árabe, recordam detalhes de como o profeta se alimentava, se vestia, tratava suas esposas, rezava e se comportava nas guerras. Eles devem ser seguidos pelos fiéis, regendo boa parte da vida cotidiana dos muçulmanos de hoje.

É um *Haadith* que, por exemplo, proibi aos artistas a reprodução fiel de seres humanos, animais em fotos ou gravuras ou estátuas baseado no preceito de que só Deus pode dar a Vida. O mesmo acontece com o ato de fotografar em locais públicos. Pode-se conseguir muita confusão em países islâmicos tentando fotografar pessoas e animais sem sua permissão.

Em minhas viagens pelo Egito e outros países muçulmanos, por muitas vezes recebi advertências dadas aos berros por estar fotografando, conscientemente, cenas do cotidiano que me pareciam inusitadas e fantásticas. Em alguns casos fiz-me de desentendida, incorporando a “turista desinformada”. Em outros momentos pedi permissão e com um pequeno “agrado financeiro” consegui inclusive tirar fotos ao lado vários militares e carros bélicos. Em outras ocasiões ainda, tive a minha câmera apreendida até que eu saísse da área. Lembro-me de uma das vezes que estive no Museu do Cairo, na sala das Múmias,

e comecei a falar num pequeno gravador de bolso no intuito de deixar registradas coisas que eu gostaria de lembrar mais tarde para escrever. O resultado foi uma concentração de guardas ao meu redor afirmando que se tratava de uma câmara. Tive de explicar que era estudante e estava apenas gravando minhas palavras para futuras elaborações. Abri todos os compartimentos do gravador para provar-lhes que não havia infringido qualquer regra do Museu ou das premissas islâmicas.

Lembro-me também de uma cena inusitada dentro de uma grande livraria na região central do Cairo: eu estava procurando livros e percebi uma equipe de gravação fazendo filmagens dentro da área em estava. Eu entendi que se tratava de fotos e gravações para uma possível propaganda da livraria, todos usavam crachá e roupas com identificações. Do outro lado uma jovem muçulmana trajada dentro dos preceitos islâmicos também escolhia livros. Assim que percebeu a presença da equipe e viu que miravam em sua direção, passou a gritar muito e atirar livros sobre todos do grupo. Não havia explicação que acalmasse aquela mulher. Nem mesmo o dono da livraria conseguiu se esquivar dos livros voadores.

Quando surgem dúvidas que vão além do exame do Corão e da Sunnah, o impasse pode ser submetido à outra instância: o *Ijma*, ou consenso da comunidade.

Em uma Sura Maomé diz: “Na minha comunidade não há erro. Se há consenso, aquilo é verdade”. Parece, em tese, um processo democrático, já que as decisões podem ser compartilhadas pelo grupo, mas vou deixar a política para ser discutida mais tarde.

Apesar das possíveis manipulações e deturpações com o passar dos séculos, o Corão e os *Haadith* continuam sendo fonte de manutenção da unidade da comunidade islâmica.

Com o passar dos anos, os especialistas puseram-se de acordo com certos pontos das Escrituras e entrou em jogo o Princípio da *Ijma*, ou consenso da comunidade. Desta forma, os pontos da Lei com a *Ijma* foram se tornando sólidos

e não mais propensos às novas interpretações. Em meados do século X é declarada como fechada “A Porta da *Ijihad*”. Quem questionasse as interpretações dadas pela Ijma cometeria um ato de heresia (ou *bida*, em árabe).

1.1.5 *Sharia*

A *Sharia* é a própria ética muçulmana e tomo por base esta definição em toda a minha Tese.

O Islã não tem um sistema hierárquico de funções religiosas que possa ser chamado propriamente de “clero”. Teoricamente qualquer muçulmano pode conduzir as orações e eventos como casamentos e funerais. Tornaram-se um costume que estes rituais fossem conduzidos por líderes religiosos chamados Imãs, estudiosos da doutrina islâmica que, nas mesquitas ficam na frente dos fiéis e os guia para a oração.

Os *ulemás* são homens eruditos, especialistas nas escrituras do Corão e na Lei Islâmica. São autoridades na interpretação do Islã e podem, dependendo da especialização e do sistema de governo em questão, dar pareceres legais chamados *fatwas*.

Um exemplo de *fatwa* foi à imposta pelo Ayatollah Khomeine, no Irã, quando sentenciou o escritor Salmam Rushdie, por ter insultado o profeta Maomé em sua obra “Versos Satânicos”, e por ser apóstata, desertor da fé, cuja vida, de acordo com a lei islâmica deve ser “confiscada”.

As leis islâmicas baseiam-se no Corão, as palavras vivas do profeta Maomé, na *Sunnah*, que são práticas sociais sob as leis do Corão e nos *Haadith*, isto é, histórias vividas pelo profeta que são usadas pelos juristas para decidir quanto a assuntos não abordados claramente nos outros códigos.

Mesmo nos países islâmicos que têm uma construção legal no estilo dos países ocidentais, como o Egito, existe a ressalva de que qualquer legislação precisa ter por base a Lei Islâmica – *Sharia*. Ela precede e modela uma sociedade.

Sharia quer dizer “o caminho que conduz à água” ou “o caminho em direção à fonte da vida”. Ela surgiu das tentativas dos primeiros muçulmanos lidarem com problemas imediatos de natureza social e política e também tem sua importância por ser uma derivação do Corão e dos *Haadith*, os códigos sistemáticos de conduta islâmica.

Para os *talibãs*²⁶, a sharia é traduzida como o “caminho”. *Sharia* também deriva da antiga palavra beduína usada para descrever uma rota bem conhecida através de um território perigoso até um oásis ou destino semelhante. Desviar-se da rota podia, é claro, ser fatal.

Segundo o jurista egípcio Dr. Mohammad Kamali, professor de direito na Universidade de Al-Azhar, os especialistas tratavam o Corão como a fonte que continha os princípios gerais pelos quais deveriam ser regulados todos os assuntos; e onde o Corão se mostrava obscuro buscavam o esclarecimento dos *Haadith*. Quando se apresentam certos pontos de lei sobre os quais nenhuma escritura dá uma direção segura, os especialistas retornam em geral as *qiyas*. Estas são argumentações provenientes de um método analógico que busca uma aplicação dos princípios subjacentes numa decisão tomada anteriormente sobre um problema equiparável de agora. Hoje ainda pode-se usar esta equiparação para os julgamentos sobre ações inusitadas.

A *Sharia*, ou direito muçulmano acaba reduzida por muitos ocidentais a apenas “idéias arcaicas” e muitas vezes são julgadas por muitos leigos, sem qualquer fundamento ou conhecimento.

A *Sharia* é a própria Lei Islâmica.

Esta Lei perpassa a idéia de um conjunto de leis e deveres. Ela mostra ao mundo muçulmano e a sua comunidade um conjunto de normas “reveladas” que irão conduzir a vida de todos fieis.

²⁶ É um movimento político, fortemente armado com forte apelo religioso que surgiu nas escolas religiosas localizadas na fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, como forma de reação à guerra civil entre os movimentos armados que derrotaram os russos.

Com relação às funções da *sharia*, posso dizer que:

- a) Regula a relação do fiel com seu Criador impondo ao crente as obrigações que cabem ao muçulmano no culto, o que são usualmente conhecidas como Pilares do Islã ou Pilares Muçulmanos.
- b) Regula o conjunto de relações sociais. As normas que têm este objetivo são identificadas segundo as necessidades e se referem ao estatuto pessoal, às relações familiares, comerciais, econômicas, além de regularem a matéria penal e organizarem a política, inclusive no que diz respeito às relações internacionais.
- c) É a moral e a ética islâmica. Os preceitos morais, dirigidos à consciência de cada muçulmano, relativos ao pudor, à generosidade, à tolerância, ao altruísmo, constituem o corpo normativo independente e da natureza diversa daquela da *sharia*.

O dogma do Islamismo então seria a mensagem não criada, e sim recebida, que ao lado dos ensinamentos divinamente inspirados no Profeta, indica aos muçulmanos como devem ser os comportamentos a que estão obrigados e aqueles que lhes estão proibidos, os recomendados e aqueles a serem evitados.

O legislador então, não é o homem, nem o poder por ele instituído. Deus é que diz ao homem o que dele se espera.

A característica fundamental da *sharia* é o fato de não ser a vontade humana nem sua racionalidade, nem tampouco as necessidades sociais, mas deve necessariamente ser “a vontade de Deus”.

Segundo Salem Hikmat Nasser em sua explanação no Seminário sobre o mundo árabe, Diálogo América do Sul - Países árabes²⁷, a utilização da *sharia* deve passar por alguns estágios:

²⁷ Seminário Diálogo América do Sul- países árabes foi realizado em 14 e 15 de setembro de 2004

- a) A verificação da realidade fatídica que constituiria a existência de normas válidas e aplicáveis;
- b) A constatação da medida em que os países que contém tais normas as fundam ou pretendem fundá-las numa aplicação ou interpretação da *sharia*.
- c) A investigação, dentro da *sharia*, relativa ao efetivo pertencimento de tais regras ao seu corpus normativo, ou simplesmente, determinar se é isto efetivamente que comanda a Lei Islâmica;
- d) A investigação em torno da possibilidade de evolução e transformação da *sharia*, ou seja, descobrir se as fontes desta podem ser interpretadas de modo diferenciado segundo o tempo e as circunstâncias históricas e se essa interpretação que originalmente previa as penas físicas e a diferenciação entre homens e mulheres poderia hoje ser diferente e resultar em conclusões diversas;

A *sharia*, não sendo uma ordem normativa criada por um Estado ou por um poder político qualquer, não se destina à vigência num dado território em que opere um dado poder. Um Estado ou um governo pode apenas pretender aplicar a *sharia* que, por definição, lhe é anterior e posterior.

A *sharia* se dirige a cada muçulmano e, conseqüentemente, a cada ser humano chamado a reconhecer a revelação e submeter-se a Deus. Ela se dirige à comunidade dos fiéis, onde quer que se encontrem. Cada muçulmano deve observar seus preceitos no que diz respeito ao culto e as suas relações com Deus e com os demais. O governo que se diga islâmico deverá aplicar as regras da *sharia* nas suas relações com seus governados e com os demais governos, e deverá fazê-la ser respeitada por aqueles que vivem sob seu domínio.

Não existindo tal governo, cada fiel deve aplicar da *sharia*, aquilo que dele depender, ficando a totalidade desta, suspensa, mas eternamente válida, até que se possa ser aplicada.

Trata-se de uma ordem normativa não-temporal e não-espacial, um chamamento aos homens que devem dotar-se dos meios e das instituições que a façam aplicável e efetiva. É, sobretudo, uma ordem normativa indissociável da profissão de fé e do conjunto de crenças de um número altamente significativo de seres humanos que, ao menos em princípio, lhes devem lealdade prioritária sobre qualquer outra ligação social ou política. Ser muçulmano implica estar obrigado por este conjunto normativo que lhes deve reger o culto, indicar os preceitos morais e dirigir as relações sociais.

Sendo a *sharia* fundamentalmente uma mensagem divina, ela dirige os comportamentos humanos e as relações sociais apenas na medida em que os homens prestam força a essa mensagem, seja pela convicção individual ou comunitária, ou por adoção pelos detentores do poder. Deus não conhece as fronteiras criadas pelos homens e que podem interferir na leitura que estes fazem de sua vontade, dizia o Profeta.

Milhões de muçulmanos vivem em sociedades organizadas segundo um modelo hoje universal que é o Estado e que tem entre suas características fundamentais a determinação de fronteiras cujas funções incluem a de estabelecer o campo de aplicação territorial do direito de cada país. A *sharia* regerá a vida daqueles que vivem em Estados que ela é mantida em destaque em seus ordenamentos jurídicos: o do Estado legislador e o de Deus legislador.

Ainda segundo Dr. Salem Nasser, essas relações podem ser ao menos de duas naturezas diversas: a *sharia* precisa ser levada em conta pelo ordenamento jurídico estatal na medida em que aquela acompanha as pessoas ou se aplica às relações que interagem com o seu território; ou a *sharia* é chamada pelo próprio ordenamento a nele desempenhar um papel maior ou menor.

a) A *Sharia* de minoria

Este é o caso da necessidade de reconhecer efeitos jurídicos a atos realizados segundo normas e direitos muçulmanos, como por exemplo,

casamentos poligâmicos de estrangeiros muçulmanos residentes em países da Europa ocidental e que precisam ser reconhecidos para efeitos tributários. Esse é também o caso da aceitação ou da proibição de práticas conformes a sharia por ordenamentos que podem considerar as mesmas como atentatórias à noção de ordem pública. Exemplos disto são facilmente encontrados nas discussões relativas ao uso do véu pelas estudantes muçulmanas na França ou pelas professoras nas escolas públicas na Alemanha.

A *Sharia* aqui é considerada de minoria porque as suas normas acompanham os crentes, na medida em que estes as incorporam, é claro, na regulamentação de seu culto, de sua obediência a preceitos morais e de suas relações sociais, mas apenas até os limites estabelecidos pelo funcionamento de um ordenamento que não lhes reserva nenhum espaço especial de validade ou aplicabilidade.

b) A *Sharia* como fonte de direito

O problema central de se ter a *Sharia* como fonte do direito nos países árabes está em articular a possibilidade de um sistema normativo que constitui um todo, ainda que haja discussão e incerteza sobre seu funcionamento e conteúdos normativos, como acontece com qualquer sistema normativo, servir de fonte a outro sistema que constitui igualmente um todo, e as modalidades segundo as quais tal fenômeno pode se dar.

A *Sharia* pode ser fonte do direito estatal no sentido de constituir ela mesma todo o direito ali aplicável diretamente. Ela pode também ser considerada fonte quando o Estado pretende legislar criando normas (todas ou apenas algumas) cujos conteúdos coincidam com os preceitos da *Sharia* que, aqui, não seria diretamente aplicável nem válida. Pode-se ainda considerar a *Sharia* como fonte do direito quando o Estado pretende que ela sirva de inspiração para o seu ordenamento jurídico no seu todo ou parcialmente, sendo as normas conformes ao “espírito” da *Sharia* ainda que não sejam fieis à sua letra.

Fontes de direito material são as que inspiram e justificam os conteúdos normativos, enquanto que as fontes de direito formais constituiriam os instrumentos, técnicas ou mecanismos que permitem a criação de normas válidas e a sua identificação quando devessem ser aplicadas. A *Sharia* pode ser entendida como fonte tanto num sentido quanto no outro.

A *Sharia* se encontra na verdade, submetida ao poder e ao Direito Estatal que dela escolhe e tira o que deve se aplicar às relações sociais ou que lhe interpreta os conteúdos segundo princípios, técnicas e instituições que não são as da própria Lei Islâmica. É como dizer que algo tão divinamente revelado acaba por ser submetida à vontade legisladora do Estado e com as características tão humanas.

O que determinaria então, a persistência em manter e fazer conviver dois sistemas com fundamentos tão diferentes?

Talvez se possa pensar no que esta sociedade necessita e quais são os valores que nela encontramos. Uma sociedade islâmica possui necessidades sociais amparadas nos legados revelados a Maomé. Não haveria lógica ter apenas o segmento Jurídico totalmente à parte dos pilares e preceitos muçulmanos. O mesmo aconteceria com uma sociedade que se utiliza de um direito laico, o qual, de certo, é adequado aos valores vigentes nesta sociedade.

c) A *Sharia* como fonte do direito dos países árabes

Todos os países árabes reservam em determinado papel a *Sharia* nos seus sistemas reguladores de vida em sociedade. A grande maioria destes países adota em suas Constituições o Islã como religião de Estado e designa a *Sharia* como a única, a principal ou uma fonte principal de seu direito. O Islã constitui parte extremamente relevante da herança cultural das sociedades árabes e participa de modo determinante da construção do sistema de valores ali vigentes. Do mesmo modo, a inclusão da *Sharia* entre as fontes e a aplicação de boa parte de suas normas se explica porque estas normas são vistas como as mais aptas a

regularem alguma extensão das relações sociais, por serem mais condizentes com os seus valores, e também porque em certa medida, não podem simplesmente ser eliminadas em razão do equilíbrio das forças em ação na sociedade.

No caso da *Sharia* como única fonte de direito: alguns países árabes abandonam essencialmente o modelo secular e laico e invoca a Sharia como fonte exclusiva do direito. Esse é o caso da Arábia Saudita. Trata-se de um Estado islâmico em todos os aspectos e esta opção fica claramente expressa no seu Estatuto fundamental, de 1992. Ali os juízes devem buscar a solução para as questões jurídicas a eles apresentadas diretamente nas fontes primeiras, o Corão e a *Sunnah* do Profeta. As autoridades do Estado produzem regulamentos em tudo semelhantes ao que chamaríamos de regras jurídicas, tratando de matérias econômicas e sociais e mesmo políticas, mas que não são assim considerados nem designados, uma vez que legislar caberia somente a Deus.

Na Arábia Saudita, seguindo o que fala o Profeta em um *haadith*, “não se pode ter duas religiões”, então é proibida a construção de sinagogas ou igreja. Já no Egito, apesar de estarem em número mínimo, temos sinagogas e igrejas católicas na parte antiga da cidade do Cairo em convivência tranqüila com a população e recebendo muitos turistas.

No caso da *Sharia* como principal fonte de direito: vários países árabes estabelecem a sharia como fonte principal do direito. Produzem normas em varias esferas, adaptam ou tentam adaptar preceitos da Lei Islâmica.

Várias monarquias, por exemplo, estabelecem um sistema de confirmação do novo rei por processo de consulta ao povo ou às elites. É igualmente comum na organização do Estado, a instituição de um mecanismo de consulta a sharia. Outros ramos da vida são regulamentados com base na mesma, como a celebração de contratos, a atividade bancária em que juros estão proibidos, as atividades econômicas, o direito penal e, é certo, o estatuto pessoal.

Como exemplo, posso citar o Bahrein, no artigo 2º de sua Constituição, os Emirados Árabes Unidos, no 7º artigo de sua Constituição e o próprio Egito, cuja Constituição em seu 2º artigo, estabelece que os princípios do direito muçulmano sejam a principal fonte da legislação.

d) A *Sharia* e o estatuto pessoal

O estatuto pessoal parece ser o último lugar em que as normas da *Sharia* conhecem uma maior aplicabilidade e que esta resiste ao direito estatal. Isso aparece tanto nos países de população essencialmente muçulmana quanto para os estados em que vários grupos de diferentes religiões compõem a população, como é o caso do Líbano e Síria.

Todas as questões relativas à personalidade jurídica e à capacidade de realizar atos jurídicos tendem a continuar regidas pela sharia: o casamento, o divórcio, a filiação, a guarda dos filhos, o regime de bens as sucessões, etc. É também possível que fique determinado nos ordenamentos jurídicos a aplicação direta da sharia ao estatuto pessoal dos cidadãos pelas autoridades judiciárias do Estado ou autoridades religiosas. O religioso nestas sociedades parece ganhar força e aparecer como essencial na medida em que se aproxima dos indivíduos e das famílias, e ganha com isso muito mais legitimidade na sua pretensão de reger as situações e as relações.

Interessante notar que em países onde a sharia regula o estatuto pessoal dos muçulmanos, as pessoas que pertencem a outras religiões possam ter o regulamento do estatuto social de suas respectivas religiões.

e) A *Sharia* e a instituições de aplicação do direito

Ao longo da história do Islã, durante as várias fases e formas que conheceram os governos da umma, ou comunidade dos fiéis, era comum a designação de pessoas ou autoridades encarregadas de aplicar o direito. Durante todo este período podia-se dizer que se tratava de aplicar a sharia, sendo esta chamada a reger a vida na sociedade, senão com exclusividade, ao menos com destaque sobre as demais formas de regulamentação. No entanto a sharia nitidamente não prevê as modalidades do poder judiciário, ela em princípio, daria conta de

normas primárias que prescrevem condutas, e não de normas secundárias que organizam o sistema. Isto é, a sharia deveria ser aplicada, mas não prevê quem ou como esta aplicação será garantida. O que usualmente se faz é uma opção entre comandar essa aplicação por esses tribunais laicos ou delegar essa função aos tribunais religiosos ou simplesmente aos homens de religião. (BOSTANJI, 2004:2) ²⁸

O Líbano, por exemplo, país de várias religiões, estabelece a aplicação ao estatuto pessoal às regras da confissão de cada indivíduo, inexistindo regulação civil nestas matérias. Ali existem tribunais chamados a resolver as questões relativas ao estatuto pessoal dos muçulmanos, *xiitas*,²⁹ *sunitas*³⁰ e dos druzos³¹. Estes tribunais fazem parte da organização e da estrutura do Estado. Os cristãos das várias igrejas terão suas regras aplicadas por suas autoridades eclesiásticas, que não são incorporadas ao Estado.

f) A *Sharia* como sistema paralelo de regulamentação e de solução de controvérsias.

O ordenamento jurídico do Estado já não teria com exclusividade a prerrogativa de regular e governar a vida em sociedade. Desta forma, outras ordens aparecem para dividir com Ele a tarefa, podendo inclusive, em determinados espaços e domínios sociais, tomar-lhe a precedência e conhecer inclusive uma aplicação mais efetiva.

A compreensão do fenômeno regulamentar ou normativo demanda que o estudo de direito não se restrinja à observação das normas editadas pelas autoridades estatais e das instituições que o Estado encarrega de aplicá-las.

Com relação ao desenvolvimento crescente dos mecanismos alternativos de solução de controvérsias, os entes privados nas suas relações, querem estas

²⁸ Professor da Universidade da Tunísia em sua explanação no Seminário sobre o Mundo Árabe em 14/09/2004.

²⁹ Grande subgrupo muçulmano cujos seguidores acreditam que Ali, família do Profeta, deveria ter sido o primeiro Califa. São maioria no Irã e muito numerosos no Iraque, Paquistão e Síria.

³⁰ Seus seguidores, por sua vez acreditam que esta sucessão deveria ter se dado a partir do consenso dos mais velhos, seguindo a tradição do Deserto. È o grupo de maioria no Egito e em todo o mundo muçulmano.

³¹ Pequena comunidade religiosa autônoma que reside sobretudo no Líbano, Israel, Síria, Turquia e Jordânia. Usam o idioma árabe e dizem-se muçulmanos apesar de terem forte influência grega, católica e da gnose em sua filosofia. Fonte: < <http://ethnic.org.br> > acesso em 18/10/2009.

ocorram no interior do espaço territorial de um Estado, quer atravessem as fronteiras têm recorrido de modo crescente a mecanismos como a mediação, a conciliação ou a arbitragem. Estas podem ser institucionalizadas ou *ad hoc*.

A *Sharia* sobrevive, portanto, ao menos potencialmente, como parte do universo de regulação social e como mecanismo de solução de controvérsias nas sociedades onde o Islã é dominante e onde é minoritário. E seja qual for o lugar que o Estado reserva para a Lei Islâmica, mesmo que não reserve nenhum, esta pode sobreviver como um conjunto normativo paralelo em que fiéis irão buscar as regras que acreditam devam pautar o seu comportamento e segundo as quais devam solucionar controvérsias.

É muito comum as pessoas continuarem a pautar seus comportamentos e suas relações pelos preceitos religiosos e recorrerem aos sábios religiosos, os *fuqaha*, para conhecerem o que deles demanda ou o que lhes permite a *Sharia*. O objetivo é dissolver controvérsias ou compor interesses.

Isto pode ocorrer em algumas situações em especial:

- 1- Quando um indivíduo pretende pautar seu comportamento, no culto ou na sua relação com os outros;
- 2- Quando o comerciante consulta o homem do clero para saber como deve agir nos seus negócios ou quais contatos pode realizar e quais lhe estão vedados;
- 3- Quando o *faqih*³² resolver a respeito de um casamento, um divórcio ou a guarda de filhos, cada um desses comportamentos ou decisões pode acomodar-se com o ordenamento jurídico estatal ou, ao contrário, opor-se a ele.

A sobrevivência da *Sharia* como ordem jurídica paralela ao Estado não significa, portanto, necessariamente, que ela seja bem aceita por este, mas demonstra, mais uma vez a complexidade do fenômeno jurídico.

³² Aquele que pratica a jurisprudência e métodos jurídicos ou *Fiqh*.

1.1.6 *Sharia* e os Direitos Humanos

Segundo Chandra Muzaffar (2004), as principais idéias associadas à democracia e aos direitos humanos estão em harmonia com o pensamento islâmico.

A Lei islâmica defende com firmeza um processo judicial justo e equitativo. Além disso, o Islã desde o início também limitava o poder do governante. A limitação da autoridade do Estado é mais uma norma democrática, pois na jurisprudência islâmica, o poder político deve ser exercido no âmbito da *Sharia* e o governante está subordinado às leis, aos valores e aos princípios religiosos. Historicamente, até os califas de séculos atrás precisavam de aprovação do povo antes de utilizar o dinheiro público em qualquer propósito privado.

A responsabilidade pública encontra apoio no Corão, onde há uma concepção clara sobre as consultas ao povo em questões de importância pública, inclusive, o povo teria direito de destituir seu governante de acordo com este princípio.

Os Estados árabes surgiram todos recentemente. Por influência das condições que presidiram ao seu nascimento, eles estão constituídos segundo o modelo, que de resto tornou-se universal, do Estado-nação moderno.

É verdade que esses Estados reconhecem todos, ainda que em graus diferenciados, um pertencimento comum e uma identidade enquanto árabe (isto está sacramentado nas Constituições).

É verdade também que, salvo algumas exceções, faz-se referência a uma profunda ligação com o Islã, mas o fato é que todos são zelosos de sua soberania, de sua identidade nacional e de suas fronteiras territoriais.

A adoção pelos povos árabes de um modelo cujo desenvolvimento lhes foi exterior e estranho, ainda que inevitável, não deixa de conter alguma medida de artificialismo. Isso aparece bem evidenciado pela dificuldade que tem esses

Estados de adotar ou excluir de forma definitiva o laico ou o religioso da sua organização social, e pela opção que fazem por forças a convivência dos dois sistemas.

Os povos muçulmanos em geral e as populações do mundo árabe, na sua maioria muçulmana, guardam uma relação ainda profunda com a tradição e com o religioso. Esse é um traço que acaba se impondo aos Estados no exercício de legislar e de aplicar o direito, mesmo quando não é forte o suficiente para impor a instituição de um Estado religioso por completo. Essa é uma contingência com que devem lidar os países árabes, principalmente o Egito por estar totalmente imbricado com as relações com o ocidente, seja em suas relações internacionais estabelecidas, seja em suas relações com o turismo. Dentro do espírito da tolerância e da diversidade cultural, e ainda de acordo com os princípios das soberanias dos Estados, é natural que cada país encontre o próprio caminho que evoluirá seu sistema jurídico. A esperança é que essa evolução seja fruto do consenso social que deve ser construído livremente e principalmente pacificamente.

Quando falamos em Direitos Humanos no Islã, está claro que estes direitos vêm literalmente de Deus e são garantidos por Deus, uma vez que foram enviados por ele. São direitos que não são apenas garantidos por reis ou assembléias, pois caso fossem, poderiam ser revogados da mesma forma que foram conferidos. São válidos para todos e devem ser observados e respeitados sob todas as circunstâncias, estando ou não residindo num território islâmico, esteja em paz ou em guerra.

Basicamente posso agrupar as idéias centrais em 12 aspectos³³:

- 1- Garantia da Vida e da Propriedade;
- 2- A Proteção da Honra;
- 3- A Santicidade e a Garantia da Vida Privada;

³³ Fonte: <<http://www.wamy.org.br>> acessos em 08/01/2003 e 12/09/2009.

4- Direito de manifestação contra a Tirania;

No Islã existem regras claras para proteger os civis, mesmo em tempos de guerra, não se permite que pessoas não envolvidas na luta sejam atacadas: nunca matar mulheres ou crianças e nunca profanar os mortos.

5- Liberdade de expressão;

6- Liberdade de Filiação;

7- Liberdade de consciência e convicção;

8- Proteção aos Sentimentos Religiosos;

9- Direito às Necessidades Básicas da Vida;

10- Igualdade perante a Lei;

11- Os governantes não estão acima da Lei;

12- Direito de participação nos assuntos do Estado.

1.1.7 A *Sharia* e a globalização

As relações sociais tendem a ser globais no sentido de que já não há espaço do globo em que estejam ausentes e de que as teias por elas formadas recobrem um mundo que já chegou aos seus limites espaciais. A tecnologia permite novos tipos de relações que lhes aceleram os ritmos. Detecto isto tanto nas relações privadas, envolvendo o Estado ou não, bem como, para as relações interestatais.

No âmbito privado, as pessoas se comunicam através de fronteiras, comercializam, casam-se, se estabelecem em outros países, investem, compram pela internet e se informam. Formam-se laços que anunciam um tecido social que não coincide com os Territórios Nacionais assim como os tínhamos como definidos. Este tecido social sobrepõe-se aos territórios e parece retratar a

realidade contemporânea. Essas relações demandam regulamentação que, em sendo jurídica, deverá ser buscada prioritariamente nos ordenamentos jurídicos estatais ou no direito internacional.

Os Estados de maioria muçulmana, como é o caso do Egito, participam desse alargamento do espaço de interação social e estão necessariamente implicados nessas novas redes. Com relação a eles, no entanto, a tendência de harmonização legislativa conhece necessariamente um complicador na permanência do religioso e do papel da *Sharia*. São países que naturalmente mostram-se mais resistentes às mudanças quando da aplicação do direito internacional privado e podem demorar a reconhecer efeitos às sentenças ao compará-la aos preceitos contidos na *Sharia*. A sobreposição da lei estrangeira sobre ela tem difícil aceitação e cumprimento e só resta que se façam ajustes.

A harmonização legislativa não é tendência comandada apenas pelas relações privadas. Ela decorre também do incremento e da transformação das relações entre os Estados. Essas têm se intensificado continuamente e nos mais variados domínios, do comércio à cultura, da manutenção da paz aos investimentos. A interdependência se faz evidente e as normas chamadas a regular essas relações parecem refletir isso de modo crescente e tender a assegurar, ao lado da coexistência dos Estados, maiores níveis de cooperação entre os mesmos. Essa cooperação pode se impor em razão das necessidades individuais dos Estados ou das necessidades coletivas.

Além da percepção de que cada Estado tem interesse em cooperar com os demais, têm surgido gradualmente novas problemáticas que se revelam como verdadeiros “chamados à sociedade de estados” no seu todo e cujas soluções dependem de um esforço comum como no caso do cuidado com o meio ambiente global, o combate à pobreza, combate ao terrorismo, o investimento no desenvolvimento e na proteção dos direitos humanos.

Jihad significa o esforço que cabe aos homens para conhecer a vontade divina e as normas por ela ditadas. A partir deste esforço constante resultaram: as teorias relativas aos fundamentos da sharia, ou “*usul al*

fiqh”, e o conjunto de normas de consenso. Usual Al-fiqh é o estudo dos fundamentos da Sharia. (SABIQ, 1991: vii)

Como já foi dito anteriormente, “as portas da *Ijihad* fecharam-se logo no começo da era muçulmana” e então, tanto a teoria do direito (*usul Al fiqh*) quanto às normas que constituem a sharia estariam consolidadas nas quatro principais escolas ou ritos jurídicos reconhecidos no sunismo. As escolas são: a *malekita*, a *hanafita*, a *chafeita* e a *hanbalita*. Seus nomes vêm dos teóricos que estudavam os fundamentos nos primórdios do Islã. Vale destacar a mais radical, que é *hanbalita* e a mais liberal, a *chafeita* que está em maioria no Egito.

Para muitos estudiosos, a adaptação do direito muçulmano aos tempos modernos representaria a abertura das portas do *ijihad* e, para outros, estas “portas” nunca teriam se fechado.

Diante disso poderia se usar a admissão de uma normatização paralela ou a produção de uma normatização paralela. Neste caso teriam uma regulamentação social fora da *Sharia*. A dúvida é se a *Sharia* além de ser um sistema normativo total (culto, moral e direito), também seria um sistema normativo exclusivo ou haveria a permissão de uma regulação, produto da atividade humana, paralela ou concorrente. Este é o entrave que é resolvido de formas individuais por cada nação, mas definitivamente os líderes muçulmanos não são nada amigáveis com qualquer idéia de sobreposições da *Sharia*.

Os questionamentos e as investigações são assuntos internos à *Sharia* e pressupõem a primazia da mesma no universo da regulamentação religiosa e jurídica da vida em sociedade. Estes assuntos são da alçada dos fuqaha, sábios da religião e estudiosos da Lei Islâmica.

Segundo Dr. Helmi Nars, árabes e muçulmanos dividem-se entre os que não gostariam de ver a Sharia perder poder e seu papel na sociedade, e aqueles que acreditam na possibilidade de uma adequação da mesma através de permanente re-interpretação das fontes primeiras. Em ambos os casos a Sharia

de fato desempenha algum papel no direito desses países, ou porque esse direito é constituído pela mesma, ou porque é influenciado por ela.

O objetivo principal da luta dos islamistas fundamentalistas, segundo Wright (2007:63), é impor a lei islâmica, a *Sharia*. Eles acreditam que os quinhentos versículos corânicos que constituem a base da *Sharia* são os mandamentos imutáveis de Deus que oferecem um caminho de volta à era de maior perfeição do Profeta e de seus sucessores imediatos, embora o código legal tenha evoluído vários séculos após a morte do mesmo. Os islamitas afirmam que a *Sharia* não pode ser aperfeiçoada apesar de quinze séculos de mudança social porque veio direto da mente de Deus. Querem ignorar a longa tradição de opiniões judiciais dos sábios muçulmanos e impor um sistema legal mais autenticamente islâmico, sem influências ocidentais nem improvisações causadas pelo engajamento com a modernidade e a globalização. Os modernistas não muçulmanos e islâmicos, por outro lado, argumentam que os princípios da *Sharia* refletem os rigorosos códigos beduínos da cultura que deu origem à religião no século VII, e não são adequados para governar uma sociedade moderna.

Este impasse continua e seus desdobramentos ainda prometem muitas discussões. O maior e mais perigoso destes desdobramentos são as ações radicais fundamentalistas que envolvem atentados, mortes, suicídios vistos diariamente através da mídia.

Mesmo tendo a certeza de que a mídia não é de forma alguma expressão fiel e não tendenciosa da verdade dos fatos, é através dela que a maioria das pessoas toma contato com a problemática e conflitos entre crenças ocidentais e orientais.

Sobre tais desdobramentos falarei mais adiante, mas de antemão afirmo que em se falando em aplicações legais, esperaríamos que tudo ficasse no âmbito normativo e as decisões ficassem a cargo dos juristas. Isto é infelizmente impossível, uma vez que separar o Estado e a religião continua sendo algo sem

sentido para muitas nações muçulmanas e para muitos fiéis espalhados pelo mundo ocidental.

1.2 Capitalismo no Egito

É interessante começar nossas explicações sobre o tema capitalismo destacando algumas clássicas definições para depois atualizar sua representação nos dias de hoje.

Segundo Gastaldi, capitalismo é a sociedade ou sistema econômico em que os meios de produção são de propriedade privada. (2005:125).

Toda economia é um conjunto de interesses privados em que o Estado não participa diretamente da atividade econômica. O trabalho ou a força de trabalho desempenha nesse sistema o papel de uma mercadoria adquirida através de remuneração estabelecida em contrato e regulada pelo mercado.

Os fatores de produção, capital e trabalho, separados jurídica e economicamente são mobilizados através do mercado, pelo empresário, que se torna possuidor dos meios de produção e elemento dirigente do processo produtivo. Este empresário apropria-se dos fatores de produção tendo em vista uma procura, ou seja, uma expressão antecipada das necessidades através do poder de compra, e promove a oferta pela produção. Ele também será o responsável por dirigir os resultados da produção, isto é, o produto, a distribuição das rendas monetárias e ou salários, juros e lucros. Toda esta atividade econômica tem como objetivo final o lucro cada vez maior, determinando a acumulação de capital e o caráter progressivo da técnica ou das técnicas empregadas.

A produção capitalista, tendo em vista fundamentalmente o mercado, implica na grande circulação de mercadorias e seu crescimento corresponde à ampliação do comércio, constituindo-se o capitalismo, necessariamente num sistema econômico aberto e dinâmico, ou seja, uma economia mercantil.

Já não existe clima propício para a modalidade de capitalismo puro, com prevalência absoluta da livre concorrência e da filosofia materialista do laissez-faire. Mesmo nos países em que prepondera a livre iniciativa e a propriedade privada, o Estado intervém, fazendo prevalecer o interesse social sobre o individual e procurando humanizar e democratizar o capitalismo. Prepondera, moderadamente, a concepção de um capitalismo misto, em dupla oposição aos excessos do capitalismo privado ou individualista e do capitalismo do Estado, quando este se transforma em empresário único e no repartidor absoluto da riqueza social. (GASTALDI, 2005:131).

Nenhum país tem sua vida organizada à base de um sistema econômico puro, seja ele feudal, artesanal, capitalista ou mesmo coletivista. De certo modo, nos países subdesenvolvidos, paralelamente a uma produção industrial de técnicas modernas, tipicamente capitalistas e prestações de serviços bastante globalizados, subsistem formas de produção feudal e semi-feudal no campo. Coexistem até mesmo agrupamentos humanos de economia meramente tribal. Este é o caso de um país como o Egito.

O Egito é um território de um pouco mais de 1 milhão de m² onde 96,6% do solo são improdutivos. As florestas tomam 0,1% do solo e menos de 4% do território egípcio é propício à agricultura. A economia de subsistência está presente na maior parte das periferias. A pecuária, que aproveita o mesmo território útil, inclui bovinos, caprinos, eqüinos, aves e camelos. A pesca é praticada nos mares do Mediterrâneo, Vermelho, nos lago e nas lagunas do Delta do Nilo³⁴. Na área desértica temos vários grupos de nômades beduínos, verdadeiras tribos de idioma berbere que vive literalmente à parte das regras político-sociais vigentes. Possuem suas regras, seus hábitos, normalmente estão bem armados, mas mantém acordos com as forças armadas com a seguinte premissa: não interferimos na sua vida se vocês não causarem problemas na nossa.

Na região sul de Assuã os núbios também têm suas comunidades com seu idioma, seus costumes, e são exemplo de uma população que ainda passam seus ensinamentos de forma verbal não há outro meio de comunicação.

³⁴ Fonte: Atlas National Geographic: África II (2008:8-15)

Para termos uma idéia do panorama de atividades econômicas no Egito, o Produto Interno Bruto divide-se em 50% no setor terciário, 33% no secundário e 17% no primário.³⁵

O capitalismo moderno se caracteriza por uma produção dentro de uma economia social, por meio de um processo de ilimitada especialização de funções de milhões de indivíduos independentes, embora perseguindo idêntico propósito, o de aumentar a eficiência da produção. Dessa cooperação e dessa especialização resulta um produto social muita vezes superior ao que resultaria de um agregado de esforços individuais e isolados dessas mesmas pessoas.

Verificamos assim, que também o sistema capitalista deve visar à organização da produção e preocupar-se em bem repartir o produto total entre os membros da economia social. Embora adotando a economia capitalista e utilizando-se do mecanismo de mercado, não se pode deixar de regular e controlar essa economia de mercado. A sociedade industrial moderna possui um processo de produção de grandes ramificações e inter-relações, são demasiadamente complexas para ser guiada por “mãos invisíveis”, refletida na utópica livre concorrência e Estado mínimo.

As nações capitalistas modernas têm tarefas importantes e mais complexas:

- a) Cuidar para que as necessidades públicas sejam satisfeitas, suprindo o que não pode ser diretamente cobrado do indivíduo, como o preço pela defesa nacional ou prejuízos decorrentes de enchentes, secas, incêndios em florestas ou terremotos e furacões.
- b) Deve agir no sentido de restabelecer as forças da concorrência e da livre iniciativa, possibilitando que os preços sobre os quais se baseiam as decisões e cálculos de consumo e produção voltem a ser consequência e resultado da força de mercado.

³⁵ Ibid.

c) As tendências monopolistas e oligopolistas devem ser atenuadas em seu início. O Estado capitalista não pode prescindir de estabelecer condições seguras para a moeda e o crédito, regulando a procura total de seus limites.

A verdadeira economia de mercado somente pode funcionar satisfatoriamente enquanto forem mantidas condições seguras para a moeda, enquanto se evitar que as recessões se transformem em depressões e enquanto se mantiver um grau suficiente de concorrência.

Para entender como o capitalismo relaciona-se com o islã no Egito, precisamos retomar algumas categorias referentes aos modos de produção. O modo de produção feudal possuía um discurso único, o da igreja, portanto não havia uma liberdade ideológica propriamente dita. Quem não assimilasse seus conceitos era considerado herético e sofria as penas cabíveis. O capitalismo evoluiu lentamente, tendo adquirido um ritmo mais acelerado a partir do momento em que a estrutura econômica foi se desviando e se afastando dos princípios rígidos da doutrina canônica que coíbiam a produção além das necessidades mais naturais dos indivíduos ou do grupo, impedindo o empréstimo a juros para a produção e cerceando eventuais pretensões para obtenção de lucros.

Podemos ainda encontrar esta forma de produção feudal de uma forma meio híbrida nas comunidades egípcias que vivem da subsistência e tem como líder o próprio líder religioso local. São tribos distantes de centros comerciais formais e pouco se envolvem com as problemáticas políticas e religiosas.

Apenas retomando historicamente, o mundo passou por uma Revolução Industrial e uma Revolução Francesa, ambas no século XVIII. A primeira traria o surgimento de uma economia urbana e os Estados procuraram, por meio de tributos, dos monopólios e dos privilégios, os recursos necessários para os novos encargos com suas milícias e com a administração. A produção de restrita passou a ser cada vez mais ampliada para atender a uma maior procura dos mercados que surgiam, demandando a aplicação de grandes capitais para as modernas empresas industriais e comerciais.

A segunda revolução trouxe a declaração de liberdade, da qual o capitalismo iria desenhar-se como é visto hoje. A propriedade individual e livre, a convenção livremente firmada e tendo força de lei são as duas bases que iriam permitir a criação da nova ordem. Ao menos teoricamente, o homem teria a disposição dos capitais que acumulou ou obteve emprestado, exerceria o comércio, a indústria e venderia livremente os produtos e obteria pelo contrato, o trabalho de outros. O modo de produção capitalista, então, passa a prescindir do discurso único. Vemos um pluralismo ideológico, uma democracia burguesa onde se vive as diferenças através de um contrato social. Temos a livre iniciativa e um individualismo marcante.

Como o capital não tem pátria (RESENDE, 2008:07), este se esvai através de bolsos e cofres, estados e nações, independente de culturas ou crenças religiosas.

A mercadoria e o capital quebram as fronteiras, pois o capital é tentacular como um imenso polvo e não se deixa aprisionar, transformando tudo e todos em mercadorias. No caso do Egito, o bom capitalista, ou aquele que valoriza o consumo produtivo é raro de se encontrar. Predominam os ricos emergentes, ricos feudais que vivem na sociedade capitalista, mas como se estivessem ainda na era feudal, pois aplicam o capital em coisas fúteis, vistosas, cheias de status e pouco produtivas.

Outra característica que dá base para a sociedade capitalista, segundo Vassort, é a racionalidade do espaço, do tempo e do corpo. (2007:28). A produtividade é uma relação entre a produção e tempo, isto é, em um determinado espaço de tempo se produza cada vez mais. Em algum momento, a qualidade ou a complexidade podem acabar ficando em segundo plano, dependendo de quem será o consumidor destes bens. Em outro momento, o espaço físico terá de ser otimizado, então vários trabalhadores deverão produzir mais por metro quadrado, mesmo que estejam amontoados uns sobre os outros ou quase não tenham oxigênio suficiente entrando neste espaço. E ainda podemos ter uma seqüência

exata de movimentos que o corpo tenha de reproduzir centenas de vezes ao dia para que o resultado, a produtividade projetada seja alcançada.

A partir de um panorama que se apresenta no Egito contemporâneo, fortemente influenciado por preceitos religiosos, o Corão que rege ações e pensamentos humanos, a Lei islâmica Sharia que atua junto às leis do Estado, posso dizer que há mais possibilidades de existir uma pressão do capitalismo sobre a ética muçulmana do que o Islã exercer qualquer pressão sobre o capitalismo. As empresas capitalistas não se importam com seu funcionário após, ou antes, dele “bater o cartão”. A empresa precisa de sua produtividade e a dinâmica capitalista pode trazer reformulações e retoques em alguns discursos.

A percentagem da população que está na classe de proprietário de meios de produção é muitíssimo pequena se compararmos as taxas da população daqueles que revendem os produtos, e aí só ganham uma pequena parcela de lucratividade no ato da revenda. Mesmo aqueles empregados que auxiliam na produção nem sempre podem ter os produtos finais de seus esforços.

Olhando sob o ponto de vista macroeconômico, o capitalismo e todas as suas relações econômicas, produtivas e de mão de obra, trouxe uma nova perspectiva para um país milenar como o Egito. Trouxe também a possibilidade de sua inclusão no mundo das relações comerciais internacionais, no mundo das informações globalizadas, da comunicação e mídia globais. A ética muçulmana com as características culturais egípcias, unida ao capitalismo absorvido com as demandas egípcias vem despertar um novo olhar para estes pais e novas perspectivas para esta população.

As empresas capitalistas determinam o desenrolar do novo processo não só no âmbito econômico, mas também o político, social e cultural-religioso. Dentro de uma empresa capitalista não há lugar para anarquismos, sob a pena de perder o emprego. Isto seria algo terrível em um mercado competitivo, famílias cheias de filhos e inúmeras ofertas tentadoras à disposição.

Na sociedade egípcia, com bases na produção capitalista, a aposentadoria não é considerada o tempo merecido de descanso, mas um tempo inútil para os corpos e mentes já tão esgotados e que sofrem o desconto de mais de 25% em suas folhas de pagamento.

Os cidadãos egípcios de idade mais elevada ainda temem que a paz que reina seja perturbada por tantas guerras. Além disso, há também um sentimento de submissão e temor a Deus que rege toda a vida desta região. Junto a esta submissão religiosa, paira no ar uma grande frustração por parte daqueles estudantes que concluíram a Universidade e não conseguem empregos que possibilitem o acesso às ofertas maravilhosas do mercado. Existe ainda um forte medo do desemprego em idades mais elevadas, e como elevadas, entende-se depois dos 50 anos. O comentário que ouvi é igual em todos os casos: “se eu perder este emprego, onde vou encontrar outro com esta idade?...” Outros comentários ouvidos são “isto aqui é uma *bloody company*”, algo como chamar os patrões de vampiros de suas vidas, quando se referem à empresa. Este sentimento é sabiamente usado pelo dono de bens de capital para relacionar-se com a força de trabalho. Ainda dizem que não são tratados com justiça, palavra que não combina com o capitalismo, uma vez que busca lucro e mais-valia.

Com toda esta pressão, esta postura diária de submissão, o capitalismo toma formas diferenciadas. O consumismo vem como uma forma de satisfação no “ter”, uma forma de estar inserido em um panorama mais amplo, globalmente falando, bem como uma válvula de escape para tanta insegurança. O objeto de desejo, quando conquistado, passa a ser símbolo de sucesso, forma de ser reconhecido socialmente, ter status. A sensação vivida ao conquistar bens, acaba substituindo uma carência de valorização generalizada.

Muitos trabalhadores de nível médio, como gerência e direção, dizem que o modelo de capitalismo americano trouxe a pobreza ou a intensificou no Egito. Mesmo respeitando e entendendo este sentimento exposto, devo rebater esta argumentação. A pobreza não é um fenômeno atual no Egito ou no mundo. Antes da Revolução Industrial ela já estava presente. Seu advento trouxe crescimento

econômico e avanços tecnológicos importantes. Nos países mais ricos, a pobreza extrema foi eliminada. Mesmo em países em desenvolvimento como o Brasil e o Egito, a parcela mais pobre da população teve acesso à infra-estrutura básica. Hoje a expectativa de vida no Egito é de 70,7 anos³⁶, a mortalidade infantil é 39 por mil no caso de meninos e 29 por mil no caso das meninas até cinco anos. Embora o capitalismo tenha produzido desenvolvimento, não tenha conseguido tirar todos os pobres da miséria e tampouco tenha protegido o meio ambiente, seguramente não inventou a pobreza.

Interessante lembrar que os muçulmanos (e alguns católicos e judeus) que vieram de países do Oriente Médio e África, na 2ª metade do século XIX, fugindo das guerras, pareciam não possuir este perfil descrito ou tiveram de deixá-los de lado para sobreviver em um novo país. Muitos na época deixaram de professar sua religião e falar seu idioma com medo de represálias. Este imigrante chegou aqui com habilidades, profissão, muita garra e muita determinação para sobreviver. O resultado todos nós pudemos ver: tornaram-se grandes fazendeiros, lojistas e industriais. Temos no Brasil hoje aproximadamente 70% de nossos políticos com ascendências árabes.

Teoricamente o capitalismo não encontraria um solo muito fértil para seu desenvolvimento no Islã egípcio, pois em geral a postura desta população profundamente religiosa, bastante contemplativa, interiorizada, com pausas diárias para contemplar e orar, não combinaria com o dinamismo e a racionalidade do capital.

Em todos os países muçulmanos em vias de modernização ou modernizados, a observância estrita das regras do islamismo se choca com as exigências da vida cotidiana e freqüentemente do desenvolvimento. (D'ENCAUSSE, 1976:09).

Mas o que vemos no Egito é que a religião depende e faz suas adaptações com o capitalismo. As conseqüências disto nem sempre são tão cheias de glamour quanto às grifes ali vendidas, pois parte da população parece pagar um

³⁶ Fonte: < <http://thereport.amnesty.org> > acesso: 28/09/2009

preço muito alto por adaptar-se. As revoltas contra estas adaptações e seus desenvolvimentos fundamentalista e até terroristas, serão amplamente explanados no último capítulo desta dissertação. Vejo que quanto mais o capitalismo expande seus tentáculos mais adaptações nas normas religiosas aparecem e na mesma proporção aumentam as posturas fanáticas contrárias. Isto dependerá de onde o cidadão está falando: do lado de quem possui o capital ou o de quem precisa dele ou trabalha para ele. E aí, o dinheiro pode acabar com as diferenças raciais e religiosas ou pode perpetuá-las ainda mais. A cidade é encarada pela maioria da população como um grande mercado onde tudo e todos estão à venda. Trabalha-se para o grande capital global e uma minoria fica feliz com isso.

De qualquer forma, a verdade é que apesar de algumas conseqüências ruins como as acima mencionadas, o Islã se perpetua cada vez mais. A força histórica invocada pelo clero muçulmano, seus ritos, sua ética são algumas das suas ações. Os muçulmanos têm consciência de que, independente do país no qual estão eles também fazem parte de uma comunidade muitíssimo maior, espalhada pelo mundo, chamada *ummah*³⁷. Por este ponto de vista, o Islã a despeito de ser tão criticado, é a religião mais globalizada que existe. Os crentes praticantes ou os nem tanto estão unidos ao grupo mundial. Qualquer país, seja ele de maioria ou minoria muçulmana, sempre terá de conviver com o fato de que este cidadão sempre será mais fiel ao grupo de seus irmãos de crença do que a qualquer nação. Sua noção de nacionalismo é muitíssimo inferior à sua noção de pertença ao islã. Ou seja, sua noção de grupo religioso tem muito mais força como grupos político e social, deixando qualquer governante inseguro. Os empresários egípcios não parecem estar preocupados com isso, afinal todos precisam sobreviver, portanto, zelam por seus empregos.

Pode-se ser muçulmanos praticando, respondem as autoridades muçulmanas. Praticando na medida de suas possibilidades. Isto é: realizando cinco preces por dia e indo à mesquita na 6ªfeira, quando se pode fazê-lo. Mas se os deveres sociais impedem o fiel de fazê-lo, ele pode reduzir as orações a uma só e realizá-la no momento em que lhe for conveniente. (D'ENCAUSSE, 1976:14).

³⁷ Comunidade mundial islâmica

Dentro de uma empresa, seja ela multinacional ou não, dependendo do perfil dos funcionários ou o percentual de crentes ou dos chamados “infiéis”, o trabalhador terá um patrão que pouco estará interessado em suas crenças desde que trabalhe, mas terá também um grupo de colegas que estará observando se ele segue os preceitos ou não. Em empresas cujos donos ou investidores pertencem a algum país de maioria islâmica, fatalmente montará uma mesquita dentro das instalações empresariais, mesmo que improvisada, e entre os fiéis muita cobrança velada paira no ar.

(...) o islamismo organizado reata com esse pensamento inovador e se esforça em demonstrar que o muçulmano deve compreender o ritual como um esforço a realizar, mas que a natureza do esforço pode variar segundo as circunstâncias. Notadamente, em razão das obrigações que a sociedade política impõe a seus membros. As derrogações ao jejum que, tradicionalmente diziam respeito a uma categoria especial de indivíduos, crianças, velhos e doentes, são comuns desde então também para os trabalhadores. As autoridades espirituais exigem deles, seja escolher apenas um dia do Ramadã para jejuar e se unir à observância comum, seja substituir francamente o jejum por um esforço particular nas suas vidas espirituais, ou nas suas vidas profissionais. (D'ENCAUSSE , 1976:15).

As necessidades da vida econômica podem levar à restrição do jejum, uma vez que com o jejum, muitas vezes as energias física e mental regridem e as empresas não tolerariam qualquer decréscimo na produtividade. Seja no caso de uma empresa de titularidade islâmica ou não a produtividade e a lucratividade estão em primeiro lugar. O fiel deverá tomar cuidado para que ao fazer o jejum não prejudique o bom andamento do trabalho. Particularmente, eu não soube de nenhum problema deste nível ocorrido no Egito, mas com o mercado de trabalho bastante competitivo, os funcionários naturalmente tomarão cuidado com qualquer prejuízo decorrente do jejum.

Para Samir Amin, o capitalismo é a negação da cultura. (AMIN apud AMIN, 2004:14) e este sentimento disseminado será muitas vezes o estopim de muitos atos ilícitos contra o Ocidente e seus representantes.

A cultura do qual ele fala é aquilo que distingue uma sociedade da outra. O capitalismo contribui para o enfraquecimento da cultura, espalhando o mesmo

padrão de vida e consumo através das nações. O jeans e t-shirts vêm a substituir uma grande variedade de roupas étnicas e típicas em vários países. Estas ações podem ser encaradas como invasão cultural por uns, mas por outro lado, podem ser encaradas como ações de negação de uma cultura, desde que isto faça uma cultura menos distinta que outras. Não julgo isto tão importante no Egito, pois vi muitas estudantes usando o *jeans*, a *t-shirts*, o tênis e mantinham a cabeça coberta pelo véu. Coloco importância quando o capital nega ou subverte a ética. O fato de se usar jeans ou véu, ou ambos, como muito se vê no Egito é secundário. A ética é a forma como o indivíduo, a sociedade, a família, se conduz. E como já disse no Islã não é uma opção, é a lei. Em menor ou maior proporção é lei, é a própria *Sharia*.

O mesmo se pode dizer do fast-food, que não requer grandes conhecimentos culinários ou utensílios especiais. Não precisam de lugares confortáveis ou típicos que distingam culturas. Não seria apenas uma culinária trocada por outra, mas em muitos casos uma negação de uma cultura pela outra, segundo Amim.

Sim, tivemos uma disseminação do “*way of life* americano” por todo o mundo, depois com cada vez mais aspectos de outras culturas também disseminadas pelo mundo, vimos a globalização apresentar-se por vários aspectos diferentes, da roupa aos alimentos, das músicas às novelas, mas tudo isto é transitório e nem sempre o diferente tem de ser americano ou ocidental. Então, não se vende comida indiana no Egito? Não se pede comida chinesa pelo telefone? Se compararmos estes aspectos ao fundamento da sociedade, isto é, sua ética, eu ficaria sem dúvida mais preocupada e aprofundaria minhas reflexões na ética, deixando a categoria de cultura para outras instâncias.

O que está envolvido aqui não é apenas o capitalismo, mas um grande e extenso mercado aliado com uma produção de escala e um consumo de massa. No caso do socialismo, onde os meios de produção são de pertença pública e, produção e consumo são planejados por uma autoridade central, o mesmo não ocorre desta forma. Não se trata aqui só do capitalismo, mas da sociedade de

massa e o desenvolvimento do trabalho mercadológico. Se olharmos por este ponto de vista, até podemos dizer que o socialismo e até mesmo o comunismo teriam muito mais compatibilidade com o islamismo, pois estaria se contrapondo à idéia de injustiça, exploração, que naturalmente fazem parte da imagem do capitalismo.

Voltando um pouco na história, Napoleão, quando entrou no Egito, assumiu a postura de um muçulmano e manipulou as instituições islâmicas como parte dos propósitos imperialistas no Egito. “Respeitar a Deus, ao seu Profeta e o Corão”, declarou ao desembarcar em 1798, e depois começou a agir como um governante muçulmano, honrando publicamente o Profeta, começando suas cartas aos potentados muçulmanos da época, com a expressão “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso”. Desta forma ele arrebanhava os dirigentes religiosos para suas causas.

Após Napoleão, a colonização no Egito foi inglesa. Teoricamente poder-se-ia pensar que o colonizador introduziria seus conceitos na vida do colonizado, mas isto não aconteceu. Se o islamismo já era fortemente praticado como região e postura ética, o aparecimento de um estrangeiro opressor, só acirrou ainda mais a coesão religiosa e submissão a Deus. Acirraram-se ainda mais as práticas e ascéticas islâmicas para que na religião pudessem sentir-se seguros e amparados. Na religião não houve qualquer interação verdadeira, apenas uma convivência pacífica, em geral.

No que diz respeito ao comércio, havia uma forte interação entre ambos, colonizador e colonizado. O povo egípcio sempre foi um povo que viveu principalmente do comércio. Até na abertura das portas para a globalização, ou seja, a Infitah que ocorreu por volta dos anos de 1973/74, parecia que a cultura islâmica estava segura e forte. Mas com a forte interação com o ocidente no século XX, passa a ser inegável a transformação na vida da população.

A deterioração no valor real do trabalho parece ter ocorrido em meados dos anos 40, ao fim da II Guerra Mundial. Um aumento começa a ocorrer em meados

de 1950 com a crise do canal de Suez e aí veio outra deterioração em meados dos anos 60. Com os anos 70 reiniciou um aumento deste valor com a imigração para países do Golfo, mas caíram novamente com a queda dos preços do petróleo. Todos estes altos e baixos no nível de empregabilidade e salários reais foram associados com importantes mudanças em aspectos da vida social.

Nos anos 50 os empregados domésticos eram na sua maioria mulheres, algumas com menos de dez anos. Eram totalmente ignorantes e não tinham a menor idéia do que seria “a vida na cidade”. Vinham do campo e em raras ocasiões haviam visto um carro passar por suas vilas. O uso de calças era tão estranho quanto à presença da televisão ou do rádio. O pagamento destes serviços era freqüentemente feito através de comidas, bebidas, roupas e abrigo e não através de dinheiro. Tudo que fosse dado além dos itens básicos de subsistência era considerado um ato de generosidade. A razão entre os salários de um servo e patrão chegava a 1 para 500 nesta época, segundo Ibrahim (2002: 184).

Nesta época boa parte da classe média obtinha sua renda do governo, através de trabalhos relacionados com educação ou qualquer função conectada ao governo: agricultura, irrigação, saúde pública, polícia, forças armadas, ministérios, departamentos de justiça, taxações e estabelecimentos religiosos. Eram posições com forte status e traziam segurança.

Dez anos depois aproximadamente, a mão-de-obra doméstica era formada de mulheres casadas cujos maridos trabalhavam em fábricas, restaurantes e, por esta razão, trabalhavam poucas horas do dia e retornavam para seus lares, maridos, filhos. A vila passa a não ser uma boa fonte de mão-de-obra doméstica e a cidade agora era capaz de gerar seus próprios domésticos.

Estas mudanças vieram basicamente de dois fatores:

a) Maior habilidade das famílias rurais em dar ensinamentos às crianças;

b) Crescimento da classe trabalhadora nas cidades, sendo este, decorrente da industrialização e crescimento de vários serviços.

A razão entre o salário de um servo domestico e a de seu patrão, agora, passa a girar em aproximadamente 1 para 20. (IBRAHIM, 2002: 185).

Assim que “as portas foram abertas”³⁸ ao mundo com a infitah nos anos 70, o setor privado começou a ter outra imagem, pois a iniciativa privada passou a ser estimulada. O domínio do Estado experimentava seu declínio sob a forma de corrupções, quedas, favoritismos e quebra de regras. O aumento da inflação possibilitou maiores ganhos de riqueza a partir de compra e venda de mercadorias.

Os empregados do governo, agora sofriam com a queda de status. As “boas famílias” aceitavam de bom grado oferecer a mão de suas filhas a homens com o tão esperado “trabalho seguro”, com boas pensões, mesmo que o futuro trouxesse riscos pela própria incerteza.

Em meados dos anos 80 outra grande transformação: havia uma escassez de mão-de-obra devido à migração dos trabalhadores egípcios para os ricos países do petróleo e os que se encontravam na cidade, exigiam melhores salários. Em 1979 a razão entre o salário de uma empregada domestica e seu patrão era de 1 para 15. (IBRAHIN, 2002:185). Agora, um trabalhador como este poderia adquirir um bem durável fabricado no Egito e seu patrão teria de poupar dinheiro para pagar um serviço como o de um marceneiro ou encanador.

O aumento dos negócios privados continuou nos anos 80, 90, até hoje.

A ética muçulmana e os preceitos do Corão cobram uma postura, que é muitas vezes, conflitante ao que entendemos como postura capitalista, mas o país tem características capitalistas muito claras desde sua abertura para o mundo globalizado. Estabelecem relações capitalistas entre empresa e funcionários, entre governo e empresas e estas tem se intensificado ano-a-ano.

³⁸ Muitos livros usam a expressão “open doors” para designar este momento vivido no Egito, a Infitah em meados dos anos 70, especificamente 1973 para 1974. (N. A.).

(...) a religião professada pelos trabalhadores de uma indústria depende em 1º lugar da confissão dominante da localidade em que se encontra ou da religião onde é recrutada a mão de obra. (...) o capitalismo avançado dos dias de hoje tornou-se independente daquelas influências que a religião professada podia exercer no passado, particularmente junto à vasta camada inferior da mão-de-obra. (PIERUCCI, 2004:169).

O Egito foi capaz de re-configurar uma nova relação entre a ética islâmica e o capitalismo, onde a grande fábrica possui sua própria mesquita para a oração de seus funcionários. Da mesma forma que se faz escalas de horas de trabalho em uma empresa, fazem-se escalas de oração nas equipes. Mesmo que não se tenha qualquer local especial para se rezar, o funcionário não terá qualquer constrangimento em fazê-la na área de vendas de uma loja ou em um ponto de ônibus antes de ir para casa. Em nenhum momento a produtividade ou os lucros serão afetados.

Segundo a jurisprudência islâmica ou *Fiqh*, a competência financeira do pretendente (homem) há de ser considerado nos casos em que a mulher estará sob seu encargo natural de manutenção material. Via de regra, é uma obrigação do homem de prover os recursos materiais para a mulher e filhos. Evidentemente, no mundo atual em que os costumes tradicionais têm sido substituídos não só por fatores errôneos, mas também por novas circunstâncias e exigências próprias da vida moderna, nem sempre esta regra se torna aplicável. Deve ser considerada que uma mínima condição material seja garantida para a família que se forma. Num casamento em caráter permanente³⁹ a competência financeira do homem se impõe como pré-requisito, mas o casamento não é um investimento nem para o homem e nem para a mulher. (FADLULLA, 2009)

As mulheres trabalhadoras dividem-se entre aquelas que precisam trabalhar para auxiliar o marido a pagar as despesas da grande família constituída e aquelas que optam por trabalhar para o aprimoramento e desenvolvimento pessoal e, claro, isto inclui satisfazer seus desejos pelas ofertas do mercado. Poucas mulheres no Egito são colocadas reclusas e resguardadas do exterior de suas casas como em tempos remotos. No entanto, trabalhadoras ou não, elas ainda são a maioria dos analfabetos do país.

Interessante lembrar que em toda história do Egito, religião e trabalho sempre estiveram juntos. Sendo a população imersa em comerciar seus cultivos

³⁹ Há dois tipos de casamento ou regime de matrimônio no Islã: o de caráter permanente e o temporário, com prazo pré-fixado de vigência.

por varias regiões, desde muitos séculos atrás. O próprio Profeta Mohammad era comerciante e legiões de mercadores faziam meses de viagens de terras em terras oferecendo seus produtos.

1.3. Islã, Capitalismo e Democracia

Em muitos momentos a democracia é colocada como sinônimo de liberdade e tolerância para com as minorias necessitadas e ameaçadas e talvez até seja esta sua real proposta, mas hoje é olhada com muito ceticismo pela população. Quando questionadas sobre a democracia egípcia, algumas pessoas de bom nível cultural, respondiam-me devolvendo a pergunta: “Democracia no Egito? Que democracia?”

Entre 1922 e 1947, houve 17 eleições no país, todas vencidas pelo Partido Populista. Mas em apenas cinco delas os vitoriosos conseguiram governar, já que a Inglaterra intervinha no Egito e derrubava as autoridades sempre que o resultado das urnas não era o desejado. (ARMSATRONG, 2001: 212).

No caso do Egito, a democracia parece mais ameaçar que proteger. Hosni Mubarak está no poder desde a morte de Sadat em 1981, e após sucessivas reeleições mantém forte sua posição.

A princípio, um governo liberal democrático é preferido, em geral, ao não democrático e o capitalismo tem relações estreitas com a democracia, um abrindo caminho para o outro e se fortalecendo mutuamente com o apoio legítimo do voto da maioria.

O voto que deveria expressar a vontade da maioria, muitas vezes acaba por ser uma ferramenta de manutenção de uma situação comodamente considerada “razoável” por existir um medo da mudança. Sim, se o povo quisesse tirar o governante tiraria, mas então, quem colocar no lugar? Como em muitos países, o Egito hoje é carente de líderes e ídolos.

A população parece não ter muita opção para trocar o governante. Se estivéssemos falando de um governo teocrático, como é no caso do Irã, talvez não

houvesse tanta preocupação, pois “o poder vem de Deus e o soberano é apenas um instrumento”.

O que vejo é um povo claramente dividido entre os felizes com o capitalismo democrático globalizado por todo o lucro e riquezas que acumulam e os outros, frustrados com o sentimento de opressão e impotência diante de tudo isto. A cada tentativa de insurgência pública o governo habilmente mostra sua força. Ninguém em sã consciência quer estar em uma prisão egípcia. A cada esquina do Cairo vemos em média três militares com armas ostensivas em riste, havendo um numero maior nas regiões dos hotéis luxuosos e pontos turísticos. Apresentam um numero mais modesto no centro e nos bairros mais desconectados às áreas turísticas. Chama-nos a atenção a permanente presença policial no bairro distante de Maadi. Neste bairro estritamente residencial e globalizado no que diz respeito a seus moradores, serviços, restaurantes, mora a maioria dos políticos, funcionários de multinacionais, militares de alta patente e professores doutores das grandes universidades internacionais.

Estes policiais são homens com pouca instrução que permanecem quase o dia todo sob um sol de mais de 45 graus, mas estão felizes por terem conseguido um emprego em dias tão difíceis e com tão pouca escolaridade. Dizem-se muito felizes por poderem garantir o sustento de suas famílias, apesar de tudo.

No Egito também é clara a distração da opinião publica com o esporte. Quase todas as lojas possuem ao menos uma pequena televisão e é fácil ficar falando sozinha ou não ser vista entrando em uma loja quando se tem uma partida de futebol. O excesso da busca da vitória no futebol representa uma falta imensa de vitórias na vida.

Uma espécie de “maquina de docilização” funciona tanto por parte do governo como por parte das empresas. O mercado de trabalho possui suas formas de docilizar a partir da própria dificuldade em encontrar um trabalho decente e regulamentado. Há um medo constante de perder o único sustento.

Principalmente os cidadãos de mais de 50 anos, não vêem qualquer perspectiva caso percam o atual emprego.

Vejo um misto de medo e acomodação provocados por hábeis mãos controladoras e disciplinadoras. A subordinação incondicional aprisiona-os num terreno, seja ele país ou empresa, e determina quem são e para que servem.

Se no passado tínhamos certeza de que as escolas e universidades islâmicas eram os berços das insurgências, hoje estes grupos estão muito bem camuflados e espalhados por toda a comunidade, atuando nos bastidores. Ainda não vejo ou consigo detectar algum foco claro, mas o Egito, principalmente o Cairo, ainda guarda possibilidades de desarmonia, uma potencial fábrica de radicais como sempre foi. A potencialidade está no fato de que os moradores de favelas no Cairo representam 1/3 da população⁴⁰, na estreita relação que este país estabelece com os Estados Unidos, esta potencialidade também está no número muito significativo de turista vindo de todos os continentes, muitas empresas instaladas em seu solo e conseqüentemente a presença de muitos estrangeiros convivendo no dia-a-dia egípcio, além da sua proximidade com a faixa de Gaza, Palestina, Israel e tendo seu governante bem atuante em todos os conflitos.

Infelizmente, não houve tempo para chegar mais perto de políticos, pesquisá-los efetivamente para saber a real expectativa governamental. Apesar de total apoio e contato com a Embaixada Brasileira no Cairo e seus representantes, não consegui facilidades na comunicação com a população mais pobre por não falar devidamente o idioma. Mesmo as informações que conseguia nas conversas dentro da Embaixada não eram aprofundadas na proporção de meu desejo devido ao próprio zelo e ética de seus membros. As pistas que tenho seriam também uma intensificação do retorno às origens e aos mandamentos islâmicos contrapondo-se frontalmente com a influência ocidental tomando seu espaço. Desde que tive meu primeiro contato com o país, e já faz quase seis anos, o uso de trajes típicos

⁴⁰ Fonte:< <http://thereport.amnesty.org>> acesso em 26/09/2009

femininos e masculinos, bem como a cobertura das cabeças femininas com véu intensificou-se nitidamente.

O poder está em toda parte? Sim, mesmo para um estrangeiro esta sensação é muito forte: poder militar, poder da cultura, poder de um idioma desconhecido, poder de uma série de regras nem sempre totalmente conhecidas, poder da ética muçulmana a cada imagem ou som proferido dos inúmeros minaretes cinco vezes ao dia chamando-nos para orar.

Na história do Egito, a disciplina e o controle sempre estiveram imbricados. O resultado é o estabelecimento da ordem de qualquer forma. A religião impõe disciplina que suscitam do grupo, isto é, o controle entre pessoas e sobre as pessoas. Além de toda disciplina tecnológica das câmeras, das escutas eletrônicas, há também a disciplina pelo medo de sair da ética vigente. Alguns egípcios incomodados com a vigilância da sociedade, dizem que gostariam de pelo menos uma vez na vida saber o que é viver sem ter pessoas contando quantas vezes se reza.

Se um estrangeiro é capaz de sentir tanto controle e disciplina, imaginem a população. A religião muçulmana tem uma característica muito interessante: os próprios fiéis controlam os outros fiéis. Estes estão atentos ao que o outro come ou jejua, pode ou não pode beber. Estão atentos à quantidade de orações feitas ou se comparecem fisicamente na mesquita para orar na sexta-feira. A repressão não vem só de fora, mas da própria sociedade num movimento de auto-repressão que muito se compara a uma autoproteção. Há uma união aparentemente harmoniosa entre poder político e poder religioso no que diz respeito a garantir a ordem. A teocracia islâmica, que não é o caso do Egito, é uma forma de governo que dificilmente corre riscos, pois é o governo que governa com Deus ao seu lado.

A democracia, como está definida nos conceitos teóricos, não estabeleceria uma relação muito confortável com o Islã, mas há uma conformidade, um ajuste, pois a jurisprudência islâmica ou a *Sharia* está acima de qualquer determinação democrática. Este é um posicionamento claro. Como no Direito Islâmico temos a

possibilidade da população interagir com o Estado a democracia ocidental acaba em ajustes sabiamente aceitos.

O jurista ou *qadi* Ayatollah Mohammad Hussein Fadlullah⁴¹ coloca-se da seguinte forma quando o questiono sobre a relação entre democracia e Islã:

O princípio da democracia está no Islã desde que isso não ultrapasse a Lei Islâmica. No Islã temos a possibilidade da consulta⁴², mas as Leis Islâmicas não podem ser modificadas pela democracia, ela não existe neste sentido.

O partido político fundamentalista mais forte, formado pelos membros da Fraternidade Muçulmana ou Irmandade Muçulmana, hoje muitíssimos calmos se compararmos com o passado, tem um papel importante nas decisões e leis estabelecidas pelo presidente. Há um acordo tácito onde as leis da *Sharia* possuem um lugar importante, mas não dominante. Ela rege tudo que se relaciona ao indivíduo e sua família, deixando de lado os acordos comerciais e financeiros, por exemplo. Estes membros religiosos são usualmente ouvidos pelo governo quando da ocasião de alguma tomada importante de decisão, lei ou determinação. Da mesma forma auxiliam o governo a detectar os focos de insurgência fundamentalista radical.

A mais forte manifestação de insurgência, o terrorismo, nasce da atuação dos fundamentalistas radicais em entidades não governamentais, pequenas mesquitas, mas rapidamente são silenciados pelo poder, e escorrem pelas fronteiras porosas do país.

O “governo do povo” na prática, pouco tem efetivamente de povo na área operacional das ações governamentais. Enquanto o povo estiver disposto aceitar o que se apresenta, o regime continuará.

Segundo Hobsbawn (2007:103), a fase atual do desenvolvimento capitalista globalizado está afetando a democracia liberal.

⁴¹ Este jurista atendeu-me na Mesquita Mohammad Mensagem de Deus em 25 de agosto de 2009

⁴² Ele chama de consulta o fato duvidoso ser levado para um especialista em jurisprudência islâmica, que é o caso deste juiz.

No Egito, a participação dos cidadãos nas eleições está restrita a um grupo que entende e usufrui deste direito e uma maioria pouco instruída e informada. Este país possui aproximadamente 40% de analfabetos e muitas comunidades agrícolas e outras espalhadas pelo deserto, isentos de qualquer interesse político. A aparente apatia política que nasce de todo o anteriormente exposto traz uma segurança para os que estão inseridos na política, segurança esta, que é abalada vez ou outra pela imprensa. Há uma frágil lealdade por parte daqueles ligados ao poder e o *laissez faire* governamental abre espaço para os serviços privados ou privatizados.

Penso que o que há de mais tirânico no Egito são as grandes empresas, nacionais ou multinacionais que nada tem a prestar contas com a sociedade ou a população. Muito pelo contrário, esta população lhes deve o seu sustento. Você estará salvo se for dócil, pois há um controle do próprio mercado de trabalho e todos dentro de uma empresa estão sob controle. Isto o fará viver e sobreviver. A população não tendo para “onde correr”, apóia-se no que lhe sobra: a religião e o Estado.

O governante então cobre a democracia com alguns nuances religiosos e possibilita novos acordos e certezas de permanência.

A livre circulação de capital e mercadorias, o enriquecimento de muitos comerciantes envolvidos com lucros altíssimos em seus negócios, deixa uma sensação falsa de liberdade e uma visão clara da aproximação do governo com as classes dominantes e empresariais. Uma vez que o Estado está intimamente atrelado às grandes empresas, a religião acaba sendo o único sustentáculo do povo.

Não quero dizer que o Estado não deve satisfações à população, nem que não ocorram reivindicações públicas por condições melhores de vida. Eu mesma já vi alguns levantes referentes ao aumento de preço da farinha, por exemplo, onde as mulheres foram para as ruas pedindo “pão”. Algo chocante até mesmo para quem vem de um país com tanta pobreza como o Brasil. Rapidamente

apareceram os guardas gritando e com armas imensas apontadas dispersaram as mulheres mandando-as para casa cuidar de seus filhos.

Parece que o problema com os pães egípcios não acabou. Como relata Lejeune Mirhan⁴³ em seu artigo para o Instituto de Cultura Árabe, o racionamento do pão vem provocando profundo mal estar na população. Para se ter uma idéia disso, o governo limitou a cada família a compra de 20 pães por dia a um preço em torno de dois centavos de real cada pãozinho. Até as forças armadas foram mobilizadas para conter a fúria popular, sempre instigada pela oposição, lideradas pela Irmandade Muçulmana. A demissão do primeiro Ministro Ahmed Nazif foi pedida por nada menos que 226 deputados, muçulmanos e independentes (de um parlamento que tem no total 454 cadeiras e no qual o governo é amplamente majoritário). Concordo com autor ao dizer que “o problema não é pão...”

Neste momento o papel do marketing político é vital para este governante. É vital pesquisar o mercado formado pelos eleitores e saber o que as pessoas desejam. Oferecendo as coisas ou ideologias certas para as pessoas certas sua posição esta garantida. O cidadão então, se sente parte da política não somente ao votar, mas principalmente quando se sente fazendo parte do mercado. O sentir-se incluído no mercado, seja local ou internacional, ou qualquer que seja seu entendimento de mercado, confunde-se com o sentir-se incluído na política.

Há hoje para a máquina governamental uma infinidade de ferramentas mercadológicas para conhecer a demanda de cada segmento da população, bem como ferramentas tecnológicas, serviços de inteligência e segurança, para detectar e ouvir coisas que estejam em acordo ou desacordo com o governo. Independente da imprensa ou opinião publica o governante tem ao seu lado o fato de ser responsável pela manutenção da ordem e costumes, e está logrando êxito nisto. Se lembrarmos da situação de seus vizinhos como Gaza, Israel, Paquistão, Afeganistão, o povo egípcio de antemão pode sentir-se aliviado e agradecido a Mubarak.

⁴³ Fonte:<[http: www.icarabe.org](http://www.icarabe.org) em 30/04/2008

O medo da globalização ou tudo que a possa representar traz consigo insegurança nos menos afortunados e abre facilmente uma brecha para que uma postura de características protecionistas apareça. Este aspecto é muitíssimo aproveitado pelos islamitas fundamentalistas no Egito, e o mesmo ocorre aqui no Brasil, pelos traficantes e milícias. Os homens bomba e o terrorismo não seriam apenas causa para o medo, mas talvez concomitantemente, sua conseqüência.

Perigo eminente estaria nas transformações políticas mundiais, com as quais os governantes não estão sabendo ou não estão querendo lidar.

Para tentar resolver ou tampar algumas brechas deixadas, Mubarak acaba de “importar” do Brasil o Projeto Bolsa Família, o programa de transferência de renda do governo brasileiro. Segundo Randa Achmawi⁴⁴, o Projeto foi apresentado em fevereiro de 2008 em um seminário no Cairo por Roberto Rodrigues, diretor de gestão de Informação e Recursos Tecnológicos do Ministério do Desenvolvimento Social do Brasil em de junho do mesmo ano, no Fórum de Proteção Social organizado pelo Banco Mundial no Cairo com a participação de aproximadamente 200 delegados. Quem fez a apresentação foi Bruno Câmara Pinto, representante do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Outros países africanos já começaram a desenvolver uma adaptação do projeto: Moçambique e Iêmen. Um programa piloto deve ser implementado no bairro de Ain El Sira, um dos mais pobres da cidade do Cairo iniciando com 600 famílias como teste. A diferença que este terá com relação ao projeto brasileiro é que além da comprovação da escolarização das crianças é necessário que haja a comprovação de busca de trabalho após a conclusão da escola secundária. Neste projeto estão trabalhando juntos: o Centro de Pesquisa Social da Universidade Americana do Cairo e o Ministério da Solidariedade Social do Egito.

No caso do Egito o maior interesse foi na confecção de um cadastro único, metodologia de identificação dos beneficiários que efetivamente estão enviando suas crianças na escola, monitoração e avaliação do programa. Não há intenção

⁴⁴ Repórter da Agência de Notícias Brasil-Arabe (ANBA)

de implementar algo tão abrangente como o projeto em sua completude, mas em dimensões menores a experiência brasileira ajudará o país a uma adaptação favorável. As maiores dificuldades para esta adaptação do projeto estão no fato dele ter de envolver três níveis de governo, isto é, federal, estadual e municipal e a necessidade de se ter sistema bancário presente em todos os municípios ou sua substituição por agências de correios. A inserção da mulher no sistema bancário para recebimento do benefício é difícil, mas necessário por elas viverem em locais de pouca segurança e o fato de que um cartão a ajudaria a deixar o valor total no banco e ir sacando aos poucos. Na África poucos países teriam estes aspectos factíveis facilmente.

Enquanto este e outros projetos estão em andamento, os fundamentalistas continuam a assombrar os líderes políticos. São assombrações com as quais tem de lidar inteligentemente.

1.4 O Signo do Fundamentalismo

Os egípcios eram conhecidos como os pensadores e cérebros entre os afegãos árabes. Segundo Essam Deraz, cineasta egípcio que passou anos com Bin Laden e os radicais de seu país: Bin Laden tinha seguidores, mas estes não eram organizados. Os que estavam com Zawahiri [egípcio e braço direito de Bin Laden até hoje] tinham qualificações extraordinárias – médicos, engenheiros, soldados. Tinham experiência no serviço secreto. Sabiam como se organizar e criar células. E se tornaram os líderes. (BURKE, 2007:93-4).

A importância deste tema na continuidade de minhas idéias se dá pelo fato de que justamente o Egito foi o berço dos ideais fundamentalistas no Oriente Médio, é onde os primeiros grupos islâmicos formais apareceram e o primeiro “mártir do Islã” sucumbiu. No mínimo foram idéias precursoras das ideologias proclamadas por diversas facções terroristas, fundamentalistas e radicais espalhados por todo o mundo nos dias de hoje. Como exemplificação, o xaque Ahmed Yassin fundador do grupo terrorista Hamas era membro da Irmandade Muçulmana egípcia. O sheikh cego que organizou o primeiro ataque ao WTC era egípcio. Alguns dos terroristas de 11 de setembro eram também egípcios. O braço direito de Bin Laden, o médico Zawahiri é egípcio e líder do grupo *Jihad Islâmica*

egípcia. O coordenador militar de Bin Laden era egípcio e, da mesma forma, vários ex-policiais egípcios uniram-se a radicais e terroristas após fugirem do país.

1.4.1 Religião e Política no Islã

Uma das diferenças mais significativas entre o Islã e outras religiões trata-se das relações entre governo, religião e sociedade.

As orientações culturais mais importantes que se cristalizaram no mundo islâmico foram a distinção entre o reino cósmico transcendental e a ordem terrena, e a possibilidade de superação da tensão inerente a esta distinção através da submissão total a Deus. Além disso, as atividades político-militar; o forte elemento universalista contido na definição da comunidade islâmica; o acesso autônomo e regulado de todos os membros da comunidade aos atributos de ordem religiosa, à salvação mediante a submissão a Deus; o ideal da ummah, a comunidade político-religiosa de todos os crentes em distinção da coletividade atributiva, primordial; e a imagem do governante como mantenedor do ideal do Islã, da pureza da ummah, e da vida da comunidade, também caracterizam o mundo islâmico. (EISENSTADT, 178).

Houve o desenvolvimento de uma esfera religiosa relativamente autônoma, baseada, em princípio, na igualdade total de todos os crentes. Além disso, o Islã arrebanhou sob o mesmo “teto” político-religioso, diversos grupos tribais, urbanos, rurais, regionais, que quase nada tinham em comum. Essa junção trouxe uma série de desafios que se perpetuam até hoje.

O código de ética islâmico foi mantido na prática pela lei e pela oração desempenhadas pelos ulemás e protegidos pelos governantes interessados em reunificar a ummah. Diante disso vejo uma constante oscilação entre a emergência de movimentos político-religiosos que aspiravam (e ainda aspiram) à transformação completa do regime por meios legítimos com assassinatos e rebelião, e a forte atitude política que ajudaram (e ainda ajudam) a manter o caráter despótico dos regimes hoje existentes.

Retomando um pouco da história cristã bíblica, o fundador do cristianismo mandou “dar a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”⁴⁵ e durante séculos o cristianismo cresceu como uma religião de oprimidos, até que, com a

⁴⁵ Fonte: Mateus 22:21

conversão do Imperador Constantino, o próprio César tornou-se cristão e inaugurou uma série de mudanças através das quais a nova fé ganhou o Império Romano e transformou sua civilização.

No caso do Islã, seu fundador foi seu próprio Constantino, e fundou seu próprio Estado e Império. Ele não criou uma igreja e nem havia necessidade de uma.

A dicotomia entre *regnum* e *sacerdotum*, tão crucial na história da cristandade ocidental não tinha qualquer equivalência no Islã. Durante a vida de Maomé, os muçulmanos tornaram-se ao mesmo tempo, uma comunidade política e religiosa, tendo o Profeta como chefe de Estado. (LEWIS, 2003:27)

O Profeta governava, tomava conta da instituição da justiça, recolhia impostos, comandava exércitos, podendo tanto declarar guerra com decretar paz.

A primeira fase muçulmana quando do início da formação do Islã e de onde saíram os *haadith* que contam suas aventuras não mantinham muitos problemas com relação às hostilidades de um Estado. Afinal o Estado era do Islã. No Islã não havia a necessidade de escolher entre um Deus ou um César. Não há César, apenas Deus, que é o único soberano e a única forma de lei. Maomé foi Seu profeta que durante sua vida ensinou e governou em nome de Deus. Quando morreu em 632 d.C., podia-se dizer que sua missão espiritual e profética de levar a palavra de Deus para “toda a humanidade” estava de certo modo cumprida, se considerarmos os locais em que esteve. A próxima tarefa seria agora a de continuar espalhando a revelação de Deus até que o mundo todo a aceitasse.

A palavra árabe *khalifa* foi o título adotado por Abu Bakr, sogro do Profeta e seu sucessor, cuja ascensão como chefe da comunidade islâmica marcou o início da história do califado. A verdade religiosa e o poder político eram indissolúveis em sua associação: um santificava o outro e o outro lhe dava sustentação.

O Islã entende muito bem que existem coisas “deste mundo” e coisas do “mundo não mundano”, mas não reconhece uma instituição separada, com hierarquia formal e leis próprias para regulamentação da religião.

Há quem entenda, por falta de informação, que o islã seria uma teocracia por definição, mas basta entender que, apesar de ver um Deus como supremo e absoluto, isto não designa um governo feito por um sacerdote. O caso que conhecemos contemporaneamente de uma hierarquia sacerdotal que se transformou em autoridade máxima do Estado, o Ayatollah Khomeini no Irã, é um caso especial, por ele imposto pós-revolução. Eles destruíram o regime e criaram um novo.

Que sejam monarquias absolutas semi-feudais (Arábia Saudita, Emirados, Qatar, Kwait, Marrocos, Jordânia), ou sistemas de poder autocrático ainda que pretensamente democráticos (Egito, Argélia, Tunísia, Paquistão, Malásia, Indonésia), os regimes do mundo muçulmano convivem há décadas com o pavor que a população mais pobre ou as elites intelectuais acabem se deixando envolver pelo apelo cada vez mais forte do radicalismo islâmico, e que todos os seus regimes acabem da mesma forma que aquele do Xáh do Irã com a revolução Khomeinista.

O Ayatollah Khomeini em uma entrevista com a repórter Geraldine Brooks disse: “o Islã é política ou não é nada”! (2002:272).

Claro que nem todos os muçulmanos chegariam a tanto, mas a maior parte concordaria que a política é uma preocupação de Deus, sendo esta afirmação sustentada pela própria Sharia. Assim como no Direito Constitucional do ocidente, na Sharia podemos ler itens referentes à formação de exércitos, a legitimidade do poder e da autoridade, obrigações dos governantes e seus súditos.

Até mesmo as expressões como laico, temporal, secular, são estranhas ao pensamento e a prática do Islã. Ele não é apenas uma questão de fé e práticas religiosas, é uma identidade e uma lealdade que transcende qualquer outra proposta.

É importante deixar claro, que desde o seu fundador, o Islã possuía uma relação estreita com o poder político e militar, mas de forma alguma isto significou

ou significa que há uma intenção agressiva em seus textos ou que ele estimula a agressividade. É só lembrar novamente, em que época da história estava quando o Profeta fez seu encontro com as palavras de Deus e sua disseminação.

Por mais de mil anos, o Islã forneceu o único conjunto de regras universalmente aceito como regras e princípios para a regulação da vida pública e social. Mesmo durante o período de domínio europeu, as noções e atitudes políticas islâmicas continuaram a exercer profunda e disseminada influência. Estas influências fazem parte de nossas vidas até hoje.

A fé islâmica, assim como outras religiões, gera uma manifestação de pertencimento a uma tradição, um grupo, que em situações extremas chega a transformar-se numa questão de sobrevivência, paz interior. Este sentimento de pertença se torna mais forte na medida em que o fiel sente-se distante do Ihe traz segurança.

Assim como faria a mãe, a ummah, a comunidade dos fiéis muçulmanos, condena seus rebentos terroristas, mas por reflexo, os protege tão logo estão em perigo. (Sibony apud Cattani, 2009:01)

A idéia de uma comunidade mundial islâmica, ou a chamada ummah, fortifica ainda mais estes sentimentos, independente de onde estiver o fiel. Posso dizer que é uma religião transnacional na sua essência.

Com relação a este sentimento de pertença temos duas situações distintas: o fiel que está em uma região de maioria islâmica, que pode ou não ser sua região natal e quando o fiel está em um local onde o islã não é a religião vigente.

No primeiro caso o fiel sentirá o amparo de sua comunidade e poderá seguir suas obrigações religiosas sem qualquer problema. No segundo caso, por sua vez, sentimentos difusos aparecem. Praticar suas obrigações em público pode ser um problema na medida em que o poder político esteja aberto, ou não, a aceitar que faça isto. Caso ele deseje continuar usando alguma vestimenta diferenciada, socialmente ele poderá ser alvo de comentários e até chacotas. O poder político na medida de seu totalitarismo tentará de toda forma persuadi-lo a

“entrar na nova ética” e abandonar, ou flexibilizar, a sua. Muitos Estados laicos tendem a fazer isto, como a França, por exemplo, com relação aos hijabs ou véus femininos.

A sensação de discriminação, preconceito passam a fazer parte de seu dia-a-dia e quanto mais ele é oprimido ou, assim o sente, mais ele se atrela aquilo que o torna tranqüilo e amparado: a religião. Exemplificando, muitos jovens islâmicos viajam para estudar em países ocidentais e naturalmente acabam, mais cedo ou mais tarde, se unindo a outros de mesma fé com laços mais fortes do que estivesse em sua terra natal. Em outros casos, temos jovens que facilmente se adaptam às novas éticas e até passam a gostar desta liberdade social. Alguns jovens começam beber, fumar e até namorar com parceiros de outras religiões. São casos mais raros, mas existem. Dependerá do grau de pressão que sentia na nação natal e seu grau de envolvimento real com o Islã. A sensação de não mais ter de prestar contas ao grupo, à sociedade, à família, aos pais, pode trazer uma sensação de liberdade e prazer jamais experimentados. Normalmente partem para o extremo de libertinagem. Os pais que tem condições de enviar seus filhos para o exterior preferem os países de maioria islâmica como a Arábia Saudita. Isto ocorre principalmente no caso das meninas. Caso algo de muito ruim e desestruturante aconteça, é muito provável que ele seja cobrado pelos outros fiéis (ou ele mesmo se fará a cobrança) de sua postura “infel”. Colocará então a culpa dos seus infortúnios em seus deslizos e momentos de distância de sua ética primária.

Esta seqüência de fatos ilustra o que acontece com os imigrantes islâmicos espalhados pelo mundo ocidental. Acontece que as comunidades islâmicas estão crescendo em progressão geométrica e o poder político vê-se muitas vezes ameaçado. Pequenos grupos unidos por afinidades éticas acabam formando novos bairros, novas regiões e vão se expandindo de forma tentacular. É o que vemos na América do Norte e Europa hoje. Tentar conter este crescimento é muito difícil, então, tentam coibir suas manifestações religiosas e éticas. Isto também é difícil para qualquer político, isto é, “seguir” e controlar tanta gente. Principalmente

porque no islã não há uma centralização religiosa como no catolicismo e tem-se idioma e escrita desconhecidos.

Em função das obrigações que impõe aos fiéis, o islã parece muito controlador e difícil de ser inserido em I que lhe é hostil. Das cinco obrigações do muçulmano⁴⁶, duas, a recitação da profissão de fé e a caridade dependem totalmente da vida privada. As três outras, as cinco preces diárias, o jejum e a peregrinação afetam necessariamente as práticas do mundo exterior. Pode-se rezar cinco vezes por dia do fundo secreto do coração. Mas o islamismo impõe aos seus fiéis um ritual de purificação e de atitudes que leva os muçulmanos a interromperem, a cada prece, o curso de seus afazeres. Além disso, a prece do meio dia de sexta-feira deve, em princípio, ter lugar na mesquita. (D'ENCAUSSE, 1976:13).

No Egito as práticas de outras religiões são permitidas sem problemas. Católicos e judeus estão em minoria e não causam problemas sociais ou políticos e ainda têm suas igrejas e sinagogas como pontos turísticos. Nos “bastidores” o que ouço é que com relação aos cristãos não há problemas, embora não gostem do hábito de muitos coptas de tatuarem uma cruz no pulso esquerdo.

Apesar de não ser considerado um pecado, a tatuagem vai contra os princípios morais humanos. O corpo foi criado por Deus com tanta beleza e não deve ser alterada. A tatuagem é um maltrato a pele e ainda se corre o risco de se contrair doenças. O mais adequado é que a pessoa se importe mais com sua beleza interna e não há necessidade de marcarmos no corpo nossa fé, apenas em nossa purificada alma. Se o que querem é embelezamento, temos a henna que cumpre muito bem esta função. (SHEIKH AL-KHAZRAJ)

Os ressentimentos com relação ao povo judeu e o “caso Palestina” ainda estão enraizados em todos os muçulmanos, no Egito este ressentimento fica meio velado e aparece apenas em bate-papos de “bastidores”, mas vem carregado de muita raiva.

1.4.2 Estado-nação, identidade e o fundamentalismo

Oriente é uma invenção ocidental para designar o Outro, espelho no qual se reflete para afirmar sua identidade eurocentrista e discriminatória. (SAID, 2003: 73).

Hoje o ocidente está dentro do oriente e vice-versa e não mais estão em lados opostos como em um globo e nos mapas. Isto passa a ser uma grande

⁴⁶ Conhecidos como os cinco Pilares do Islã.

dificuldade, pois parece que ninguém está sabendo lidar com isto, pois insistem em manter as certezas e categorias de antes. Quando percebem que não estão dando conta desesperam-se. Deve-se tratar o diferente de forma diferente.

Tanto o Oriente como o Ocidente usam-se mutuamente como espelhos. Afinal, todo ser humano precisa de um meio, uma forma de espelho para encontrar-se, posicionar-se em comparação aos demais. Pena que muitas vezes esta relação torna-se agressiva e opressora e como conseqüência as diferenças tornam-se ameaças aos interesses políticos e econômicos.

O Oriente foi transformado pelo Ocidente numa zona em que os ditames de lei internacional não precisam ser assegurados.

A única forma de entender esta energia é historicamente: o mundo é um lugar pluralizado, e se todos forem insistir em uma pureza radical ou em uma prioridade de sua própria voz, todos nós teríamos de assistir uma horrível gritaria de interminável disputa, e uma desordem política sangrenta, um verdadeiro horror que começa a ser percebido. Este panorama está na emergência do racismo político na Europa, na cacofonia nos Estados Unidos. Falando do Oriente, o prejuízo da intolerância religiosa e promessas ilusionárias do despotismo Bismackiano, Saddam Hussein e suas numerosas contrapartes árabes (SAID, 1993:21).

No Oriente Médio a cultura vem associada freqüentemente de forma agressiva às nações e estados, ela diferencia “nós” de “eles” na grande maioria com altos graus de xenofobia. Desta forma, cultura passa a ser uma forma de identidade que pode retornar, como vemos em resgates de culturas e tradições de alguns países.

Este senso de cultura é um tipo de teatro onde várias políticas e ideologias causam comprometimentos umas com as outras. Cultura pode ser então, um campo de batalha no qual expõe políticas e ideologias “a luz do dia” e as expõe para o mundo. (SAID, 1993:13).

Prefiro ao invés de usar a categoria de cultura, usar a categoria de **ética** no caso do islã. Entendendo que o islã segue uma lei que rege a conduta de todos os fiéis partindo dos livros Sagrados e da *Sharia*, a **Sharia é a própria ética muçulmana** e independente do país em questão, manterá o elo único que sustenta a *ummah*. Apesar das suas diversas divisões, disputas, fragmentações e

pluralidades, os muçulmanos constituem-se num povo e numa nação universal chamada ummah.

Said (1993:13) usa a categoria de cultura em sua obra sob dois aspectos: o primeiro diz respeito às práticas como arte, comunicação, representações que possuem uma relativa autonomia das tarefas econômicas, sociais e políticas e que freqüentemente existe em uma forma estética de prazer. Outra abordagem é como um conceito, que inclui elementos elevados e refinados, reservatórios sociais do que há de melhor conhecido e pensado. Esta expressão de cultura é um paliativo, ou um neutralizador para as ruínas de uma vida urbana agressiva, mercantilista e brutalizada.

A ética muçulmana infelizmente não é entendida ou respeitada por muitas nações ocidentais. É como se de repente povos muçulmanos pudessem ser tratados como incapazes, menos providos de discernimento. O Oriente, no qual o Egito está presente, muitas vezes é tratado como criação ocidental, e, portanto, deveria seguir aquilo que “seu mestre mandar”. Deveria agir conforme foram criados pelo ocidente.

Há uma crucial limitação na visão paternalista arrogante do imperialismo. O imperialista, o ocidente irá decidir quem é bom ou mal nativo porque todos os nativos dependem de seu reconhecimento. É como se este “outro” tivesse sido criado por eles, e tivessem aprendido a falar, pensar a partir dele. Quando há uma rebelião, esta manifestação simplesmente vem como uma confirmação de sua visão de que são “crianças tolas” tapeadas pelos seus mestres ocidentais. (SAID, 1993:19)

Um caminho lógico para as nações muçulmanas seria aproveitar-se de outras percepções dos demais “outros”, percepções que apostem no recurso à lei internacional e regulação global e na habilidade das instituições internacionais ou transnacionais em atingir ordem global e assim somar esforços. Isto é, ao invés de vítimas recorrentes de sistemáticas violações, devem buscar a defesa da legalidade internacional.

Se fizermos uma retrospectiva da história do Egito, lembrando que falo de uma história de mais de cinco mil anos, fica clara a dificuldade em estabelecer

uma identidade pura. Como nação, o Egito é uma das mais antigas do mundo, porém, como Estado-nação, é muito novo.

Um dos maiores desafios deste país, como de muitos outros países islâmicos e mesmo não islâmicos, é a atuação de grupos radicais, que não conseguem absorver a modernidade e todas as transformações que naturalmente vem com ela. É neste momento que passamos a ouvir expressões como fundamentalismo, terrorismo, radicalismo e suas derivações.

Falar do fundamentalismo no Egito exige que antecipadamente se faça uma distinção entre as expressões “fundamentalismo”, “terrorismo” e “radicalismo”.

Se perguntarmos para os egípcios, e eu efetivamente o fiz, se existe terrorismo no Egito, a grande maioria dirá que não. Em contrapartida, se perguntarmos se existem fundamentalismos ou movimentos fundamentalistas, dizem sem dúvida que sim.

Dois fatores importantes fazem com que o Egito não seja um solo fértil para a permanência de radicais e terroristas: o pulso fortíssimo de Mubarak com suas prisões recheadas de horror, torturas e mortes além da topologia pouco favorável às lutas ou esconderijos com suas planícies e desertos.

Seguindo as definições de Peter Dumant (2004:194), o fundamentalismo refere-se a um movimento religioso, o qual surgiu ha um século dentro do protestantismo americano. Hoje, esta expressão é usada em outros movimentos, em outras religiões, não necessariamente com os mesmos termos que o inicial americano.

Uma das diferenças entre o Islã contemporâneo e o protestantismo, por exemplo, perpassa o fato de ser mais um movimento político, pois se caracteriza por uma forte imposição de normas morais muito acima das normas de governantes ou religiosos. É a imposição da moral coletiva no espaço público. Estes fundamentalistas afirmam que as normas relativas à área sexual, por exemplo, não são decisões individuais, mas devem ser impostas publicamente por

uma autoridade mais elevada. Eles invadem as áreas comportamentais e familiares, punindo e eliminando focos de corrupção desta moral imposta. Na Arábia Saudita, por exemplo, existe uma Guarda Especial que fica pelas ruas exatamente para checar se há alguma conduta inadequada aos preceitos. Se eles encontram algo que julgam inadequado à estrita ética muçulmana, tomam as medidas cabíveis de punição.

A expressão “ética” que usei representa os valores morais e os princípios ideais de conduta. No caso dos muçulmanos, como já disse, a *Sharia* é a própria ética muçulmana.

Buruma (2006:126) ainda destaca outra expressão que deve ser bem definida para que não nos percamos em expressões genéricas usadas pela mídia. Ele chama de “radicais” aqueles que estão interessados no poder político e querem estabelecer Estados Islâmicos pela terra. Aqueles que desejam apenas reforçar moral coletiva seriam os fundamentalistas. Lembrem que temos Estados laicos e Estados islâmicos, temos estados laicos com a sharia como a Lei Suprema ou outros com parte da aplicação da mesma. E temos Estados islâmicos com aplicação total da sharia. Há outras variações, mas são casos diversos, como mencionei anteriormente quando desenvolvi o assunto referente à Sharia no início deste primeiro capítulo.

O que temos hoje é uma convergência entre radicais e fundamentalistas. Os islamistas políticos ou radicais tem ideais puritanos, mas nem todos os puritanos são radicais. Embora esta divergência não seja muito clara, ha outra diferença fundamental bem clara: para o islâmico político, o Ocidente é seu principal inimigo (não deveriam confundir Ocidente com Estados Unidos, mas muitos o fazem...) que estaria impedindo a criação de um verdadeiro Estado Islâmico mundial. Os radicais puritanos odeiam o estilo de vida ocidental, se sentem ofendidos na sua sensibilidade moral principalmente no que se refere ao tratamento da mulher e as relações familiares, mas não necessariamente brigam por um Estado Islâmico. Lembrem da diferença básica entre o Ocidente Moderno e o Mundo Islâmico é a separação entre a Igreja e o Estado.

A idéia é que usemos o termo islamismo ou fundamentalismo islâmico e o islamismo político, quando tratarmos de anseios políticos.

No Egito há um ajuste entre o laico e a ética muçulmana. Quando o laico falha, o islã se fortalece ainda mais. Se não pode contar com o apoio do Estado, o fiel busca a religião, e os fundamentalistas sabem disto.

(...) divide os fiéis em 3 categorias: os fanáticos, pouco numerosos, mas que perpetua na sociedade uma ideologia propriamente islâmica; os fiéis comuns; e os hesitantes. A justaposição desses 3 grupos não deixa de ser significativo. Classificar os hesitantes entre os fiéis significa sugerir em última instância, todos reclamam, seja em que grau for, o pertencimento à religião muçulmana. Com isso compreende-se melhor que o islã, à diferença de outras religiões, é ao mesmo tempo um universo espiritual e um universo social que pode recobrir toda a existência dos muçulmanos. (D'ENCAUSSE , 1976:09).

A sensação de medo e ansiedade diante de tantas mudanças e em tão pouco tempo é normal e não é apenas característica islâmica. Qualquer pessoa ou grupo de pessoas nesta situação buscaria identidade e segurança. Procurariam raízes e ligações seguras para se defender do desconhecido na proporção do seu desespero e das tomadas de decisão em seus diversos níveis.

Se os anos 90 vieram como uma generalizada crise de identidade a partir das diversas globalizações e mundializações desta fase, o novo século trouxe um desafio muito grande em tentar entender que muitos paradigmas haviam sido deixados para trás e novas relações apareceram em todos os níveis pessoais, comerciais, econômicos, enfim, a sensação que fica no ar é que nada está no lugar de antes. E não está mesmo. Quando uso a expressão “diversas” para designar as globalizações, quero dizer que esta integração internacional se deu, e se dá ainda hoje, de várias formas, sob vários tipos de representações, sejam elas físicas ou emocionais, reais ou imagéticas e conseqüentemente provocam diferentes entendimentos e reações.

O desafio em tentar lidar com questões de identidade torna-se ainda maior quando a globalização está também representada no livre movimento de pessoas pelo mundo. O exemplo disto são os números bastante representativos de

muçulmanos dentro dos Estados Unidos, ou na União Européia. Há vários bairros repletos de indianos por toda a Espanha. Temos hoje no Brasil, mais descendentes libaneses do que a população total do próprio Líbano! Como lidar com as diferenças?

Ao lidar com a crise de identidade, o que conta para as pessoas é o sangue e crença, fé e família. As pessoas se agregam com as que têm semelhanças de ascendência, religião, idiomas valores e instituições, e se distanciam daquelas com diferenças neste aspecto. (HUNTINGTON, 1997:154)

Como se distanciar das diferenças se elas estão por todo o lado? O atual panorama sugere ser mais fácil manter e estabelecer associações e acordos baseados em fatores econômicos e políticos do que os éticos. Aliás, todo acordo político e econômico poderá extinguir-se a partir de insucessos na absorção ou aceitação de diferentes posturas éticas. Levando em consideração o número de muçulmanos que temos no mundo hoje, e seu grau de expansão, fica claro que o seu alinhamento está intimamente ligado ao fim dos conflitos mundiais. Tomo os muçulmanos como exemplo por se tratar do cerne de meu trabalho, mas não foi só o fundamentalismo islâmico que aparece no mundo nesta fase. O cristianismo e o judaísmo também têm suas ramificações ortodoxas estimuladas e fortificadas, mas talvez por estarem menos expostos à mídia não têm o mesmo destaque.

A ética comum tem um forte teor de coesão e podem favorecer alguns casos de cooperação entre Estados, grupos, regiões e conseqüentemente facilitam as associações econômicas dando lucros para todos os envolvidos. Podem favorecer, mas não são determinantes, uma vez que os interesses econômicos e mercadológicos tentam predominar. É assim que este momento histórico se apresenta. Mas ao falarmos da ética muçulmana cabe uma distinção importante. Qualquer tentativa de estabelecer negociação com os islâmicos, mesmo que lucrativa, só terá sucesso se os valores éticos forem mantidos. Novamente: a ética muçulmana rege a vida do fiel, sua relação humana e social.

Um exemplo disso é que para exportar carnes para qualquer país islâmico o Brasil tem de certificar esta carne como halal⁴⁷, isto é, abatida segundo os preceitos do Islã. Sem esta certificação feita pelo clero muçulmano, não há negócio.

Falar em identidade também não é a melhor categoria no caso do Egito. A identidade pressupõe uma classificação, uma distinção, é como estar em uma caixinha e não ter como fugir. Seu poder identitário está em contínua transformação, admitem opções a partir de valores, princípios que estão contidos em sua ética. Devemos falar em fluxos, em movimentos e transformações. Acontece que o grupo fundamentalista não quer que isto aconteça. Como? Quem pode parar a história?

Os sentimentos que afloram quando do confronto entre o igual e o diferente é por vezes um sentimento de inferioridade ou superioridade, dependendo da relação estabelecida. A falta de confiança ou insegurança fica estabelecida por não se ter facilidade em estabelecer uma comunicação, por exemplo, num mesmo idioma ou mesmo por não compreender certas posturas sociais ou ainda, por certos hábitos ou costumes poderem sugerir uma falta de educação ou falta de integridade moral. É do ser humano sentir-se grande e forte quando domina o “outro”. Grupos sentem-se coesos quando juntos vencem o “inimigo”, seja lá o que esta expressão represente, e desta batalha surgem mais coesão que podem dar frutos políticos, sociais ou até econômicos.

Aquele que perde para o “outro”, acaba por trazer para si uma sensação de humilhação. Aliás, o que traz esta sensação de humilhação também vem com a expressão “tolerância” tão difundida pela mídia. A sensação de ser “tolerado” também humilha. Só toleramos aquilo que é inferior, menos importante, imaturo, antigo, enfim, retornaremos às idéias orientalistas que tanto humilham o Oriente.

Isto não tem nada a ver com democracia ou com relacionamento ético. É despótico demais querer que o outro seja o mesmo que somos.

⁴⁷ Lícito, permitido, em árabe.

Cabe talvez neste momento apresentar uma categoria interessante para dialogar com as até o momento apresentadas: miscigenação. Segundo Resende (2008:08), ela traz o poder de afetar e de ser afetado e evita a possibilidade de estagnação que a categoria de identidade tem. A inquietude de estar em transformação é mais temerosa, mas ficamos menos suscetíveis às pressões externas, aprisionamentos ou cristalizações. Há a possibilidade maior de intercâmbios e, portanto, a relação entre Oriente e Ocidente perderia a idéia de submissão.

A história do Oriente Médio talvez venha a elucidar um sentimento de injustiça sentido por muitos dos participantes de grupos islâmicos: tiveram um período prolongado de predominância política e cultural internacional que agora se choca com uma posição de 2ª linha frente às grandes potências. Naturalmente as expectativas e as promessas que vieram com a queda do sistema imperialista ocidental, queda dos velhos regimes, e a democracia, logo caíram em frustração.

A onda revolucionária islâmica que presenciamos tem muito deste sentimento.

(...) o sentimento de uma comunidade de pessoas acostumadas a se verem como as únicas guardiãs da verdade de Deus, que recebem Dele o comando de levá-la aos infiéis e que, de repente, vêem-se dominadas ou exploradas por aqueles mesmos infiéis. (LEWIS, 2003:38).

Identificações só podem ser definidas em relação ao diferente de si, isto é, minha identidade é estabelecida na medida em que me distingo de outra identidade. Para que haja a distinção é necessário que exista o outro que se distingue de mim. No caso do Islã, colocam muito claro a distinção entre fiéis (eles) e os infiéis (todo o resto). É interessante que a própria modernidade que estabeleceu tamanha crise de identidade também veio com vários instrumentos de coesão destes grupos distintos.

As peregrinações aos lugares santos previstos em um dos cinco Pilares do Islã, o *Haji*, reúne verdadeiras multidões e representa um exemplo claro que a religião foge rotineiramente do domínio da vida individual para tornar-se, antes de

tudo, manifestação do coletivo. Através dela os muçulmanos, fiéis ou não, experimentam o sentimento de pertencimento a um grupo que ultrapassa seus destinos individuais.

Outro aspecto válido á ser destacado é que as crianças e jovens são inseridos desde que nascem nas cerimônias religiosas, nos momentos de reza diária, de encontros nas mesquitas e na grande maioria dos casos estudam em escolas islâmicas que reproduzem e reforçam todos os ensinamentos religiosos. No ocidente, hoje se dá prioridade no nível educacional que uma escola poderá proporcionar ao seu filho ao invés de pensar nos fundamentos religiosos. No Egito, mesmo as famílias muçulmanas de grandes posses e que tem condições de pagar estudos em escolas e universidades estrangeiras estão bastante atentos para que a educação intelectual não atrapalhe a educação religiosa. Estão atentas aos colegas com os quais se relaciona e naturalmente estas escolas mantêm a integridade laica, mas tomam muito cuidado para em nenhum momento ferir qualquer aspecto ético islâmico.

Por muitas vezes fui apresentada a crianças islâmicas de três a sete anos de idade que eram incentivadas a decorar o maior numero de suras do Corão possíveis e a recitá-los como um enorme orgulho para seus pais e às pessoas que conheciam, muçulmanas ou não. Eu mesma cheguei a decorar algumas suras de tanto ouvir e ser incentivada pelas crianças. Elas se divertiam com minha incapacidade de falar adequadamente as palavras e lentidão da minha capacidade de decorá-las.

Até mesmo cenas chocantes da celebração do dia do Sacrifício⁴⁸, onde são abatidos animais e sua carne dividida entre família e os menos favorecidos, são presenciadas por todas as crianças. São cenas chocantes que até podem poupá-las do abate, mas após isto, todo dessecamento e divisão do animal muitas vezes

⁴⁸ Chama-se de Dia do Sacrifício quando Deus pediu a Abraão para sacrificar seu filho único e depois aceitou a imolação de um cordeiro ao ver a sua fé. Neste dia os fiéis costumam sacrificar cordeiros, vacas e dão 1/3 para os pobres, 1/3 para os vizinhos, amigos, parentes e 1/3 fica com o fiel. Observação pessoal: é a alegria dos açougueiros e durante todo o dia só se vê reportagens que mostram animais abatidos, açougues e declarações de pessoas importantes na sociedade relatando a quantidade de quilos de carne doados...

é feito a céu aberto para todos presenciarem. Eu cheguei a presenciar uma cena destas na área comum do prédio onde morei. O que para mim foi de embrulhar qualquer estômago, foi uma grande festa para todos os moradores. Aquela carcaça ficou pendurada pelo menos uns dois dias e as manchas de sangue ficaram muito tempo no chão. Na feira central da cidade de Gizah, a cena era acompanhada com muita música, dança e globos de espelhos refletindo luzes para todos os prédios. Cenas como estas ficam eternamente nas mentes das crianças e todos estes ritos serão provavelmente repetidos em suas famílias um dia. O poder dos ritos unido à ética dá uma fortaleza indiscutível a esta religião.

O desenvolvimento no transporte, na comunicação, nas tecnologias de ponta, trouxe a possibilidade de uma interação muito maior entre os grupos que mesmo distantes de sua nação de origem estariam conectados de forma muito mais intensa agora. Da mesma forma, o “diferente” também passa a ser mais divulgado pela rede global e de certa forma parece muito mais distinto quando colocado por mídias inescrupulosas e tendenciosas. Como as proporções aumentaram, passam a assustar muito mais.

O Estado também começa a estabelecer conflitos junto a grupos e civilizações “diferentes”. Alguns valores ideológicos podem ser debatidos ou questionados, apesar de permanecerem, na maior parte das vezes, intactos. Acontece que valores éticos muçulmanos não estão de forma alguma abertos para discussão, debates e muito menos mudanças. As palavras de Deus não podem ser questionadas.

Interesses materiais podem ser negociados e adaptados se ambos os lados quiserem, mas acomodações no aspecto ético estão longe de serem debatidas. Então, as fontes de conflitos normais para qualquer grupo de pessoas como a forma de controle social, de arrecadações monetárias, uso de recursos naturais, delimitações territoriais, são naturalmente pontos de tensão, mas pior o serão se o Estado em questão impor seus próprios valores, instituições e posturas de conduta sobre os grupos diferentes. A paz reinará na proporção que este Estado

estabelecer um poder relativamente leve, ou um *soft power*⁴⁹, nos aspectos mais delicados. As decisões secas, daquelas que determinam o “sim” ou o “não” sempre serão o estopim dos sérios problemas internacionais.

A *ummah*, ou nação islâmica espalhada pelo mundo, acaba por também trazer uma conseqüência negativa: pelo fato de todos estarem unidos sem distinção, fica difícil estabelecer um Estado destaque dentre os países muçulmanos. Nenhum deles tem condições, a princípio, de se destacar como líder dos países muçulmanos. Nem mesmo o Egito, com sua grande população, localização central, e principal centro de educação islâmica na figura da Universidade Al-Azhar e com o apoio americano, consegue a posição de destaque.

No ocidente a categoria de nação representa a unidade básica da organização humana e para muitos grupos é sinônimo de país. Este país então poderá ser subdividido segundo vários critérios, inclusive a religião. Os muçulmanos, por sua vez, tendem a ver não uma nação subdividida em grupos religiosos, mas uma religião subdividida em nações. A maior parte dos Estados-nação que compõem o Oriente Médio moderno é de criação relativamente nova: vêm das dominações inglesas e francesas que vieram com a queda do Império Otomano. Estes Estados mantêm as delimitações territoriais e fronteiras que foram estabelecidas por seus colonizadores, mas também não pensam identidade em termos de etnia e território.

O Estado-nação no caso do Islã tem menor importância que a fé, a religião, a tribo, a *ummah* que se espalha por todos os continentes. A fé e a ética islâmica são fatores fundamentais de coesão islâmica pelo mundo na modernidade, independente da distância, do território ou país. Se aprofundarmos um pouco mais este pensamento, posso dizer que a idéia de Estado-nação soberana choca-se com a fundamental crença muçulmana de que só *Allah* é soberano.

⁴⁹ É a habilidade de um país fazer com que outros façam o que este deseja, encorajando emulação ao invés de por meio de coerção ou tributos. (NYE, 2002:36)

O fundamentalismo islâmico agarra-se à rejeição da modernização ocidental e agarra-se fortemente à própria tradição. Como movimento, este fundamentalismo rejeita o Estado-nação em favor da unidade do Islã sob a forma da *ummah*, isto é como uma declaração de ilegitimidade daquele Estado. É uma posição que nenhum soberano, de qualquer que seja o país, sentir-se-á confortável. E aí se estabelece um paradoxo, pois mesmo dentro de países onde a sharia é lei total e seu soberano é um exemplo de fidelidade a *Allah*, teremos c

Vários grupos islâmicos espalhados pelo mundo naturalmente terão líderes fundamentalistas disputando centros de poder desta grande *ummah*.

Não se pode esquecer que o oriente critica o ocidente por desenvolver-se militarmente e depois vender seus produtos bélicos para os países em desenvolvimento e por esta razão alguns países como Irã estão fazendo suas pesquisas nucleares para desenvolverem suas próprias potencialidades. Se for usar para fins bélicos não podemos afirmar. Eles dizem que não. Mas querem certamente libertar-se da dependência bélica ocidental ou americana.

Ainda devemos lembrar de que estamos repletos de empresas privadas transnacionais vivendo fora do alcance de leis ou impostos governamentais que tem como principais produtos armas, serviços de segurança e milícias espalhadas por todo o Oriente Médio. Estas empresas e suas forças armadas estão completamente fora do controle americano ou europeu e confundem-se com eles, até mesmo em regiões conflituosas como o Iraque.

Não há no Egito uma oposição à globalização em si ou ao comércio. E nem teria sentido um país essencialmente comerciante como este tomar tal posição. A oposição é contra as relações globais estabelecidas por grandes corporações administrando cooperações globais enquanto debilitam nações e povos. Acreditam que uma boa economia global não necessariamente deve produzir e distribuir ao mesmo tempo em que cria divisões de classe impondo uma crescente pobreza sobre muitos e enriquecendo desmesurado a uns poucos. Além disso, eles não estão preocupados em devastar o meio ambiente, reduzir os bens públicos,

promover individualismo anti-social, proporcionar trabalho indigno. Há claramente uma confusão entre estes pensamentos alterglobais⁵⁰ e os pensamentos fundamentalistas islâmicos. Ambos contestam os movimentos contemporâneos, mas de formas diferentes.

O primeiro momento de rejeição ao ocidente diz respeito à opressão colonialista que trouxe consigo a perda do controle político e militar, humilhações e preconceitos. O ocidental muitas vezes quer que o oriental aja como ele, que se vista como ele, etc. Fica mais fácil de negociar quando o outro fica mais parecido com nossa realidade, e, como já foi dito, o diferente sempre nos trouxe uma carga de dúvidas e inseguranças. Não fomos criados para conviver com o diferente, ele muitas vezes nos amedronta, mas neste momento somos obrigados a estabelecer esta convivência em praticamente 100% de nossas vidas.

O fundamentalismo como nós conhecemos hoje, é um movimento recente que vem da reação contra a globalização nas últimas décadas, principalmente no Oriente Médio. Cada país independente de sua maioria religiosa sofreu transformações com o capitalismo, com a globalização e adaptou-se de acordo com cada realidade própria. Aqui, nesta Tese, no último capítulo, destaco as transformações egípcias, mas cada nação teve, e tem sua história com a modernização.

A raiva e um senso de injustiça combinados a uma crise social e econômica prolongada resultaram em movimentos unidos em torno de figuras religiosas carismáticas que usam a linguagem do Islã para articular uma variedade de descontentamentos e indicar uma solução. A nostalgia de uma “época melhor” é sustentada por um desejo de “revolução” no sentido original e inerentemente conservador da palavra, como uma volta aos tempos com mais justiça, paz e felicidade, e porque não dizer, prazer na vida.

⁵⁰ Alter-ego: pessoa considerada como o “outro eu” de alguém.

O Islamismo aparece como fonte de identidade, sentido, estabilidade, legitimidade, desenvolvimento, poder e esperança no slogan usado “O Islamismo é a solução”.

Para Huntington (1997:134-150), esse Ressurgimento Islâmico é, na sua amplitude e profundidade, a última fase do ajuste da civilização islâmica ao Ocidente, um esforço por encontrar a “solução”, mas não nas ideologias ocidentais. Ele personifica a aceitação da modernidade, a rejeição da cultura ocidental, e o reengajamento no Islamismo como guia cultural, religioso, social e político para a vida no mundo moderno. Os produtos importados são bons na condição de “coisas” e alta tecnologia. Mas isto não determina que os povos tenham de absorver também as instituições sociais e políticas tão antagônicas a ética muçulmana.

Há uma diferença grande em se modernizar e se ocidentalizar. Este ressurgimento islâmico tem a ver com a corrente principal religiosa e não aos extremos vistos no terror.

No Egito, conforme poderão ver mais adiante, são muitos os indícios de modernização, mas também ao passar destes últimos anos pude observar claramente muitos indícios de um despertar islâmico na vida pessoal, como a observância religiosas, isto é, comparecimento nas mesquitas, prece, jejum, o aumento do número de mulheres a usar o véu. O aspecto islâmico na vida pública também mereceu maior atenção por parte do governo de Mubarak no que diz respeito a demonstrar maior sensibilidade e preocupação em relação às questões islâmicas apresentadas pelos grupos fundamentalistas existentes no país. Sem esta observância e atenção, seria impossível para ele governar.

O desafio maior se dá pelo fato do Egito ser essencialmente um país turístico com total contato com a realidade cultural ocidental e tendo que proporcionar a estes turistas todo o conforto, liberdade e segurança.

O outro desafio enfrentado pelo governante, é que nas mesquitas, estes religiosos dispõem de uma rede própria de comunicação e disseminação de idéias que nenhum governante teria condições de controlar. Apenas a título de dimensionamento: Cairo é a cidade conhecida como a “cidade dos mil minaretes”, se pensarmos que nem todas as mesquitas possuem minaretes, além disso, que vi mesquitas absolutamente camufladas em apartamentos e casas sem qualquer indicação de ser um espaço religioso, espalhadas em bairros diversos, e ainda, se pensarmos em outras cidades, vilas, vilarejos, enfim, como um governante pode dar conta do que acontece em uma comunidade se o Islã não tem hierarquias religiosas como o catolicismo?

A reivindicação destes grupos egípcios é na síntese a utilização da legislação islâmica ao invés da ocidental. Conseguiu-se chegar a um meio termo. Pontualmente estes grupos, como a Irmandade Muçulmana, pedem uma maior utilização de linguagem e simbolismo religioso, multiplicação de escolas islâmicas, islamização dos currículos, maior observância nas vestes femininas, na abstinência do álcool, maior participação em cerimônias religiosas.

Huntington diz que este ressurgimento muito se assemelha com o marxismo, com os textos bíblicos com uma visão de sociedade perfeita, um compromisso com as mudanças fundamentais, a rejeição dos poderes existentes e o Estado-nação e uma diversidade doutrinária que vai do reformador moderado ao revolucionário violento.

Talvez até possamos fazer esta correlação no caso do Egito, mas o marxismo possui outros aspectos que dificilmente conseguiríamos correlacionar na sua íntegra. O importante é lembrar que as questões marxistas sempre estiveram mais setorizadas geograficamente, e quando falamos em Islã estamos falando de quase um quarto da população mundial espalhados por vários países.

Alguns pontos nevrálgicos em especial ajudam a manter o clima tenso globalmente falando:

a) A ocupação da Arábia Saudita pelas tropas americanas.

Para os muçulmanos a Terra Santa por excelência é a Arábia e principalmente a região de Hijaz e suas duas cidades sagradas, Meca, onde nasceu o Profeta e Medina, onde estabeleceu o primeiro Estado muçulmano. O Profeta viveu e morreu na Arábia, bem como seus sucessores imediatos, os califas que comandavam a comunidade. Para eles a presença de infiéis em solo sagrado é uma afronta difícil de aceitar. Segundo os hadith, o Profeta em seu leito de morte disse que “não deveria existir duas religiões na Arábia”. De acordo com a jurisprudência islâmica, a Terra Santa de Hijaz tem sido um território proibido para os não-muçulmanos. No resto do reino, os não-muçulmanos, embora admitidos como visitantes temporários, não tem permissão para fixar residência ou praticar suas religiões. Casos especiais são verificados pelos juristas caso a caso, segundo Kamali (2003:45).

O ressentimento daí resultante constitui pelo menos um dos elementos do revivalismo religioso inspirado na Arábia pelos wahabi⁵¹, comandado pela Casa de Saud, fundadora do Estado saudita.

b) Presença dos americanos no Iraque.

Depois de tantas destruições e mortes no passado pelas mãos de cruzados e judeus, os muçulmanos não aceitam que os infiéis retornem para continuar as destruições e humilhações para com seu povo.

c) Apoio americano aos judeus.

Eles afirmam que os norte-americanos têm a intenção de enfraquecer os Estados árabes um a um para garantir a sobrevivência de Israel.

Nos anos 70, no Egito, os primeiros movimentos revolucionários após a Infitah eram estudantes e intelectuais

⁵¹ Linha purista dentro do Islã.

No início dos anos 90, as organizações islâmicas tinham desenvolvido uma extensa rede de entidades que preenchendo o vazio deixado pelo governo, prestavam serviços de saúde, assistências educacionais e outros tipos de apoios para os pobres do país. Depois do terremoto de 1992 no Cairo, essas organizações estavam nas ruas em poucas horas distribuindo alimentos, mantas, roupas, enquanto aguardavam o tardio socorro do governo. Foram estas entidades, todas relacionadas com grupos religiosos de uma ou outra mesquita, que socorreram imediatamente o povo.

O islamismo é uma ideologia política antimoderna, anti-secularista e antiocidental, cujo projeto é converter o indivíduo para que se torne um muçulmano religioso observante, é transformar a sociedade formalmente muçulmana em uma comunidade religiosa voltada ao serviço a Deus e estabelecer o reino de Deus em toda a Terra. (DEMANT, 2004:201)

Temos outro tipo de visão islâmica ou combatente islâmico que não está focado no ocidente ou o que ele venha representar. Seu foco seria combater o “mal muçulmano”, ou seja, aquele que não segue efetivamente a ética islâmica na sua estreita interpretação. Estes são considerados piores inimigos que o próprio ocidente para os que seguem a ideologia do takfirismo. Refere-se a uma crença antiga que renasceu entre os militantes islâmicos egípcios. Ela baseia-se na crença de que o enfraquecimento da ummah, ou comunidade de fiéis, é resultado dos desvios dos próprios muçulmanos, de seu afastamento da religião. Todo muçulmano não-praticante é considerado também um infiel chamado de kafir. Os que aderem a esta ideologia querem se afastar das sociedades muçulmanas de hoje e formar outra comunidade autônoma.

Esta visão tem muito mais um teor político e de luta pelo poder do que a busca pela pureza ideal de uma religião. O braço direito de Bin Laden, o doutor Al-Zawahiri é um fervoroso adepto. Em sua defesa diz que a presença dos infiéis no seio da sociedade muçulmana fortalece o inimigo e constitui um perigo a ser eliminado.

Segundo Shahzad, todos os militantes takfirista, tanto pertencente a Al-Qaeda, ou a outro grupo, acabam por continuar a guerra contra os ocidentais, mas

ao mesmo tempo está na criação de um Estado muçulmano ortodoxo, radical, contra todos que falam em posições moderadas e reformistas. Eles têm especial ira contra os *xiitas* e colocam-se como os enviados de Deus para eliminar infiéis e muçulmanos apóstatas. (2007:13).

O *sheikh* Al-Khazraji diz que a comunidade islâmica no Brasil não pensa em um Estado Islâmico no Brasil. Afirma que seu objetivo é viver como cidadãos com direitos e deveres, da mesma forma que vive o povo brasileiro que é composto por diversas culturas e nacionalidades e com a convivência, apresentar a doutrina islâmica. O mais belo deste país, continua ele, é que existe uma pluralidade de religiões, culturas e assim podemos conviver com seguidores de outras religiões em um ambiente de consideração e respeito, já que religião é amor.

“Será que religião é outra coisa senão o amor”, disse o Profeta Mohammad.

1.4.3 Terrorismo⁵²

A fase atual do terrorismo internacional é mais séria do que no passado pela possibilidade de haver massacres deliberadamente indiscriminados contra civis, mas não por uma nova ação política ou estratégia. Os interesses econômicos sobre o mercado bélico têm uma força muito maior do que qualquer radicalismo islâmico.

Terrorismo é fundamentalmente uma definição política. Qualquer tentativa de definir o terrorismo em termos objetivos dará margem a mais de uma interpretação. As definições, por conseguinte, não são isentas, mas respondem a um posicionamento, a um interesse político em classificar algumas ações ou grupos como terroristas, e ao mesmo tempo justificar outras a partir de uma suposta legalidade. É nesse sentido que o terrorismo contemporâneo é uma prática da sociedade disciplinar (rígido, aterritizado, com alvo definido) passando para a sociedade de controle (flexível, desterritorizado e inacabado). (DEGENSZAJN, 2006: 24).

Para definir o terrorismo temos inúmeras formas e idéias na maioria das vezes subjetivas, mas optei por citar primeiramente uma definição seca desenvolvida a partir o Código Civil Norte Americano de 1984 e outra definição

⁵² O termo terrorismo surge após a Revolução Francesa (1789) e foi utilizado para descrever os atos de atrocidade e de extrema violência cometidos pelos líderes da revolução, contra quem se opunha a ela.

mais elaborada e já com implicações humanas e religiosas de Edson Passetti, afim de que com a união de ambas as posições possam construir uma definição mais apropriada com a realidade islâmica moderna.

Segundo o Código Civil Norte Americano,

(...) um ato de terrorismo significa uma atividade que envolva uma ação violenta, uma ação perigosa para a vida humana, o que é uma violação das leis contra o crime promulgadas pelos Estados Unidos ou por qualquer Estado, ou que seria uma infração criminal se cometida dentro da jurisdição dos Estados Unidos ou de qualquer Estado; e pareça ter a intenção de intimidar ou coagir uma população civil, de influenciar a política de um governo através da intimidação ou coerção ou de afetar a conduta de um governo através de atos de assassinato ou seqüestro.

Segundo Edson Passetti,

(...) terrorismo é a religião da ausência, a explosão de violência dos martirizados, um espaço da existência dos incógnitos, o sentido da vida para os mortos-vivos. (...) Acabou a era do terrorismo revolucionário, mesmo porque as revoluções acabaram em tirania! Agora, o terrorismo não toma mais conhecimento de fronteiras. É dos deuses, e deuses não vivem em fronteiras, apenas anunciam movimentos dos rebanhos, indicam lugares para corpos e objetos, por terra, mar e ar, atingem os alvos que os glorificam. Os atuais terroristas não são mais sequer apóstolos, apenas mártires. Vivem para a idéia de deus, a idéia de razão e a idéia de prazer. Não há objeto do prazer, somente transcendentes! (2006:110)

O terrorismo no caso do Islã é o uso sistemático do terror ou violência imprevisível contra regimes políticos, povos ou pessoas para alcançar um fim político, ideológico ou religioso. Terrorismo é uma tática ou um conjunto de táticas. E no caso dos fundamentalistas islâmicos de hoje, estas táticas são legitimadas pela leitura particularizada dos escritos religiosos. É concebido dentro de uma narrativa religiosa e mística, mas enraizado num projeto realmente político.

Apesar de esta ideologia estar baseada na história islâmica, seu poder e grande difusão deve-se a problemas sociais, econômicos e políticos atuais. A falta de emprego qualificado, moradias descentes, mobilidade social, alimentação, e muitos outros anseios, são abordados em termos religiosos, mas não perdem a conotação política articulada. A política neste caso é vista num contexto místico-

religioso cujo elemento mais forte é a idéia de uma “guerra cósmica” ou “guerra santa” e os terroristas são guerreiros sagrados permanentemente em luta.

Este terror, muitas vezes, não atinge os regimes políticos ou governos, pois estes se encontram muito bem protegidos. Este terrorismo em sua ideologia só atinge aqueles que estão carentes de auto-estima, aqueles que estão carentes de governo, de saúde, de alegria de viver, e atinge muitos que nada tem a ver com a “guerra” em questão. Este terrorismo é feito de seguidores de ninguém, seguem apenas suas tristezas e incertezas. Não há o porquê lutar e sim o porquê morrer. Estes homens ou mulheres mártires sagrados buscam prazer e deus, porém não nesse mundo, talvez num outro mundo após sua morte...então qual é o valor desta vida para eles? É uma guerra que mata mais civis que militares, mas onde estão os militares? Estão bem armados, bem protegidos de tudo isto. E à distância estão a postos para garantir que o mártir cumprirá seu destino. Sim, em muitos documentários e depoimentos, vemos a presença de alguém sempre a postos para num momento de fraqueza garantir com um tiro, que a missão seja cumprida. É o fanatismo tomando o espaço que o governo não teve condições ou interesse em tomar posse, eles são almas penadas, são zumbis antes mesmo de morrerem.

Segundo o *sheikh* Al-Khazraji, o Islã tem uma posição firme em nunca combater ou agredir inocentes, mas isto significa que devemos tomar uma decisão contra a política norte-americana e contra os que se definem como muçulmanos e praticam atrocidades. A solução é se opor e se levantar para que a verdade seja manifesta. O islã não é religião da matança e da degola, ela defende os direitos dos fracos. Seqüestros, ameaças, carros-bomba atacando mesquitas, não representam o Islã. É importante analisar com delicadeza estas situações, pois todos os países apóiam a autodefesa caso sejam agredidos, e o que ele define como resistência é isso, a defesa de sua pátria e de seus direitos, mas quando pessoas inocentes são vítimas, isto mancha o nome da resistência e não é o Islã.

O *sheikh* egípcio Mohammad Sayed Al-Tantawi, reitor da Universidade do Cairo disse exemplificando, que quando uma pessoa explode a si mesma contra os que estão combatendo, então é um mártir. Mas quando faz isso entre mulheres,

crianças, idosos, ou pessoas não envolvidas no combate, ele não pode ser considerado mártir. Receio que ele seja considerado suicida. No Islã, aqueles que tiram sua própria vida são considerados apóstatas da religião e são condenados à danação eterna. (2007).

O Corão e os exemplos da vida do Profeta garantem em seus textos uma sociedade justa e pacífica, e uma superioridade cultural, militar e política do mundo islâmico. A comparação destes ideais com a realidade do governo ou governante em questão é um recurso político altamente poderoso. O princípio teológico da unicidade ou unidade islâmica é profundamente político. Qualquer um que se utilizasse deste recurso ganharia expressão política mediante a erradicação das divisões nacionais ou internacionais entre os islâmicos e a unificação da ummah por todo o mundo.

O islamismo político se concentra na islamização do Estado por canais efetivamente políticos e os fundamentalistas islâmicos rejeitam a política. A ênfase deles na prática rígida de uma leitura literal das injunções corânicas é muito diferente da relativa flexibilidade dos islamistas políticos. O enorme volume de jovens educados nas madraçais ⁵³ teve um rápido e obvio impacto, desempenhando um papel importante na criação e propagação da visão de mundo estreita e dogmática que é a marca da militância moderna. De acordo com a “lógica” islamista radical, democracia e islã eram incompatíveis, então qualquer um que tivesse um título de eleitor estava contra o Islã e, portanto, mereceria a morte.

A ira passa a ser mais acirrada quando das intervenções militares, principalmente dos Estados Unidos. A história das intervenções armadas nos assuntos de outros países, mesmo as das superpotências, não é uma história de êxitos. Existe uma crença de que os atos de força podem produzir instantaneamente grandes transformações culturais. Mas isto não é a verdade! A difusão de valores e de instituições através de sua súbita imposição por uma força

⁵³ Escolas islâmicas que preservam a educação com ênfase na doutrina muçulmana e na grande maioria mantêm os alunos em regime de internato.

estranha é tarefa quase impossível, a menos que já estejam presentes no local, condições que os tornem adaptáveis e sua introdução, aceitável. E isto seria muito difícil de encontrarmos nas relações estabelecidas entre Ocidente e Oriente.

A democracia, os valores ocidentais e os direitos humanos não são como produtos tecnológicos de importação, cujos benefícios são óbvios desde o início e que podem ser usados de uma mesma maneira por todos os que têm condições de comprá-los.

O contraste entre as duas grandes guerras mundiais é dramático: apenas 5% dos que morreram na Primeira Guerra Mundial eram civis; na Segunda Guerra Mundial esse número subiu para 66%. Supõe-se geralmente que de 80 a 90% das pessoas afetadas pelas guerras atuais sejam civis. Esta proporção aumentou a partir da Guerra Fria porque a maioria das operações militares desde então não foi conduzida por exércitos regulares, e sim por grupos diminutos de soldados, regulares ou não, operando, em muitos casos, armas de alta tecnologia e protegidos contra risco de sofrer baixas (2007:24)

As convenções não dão mais conta dos tipos de guerra que vemos hoje. Convenções que ditariam com relação a desarmamentos, controles de armas ou trato com civis não são suficientes para serem voluntariamente aceitas. Até mesmo o papel da Organização das Nações Unidas deveria ser repensado. A linha que separa os conflitos entre países e os conflitos civis estão cada vez mais tênues e um conflito interno pode ser facilmente transformado em caso internacional grave quando da intervenção de países ou agentes militares que entram, sem ser chamados, no conflito.

O aumento significativo da desigualdade econômica e social dentro de países ou entre eles, reduz a esperança de vermos a paz efetiva. A legitimidade do governo nacional de cada país perante a maioria de sua população é que determinará o nível de violência ou insurgências e nenhum governo hoje pode ignorar o poder de uma minoria privada e armada. Muitas vezes como vemos no caso do Brasil, esta minoria de longe é diminuta, e o armamento em seu poder faria inveja a qualquer Exército Militar internacional. Como já disse, quando o governo deixa espaço vago nas suas obrigações com a população, temos sempre

alguém para assumir este lugar. No Brasil temos os traficantes e no Egito os islamitas fundamentalistas e fanáticos.

Os equipamentos e os meios de financiar as guerras hoje saíram das mãos do Estado e estão nas mãos de entidades privadas

Falando da suposta hegemonia americana ou imperialismo americano, fica muito claro que nenhum país teria hoje condições de estabelecer uma supremacia global, nem mesmo “eles”, têm esta posição. Se a teve algum dia, não a tem mais.

Jihad, ou Guerra Santa, é uma expressão controvertida hoje. Os terroristas traduzem a palavra jihad como o combate contra os infiéis na terra, mas na verdade a grande jihad é o esforço do fiel em combater sua própria alma, a luta contra o mal dentro de si mesmo. A pior *jihad* islâmica é aquela travada dentro do próprio Islã. É a guerra do Islã dentro do próprio Islã.

E esta história segue duas linhas: uma é preta, que é a linha com que os eruditos a escrevem. A outra, vermelha, a que é escrita com o sangue jorrado pelos mártires.

1.4.4 Principais personagens egípcios no fundamentalismo islâmico

A seguir descreverei a vida de alguns personagens egípcios importantes na história do fundamentalismo islâmico que trazem consigo estes ideais como sementes do que hoje vemos. Tais descrições estão baseadas em Milton-Edwards (2006), Burke (2007), Wright (2006), Khan (2008), Ibrahim (2002) e artigos de jornais egípcios e brasileiros.

a) Hassan Al-Banna (fundador da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos)

Al-Banna, nascido em 1906, era um professor primário que vivia na cidade egípcia Ismaília, no Canal de Suez. Ele via o Islã como um sistema perfeito, total e abrangente que regulava todos os aspectos da vida social, política, pessoal e religiosa do indivíduo. Acreditava que o Corão, os *haadith* e o exemplo da antiga comunidade muçulmana forneciam o modelo de como todo muçulmano deveria

agir. A *sharia* seria o projeto ideal para uma sociedade islâmica moderna. Havia concluído que os atuais problemas enfrentados pelo Islã seriam resultado do fracasso dos muçulmanos em seguirem o caminho correto. Diante de tantas injustiças ele concluiu que os ulemás tinham falhado no que se refere a seu dever básico de regular o exercício de poder para promover uma sociedade imparcial e justa, então outros deveriam assumir esta luta, uma *jihad*. Al-Banna não era um reacionário, pelo contrário, suas idéias demonstravam uma coerência ímpar. Acreditava que uma *jihad* contra a dominação colonial ou neocolonial e em prol da reforma e da regeneração do Islã deveria conter uma *jihad* por alfabetização, educação, serviços sociais e justiça. A pregação deveria ser dirigida tanto para a reforma do Estado quanto para tornar melhores os muçulmanos. Seria um processo gradual, nada imediato.

Começou pregando sozinho e em 1928 fundou a Irmandade Muçulmana, que em 2008 completou 60 anos.

Em suas próprias palavras: trata-se de uma mensagem salafista⁵⁴, um caminho sunita, uma verdade sufista⁵⁵, uma organização política, uma associação esportiva, um círculo científico e cultural, uma empresa econômica e uma idéia social.

Recrutava pessoas de toda a sociedade, mas em especial da pequena burguesia rural ou recentemente urbanizada. A Irmandade construía escolas e colégios tutelares para muçulmanos pobres e abria clínicas e hospitais. Em vinte anos sua organização, com características claramente políticas, tinha recrutado milhões de membros no Egito e estabelecido dezenas de ramificações no exterior.

A Irmandade Muçulmana ganhou ampla divulgação no Afeganistão quando a Universidade Al-Azhar do Cairo financiava o novo departamento de jurisprudência islâmica na Universidade de Cabul. As idéias de Al-Banna tinham também coerência com a realidade do Afeganistão. Muitos alunos e professores

⁵⁴ Grupos que possuem o mesmo puritanismo dos wahabi da Arábia Saudita.

⁵⁵ Parte mística do Islã, usa práticas de meditação, reclusão, dança, poesias e música para estabelecer um contato com Deus. (Sufis = homens santos do Islã).

afegãos viajaram para o Egito e muitos egípcios foram para Cabul. A Universidade de Al-Azhar foi, e talvez ainda seja, o berço de influências islâmicas e ponto de distribuição por todo o oriente.

Eles defendiam o retorno à pureza do Islã, a união da religião e o Estado e a unificação do mundo islâmico sob uma autoridade exclusiva. Rejeitavam todos os valores ocidentais e principalmente o colonialismo. Nas décadas de 1930 e 1940 tinham mais de 500 membros e tornaram-se uma das maiores forças políticas egípcias.

A Irmandade começou a desenvolver ramificações violentas, particularmente depois da participação de grupos ativistas na guerra de 1948/9 entre Israel e Palestina, e o governo egípcio chegou até a usar o movimento para conter o pensamento radical de esquerda. Por fim o próprio governo dissolveu a Irmandade. Al-Banna foi morto pela polícia secreta egípcia em 1949 em retaliação ao assassinato do primeiro ministro ocorrido um ano antes, supostamente por um membro da “organização secreta” da Irmandade.

b) Sayyid Qutb

Qutb era um escritor e educador pertencente à classe média burocrata, nasceu no Egito. Seu pai havia sido um ativista do Partido Nacional envolvido com distúrbios contra a administração colonial britânica. Veio de um ambiente rural e chocou-se ao ver mulheres andando sem véu quando se mudou para o Cairo. Permaneceu celibatário pelo resto da vida. As questões sexuais profundas e não resolvidas são evidentes em muitos de seus textos. Teve uma chamada “crise de fé” quando em sua viagem a Nova York para uma bolsa de estudos. Era novembro de 1948 e ele estava com 42 anos. Estávamos na época do Rei Faruk que não gostava nada de suas críticas e já havia pedido sua prisão. Neste momento de sua saída o Egito juntamente com mais cinco exércitos árabes, estava nos estágios finais da derrota na guerra que criou Israel como um Estado judeu dentro mundo árabe. Este triste momento para os árabes afetaria profundamente os seus pensamentos futuros.

Nesta época, era supervisor do Ministério da Educação. Era um fervoroso nacionalista e anticomunista. Ainda não tinha claro em sua mente as idéias que dariam origem ao que se denominaria fundamentalismo islâmico.

Ele tinha hábitos ocidentais na vestimenta, gostava da musica clássica e filmes americanos, mas tinha decidido ser um verdadeiro muçulmano no tocante às tentações materialistas, sexuais e pecaminosas do Ocidente. Este homem atormentado com dúvidas internas e muita dificuldade de adaptação a uma nova realidade abalariam o islã, ameaçaria regimes em todo o mundo muçulmano e daria início a uma geração de jovens árabes desenraizados em busca de sentido e propósito para a vida, coisas que encontrariam na *jihad*.

(...) via o Ocidente como uma única entidade cultural. As distinções entre capitalismo e marxismo, cristianismo e judaísmo, fascismo e democracia eram insignificantes em comparação com a única grande divisão na mente de Qutb: Islã e Oriente de um lado e Ocidente cristão de outro. (WRIGHT, 2007:20).

Para ele havia pouca diferença entre os sistemas comunista e capitalista: estes satisfazem apenas as necessidades materiais da humanidade e deixam o espírito insatisfeito. Então, o islã seria “um sistema completo”, com leis, códigos sociais, regras econômicas, e seu próprio método de governo.

Em 1949 chega a notícia do assassinato do *sheikh* Hassan Al-Banna, o guia supremo da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, em 12 de fevereiro no Cairo. Embora nunca tivessem se encontrado, Qutb e Al-Banna conheciam a fama um do outro. Al-Banna era precoce e carismático, mas também um homem de ação. Fundou a Sociedade dos Irmãos dos Irmãos Muçulmanos em 1928 com o objetivo de transformar o Egito em um Estado Islâmico. Esta irmandade não ficou apenas nos limites egípcios, mas espalhou-se pelo mundo árabe. Esta morte parece ter tocado Qutb de uma forma especial, pegando-o num momento carente e fazendo ter certeza de sua conversão à Irmandade.

Para os pensadores americanos e britânicos, a Irmandade representava um perigo para o Egito e todo mundo muçulmano, uma vez que este grupo estaria bloqueando a modernização e sendo um obstáculo à civilização.

Durante sua estadia nos Estados Unidos, Qutb teve contato com posições femininas contemporâneas vindas de jovens estudantes e professoras que o deixaram perplexo, chegando a afirmar que os educadores estariam “poluindo gerações de jovens com sua filosofia amoral”. Ele também tomou contato com declaradas ações de preconceitos contra estrangeiros, contra negros, algumas contra orientais. Tudo reafirmava cada vez mais suas posições radicais. Apesar de muitas vezes fazer comentários pertinentes, Qutb sempre pareceu alguém com muitas dificuldades em adaptar-se a novas circunstâncias, às novas culturas, pensamentos e nunca escondeu o fato de ser muito tímido, sem grandes interesses à figura feminina ocidental e com auto-estima flutuante. Conta-se que ele havia deixado um amor no Egito, um amor não correspondido e nunca mais conseguiu encontrar outro amor igual, ou ao menos uma mulher com os mesmos recatos da anterior.

Ele havia chegado a tal inconformismo com o que via que passou a abandonar os cursos e entrar numa grande desilusão. Segundo Wright (2007:36), ele dizia em cartas para amigos que o verdadeiro deus americano era o materialismo, a alma não tinha valor para os americanos. Chamou a sociedade ocidental de decadente, sexualmente depravada, vazia, materialista, superficial, pagã e ignorante. Esta experiência, que a princípio o encheria de novas informações, novas experiências e liberdade de expressão, coisa que não tinha no Egito, acabou por torná-lo cada vez mais radical. O problema é que ele não guardaria suas impressões para si, muito pelo contrário, seus escritos influenciaram muito o mundo árabe e muçulmano contra um chamado Novo Mundo que era admirado por todos. Apesar de não expressar suas idéias no país anfitrião, sua raiva com relação às questões raciais tornou-se contundentes. Chamava europeus e americanos de “homens brancos”.

Em uma de suas declarações descrita por Wright, afirma:

O homem branco nos esmaga sob os pés, enquanto ensinamos às nossas crianças sobre sua civilização, seus princípios universais e objetivos nobres. (...) Estamos dotando nossas crianças de admiração e respeito pelo senhor que pisoteia nossa honra e nos escraviza. Em vez

disso, plantemos sementes de ódio, aversão e vingança nas almas dessas crianças. Ensinemos a essas crianças, desde cedo, que o homem branco é o inimigo da humanidade, e que devem destruí-lo na primeira oportunidade. (2007:36).

Se levarmos em conta que estávamos somente em 1950, muito tempo antes dos maiores momentos de expressão antiamericana podemos ver que as idéias fundamentalistas tem raízes longas e antigas. Os Estados Unidos acabaram por personificar uma modernidade que o assustava: secularismo, racionalidade, democracia, individualismo, sexualidade, tolerância, materialismo, liberdade, etc. Esta modernidade era um vírus a atingir o islã e adoentá-lo. Para ele, modernidade e Islã eram completamente incompatíveis. Desejava desmoronar toda a estrutura política, filosófica e cultural moderna e manter um Islã puro, um Estado de União Divina, idéia esta, contrária ao separatismo entre religião e estado, ciência e teologia, mente e espírito vigentes. Para ele a Divindade era plena e una e o oriente havia se esquecido disto com a poderosa influência ocidental. Ele se lança numa batalha para redimir seu Islã:

(...) Só restaurando o Islã no centro da vida, das leis e do governo os muçulmanos poderiam ter esperança de reconquistar seu lugar de direito no mundo, como a cultura predominante. Era seu dever, não só para consigo mesmo, mas para com Deus. (WRIGHT, 2007:37).

Nesta fase, o governo egípcio permanecia sem respaldo popular, as forças britânicas mantinham-se no Canal de Suez, a figura do rei Faruk envergonhava a todos com suas extravagância e escândalos. O panorama era de pobreza, desemprego, analfabetismo e doenças. Era um ambiente ideal para qualquer disseminação de idéias que trouxessem o mínimo de esperanças para o futuro.

Ao mesmo tempo a Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, ou Irmandade Muçulmana aproveitando deste espaço deixado pelo governo passa a criar seus próprios hospitais, escolas, fábricas e instituições de assistência social. Chegou até mesmo a ter seu próprio exército. Seu fundador já falecido, Hassan Al-Banna, não via seu partido apenas como uma opção política mas a única opção de governo islâmico e universal, uma vez que nos escritos do Corão, lia-se que o Islã

tinha a vocação de dominar e não ser dominado, impor suas leis a todas as nações como única opção para o mundo.

A Irmandade vinha como única resistência eficaz e organizada contra a ocupação britânica e assegurava legitimidade aos olhos da classe média baixa do Egito. Embora o governo tivesse dissolvido oficialmente a Irmandade com a morte de Al-Banna, este grupo já contava com mais de um milhão de partidários.⁵⁶ Embora este grupo visasse aos britânicos e judeus, ela também esteve por trás de ataques à bomba a dois cinemas do Cairo, além da morte de um juiz proeminente e do assassinato de vários membros do governo.

Fica claro que a Irmandade também continha uma porção muito forte de violência por trás de uma fachada de assistencialismo social.

Após um ataque britânico a um quartel nas imediações do Suez, multidões agitadas se formaram nas ruas do Cairo. Queimaram os velhos redutos britânicos do *Turf Club* e o famoso *Shepherd's Hotel*. Os incendiários liderados por membros do aparato secreto dos Irmãos Muçulmanos cortaram as mangueiras dos carros de bombeiros que chegavam para apagar o fogo, depois passaram para o bairro europeu, queimando todos os cinemas, cassinos, bares e restaurantes no centro da cidade. O Cairo estava morto e o modelo radical islamista estava reinante.

Em julho do mesmo ano, 1952, uma junta militar dominada por um coronel carismático do exército, Gamal Abdul Nasser, exilou o Rei Faruk em seu iate e assumiu o controle do governo, que caiu sem resistência. Pela primeira vez em 2500 anos o Egito era governado por egípcios! Muitos dos planos para essas ações foram discutidas e decididas na casa do próprio Sayyid Qutb. Nasser, vários militares, Qutb e até Anwar Al-Sadat, que seria sucessor de Nasser, mantinham laços com a Irmandade. No entanto era uma associação frágil, com negociações difíceis entre Qutb e Nasser com reação aos anseios do primeiro. Ambos estavam interessados no poder, mas nenhuma facção tinha respaldo popular para tal e

⁵⁶ A população egípcia se compunha então de 18 milhões de habitantes.

agora tínhamos a competição entre uma sociedade militar e outra religiosa. Se de um lado Nasser tinha o exército, a Irmandade tinha as mesquitas. Se de um lado o sonho político de Nasser era um socialismo pan-árabe, moderno, igualitário, secular industrializado, a Irmandade ansiava por um governo teocrático, pela reforma da sociedade com a imposição dos valores islâmicos sobre todos os aspectos da vida, na mais pura espiritualidade. A Irmandade desejava impor a Sharia, seu código legal extraído do Corão e das palavras do Profeta Maomé. A única coisa em comum desses dois lados era a grande ambição de ambos e a recusa para com a democracia. Essa união estava claramente fadada a se romper a qualquer momento.

Em 1954 Nasser prendeu Qutb por seus exageros reacionários, mas o libertou mais tarde e permitiu que se tornasse editor da revista dos Irmãos Muçulmanos, *Al-Ikhwān Al-muslimin*. A imagem de Nasser junto à militância islâmica estava muito distorcida. Nasser fechou este jornal em agosto do mesmo ano e Qutb fez uma aliança com egípcios comunistas para derrubar Nasser, aliança que não deu certo.

Em 26 de outubro de 1954, durante um discurso em Alexandria, Nasser foi alvejado por tiros vindos de um membro da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos. Ele não foi ferido e continuou a bradar seu discurso ignorando o pânico que se instalava. Se Nasser tivesse sido morto, com certeza seria exaltado como herói e este fato tornou-o muito popular. Qutb foi responsabilizado pelo atentado e preso. Outros militantes foram enforcados.

A prisão de Qutb tomou vultos de “Calvário Católico”. Alguns jornais falam de cenas como várias quedas durante o percurso até a prisão, sofrimento, espancamento, tortura mostrada a todos que quisessem ver. Estava nascendo um mártir...

Uma linha de pensamento propõe que a tragédia americana do 11 de setembro nasceu nas prisões do Egito. Defensores dos Direitos Humanos do Cairo argumentam que a tortura criou uma vontade de vingança, primeiro em

Sayyid Qutb e depois em seus seguidores, incluindo Ayman Al-Zawahiri que será abordado mais adiante.

O alvo principal da ira dos prisioneiros foi o governo secular egípcio, mas uma raiva enorme também foi dirigida ao Ocidente, visto como a força capacitadora por trás do regime repressivo. Consideram o Ocidente responsável por corromper e humilhar a sociedade islâmica. De fato, o tema humilhação, a essência da tortura, é importante para compreender a raiva dos islamitas radicais. As prisões do Egito se tornaram uma fábrica de militantes cuja necessidade de desforra, que eles chamavam de “justiça”, era total e absoluta.

Através de confissões e documentos tomou-se contato com planos de destruição do Cairo e Alexandria, explosão de pontes e rodovias, tudo para instalar uma teocracia primitiva no Egito. Qutb foi condenado à prisão perpétua, mas quando sua saúde, já precária, piorou, a sentença foi reduzida há 15 anos.

Da prisão, do hospital, Qutb conseguiu fazer sair fragmentos de seu manifesto intitulado “Marcos”. Este manifesto acabou sendo publicado em 1964, tornou-se algo proibido pelo governo, mas já tinham cinco edições esgotadas. Seu teor era apocalíptico e desesperado. Tínhamos então uma divisão no mundo e apenas uma escolha: a rejeição dos valores ocidentais que representavam o fim da humanidade por um Islã puro e primitivo. Era uma verdadeira jihad, ou “guerra santa”.

Segundo Milton-Edwards (2008:154), em 1964, o presidente do Iraque, Abdul Salam Aref, persuadiu pessoalmente Nasser a conceder a Qutb a liberdade condicional, e convidou-o para ir ao Iraque, prometendo-lhe cargo importante no governo. Qutb recusou alegando que “o Egito ainda precisava dele”, voltando a conspirar em sua residência.

A Arábia Saudita, temendo influências da revolução de Nasser, secretamente supriu o grupo revolucionário com armas e dinheiro. Por Qutb ser

citado como mentor de mais conspirações contra o governo, ele foi novamente preso e julgado em 19 de abril de 1966.

O Corão afirma explicitamente que “não há imposição quanto à religião”. Qutb, no entanto, desprezou a idéia de que a *jihad* é apenas uma forma de defesa da comunidade de fiéis. Ele dizia que o islã não era apenas uma crença e sim uma declaração de liberdade dos homens, abolindo a servidão em relação a outros homens. Assim, ele procurou desde o início abolir todos aqueles sistemas e governos baseados no domínio do homem sobre o homem. Argumentava que a vida sem o Islã era escravidão, então, a liberdade real só poderia ser atingida depois que o *jahiliyya*⁵⁷ fosse eliminado. E ainda, somente quando o governo do homem fosse erradicado e a Sharia imposta, não haveria mais imposições quanto á religião, pois só existiria a única religião: o Islã.

Em suas declarações durante o julgamento que durou três meses, posicionava-se cada vez mais como mártir ao falar coisas como: “É chegada a hora de um muçulmano oferecer sua cabeça para proclamar o nascimento islâmico”. Na verdade, a única prova concreta contra ele eram seus escritos subversivos. Ele recebeu sua sentença de morte com gratidão, segundo Milton-Edwards: “Graças a deus, realizei a *jihad* durante quinze anos, até merecer este martírio...”.

Mais uma vez parece que Nasser tentaria reverter este panorama para que Qutb não ficasse ainda mais perigoso após a sua morte. Pediu a intervenção de Sadat para que pedisse que o condenado apelasse da sentença e estava disposto a até oferecer-lhe o cargo de Ministro da Educação novamente. Claro que a proposta foi recusada e ao ser questionado por sua irmã, Qutb teria ainda afirmado: “Minhas palavras serão mais fortes se me matarem”.

Syyid Qutb foi enforcado após as orações matinais em agosto de 1966. O governo recusou-se a entregar o corpo á família temendo que seu túmulo tornasse

⁵⁷ O mundo da descrença vigente antes do Islã e que continuava corrompendo e solapando os fies com sedução do materialismo, secularismo e igualdade sexual.

um santuário. A partir daí, o primeiro mártir islâmico cumpria seu papel e o futuro apocalíptico previsto por ele começava ser tecido.

c) Ayman Al-Zawahiri

Ayman Al-Zawahiri, filho de pais com bom poder aquisitivo e alto grau de instrução, cresceu ouvindo as histórias de seu tio materno Mahfuz Azzam, sobre a vida de Sayyid Qutb e suas agruras dentro da prisão. Sua identificação com os ideais de Qutb foi imediata e o acompanhou por toda vida. Nasceu no subúrbio abastado de Heliopolis no Cairo. Sua criação foi religiosa, mas não abertamente devota. Seu perfil combina com o de muitos islamitas políticos radicais: recente migração das províncias para a capital, pais profissionais liberais de classe média, família cheia de aspirações e ambições que dificilmente poderiam concretizar-se. Além de tudo isso vinha com uma antiga herança revolucionária vinda de seus avôs. O avô paterno foi um intelectual conhecido que resistiu tanto à administração colonial britânica quanto à monarquia e se avô materno foi o primeiro secretário da Liga Árabe.

Com quinze anos, no mesmo ano que Qutb foi para força, Ayman ajudou a formar uma célula clandestina empenhada em derrubar o governo e criar um Estado islamita.

Um dos momentos mais importantes e tristes para os jovens desta época foi à derrota contra Israel. Segundo Wright (2007:52), a rapidez e a determinação da vitória israelense na Guerra dos Seis Dias (1967) humilharam muitos muçulmanos que acreditavam até então que Deus favorecia sua causa. Eles perderam não apenas exércitos e territórios, mas também a fé em seus líderes, a fé em seus países e em si próprios. Deus se voltara contra os muçulmanos. O único caminho de volta a Ele era o retorno à religião pura. A voz respondeu ao desespero com uma fórmula simples: “Islã é a solução”.

Para Al-Zawahiri o alvo principal era o regime de Nasser.

Nasser morreu de um ataque cardíaco súbito em 1970 e seu sucessor Anwar Al-Sadat colocou-se a negociar com os islamitas. Denominando-se o “presidente fiel”, e o “primeiro homem do Islã”, ele fez uma proposta à Sociedade dos Irmãos Muçulmanos: permitiria que pregassem e defendessem suas idéias, contanto que não houvesse violência. Libertou vários islamitas sem perceber o perigo que aqueles jovens influenciados pelos ideais de Qutb poderiam representar.

Em 1973, uma vitória contra Israel deu a Sadat o apoio que precisava. Já no ano seguinte, um novo grupo de ativistas islâmicos jovens aparece dentro das universidades: *Al-Gama'á Al-Islamiyya* que na verdade era a própria Irmandade Muçulmana com o novo nome de Sociedade Islâmica. O Grupo Islâmico radicalizou a maioria das universidades do Egito, os estudantes homens deixaram de aparar a barba e as estudantes mulheres puseram o véu. Estas mesmas universidades tinham sido anteriormente redutos da Juventude Marxista e de repente parece que os grupos clandestinos começaram a se conhecer.

Só no Cairo eram cinco ou seis células, a maioria com menos de dez membros. Quatro delas, incluindo a de Zawahiri, uma das maiores, se fundiram para formar o *Jamaat Al-Jihad* (Grupo da *Jihad* ou simplesmente “*Al-Jihad*”). Embora seus objetivos se assemelhassem aos islamistas predominantes na Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, não tinha nenhuma intenção de agir politicamente para atingi-los. Zawahiri achava que tais esforços contaminavam o ideal do puro Estado islâmico e passou a desprezar os Irmãos Muçulmanos.

Interessante citar que Ayman Al-Zawahiri casou-se após os trinta anos com Azza Nowair, também de família bem abastada e que mantinha uma postura radical religiosa muito diferente de seu grupo social. Chegava a usar o *niqab*⁵⁸ e seu casamento seguiu os moldes da nova sociedade egípcia após o “open-doors”, sendo realizado em um hotel antigo, um resort anglo-egípcio na Praça da Ópera do Cairo.

⁵⁸ Véu que cobre todo o rosto da mulher dos olhos para baixo.

O Egito nunca representou um solo muito frutífero para a Grande *Jihad*, segundo Zawahiri em suas notas em seu livro “Cavaleiros sob o estandarte do profeta”:

O rio Nilo corre por um vale estreito entre dois desertos sem vegetação nem água. Tal terreno tornava a guerra de guerrilhas no Egito impossível, e como resultado forçava os habitantes deste vale a se submeterem ao governo central, sendo explorados como trabalhadores e compelidos a alistar-se no exercito. Talvez o Paquistão ou o Afeganistão viessem a se mostrar locais mais adequados para arregimentar um exército de islamitas radicais, que poderiam depois voltar para conquistar o poder no Egito (ZAWAHIRI apud Wright, 2007:59).

Diante disto não foi à toa que Zawahiri aceitou sem pestanejar o convite para trabalhar como médico cuidando dos refugiados afegãos no Paquistão, fazendo parte da Sociedade do Crescente Vermelho, parte islâmica da Cruz Vermelha Internacional.

Ele volta em 1980 cheio de idéias e passa a recrutar estudantes nas universidades para a *jihad*. Em mais uma viagem, em 1981, escreveu dizendo que via a *jihad* afegã como um curso de treinamento da máxima importância para preparar os *mujahidin*⁵⁹ muçulmanos. Além disso, seria útil para a sua aguardada batalha contra a superpotência que agora dominava sozinha o mundo: Estados Unidos.

O Oriente passava neste momento por importantes acontecimentos:

- a) Invasão soviética no Afeganistão;
- b) Retorno do Ayatollah Ruhollah Khomeini ao Irã;
- c) “Derrubada do Trono do Pavão”, primeira tomada de poder islamita de sucesso em um país grande.

Quando o Xah Reza Pahlevi, exilado do Irã, procurou tratamento para o câncer nos Estados Unidos, o Ayatollah incitou estudantes para atacarem a Embaixada Americana em Teerã. Sadat posicionou-se contra Khomeini,

⁵⁹ Guerreiros santos

chamando-o de “lunático” que transformou o islã numa palhaçada, e ainda convidou o Xah doente a fixar residência no Egito. Ele acabou morrendo em solo egípcio no ano seguinte. Pode-se inclusive visitar seu túmulo em Alexandria.

A transformação da noite para o dia, de um país rico, poderoso e moderno como o Irã em uma teocracia rígida deu ainda mais força para o movimento *Al-Jihad*, mostrando que o sonho era possível. Era um sonho de destruir o Estado e impor uma ditadura religiosa, impor a lei islâmica, a *Sharia*.

O acordo de paz com Israel uniu todas as facções islamitas contra Sadat. Ficaram ainda mais irados com a nova lei imposta que concedia direito de divórcio às mulheres, apesar deste privilégio não fazer parte do Corão. Ainda chegou a ridicularizar a vestimenta islâmica das mulheres devotas, que chamou de “tenda” e banuiu o niqab nas universidades. A reação era eminente e esperada.

Sadat impunha um slogan “nada de política na religião e nada de religião na política”, indo contra seus primeiros votos de apoio aos grupos islâmicos.

Sadat celebrava o oitavo aniversário da guerra de 1973 contra Israel, estava cercado por vários diplomatas, entre eles Boutros Boutros-Ghali. Quando batia continência para as tropas em desfile, um carro militar deu uma guinada em direção a tribuna e três homens, e o tenente Khaled Islambouli atiraram contra ele. Este teria gritado “matei o faraó” após descarregar sua metralhadora contra o presidente.

A notícia de sua morte não comoveu muito o mundo árabe, pois o tinham como traidor ao selar paz com Israel. Apesar da morte de Sadat não ter representado nenhuma contribuição aos planos de Zawahiri, ele elaborou um novo plano: um ataque às autoridades no funeral de Sadat. O novo governo, agora encabeçado por Hosni Mubarak, prendeu muitos conspiradores e evitou que o plano tivesse sucesso. Logo o próprio Zawahiri em fuga para o aeroporto foi também preso e junto com milhares de outros militantes foi brutalmente torturado.

O seu julgamento que começou no final de 1982, se estendeu por três anos e ele sempre foi o porta-voz dos prisioneiros. Em seus discursos falava de tudo o que ele e seus companheiros haviam sofrido na prisão. Colocava-se como parte do “exército de Maomé” contra o sionismo, o comunismo, imperialismo e perguntava onde estava a liberdade e a democracia. Na prisão conheceu o xeique cego Omar Abdul Rahman⁶⁰ que recrutava jovens da Universidade de Al-Azhar e era líder da Sociedade Islâmica. Ele havia emitido *fatwas*⁶¹ encorajando o assassinato de cristão, pilhagem de joalherias coptas, roubo entre os convidados de casamentos coptas, tudo para financiar a militância.

Tanto ele como Zawahiri foram acusados de participarem do assassinato de Sadat. A diferença entre as duas organizações islâmicas era que a Sociedade Islâmica pregava que toda a humanidade poderia abraçar o Islã, a *Al-Jihad* preferia agir em segredo e de forma unilateral até que pudessem impor sua visão religiosa totalitária. O objetivo de derrubar o governo era comum, mas possuíam ideologias e táticas diferentes. Conversas acaloradas e agressivas entre os dois líderes fizeram a separação dos dois grupos inevitável.

Apesar de alegarem que os jovens eram recrutados como resposta aos seus anseios religiosos mais profundos, segundo Ibrahim (2003:20), a maior parte dos recrutas islâmicos era de rapazes das aldeias que vieram estudar na cidade grande. A maioria era filho de burocratas de médio escalão do governo. Ambiciosos, tendiam a ser atraídos para os campos da ciência e da engenharia, que aceitavam apenas os estudantes mais qualificados. Não era uma juventude alienada ou marginalizada, tratava-se de jovens egípcios exemplares, estavam bem acima da média de sua geração. O sucesso do recrutamento dos grupos de militantes deveu-se ao fato de darem ênfase na irmandade, no apoio, no compartilhamento e apoio espiritual tão necessário ao jovem desta idade e principalmente para os migrantes rurais que se encontravam em um momento delicado de suas vidas.

⁶⁰ Responsável pelos planos do primeiro ataque ao WTC.

⁶¹ Decisões religiosas a fim de consagrar ações que normalmente seriam consideradas criminosas.

Ele conseguiu trabalho numa clínica na Arábia Saudita (Jidah) e mesmo sem a autorização do governo, partiu, talvez com passaporte falso em 1985. Entre as famílias mais proeminentes da Arábia Saudita e principalmente desta cidade de Jidah estava a família de Bin Laden.

Em 1986 Al-Zawahiri se juntou à comunidade árabe em Peshawar, Paquistão. Inicia prestando serviços em uma instituição humanitária, o hospital do Crescente Vermelho, mas começa a usar este mesmo espaço para recrutamento para a *Al-Jihad*, ou *Jihad* Islâmica, enquanto seu irmão Mohammed organizou o canal financeiro da *Al-Jihad*, que ia do Cairo ao Paquistão via Arábia Saudita. Trouxe consigo outras figuras conhecidas da história da política egípcia: Amin Ali Al-Rashidi, o ex-oficial cujo irmão participara do assassinato de Sadat e outro ex-oficial da polícia egípcia, Mohammed Atef, coronel das forças especiais do exército egípcio além de Mohammed Ibrahim Makkawi que havia contado a um advogado egípcio sobre planos de atirar um avião no Parlamento egípcio.

O Egito tem desfrutado historicamente de certa supremacia cultural e freqüentemente política, no Oriente Médio. Mas o próprio número de militantes egípcios, detentores de uma experiência prática no ativismo islâmico, que excedia em muito a de Bin Laden, levanta questões importantes sobre exatamente quem estava no comando de quem. A lealdade a Bin Laden, até mesmo a obediência a ele como Emir⁶², trouxe grandes benefícios à empobrecida Jihad Islâmica. Além de falta de dinheiro, Zawahiri, apesar de ser organizador e estrategista militar eficaz, carecia de autoridade espiritual na altura de seu concorrente de militância, o *sheikh* cego Omar Rahman. A sua associação com Bin Laden trouxe-lhe carisma e reputação. Apesar de termos informações contraditória a respeito da vida de Bin Laden e sua associação com outros grupos, a maior parte das afirmações constata uma manipulação do mais velho, Al-Zawahiri sobre o mais novo, Osama bin Laden.

⁶² Título de nobreza historicamente usado por nações islâmicas no Oriente Médio.

Em 1987, Zawahiri teria sido impelido para ambas às direções: a Al-Jihad que ele mesmo havia criado e definido como uma opção universal e, a ainda sem nome e sem uma clara definição, chamada Al-Qaeda. Esta organização teria sido criada com a união entre os ideais dele e os de Osama bin Laden. Zawahiri dava aulas a Bin Laden de como se tornar o líder de uma organização internacional.

Vemos a união entre os ideais sauditas e egípcios tão divergentes, mas confluindo em algo inusitado: a *jihad* global para chegar ao verdadeiro Estado Islâmico.

No início da Al-Qaeda em 1992⁶³ e na sua seqüência de desenvolvimento o conselho de liderança formado para orientar Bin Laden sempre se compunha de egípcios, incluindo Zawahiri.

Na década de 90 Zawahiri passa ter como objetivo derrubar o governo de Mubarak.

Para enfraquecer o governo, opta por incitar a massa contra os turistas, base da economia nacional, alegando que sua presença abria o país para as corrupções ocidentais. Vários eventos violentos se sucederam. O Grupo Islâmico iniciou uma guerra contra a polícia política egípcia com a meta de matar ao menos um policial por dia. Visava também estrangeiros, cristãos e particularmente os intelectuais que criticavam as ações islamitas. Dentre ele esteve jurado de morte Farag Foda, que efetivamente morreu em 92. Ele fazia críticas aos grupos rebeldes dizendo que seus atos estavam mais relacionados à frustração sexual do que ambições políticas. Até o Premio Nobel Naguib Mahfuz recebeu uma fatwa do xeique cego acusando-o de infiel. Quase morreu depois de receber uma punhalada. Ironicamente Mahfuz tinha sido descoberto pelo mártir Qutb e agora era perseguido pelos que seguiam seus pensamentos.

Atentaram contra Hassan Al-Alfi, Ministro do Interior em 1993 com um atentado a bomba carregada em uma motocicleta. Felizmente não tiveram

⁶³ A data exata do início da Al-Qaeda ou início de seus ideais ainda é incerto. Este ano ao menos marca a união de duas figuras importantes para o Islã.

sucesso. E este atentado suscitou a ira de muitos muçulmanos, pois o suicídio é proibido pelo Corão e este primeiro atentado usando homem-bomba mexeu com os ânimos da população.

Em 1995 os agentes da inteligência egípcia faziam coisas das mais inusitadas para dizimar as forças de Zawahiri. Atraíam meninos de 13 treze anos e após drogá-los e sodomiza-los, os forçavam a colocar escutas nas casas de membros da organização terrorista, tirar fotos. Descobertos, os meninos foram pegos e mortos.

Zawahiri tentou também matar o Primeiro Ministro do Egito, Atef Sidqi. Um carro-bomba explodiu quando o ministro passava por uma escola de meninas no Cairo. Por estar em seu carro blindado ele saiu ileso, mas esta explosão feriu 21 pessoas e matou uma aluna. Sua morte enfureceu profundamente os egípcios que já tinham visto mais de 240 pessoas serem mortas por este grupo. Segundo Wright, enquanto o caixão da menina era carregado pelas ruas do Cairo, as pessoas bradavam: “o terrorismo é inimigo de Deus”! (2007:210)

Em novembro de 1997, mais uma vez Zawahiri partiu contra os turistas. Seis rapazes trajados de uniformes pretos de policial e carregando bolsas de vinil entraram no templo da Rainha *Hatshepsut*, por volta das nove da manhã. Um deles atirou num guarda e depois todos amarraram faixas vermelhas na cabeça, identificando-se como membro do Grupo Islâmico. Dois dos atacantes permaneceram no portão para enfrentar a polícia, que não chegou. Os outros percorreram os terraços do templo, derrubando turistas com tiros nas pernas e depois dando golpes de misericórdia na cabeça. Paravam para mutilar alguns corpos com facões de açougueiros. Um japonês foi desviscerado e dentro de seu corpo foi encontrado um panfleto: “Não aos turistas egípcios”. A matança durou aproximadamente 45 minutos. Entre os mortos, estava uma criança britânica de cinco anos e quatro casais japoneses em lua-de-mel. Morreram no incidente 58 turistas e quatro egípcios. Foi o pior ato de terrorismo da história do Egito moderno. A maioria das vítimas era suíça, outras vinham do Japão, Alemanha, Reino Unido,

França, Bulgária e Colômbia. Dezesete turistas e nove egípcios ficaram feridos. A ira da população aumentou ainda mais contra os islamitas.

Em julho de 2001, o presidente egípcio Hosni Mubarak avisou os Estados Unidos de que terroristas a mando de Zawahiri e Bin Laden planejavam atacar o presidente Bush em Roma usando um avião cheio de explosivos quando estivesse a caminho da reunião de cúpula do G-8. Além disso, o Ministro do Exército *talibã* confidenciou ao cônsul geral americano em Peshawar e às Nações Unidas em Cabul que a Al-Qaeda vinha planejando um ataque devastador aos Estados Unidos. Muito se falava de possíveis ataques e infelizmente estes se configuraram alguns meses depois.

As autoridades egípcias por acaso capturaram o diretor de afiliação da organização de Zawahiri. Conseguiu nome, codinome e endereço de todos os membros. Foram detidos aproximadamente 800 membros sem nenhum tiro. Da Al-Jihad restara apenas colônias abertas em outros países e a partir deste momento ela estaria fechada no Egito.

Por motivos financeiros e estratégicos a aliança entre Zawahiri e Bin Laden seria a única solução para a continuidade de seus ideais.

Hoje a figura de Zawahiri, como sendo o “2º da Al-Qaeda” é a única que aparece em declarações para Al-Jazeera ou outra mídia. Sua última aparição foi por ocasião de críticas a figura de Barak Obama, acusando-o de reproduzir algumas posturas de Bush. Estranhamente sua figura aparece na mídia sempre em movimento. Seu envelhecimento, mudanças em suas feições, roupas são claramente percebidos. No entanto, a figura de Bin Laden quando aparece na mídia dando um depoimento, por exemplo, é vista em foto ou em movimentos claramente antigos. Na mídia ele não envelhece, não muda de vestimentas há muito tempo. Sabendo que sua saúde sempre foi delicada e que ficou uma suspeita de que Zawahiri esteve envolvido na morte de Azzam, “ex- braço direito” de Bin Laden, sinceramente eu tenho dúvidas de que o mito Bin Laden ainda esteja vivo...

1.4.5 Perfil dos jovens fundamentalistas

Segundo Ibrahim (2002.1-28), em seu estudo sobre os prisioneiros políticos no Egito na década de 70, ele afirma que a maior parte dos recrutas islâmicos era de rapazes das aldeias que vieram estudar na cidade grande. Como já dito anteriormente, maioria era filho de burocratas de médio escalão do governo. Ambiciosos, tendiam a ser atraídos para os campos da ciência e da engenharia, que aceitam apenas os estudantes mais qualificados. Não era a juventude alienada ou marginalizada que se podia imaginar. Eram jovens egípcios exemplares. O autor sugere o sucesso do recrutamento dos grupos de militantes islamitas à ênfase na irmandade, no compartilhamento, e no apoio espiritual que recepcionava os migrantes.

As principais características dos militantes de grupos fundamentalistas egípcios eram: jovens, predominantemente entre a faixa de 20 a 30 anos de idade, 80% deles eram alunos ou universitários diplomados, mais de 50% veio de colégios de elite ou de áreas do saber que mais exigem especialização técnica como medicina e engenharia. Mais de 70% provem da classe média baixa com vida modesta, mas não pobre. Na maioria dos casos representam a primeira geração de suas famílias a receber educação superior. Passaram suas infâncias em cidades pequenas ou em zonas rurais, mas por alguma razão passaram a viver em cidades grandes.

Por outro lado, os membros ativos ou tropas de choque seriam pessoas da classe média urbana, como comerciantes, importadores, exportadores, proprietários de pequenas empresas e bazares.

Os migrantes também são parte da população fundamentalista. Chegaram às cidades e ficaram localizados em áreas faveladas e suburbanas. Para sobreviverem, precisaram se beneficiar dos serviços sociais prestados pelas organizações fundamentalistas.

André Sant Anna sugere outro perfil quando conta a trajetória de seu personagem Mane ou Muhammad Mane, um jogador de futebol, dezessete anos de idade, enviado à Alemanha para uma equipe de futebol Junior. Ele o descreve como pouco instruído, baixo nível social, infernizado pelos amigos em sua infância e adolescência, além de cheio de recalques sexuais, histórico de abandono por parte de pai, mãe alcoólatra e completamente deslocado do local onde foi enviado. O Paraíso prometido pelos folhetos recebidos em encontros com grupos muçulmanos eram traduzidos por colegas também pouco fluentes no idioma alemão. De qualquer forma, este “Paraíso” parecia ser a melhor opção, ou a única, em comparação com sua triste realidade: perder-se dentro de filmes e revistas pornô e viver em um mundo absolutamente distante de sua realidade. As 72 virgens prometidas ao mártir por Allah seriam uma recompensa por toda tristeza de sua vida. O Paraíso seria o único lugar onde ele se sentiria respeitado, amado e com auto-estima significativa. A “outra vida” se pareceria muito mais interessante que a atual. Portanto, seu problema teria muito mais a ver com o sexo do que a religião. Seria muito mais um suicídio que uma forma de atentado.

Há quem diga que estes recrutas a futuros mártires possuem problemas de recalques sexuais terríveis devido às repressões, mas não podemos generalizar ou julgar éticas diferentes. A forma ocidental de lidar com o sexo, mais livre e explícito, muitas vezes choca-se com o recato difundido pelos ensinamentos muçulmanos. Os recalques não são exclusividades relacionadas com religião, mas com culturas, educação e experiências pessoais de cada um.

Outro perfil de mártir sugerido é o de Mohsin Hamid com seu personagem paquistanês Changez, estudante de Princeton nos Estados Unidos que inicia uma estória de grande adaptação e felicidade nesta nova conjuntura ocidental e um destaque profissional conquistado por poucos, mas com o passar do tempo um saudosismo profundo de sua terra natal que passava por um momento conturbado unido a uma desilusão amorosa, o faz retornar ao seu antigo lar. Apesar de não terminar em martirização pessoal, o personagem vai fisicamente buscando suas

raízes, vai criando uma ira poderosa contra o ocidente e tudo que este representaria no destino de seu país e sua estória pessoal.

Parece que amor e sexo sempre estão relacionados de alguma forma com o fundamentalismo, mas afinal de contas, que vida e de qual ser humano o sexo e amor não fazem parte? Independente da religião, todo ser humano está sensível aos movimentos amorosos e seus históricos e experiências sexuais.

Também dependendo da região oriental de que se fala, o perfil mudará.

Na Arábia Saudita, em círculos sociais elevados as devoções não eram muito comuns, mas muitos jovens sauditas encontraram refugio de suas inquietações inerentes à adolescência em expressões intensas de religiosidade. Este parece ser o caso de Osama bin Laden. Outras manifestações ocorreram como revolta com o processo de globalização, quando os sauditas buscam uma fuga de toda pressão ocidental em direção aos seus valores mais profundos e tradicionais. Pulsão de vida, de morte, pulsão sexual, enfim, parece que muitas teorias psicanalíticas e psicológicas poderiam ser aplicadas nestes casos, mas como não é o intuito deste trabalho, apenas cito-as como temas de futuras pesquisas.

Os jovens árabes que teriam sido recrutados para a causa afegã, tinham o objetivo de conseguirem o “martírio”, isto é, morrer em nome de *Allah* e assim conseguir todos os benefícios prometidos quando chegassem ao Paraíso através das más interpretações do Corão. Por serem estigmatizados como fanáticos, não tinham como “voltar para casa” após sua decisão. Com esta sensação de deslocamento social, ficaria muito fácil serem dominados por qualquer figura de liderança. Eles tinham pouco, ou quase nada, para se apegar: a causa santa e uns aos outros. A coesão do grupo era certa e por serem apátridas, estariam facilmente revoltados com qualquer idéia de Estado. Eram considerados os incumbidos por Deus para proteger todo o povo muçulmano...

A sedução de uma morte ilustre e cheia de significado era especialmente poderosa nos casos em que a opressão do governo ou a privação

econômica supriam os prazeres e recompensas da vida. (WRIGHT, 2007:125)

Tratava-se de um suicídio justificado com as palavras de Deus. E mais uma vez, vemos a sensação natural de “deslocamento” por parte dos jovens adolescentes, talvez uma falta de esperança em um futuro após sua decisão, ser usado pelo radicalismo.

Um dos pilotos que jogou o avião contra o WTC em 2001, Mohamed Atta, 30 anos na época do atentado, também era egípcio e havia se formado em Arquitetura na Universidade do Cairo. Empregou-se como planejador urbano e acabou indo para a Alemanha para continuar seus estudos em Hamburgo.

Seus pais cobravam seu Doutorado, mas Atta não ia bem nos estudos, pois seus interesses acabaram mais focados nos radicais islâmicos. Por tentar escapar dos preconceitos que os jovens vindos do Oriente Médio normalmente sofriam, viu-se mais amparado junto aos “seus” e apesar de nunca ter sido radical em nada referente à religião, tornou-se freqüentador assíduo da Mesquita Quds conhecida como “célula de Hamburgo”. Ele mudou muito, passou a viver uma vida cheia de limitações para não pedir dinheiro aos pais, deixou a barba crescer.

Segundo Sant Anna (2006:74), Atta teria sido tocado ainda mais profundamente após sua peregrinação a Meca. Seus dois colegas de quarto, sauditas, também possuíam os mesmos ideais e freqüentavam a mesma mesquita. Seriam outros participantes do tentado aos Estados Unidos. Estes em especial foram recrutados por um olheiro ou scout da Al-Qaeda durante uma viagem de trem. Ao ouvi-los falar em árabe ele fez a abordagem, e ao apresentar a proposta, o mediador atingiu suas ansiedades. Deu-lhes o nome do recrutador local que ficava em uma cidade perto de Hamburgo. Estes dois futuros terroristas chegaram ainda a levar um colega libanês para o encontro.

Este libanês chamado Ziad Jarrah não havia sido criado dentro de qualquer radicalismo islâmico, pelo contrário, bebia e até suas irmãs vestiam-se de forma ocidental. Foi criado em escola cristã e pelos relatos de Sant Anna nunca lhe faltou

namoradas. Apesar de ter o sonho de ser piloto, optou, por pressões de família, por formar-se em engenharia espacial. Os estudos o levaram para Hamburgo. Inicialmente fugiu dos assédios do pregador da mesquita, mas depois, assim como ocorreu com Atta, cedeu ao cerco implacável dos fundamentalistas. Nem o fato de estar noivo com uma bela estudante o fez dissuadir de suas intenções.

Em entrevista para a CNN, o diretor do colégio onde Ziad estudou relata:

Não foi no Líbano que Jarrah abraçou o fundamentalismo, e sim na Europa, que ele sentiu necessidade de pertencer a um grupo fechado, restrito. Em minha opinião, trata-se de um péssimo sinal. Alguém, que nem mesmo é praticante religioso chega á Alemanha e se deixa seduzir pela *Jihad*. Isso revela que algo muito sério acontece no Ocidente. (SANT'ANNA, 2006:81)

O resultado da união destes jovens pôde ser visto em mídia internacional em 11 de setembro de 2001.

Vale destacar o comentário contundente de Bernad-Henry Lévy:

(...) Os inimigos do Ocidente são produtos do Ocidente. Estes jihadistas fervorosos são formados em escolas progressistas e eruditas. (...) E o terrorismo é um filho bastardo de uma cópula demoníaca entre o Islã e a Europa. (2003:26)

Este perfil de fanatismo, isto é, jovem inteligente, bem sucedido que por sentir-se rejeitado em outro país acaba seguindo caminhos tortuosos, já mostra outro tipo de fanático, diferente daqueles que cedem ao terror devido uma vida dura e limitada.

O radicalismo aparece no espaço vago entre expectativas crescentes e oportunidades diminutas. Vem de um momento onde temos uma população jovem ociosa, entediada, onde a arte é empobrecida ou policiada. Vem da falta da presença do sexo oposto tão equilibrante e natural em seu crescimento como ser humano. O analfabetismo ou baixa instrução que acarreta a dificuldade do entendimento do que se passa ao seu redor unido ao desemprego, raiva, humilhações sofridas, agressões físicas e verbais de pessoas diversas (incluindo seus pais), são fatores decisivos para uma busca tão radical.

Muitos pais sauditas acabavam viajando até os campos de treinamento e de batalha para tentar buscar seus filhos, mas como estes jovens mudavam de nome ao ingressar nos grupos, as buscas eram infrutíferas.

Apesar de estar fugindo um pouco do objetivo central desta tese, acho fundamental descrever o que a opção de martírio representa para o jovem:

O martírio prometia àqueles jovens uma alternativa ideal a uma vida tão frugal nas recompensas. Uma morte gloriosa atraía o pecador, que seria perdoado, segundo a crença, ao primeiro jorro de sangue, além de contemplar seu lugar no Paraíso mesmo antes da morte. Seu sacrifício poderia livrar setenta membros de sua família do fogo do inferno. O mártir pobre será coroado no Paraíso com uma jóia mais valiosa que a própria terra. E, para os jovens provenientes de culturas onde as mulheres são mantidas afastadas, fora do alcance de alguém sem perspectivas⁶⁴, o martírio ofereceria os prazeres conjugais de 72 virgens. Elas aguardavam o mártir com festins de carne e frutas e taças do vinho mais puro. (MILTON-EDWARDS, 2006:99).

O desespero, a ociosidade, o desemprego são companhias perigosas em qualquer cultura, e era inevitável que os jovens buscassem um herói que exprimisse seu desejo de mudança e fornecesse um alvo para sua raiva. Isto era tudo o que Osama bin Laden precisava para seu “exército de Deus”. Este homem, o próprio Bin Laden, era um verdadeiro mito no imaginário jovem. Era a morte, o martírio, e não a vitória nas lutas que atraía, ou atraindo a maioria dos jovens.

Ainda, segundo Burke, pode-se distinguir os ativistas em outros grupos:

a) Ativistas intelectuais: homens que vêm de grupos sociais que participaram dos movimentos islamitas da era colonial. Dominam o quadro da liderança militante nas décadas de 1970 e 1980, são fortemente influenciados pelos ideais egípcios, fazem parte da classe média baixa com acesso recente a educação. Eles são normalmente usados na linha de frente na ocasião das aproximações, caracterizam-se por serem em geral inteligentes, articulados, e com atitudes muitas vezes consideradas mundanas por muitos islâmicos. Não possuem muita força para lidar com as frustrações da vida, colocando-se como injustiçados e

⁶⁴ O noivo deve pagar uma quantia de dinheiro, o dote, à família da noiva e mobiliar a casa antes do casamento. Se não tem condições financeiras como casará?

reivindicando “providências” por parte dos governos, coisa que raramente aconteceria. Muitos deste grupo possuem pais ou familiares próximos que se envolveram com causas anticolonialistas. Esta é a geração que foi muito exposta às imagens do ocidente relativas à democracia, à sexualidade e riquezas cheias de valores de status. A primeira frustração que experimentam é ter chegado a concluir uma universidade e não poder exercer sua profissão. Temos os imigrantes que vem sem malícia para os grandes centros com ilusões, médicos que trabalham como taxistas, engenheiros que vivem de lecionar matemática. É o jovem que deve decidir entre as palavras do *mullah* de sua mesquita ou as palavras que ouve na MTV. Se decidir pelo segundo caso, perceberá rapidamente que ele nunca poderá ter as mesmas roupas daqueles que vê na TV, não terá as meninas que ali são mostradas e sempre será distinto pela sua origem ou sua cor de pele. Neste momento a frustração lhe impõe uma rejeição agressiva a tudo que representa a dor que o ocidente lhe infringe, a dor que provoca tanta baixa estima neste jovem em uma idade tão delicada. O desafio é se relacionar com a modernidade sem se “vender” a ela, relacionar-se com a modernidade sem sacrifícios de suas crenças, identidade pessoal, cultural, valores. Para um jovem isto é um desafio por demais árduo e tornam-se alvo fácil de recrutadores que transformam a energia de frustração em ódio para serem usados em protestos muitíssimo violentos.

b) Ativistas marginalizados: surgem no fim dos anos 80 e se fortalecem na década de 90. Estes homens são menos instruídos, muito pobres e mais violentos. São intolerantes, fanáticos e radicais em suas ações e seguem um islamismo irrefletido ou nem mesmo sabem ao certo o que estão seguindo. Agem mais como mercenários que seguidores religiosos. Estes não são homens frustrados, mas aqueles que não viam e continuam a não ver, qualquer perspectiva de vida. É a parte da população que vive realmente à margem da sociedade em favelas ou áreas marginalizadas. Muitos são ex-condenados e são oriundos de vários países. Na ultima década, Bin Laden e seu companheiro Zawahiri apesar de serem estudados e de boas e prósperas famílias, parecem ter tido muita influência nesta

classe de militantes rudes e sem instrução. Estes terroristas são literalmente construídos pelos superiores responsáveis.

Fica muitas vezes fácil falar em problemas econômicos e sociais sofridos por alguns países e conectá-los imediatamente às ações de terrorismo. Talvez fique fácil quando falamos de Afeganistão, quando mostramos a falta de saneamento da maioria das cidades africanas, estabelecer que a partir daí, surge o terrorismo. Mas a relação não é assim tão simples. A distância entre ricos e pobres está cada vez maior no mundo todo, e principalmente em países de maioria islâmica, mas isto em si não é suficiente para justificar o terrorismo. Mesmo em momentos econômicos e sociais adversos, a falta de fé e perspectivas futuras passa a ser o principal incitador dos pensamentos e ações violentas e cheias de ódio. E o governo tem condições de agir sobre isto. Se o Governo não age, facilmente teremos terreno fértil para a proliferação de ideologias suicidas e radicais.

Na Arábia saudita predomina ainda o pacto com os *ulemás wahhabitas* e dificilmente farão algo diferente. No Egito, a fortíssima repressão acaba por fazer “escoar” este povo raivoso, ou grupo, para as mãos de radicais. Dentro ou fora do país cria-se um “grupo imaginário” do qual os militantes sentem fazer parte. O governo ao invés de se legitimar como Poder, segura como puder qualquer manifestação real de democracia e liberdade. Então esta chamada “guerra cósmica”, “guerra santa” toma poderes de legitimação de qualquer ato que se faça neste grupo. E neste momento fica fácil estabelecer mitos como Bin Laden e qualquer outro líder-mito que apareça neste vácuo. A propaganda só funciona quando se estabelece uma identidade com aquilo que as pessoas percebem como verdadeiro. Seu discurso legitima os atos de violência devido a uma injustiça mundial contra os seguidores de *Allah*. Este discurso hoje está na Internet, em muitas mesquitas, nas casas de chá masculinas. Não precisam mais ir ao Afeganistão para receber ensinamentos ou aprender a pilotar aviões, pois até games já reproduzem com fidelidade muitos ensinamentos terroristas.

Al-Qaeda passa a ser nome personificado de vários grupos diferentes espalhados pelo mundo, como se houvesse como apenas um homem fraco e doente, porém muito rico, pudesse administrar toda a logística terrorista do mundo e ser pessoalmente responsável por cada homem-bomba de hoje.

Os militantes, no fundo, se ressentem de não ter suas reivindicações ouvidas pelos governos, pelos líderes, pela sociedade, pelo mundo! Eles acreditam que estão travando uma batalha para preservar com “unhas e dentes”, ou para garantir a sobrevivência de suas vidas, ética, religião, modo de vida, seu orgulho que crêem estar sendo ameaçada por um “ocidente” que nem sempre é claramente nominado. É uma autodefesa e como tal justificaria os meios.

1.4.6 Pensamento fundamentalista egípcio e Osama bin Laden

A figura de Osama bin Laden tem sido amplamente criticada e analisada por vários autores no mundo todo. Em geral são livros sobre a sua vida e sua participação, ou não,⁶⁵ nos vários conflitos internacionais e formação da Al-Qaeda. No entanto, o que nos interessa aqui, é dimensionar o quanto as idéias fundamentalistas egípcias o influenciaram a percorrer sua trajetória.

Walter Graziano traça uma rede de relações de interesse entre a família de Bin Laden, Bush, Rockefeller, Rothschild, Clinton, CIA, FBI e os compromete entre si com o atentado de 11 de setembro, guerras, invasão Iraque, etc. Apesar de ser uma obra muitíssimo interessante e despertar para muitas coerências da atualidade, prefiro deixar seu conteúdo para os futuros desdobramentos de minha tese, uma vez que muitos de seus comentários em seu livro coincidem com muitos comentários e informações que obtive de jornalistas iraquianos e sauditas em minhas pesquisas no Cairo.

Falar do perfil de Osama bin Laden é no mínimo difícil. Sua história é contraditória e repleta de julgamentos. Dependendo da fonte das informações (literatura, jornalismo, depoimentos de religiosos), tenho as mais diversas críticas

⁶⁵ No Cairo conheci vários jornalistas de países islâmicos que contam histórias muito diferentes das difundidas pela mídia americana. Mas isto fica para outra abordagem, em outro momento.

e exaltações. Seguindo o histórico levantado por Lawrence Wright, ele teria nascido em 1958, 17º filho de Mohammed bin Laden com uma de suas várias mulheres chamada Alia. Seu pai era um proeminente construtor, rico, braço-direito do rei Faisal. Infelizmente ele morreu muito cedo em um acidente aeroviário quando estava a caminho de um novo casamento. Ele teria menos de 60 anos e deixou 54 filhos, “25 homens para jihad”. Estranho ou não, Mohammed bin Laden morreu nas imediações de uma fazenda da família Bush, palco de outros acidentes aéreos relacionados.

Osama era muito tímido, sofria com a ausência do pai e fazia de tudo para agradá-lo. Cresceu tentando repetir o sucesso do pai. Seu despertar religioso teria se dado aos quatorze anos com a influência de um professor de ginástica, sírio e membro da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, sociedade esta que conforme já informado, nasceu no Egito.

Sua mãe conta em seus depoimentos ao jornalista Khaled Batarfi, que ele achava que os muçulmanos não estavam próximos o suficiente de *Allah*, e que os jovens muçulmanos estavam ocupados demais brincando e se divertindo. Começou a jejuar duas vezes por semana seguindo o exemplo do Profeta. Raramente se zangava, a menos que questões sexuais aflorassem. Parece que em nenhum momento da vida entregou-se aos pecados da carne, à conduta venal ou irreverente, às tentações da bebida, cigarro ou jogo. Teria casado casto aos 17 anos. Osama era um caso típico de proteção aos impulsos sexuais da adolescência a partir da religiosidade.

Entrou na Sociedade dos Irmãos Muçulmanos também aos 17 anos. O maior objetivo era criar um Estado islâmico em algum lugar, embora não conspirassem ativamente contra o governo. Aos 18 anos entrou no curso de economia na Universidade Rei Abdul Aziz em Jidah, mas estava mais envolvido aos assuntos religiosos do campus que os acadêmicos. Foi um momento de muitos questionamentos espirituais e estes questionamentos vinham das leituras de Sayyid Qutb, mártir egípcio. Vemos então que mesmo Osama bin Laden, além de vários jovens desta época em meados dos anos 70 foi profundamente

influenciado pelos escritos deste mártir egípcio. Muitos professores eram refugiados egípcios e sírios e difundiam entre os jovens alunos a idéia de um islã altamente politizado, que fundia Estado e religião numa teocracia única e abrangente. O próprio irmão mais novo de Qutb, Muhammed Qutb dava palestras nesta faculdade saudita.

Osama teve vários filhos e era considerado amoroso, atencioso, porem criou-os de forma rude e sem caprichos para “torná-los fortes”. Teve varias esposas, na verdade quatro como está escrito no Corão, e todas possuíam um perfil semelhante: eram muito cultas, doutoras em alguma área específica.

Uma das figuras mais influentes no envolvimento de Bin Laden com a causa afegã foi um carismático sábio e místico palestino chamado Abdullah Azzam que obteve seu doutorado em jurisprudência islâmica na Universidade Al-Azhar, no Cairo em 1973. Ele repetia muito que Qutb, o mártir egípcio havia pregado.

A luta do Islã, como Qutb definira e como Azzam acreditava profundamente, era contra *jahiliyya*: o mundo da descrença vigente antes do islã e que continuava corrompendo e solapando os fieis com a sedução do materialismo, secularismo e igualdade sexual. (WRIGHT, 2007:113)

Era época de abertura comercial egípcia e os pensamentos fundamentalistas fervilhavam nas universidades, principalmente esta, a Al-Azhar que era dirigida por membros religiosos. Parece que o Egito continua sendo o berço dos ensinamentos fundamentalistas e difusor das idéias islâmicas, mas seus membros não permaneceram no país, isto é, não é um solo fértil para crescimento e estabelecimento destes ideais.

A relação de Bin Laden com Azzam era de certa idolatria, veneração, e ao mesmo tempo de uma transferência de seus sentimentos carentes com relação ao pai, o qual perdeu muito cedo.

Conforme relatos de jornalistas, como Mohamed Abul Hadeed do The Egyptian Gazette e Ramadan A. Kader do Egyptian Mail, Bin Laden não era um

líder carismático, tinha sorriso pequeno, rostos e mãos suaves. Aliás, dizem que seu aperto de mão era estranhamente suave. Dormia pouco, comia pouco e não tinha uma saúde muito boa. Tinha vários problemas com pressão baixa.

Na época de recrutamentos de simpatizantes com a causa afegã⁶⁶, o recrutamento dos *mujahidin*⁶⁷, o Saudi Binladin Group, uma das várias empresas da família Bin Laden, mantinha um escritório no Cairo para recrutamento de operários que iriam para a Arábia Saudita participar das obras na Mesquita Sagrada. Este escritório fazia um duplo recrutamento: trabalhadores qualificados para as reconstruções sagradas e outro para a “guerra sagrada”.

Alem disso o chefe guerreiro afegão, um dos líderes *mujahidin*, Abdul Rasul Sayyaf, era o elo de ligação entre afegãos e outros militantes. Falava um excelente árabe clássico aprendido na Universidade Al-Azhar do Cairo e fatalmente teria tido contato com os religiosos fundamentalistas lá dentro.

Bin Laden é um exemplo daqueles fundamentalistas que dizem que o Islã não é uma religião e sim uma missão. Desta forma, os fins justificam os meios, os meios justificam os fins. Há a distorção constante das palavras do Profeta para adequá-las aos seus discursos e aos de seu “braço direito egípcio”, quando falam abertamente que a democracia é o Homem que quer substituir-se a Deus.

Ao questionar o *Sheikh* Al-Khazraji, responsável pela Mesquita Central no bairro do Brás⁶⁸, quanto a quem era Bin Laden, ele categoricamente disse que ele não representa o Islã da forma correta. Justifica-se dizendo que este homem tem visões erradas como, por exemplo, em relação à questão da mulher e não representa o Islã. Algo a ser considerado, é que ele foi criado sobre a tutela norte-americana e, portanto, o Islã não pode ser representado por ele. O Islã é uma religião profundamente libertária, pois deve ser vivida como uma escolha, dia após dia, da submissão frente a Deus, e não frente à lei humana, mesmo que pretensamente religiosa: como dizia o Profeta Muhammad, não há e não pode

⁶⁶ A União Soviética invadiu o Afeganistão em dezembro de 1979 e iniciou sua retirada em maio de 1988.

⁶⁷ Mujahidin significa guerreiro santo, conceito diferente do “mártir”, aquele que morreria por Alah.

⁶⁸ Mesquita Mohammad Mensagem de Deus (S.A.A.S) em São Paulo

haver opressão em termos de religião. É exatamente o oposto do que pretendem os fanáticos do tipo Taliban ou os que pregam a violência em nome de Deus, Clemente e Misericordioso. (2008).

1.4.7 Al- Qaeda e o Egito

Se é que é possível entender a intenção real da misteriosa Al-Qaeda, posso dizer que em tese, o pensamento na verdade nasceu de vários questionamentos. O enriquecimento dos países muçulmanos a partir do petróleo certamente era benéfico, porém teria tornado estes países mais ocidentais ou menos tementes a Deus? Teriam ficado mais inclinados a uma auto-indulgência com relação aos preceitos islâmicos? O consumismo, o vício e o individualismo que os islamitas radicais viam como símbolos da cultura americana moderna, ameaçavam destruir o Islã, diluindo-o num mundo comercial globalizado, corporativo, independente e secular que fazia parte do que aqueles homens corporificaram nos Estados Unidos. Não estavam rejeitando a tecnologia ou o desenvolvimento, até porque, sem isto tudo a Al-Qaeda não poderia ser uma organização globalizada. Mas justificavam a partir da religião os ataques a tropas americanas e até o assassinato de inocentes.

Interessante lembrar que Jersey City, nos Estados Unidos, possui um bairro chamado Little Egypt, onde moravam os seguidores de Omar Abdul Rahman, o xeique cego que ao que tudo indica, teria arquitetado o primeiro ataque às Torres Gêmeas em 26 de fevereiro de 1993.

A última informação que tive de um ex-morador da Little Egypt, gerente de um hotel de luxo em Giza, é que este xeique está preso em Guantánamo, informação confirmada por Khan em seu livro sobre a prisão.

Além deste atentado, este sheikh ainda pretendia paralisar Nova York assassinando varias figuras políticas e destruindo marcos históricos com ataques simultâneos de bombas. Era uma reação contra o apoio americano ao presidente

Hosni Mubarak, o qual pretendia matar, quando ele aparecesse na cidade de Nova York.

Do Egito veio à notícia de que haviam emitido uma fatwa que dava o aval necessário para que este grupo de terroristas pudesse roubar bancos e matar judeus nos Estados Unidos.

Outra figura importante também egípcia foi Ali Abdelsoud Mohammed, espião duplo que havia sido major na mesma unidade do assassino de Sadat. Ele já era membro do grupo *Al-Jihah* e infiltrou-se no serviço secreto americano. Ele teria se oferecido para o “emprego” na unidade da CIA no Cairo, segundo o jornalista Ramadan A. Kader, editor chefe do *The Egyptian Gazette*. Ele instalou-se no Vale do Silício na Califórnia.

Al-Jihad egípcia e a Al-Qaeda ainda eram grupos separados em 1993 e Bin Laden continuava a sustentar financeiramente ambas, direta ou indiretamente. Al-Qaeda recebia diretamente o dinheiro, mas *Al-Jihad*, que estava sob a direção do médico Zawahiri, demandava um esforço maior para a arrecadação em solo americano.

Um dado interessante é que o governo egípcio, cansado de tanta violência, pressionou muito o rei Fahd da Arábia Saudita a praticamente optar entre seu “filho” saudita Bin Laden e a continuidade das relações entre os dois países. Não só por este motivo, mas por inúmeros contrapontos, em 94 o rei decide cassar a cidadania de Bin Laden.

Segundo o jornalista Syed Saleem Shahzad (apud Marsot, 2002:132), os campos de treinamento no Afeganistão estavam divididos em dois grupos muito distintos: o campo egípcio e o outro que era mais heterogêneo, com muitos iemenitas.

Os iemenitas quando não estavam combatendo ou rezando, tratavam das tarefas mais rudes, cozinhavam e carregavam os apetrechos necessários para as batalhas. Quando a *jihad* afegã foi chegando ao fim, muitos deles voltaram para

seus países ou acabaram se misturando com a população local. A maior ambição destes iemenitas era o martírio.

O campo egípcio compunha-se dos mais politizados e ideologicamente motivados combatentes. A maioria era filiada ao grupo da Irmandade Muçulmana ou Irmãos Muçulmanos⁶⁹, apesar de não aceitarem muito bem a forma hierárquica como as coisas eram decididas. Sua maioria era composta de homens muito instruídos, antigos militantes dos movimentos clandestinos da Jihad Islâmica do médico Ayman Al-Zawahiri. Foi este grupo que assassinou Anwar Sadat em 1981 para puni-lo por ter assinado o acordo de paz em Camp David. Para eles tanto os Estados Unidos quanto os governantes do Oriente Médio que haviam se vendido aos americanos, eram responsáveis pelo declínio do mundo árabe.

Após as orações da noite, passavam horas discutindo sobre o futuro, suas estratégias para recrutar e cultivar suas ideologias nos melhores homens. Suas ambições políticas continuavam insatisfeitas, pois foram obrigados a fugir do Egito ou serem mortos e torturados em suas prisões. Muitos destes acabaram também indo para o Iraque após a tomada americana em 2003.

No Iraque, este grupo, que é visto como facção Al-Qaeda, não consegue até hoje se alinhar com os grupos locais. Enquanto os egípcios possuem uma visão global da luta, os grupos locais naturalmente possuem interesses nacionalistas e não querem estrangeiros se metendo em seus ideais. Houve claramente uma cisão entre os dois grupos e muitas vezes os iraquianos preferem negociar com americanos aos egípcios.

Todos os elementos estrangeiros que se integraram às milícias irregulares são uma maldição para a resistência. Eles se obstinam em querer controlar o Iraque para levar a frente seu próprio projeto. A Al-Qaeda foi infiltrada por numerosos serviços de informação, sem contar de seus desvios religiosos, como o takfirismo⁷⁰. Afinal de contas, é o povo iraquiano que está pagando um pesado tributo. (AL-SHAMMARI apud SHAHZAD, 2007:13).

⁶⁹ Depende da tradução.

⁷⁰ Ideologia que considera os “maus muçulmanos” seus principais inimigos.

Adiante farei um apanhado histórico egípcio do Intervencionismo ao Neoliberalismo. Descreverei toda conjuntura que antecedeu a *infitah* de Sadat ao governo Mubarak.

II – INTERVENSIONISMO E NEOLIBERALISMO

Este capítulo desenvolverá uma análise histórica de dois momentos importantes para nação egípcia: intervencionismo governamental pós-revolução de 1952 e o neoliberalismo decorrente da *Infitah*. A data que divide estes dois períodos não é a morte de Nasser em 1970, mas o início da política de “abertura das portas” ou *Infitah* em 1974. As duas fases duram aproximadamente 25 anos cada uma e traz mudanças impares.

2.1 Intervencionismo

Inicialmente traçarei um pano de fundo que antecedeu a Revolução.

Em meados do século XX, o Egito podia ser citado como um exemplo de país subdesenvolvido, super populoso, pois tinha aproximadamente 20 milhões de pessoas, das quais 80% faziam sua vida na agricultura. A média anual de renda per capita era equivalente a menos de cem dólares americanos, sendo que na verdade, mais de 80% da população recebia muito menos de 100 dólares ao ano.

Fazia-se necessário uma reforma econômica com três aspectos básicos:

- a) Crescimento da renda nacional a taxa muito superiores às existentes;
- b) Mudança na estrutura econômica, criação novos trabalhos, ocupações diferentes da agrícola, principalmente as manufaturas;
- c) Uma distribuição mais eqüitativa de renda, garantindo o preenchimento das necessidades básicas da população, ou seja, um nível de consumo adequado de alimentos, roupas, educação, saúde, etc.

Depois da II Guerra Mundial, o conceito de welfare state⁷¹ espalhou-se através das mais influentes e industrializadas regiões ocidentais. Os Estados começaram a prover todas as formas de serviços básicos como cuidados com a

⁷¹Estado em que o bem-estar dos cidadãos é conseguido pelos esforços organizados do governo e não pelas organizações privadas.

saúde, educação e várias formas de seguros sociais acessíveis à maioria das pessoas. Isto permitiu que um grande número de pessoas marginalizadas da população aparecesse para a sociedade.

A adoção do socialismo teve um efeito similar na Rússia depois da I Guerra Mundial, mas a idéia do welfare state não aparece para o resto da Europa até o controle soviético depois da II Guerra Mundial. O modelo soviético produziu ecos ressonantes em todos os países de 3º Mundo após sua vitória militar.

Isso vem a combinar também com uma onda de desenvolvimento que se espalhou, depois de 45, nos países chamados subdesenvolvidos.

Posso agregar ainda a interação de alguns fatores:

- a) A liberdade do colonialismo europeu;
- b) A deflagração da Guerra Fria;
- c) A rivalidade entre socialismo e capitalismo influenciando os novos estados independentes.

O desenvolvimento econômico provou ser na verdade uma troca de colonialismo para outra forma de dependência, capitalista ou socialista. De qualquer forma, em qualquer um dos casos, vimos mais pessoas aproveitando-se de uma vida melhor e ao mesmo tempo um aumento do número de pessoas vivendo em estado de subsistência. Adiciono ainda a este panorama um aumento populacional devido ao aumento das taxas de natalidade e melhora na expectativa de vida.

Três ou quatro anos antes da Revolução de julho de 1952, no Egito, um sentimento generalizado se espalhava entre os egípcios de que alguma coisa estava para acontecer. A população estava sendo direcionada por um rei corrupto. Em 1948 o exército egípcio, juntamente com seis outros exércitos árabes, sofreu uma vergonhosa derrota na Palestina, a qual foi seguida pelo anúncio do estabelecimento do Estado de Israel. Juntam-se com isso as disparidades de

renda crescentes, bem como, o crescimento populacional. Não se via qualquer sinal de uma política econômica específica por parte do Governo. Todas as posições políticas e privilégios sociais foram monopolizados por uma pequena parcela da população, 70 a 80% da população tiveram seu padrão de vida reduzido há um pouco acima do nível de subsistência.

As famílias aristocráticas da pré-revolução de 52 tinham confiança suficiente em sua posição no mundo, para entender que “seguir tradições”, nem sempre é um indicador de atraso cultural. No entanto, este entendimento pertencia a uma minoria.

O que a experiência mostrou foi que a queda da pressão externa pelo qual um país é subjugado e seu nível de corrupção é mais decisivo como influência na sua economia do que a natureza do sistema econômico.

O poder político cedo ou tarde resulta daqueles que possuem poder econômico. Se uma classe cresce até o ponto dela deter grande poder econômico ela deve conseqüentemente exercer grande influência política. (AMIN, 2003:137).

Exemplificando, se temos uma sociedade baseada em agricultura consistindo de 20% de donos de terra e 80% de pobres cultivadores, vivendo de subsistência, o Estado protegerá os donos de terra de qualquer forma. Afinal, deles é que provieram as grandes taxas cobradas. O Estado até fará projetos que facilitem suas vidas, como drenagem, irrigação, etc.

No caso do Egito, o Estado manteve a paz, mantendo lei e ordem e protegia os ricos, sendo a grande maioria formada de donos de terras. A política econômica estava praticamente toda focada na manutenção e incremento da produção agrícola. A principal fonte das finanças do Estado, fora os impostos, eram as taxas provenientes das terras, as land tax, pagas pelos donos de terras, mas dos quais os pequenos eram isentos.

O Rei Faruk subiu ao trono em 1936. Apesar de se ter historicamente uma imagem frívola e conturbada deste homem, no momento de sua ascensão ele foi

aclamado pela população egípcia. Era filho de Fuad I, o primeiro rei egípcio dos tempos modernos que havia falecido em abril do mesmo ano sem tempo de preparar o filho para sucedê-lo.

O filho do rei Fuad tinha tudo para agradar: alto, magro, bonito, atlético, poliglota. Tinha aprendido boas maneiras com governantas inglesas e adquirido disciplina na academia Militar de *Woolwich*, perto de Londres. Ao contrário de seus antecessores, falava fluentemente o árabe, não mais que obrigação para um soberano.

Seu reinado começou com dois acontecimentos marcantes, preparados por outros e dos quais ele podia se beneficiar: o novo tratado de aliança anglo-egípcia e os acordos de Montreux, destinados a acabar com os privilégios dos residentes estrangeiros. Em seguida Faruk casou-se com Safinaz, que passou a se chamar Farida, um nome com F como as irmãs do rei, o que lhe deu ainda mais popularidade. Tudo sorria ao monarca de apenas 16 anos.

Na verdade já era prisioneiro de um sistema no qual se enfrentavam três protagonistas: o ocupante inglês, o partido nacionalista wafd e os homens do palácio. Em 4 de fevereiro de 1942, sob a ameaça dos ataques blindados britânicos, Faruk teve de oferecer a presidência do Conselho ao homem que detestava, Nahas paxá. Dali em diante, refugiou-se nos prazeres.

Faruk logo se tornou um assíduo freqüentador de boates. Suas amantes e conquistas eram notórias. Conta-se que atravessava as noites do Cairo a toda à velocidade num Cadillac ou em carros-esporte vermelho, cor reservada à frota real. Suas partidas de pôquer terminavam ao amanhecer. A gula e talvez um distúrbio hormonal fizeram-no engordar consideravelmente.

Como Farida não lhe deu filhos, Faruk casou-se novamente com Narriman. O país, revoltado contra os ingleses, já se agitava. O nascimento do príncipe Ahmad Fuad, em janeiro de 1952, coincidindo com um sinistro incêndio no Cairo. Seis meses depois, os Oficiais Livres tomavam o poder, praticamente sem

derramar sangue. Faruk foi convidado a abdicar em favor de seu filho. Embarcou com a família no iate real rumo a Capri.

O ex-monarca instalou-se em Roma. Logo abandonado por Narriman, que preferiu voltar para o Egito, continuou a freqüentar casas noturnas enquanto proclamavam a República no Cairo. Sua morte, no dia 18 de março de 1965, aos 45 anos deu aos jornais a oportunidade de pela última vez mostrar aquele homem em sua situação decadente.

Gamal Abdel Nasser autorizou a transferência discreta de seus despojos para o Egito onde foi enterrado sem nenhuma pompa.

2.1.1 Era Nasser e a Revolução de 1952

Em 23 de julho de 1952, os Oficiais livres derrubaram o rei Faruk e tomam o poder.

Nasser então com 34 anos, foi o cérebro e o incentivador desta organização clandestina, mas escondeu-se atrás do popular general Mohammed Naguib, acordado no meio da noite para assumir o poder.

Nasser levou vinte anos para afastar definitivamente Naguib, que era favorável a um retorno do Exército aos quartéis e à instauração da democracia. Ele elegeu-se presidente com mais de 99% dos votos, trocou seu uniforme por ternos elegantes.

As medidas tomadas por ele, como o congelamento dos aluguéis, a reforma agrária, dissolução dos partidos políticos, já davam o tom do novo regime. As boas relações com a União Soviética não impediram uma repressão feroz aos militares comunistas, que eram confinados nos mesmos campos de concentração que os frades muçulmanos. No cenário internacional, Nasser desponta como um dos líderes do movimento dos não-alinhados juntamente com Nehru e Tito.

Segundo Cravino (2005:3-4) após a 2ª Guerra Mundial os movimentos anticolonialistas irromperam por todo o continente. Com o fim da guerra nascia

uma nova ordem internacional caracterizada pela confrontação de duas grades potências: União Soviética e Estados Unidos. No quadro da Aliança (NATO) África era apenas considerada uma área útil para manobras dos repetidos apelos para a inclusão deste continente nos planos de contingência ou no perímetro de defesa da Aliança. A Conferência de Bandung, realizada na antiga capital da Indonésia, foi o motor de arranque para modificações profundas e irreversíveis da estrutura da sociedade internacional. No emergir do chamado Terceiro Mundo, em plena Guerra Fria, tiveram particular relevância a posição destes três homens: Marechal Tito, Coronel Nasser e Pandita Nehru. A transposição da ideologia terceiro-mundista para a ação prática foi responsável pela orientação dos povos afro-asiáticos, recém nascidos para a vida internacional, e pelo conseqüente movimento anticolonialista.

A Conferência Afro-asiática de Bandung (18 de Abril de 1955), onde foram reconhecidos como líderes do Terceiro Mundo dois Chefes de Estado muçulmanos, Sukarno e Nasser, e um terceiro indiano Nehru, foi um grito contra a presença ou o domínio político, econômico e militar do Ocidente. Mais tarde, desenvolvendo as idéias anticolonialistas e antiimperialistas aceites em Bandung, e rejeitando a hegemonia dos dois blocos Leste e Oeste, formou-se o Movimento dos Não-Alinhados com uma liderança tripartida informal: Tito, Nehru e Nasser (reunião em Brioni, Iugoslávia, Julho de 1956). (...) E se os movimentos nacionalistas procuraram a independência política e econômica face ao Ocidente, embora aceitando alguns “princípios ocidentais úteis” ou alguma colaboração, os revivalistas [que se destacam na década de 70] desenvolveram idéias fundamentalistas de recuperação dos valores culturais tradicionais islâmicos, com total erradicação dos valores culturais ocidentais. (SACHETTI, 2001:2).

Mas foi um lance audacioso que, em 1956, Nasser transformou-se de um dia para noite em líder de todo o mundo árabe.

O anuncio inesperado da nacionalização da Companhia Universal do Canal de Suez provocou uma intervenção militar conjunta de Israel, França e Grã-Bretanha, interrompida após uma semana pelos Estados Unidos e pela União Soviética. Nasser conseguiu fazer de uma derrota militar uma vitória política. Do Atlântico ao Golfo Pérsico, as multidões árabes passaram a rezar segundo “sua cartilha”.

A euforia foi tão grande que a Síria propôs formar com o Egito um só país: a República Árabe Unida em 1958 sob a presidência de Nasser. Foi uma catástrofe, e tivemos a cisão três anos depois. Para apagar esse fracasso, o presidente egípcio radicalizou sua política interna: promoveu outra reforma agrária destinada a acabar com os latifundiários, nacionalizou empresas e reforçou o controle policial. Cada egípcio passou a sentir-se espionado por microfones escondidos até em seu próprio quarto. Após a expulsão dos francês e ingleses, muitos judeus deixaram o país. Em seguida foi à vez de gregos e italianos irem embora. Era a época do “socialismo científico” e do desenvolvimento da indústria. No mundo árabe ele tornou-se onipresente, apoiando uns, denunciando outros ou tramando contra eles. Lançou suas tropas numa guerra civil no Líbano, com resultados desastrosos. Em 1965, as despesas militares ultrapassavam 12% do Produto Nacional Bruto.

O governo de Nasser certamente apresentava muitos dados passíveis de contestações. Mas mergulhou-nos numa espécie de encantamento... Estávamos convencidos de que nosso país tinha virado uma grandiosa potência industrial, que estava na vanguarda dos países em desenvolvimento no tocante à reforma agrária, que possuía a força militar mais poderosa do Oriente Médio... Amávamos este poder, daí nossa tremenda indulgência, até quando alguns erros ficavam mais do que evidentes. (Hakin apud Sole, 2003:326).

No início da década de 60 um jovem professor da Universidade do Cairo, Helmi Nasr, inicia uma importante relação cultural com o Brasil. O então presidente Janio Quadros era admirador do presidente egípcio e foi visitá-lo no Cairo. Chegando lá propôs a criação de um departamento de estudos árabes na maior e melhor instituição de ensino do Brasil, a Universidade de São Paulo (USP). Gamal Abdel Nasser teria ficado encantado com a proposta e a única coisa pedida por nosso presidente foi um professor. Apesar da dificuldade de se encontrar alguém que falasse o português, o diretor resolveu a solicitação do presidente com o envio de um professor que havia feito seu Doutorado em Sorbonne. Justificou que se ele podia falar francês não teria dificuldade em aprender o português.⁷²

⁷² Fonte: <http://www.anba.com.br> Acesso em 17/09/2009

Dr. Nasr é hoje membro do Conselho Executivo dos Eruditos da Liga Islâmica Mundial para o Mundo Árabe⁷³, liga que discute as questões importantes do mundo islâmico e tem como função justamente resgatar a importância da tradição. Já está há 40 anos no Brasil, é vice-presidente de Relações Internacionais da Câmara Árabe e professor aposentado de Cultura Árabe da Universidade de São Paulo e responsável pela tradução do sentido do Sagrado Corão em língua portuguesa.

Retomando os assuntos políticos, a fuga para frente na luta contra Israel levou Nasser a multiplicar imprudências e desafios. Na primavera de 1967 a opinião pública ocidental estava convencida de que o estado judeu podia ser riscado do mapa pela potência militar egípcia. Em 5 de junho, Israel resolveu atacar, e em algumas horas destruiu a aviação egípcia, para em seguida tomar a península do Sinai, as colinas de Gola, a Cisjordânia e a totalidade de Jerusalém. Em 1967, a guerra causou perda de petróleo do Sinai, o fechamento do Canal de Suez e queda no fluxo turístico.

Arrasado, o presidente egípcio apresentou sua demissão. Outra manobra? A população foi pedir-lhe que ficasse. O líder ficou, mas nada seria como antes. A guerra contra Israel em 1969 desencadeou violentas represálias, o mundo árabe estava mais dividido que nunca. Jordanianos e palestinos enfrentavam-se em combate. Num último esforço, Nasser obteve um acordo de cessar-fogo entre o rei Hussein e Yasser Arafat, reunidos no Cairo em 27 de setembro de 1970. No dia seguinte, extenuado, Nasser morreu.

A Revolução de 1952 começou banindo os ricos proprietários de terra do poder político através de uma série de leis de reforma agrária e sucessivos seqüestros e confiscações de terra.

O poder passa para o segmento de classe média, ou seja, o segmento da população que consistia de profissionais como engenheiros, advogados, gerentes,

⁷³ Este conselho é sediado em Meca, Arábia Saudita e conta agora com 22 membros e Nasr é o primeiro representante da América Latina a integrar o conselho.

contadores, professores, oficiais do governo, oficiais das forças armadas assim como, a pequena classe de donos de terra de media renda.

Estes grupos foram completamente excluídos do exercício de poder antes da revolução ou ao menos não exerciam qualquer influência até então. A revolução deu a esta classe a chance de crescer política e economicamente, uma vez que conforme dito anteriormente, o Estado está sempre a serviço da classe economicamente privilegiada. Pode ser que talvez esta seja a melhor justificativa para se chamar de “Revolução” e com esta revolução houve a movimentação de classes sociais.

Os seis princípios básicos desta Revolução foram:

- a) O fim do colonialismo e seus agentes;
- b) O fim do feudalismo;
- c) A eliminação da dominação do governo por parte dos donos de capital;
- d) O estabelecimento de um forte Exército Nacional, força social e justiça.
- e) O estabelecimento de um genuíno sistema democrático de governo.

Sabe-se que a primeira coisa que o Rei Farouk fez, quando os oficiais o surpreenderam em seu palácio em 26 de julho, com a documentação para a abdicação, foi ligar para o Embaixador Americano para checar se ele concordava com o curso dos eventos. Quando soube que sim, o rei assinou suas abdicação. Não podia ser coincidência o fato de que a primeira reforma social e econômica após a revolução tenha sido a instituição de leis de reforma agrícola que muito beneficiaram os Estados Unidos, como seu melhor método no momento para conter a disseminação do comunismo em vários países.

A Revolução de 52 sem dúvida contribuiu para a explosão do fenômeno da sociedade de massa no Egito como nunca antes visto. Isto foi parcialmente resultado da educação em décadas anteriores ao mesmo tempo em que as

aspirações de uma boa fatia da população haviam se desenvolvido. O resultado foi também um aumento do poder de compra deste segmento, em virtude de suas habilidades, nível educacional e grande acesso à mídia.

O Egito não se encontrava mais num vácuo, mas no meio dos movimentos mundiais e naturalmente não era mais a mesma Nação. A II Guerra Mundial foi trampolim para o crescimento da Era Americana. Muitos escritores acreditam que se os Estados Unidos não tivessem permitido, de certa forma, as forças armadas egípcias a montar um movimento político em 1952, este movimento não teria sucesso. A razão das Forças Britânicas terem estacionado ao longo do Canal de Suez foi resultado da intervenção americana.

O novo regime começou aceitando o Programa Americano, o que foi a primeira forma de auxílio estrangeiro após a guerra. A pergunta é: será que esta dependência do auxílio americano era realmente necessária? Será que estava de acordo com os planos de crescimento do país? A grande maioria pensa que não. O auxílio-comida, vinda dos Estados Unidos, foi um método conveniente para o excedente agrícola e para perpetuar a idéia de apoio americana ao mesmo tempo.

Na verdade, o conceito de desenvolvimento que foi adotado pelo governo revolucionário tinha certas características que vinham a promover uma forma de realizar os desejos americanos com relação ao Terceiro Mundo durante os tempos pós-guerra. O novo regime adotou a mesma filosofia de desenvolvimento adotado por todo o resto do mundo entre os anos 50/60.

Mais tarde percebeu-se que estes métodos não eram os mais adequados aos interesses egípcios. Foi aceito um modelo de desenvolvimento baseado mais no aumento da renda per capita do que na satisfação das necessidades básicas. Se contrário fosse, teríamos a idéia de menos desperdício econômico, maior justiça social, progresso político mais rápido. Mas isto não ocorreu, infelizmente. A adoção desta filosofia de desenvolvimento permitiu a aplicação de políticas econômicas favorecendo a classe média e encorajando o crescimento do consumo de produtos de luxo, totalmente sem sentido e distante do contexto do

padrão de vida da maioria dos egípcios. A maior parte do benefício foi para a nova classe média que representava 40% da população.

Mesmo as classes mais baixas saíram lucrando com a Revolução: educação gratuita, subsídio para produtos essenciais e serviços, alimentos, serviços relacionados com a saúde, habitação e transporte, novas oportunidades de emprego.

De qualquer forma, muito progresso foi alcançado durante os anos 50/60, aumentando os níveis de nutrição, moradia e educação para os de renda mais baixa, comparado antes da revolução.

Exemplificando, temos o estabelecimento de indústrias de ar condicionado, refrigeradores, carros, a construção de resorts de verão, novos clubes esportivos e sociais, distritos residenciais. Além disso, é importante falar da Grande Represa de Assuã com vários projetos para ampliação da eletricidade, construção de modernas escolas, hospitais, etc. A antiga classe rica estava se sentindo arrasada.

A forma que o governo usou para financiar tais projetos foi lançar mão de recursos externos, vantagens para estrangeiros, nacionalização de bens estrangeiros dentro do Egito, como o Canal de Suez, bancos estrangeiros e companhias de seguro, além de empréstimos estrangeiros.

Como fraquezas resultantes desta nova filosofia, temos as seguintes conseqüências que foram ainda mais intensificadas nos anos futuros:

- a) Excessiva dependência ao auxílio americano;
- b) Injustificável tendência a acomodar-se diante do desproporcional consumismo da classe média.

Os nobres desceram a ladeira social e os plebeus a subiram, um descendo como o outro subiu. Cada meio século coloca-se perto uns dos outros, e eles logo irão se encontrar. Vários acontecimentos da vida nacional têm se tornado pontos vantajosos para a democracia. (...) aqueles, os quais lutaram para isso, e mesmo aqueles que se

declararam oponentes a ela, tem se posicionado ao longo de uma mesma direção. (TACQUEVILLE apud Amin, 2004).

A mobilidade social nos níveis diferentes de classe, ou parte da população movendo-se para cima ou para baixo em relação à outra parte, parece estar intimamente conectada com as mais poderosas forças sociais que nos dirige: o desejo de adquirir estima e respeito de outros, o ímpeto ou impulso de provar a si mesmo que é superior ou dominante e o medo de perder um ou outro destes aspectos.

Talvez então, a natureza da mobilidade social, e a taxa na qual isto acelera, revele mais sobre a sociedade, tanto maior for o ímpeto e desejos revelados sobre vários aspectos dos comportamentos individuais. Se isto é verdade, o que parece ser o caso, a taxa de mobilidade social durante os últimos 50 anos (após 1952) tem sido maior que qualquer uma vivenciada pelo Egito em sua história moderna. Então esta mobilidade social pode ser o mais importante fator isolado ao lado de várias modificações sociais que ocorreram no Egito desde então. (AMIN, 2003:4).

Nas duas décadas após a Revolução, 1952 a 1974, o governo egípcio tentou ativar estes aspectos através de uma intervenção direta em vários aspectos econômicos e sociais. Como a mais importante ação, posso citar a reforma agrícola iniciando em 52, que será descrita mais adiante, e a nacionalização das grandes empresas industriais, bancos e companhias de seguro. Um sistema de planejamento central foi adotado, envolvendo uma forte intervenção no comércio exterior, investimentos, empregabilidade e formação de preços, tanto quanto a provisão de serviços básicos como subsídios de preços, educação, saúde e habitação.

Muitos países de Terceiro Mundo haviam ganhado independência política logo depois da 2ª Guerra Mundial e o governo passou para as mãos de líderes com uma vasta popularidade após terem obtido a independência.

O período de 1952 a 1973 presenciou também, uma grande popularidade por parte do ocidente no que se refere a uma economia keynesiana, o que deu suporte a política intervencionista governamental. Foi também a época de um

grande aumento de ajuda para países menos desenvolvidos, por parte dos mais desenvolvidos, ajuda esta, que financiaria seus novos projetos.

A Guerra Fria de 1950/60 teve um importante efeito benéfico na performance da economia do Egito, liberando um grande volume de auxílio estrangeiro de ambos os lados. Ela permitiu a muitos governos de países de Terceiro Mundo, uma relativa dose de liberdade diante das potências e um importante papel por parte destes governos.

Não se pode, no entanto, isolar esta política econômica de um fenômeno mundial, nem deixar de levar em consideração a pressão externa.

A mudança da Era Nasser em um socialismo no início dos anos 60, chamado "Socialismo árabe", não adicionou, segundo Amin, nada de novo ao conceito marxista de socialismo, sendo meramente outra variação usada pela civilização ocidental (2002:50).

Enquanto o slogan do socialismo de Nasser dizia algo como "distribuir os frutos do desenvolvimento", estes "frutos" continuaram a significar um grande consumo, mais especificamente, mais consumo de bens e serviços produzidos no ocidente.

Mesmo com uma visão de nacionalismo árabe, Nasser não conservou os objetivos na União dos Países Árabes, exceto em termos de um Estado Árabe capaz de se posicionar contra agressões e explorações. Isto com uma barganha de poderes baseado no petróleo árabe. (...). Ao lado da aparente hostilidade de Nasser ao ocidente, percebia-se uma profunda admiração pelo estilo de vida ocidental "(AMIN, 2002:51).

Ficava claro que o que inicialmente era estranho de se entender, como a posição do presidente diante da Universidade de Al-Azhar, era adicionada um completo apoio ao retorno de movimentos islâmicos que lá nasciam.

Gamal Abd Al-Nasser freqüentemente descrevia a sociedade egípcia antes de 1952 como uma "sociedade pela metade". Ele queria dizer que a porcentagem de egípcios que determinavam a vida social, política, econômica, que detinha

posições privilegiadas, não representava mais de 50% da população, enquanto os outros 50% eram totalmente marginalizados.

Conforme já citado, os seguintes fatores que contribuíram para a mobilidade social na época de Nasser (entre os anos 50 e 60 aproximadamente):

a) Sucessivas leis de reforma agrária entre 1952 e 1961;

Segundo Beshir Saks em seu artigo para o Jornal Le Monde Diplomatique Brasil, em 9 de setembro de 1952, apenas dois meses após sua ascensão ao poder, os oficiais liderados por Nasser promulgaram uma lei que limitava severamente o tamanho das propriedades agrícolas, marcando o início da Reforma Agrária. Assim como outros proprietários, os Fiqqi do povoado de Kamchich conseguiram escapar dessas disposições no primeiro momento. Diante disso jovens estudantes e agricultores do povoado engajaram-se na luta de recuperar as terras que os Fiqqi haviam comprado a preço baixo, aproveitando-se da crise dos anos 30, que arruinara muitos integrantes do meio rural. O líder foi preso e a despeito do Estado ter declarado sua posição “antifeudal”, não via com bons olhos o desenvolvimento de um movimento camponês autônomo.

Em julho de 1961, o regime de Nasser deu uma guinada radical com a promulgação de decretos socialistas que desencadearam o seqüestro dos bens de 4 mil famílias num total de mais de 50 mil hectares. Confiscadas, as terras dos Fiqqi foram redistribuídas a 200 pequenos camponeses. Os latifúndios passaram a ser classificados segundo dois critérios distintos:

- 1- Terras confiscadas pela reforma agrária: os camponeses que as exploravam poderiam se tornar proprietários mediante o pagamento ao Estado de 40 anuidades;
- 2- Terras seqüestradas: sem que deixassem de lhes pertencer, os grandes proprietários não podiam dispor delas à vontade. Elas caíram sob autoridade do Estado, que as administrava e as confiava em arrendamento a pequenos exploradores, pagando aluguel aos grandes proprietários.

Por certo tempo este povoado tornou-se um exemplo de paz e justiça social.

- a) Crescimento do salário mínimo e das taxas de impostos sobre a renda;
- b) Rápida expansão da educação gratuita e outros sociais;
- c) Rápido aumento da taxa de investimento na agricultura e indústria de 1957 até 1965, quando houve a absorção de um grande número de mão-de-obra excedente nos projetos de irrigação, particularmente na construção da Grande Represa e em manufaturas e trabalho de construção na cidade;
- d) Desenvolvimento de todo o exército e governo. A partir de 1952 a carreira militar tornou-se um novo e importante canal de promoção social, enquanto o desenvolvimento e crescimento da burocracia e das organizações políticas oferecem novas carreiras para um grande número de universitários graduados que não puderam ser absorvidos na agricultura ou indústria.

Enquanto muitos destes fatores perderam a força nos anos 70 com o gradual abandono por parte dos políticos socialistas do governo Nasser, é notável e meio irônico que a era do *laissez-faire* (anos 70) parece ter testemunhado a mais alta taxa de mobilidade social, justamente na Era Nasser ou Socialismo Árabe.

2.2 Neoliberalismo

2.2.1 Era Sadat

Com a morte de Nasser, o vice-presidente Anwar Al-Sadat assume a presidência em setembro de 1970. O novo chefe de estado dedicou-se a “desnasserizar” o Egito em duas esferas essenciais: política externa e economia.

No que se diz respeito à Reforma Agrária feita por Nasser em 52 e 61, Sadat em 1974 restituiu 60 hectares de terras a seus proprietários originais. Esta operação logicamente não foi pacífica, mas a família Fiqui do povoado de

Kamchich conseguiu reaver suas terras com sucesso e a despeito da revolta dos camponeses.

De 1967 até 1975 as fontes externas de riqueza minaram e de 1975 até 1985, novas fontes emergiram permitindo que mais pessoas pudessem usufruir os benefícios:

- a) Remessas financeiras de egípcios trabalhando no exterior;
- b) Auxílio estrangeiro, agora dado generosamente como uma recompensa do Egito devido à reorientação adotada politicamente falando, em sua relação com o exterior;
- c) Inesperado retorno da exportação de combustível como resultado do aumento dos preços em 1973/74 seguido à Guerra de Outubro;
- d) Revolução do Irã em 1979;
- e) Retornam ao Canal de Suez depois de seu reinício de operação em 1975;
- f) Aumento dos retornos financeiros provenientes do turismo.

Nesta fase houve uma significativa melhora nos padrões de vida para classe menos privilegiada, mas o privilégio para as classes altas continuou mais definido ainda.

No Egito, a taxa crescimento foi ótima no período de 1954 até 1965, porém desapontadora de 1965 até 1975. Não há dúvidas de que por volta de 1975, o Egito estava muito mais industrializado do que em 1952. A participação das manufaturas no Produto Interno Bruto no fim deste período era maior. Igualmente, a Taxa Nacional de Distribuição tornou-se mais equitativa em 1975. A sociedade egípcia tornou-se menos polarizada e a classe media cresceu notadamente. Os subsídios foram gradualmente sendo reduzidos ou até abolidos e estabelecimentos nacionais foram sendo privados. A importação foi liberada,

assim como as taxas de cambio enquanto as taxas de renda e riqueza foram reduzidas, facilitando a presença de investimentos estrangeiros.

O aumento dos preços do petróleo (73/74 e depois 79/80) teve um importante e positivo efeito na *performance* econômica, não só por causa do aumento do retorno sobre as exportações de petróleo, mas também devido ao aumento da demanda por trabalho egípcio nos Estados do Golfo e Líbia.

Esta demanda provocou aumento no envio de dinheiro por parte destes trabalhadores, provocando aumento da taxa de crescimento e queda na disparidade social na distribuição de renda.

Sadat, que cultivava uma imagem de devoção islâmica, esperava usar o Islã contra os comunistas e libertou da prisão muitos ativistas. Estes ativistas encontraram nas universidades um campo fértil para a disseminação de seus ideais.

Durante a década de 70, uma série de pequenos grupos militantes foi formada, deformada e reformada. Muitos foram instigados ou ajudados pelos serviços secretos, que receberam de Sadat a ordem de se contrapor à esquerda promovendo ramos socialmente conservadores do islamismo entre os jovens egípcios. Em 1977 a banida Irmandade Muçulmana, que recebeu do regime a permissão tácita de operar sob o nome de Sociedade Islâmica (ou *Al Gamaa Al-lamyia*), obteve a maioria de apoio na União dos Estudantes Egípcios. Nesta época o numero de estudantes egípcios tinha dobrado, as instalações educacionais se ampliaram até o ponto de ruptura e o desemprego entre pessoas com formação universitária era um problema sério.

Os estudantes vinham em grande parte da pequena burguesia rural, que sempre fornecera a base de apoio da Irmandade Muçulmana. A política econômica de Sadat, particularmente a tentativa de atrair investimento externo ocidental, tinha produzido uma desigualdade crescente. De 1964 até 1974 a renda dos 30% da população de classe média, se reduziu pela metade, enquanto os

10% mais ricos dobraram seus ganhos. A Sociedade Islâmica propunha uma solução Islâmica com graus variados de radicalismo que era profundamente atraente para muitos.

A maioria dos envolvidos com a Sociedade Islâmica, que na verdade era a Irmandade Muçulmana com outro nome, se restringia a atuar onde o Estado fracassara. O objetivo era a islamização. As mulheres, por exemplo, teriam condução gratuita se usassem o véu. Muitos militantes procuravam a liderança espiritual do sheikh cego Abdel Omar Rahman, o mesmo que seria o mentor do primeiro ataque terrorista ao WTC no futuro.

De meados de 1970 em diante, a economia de “open-doors” tornou-se o sinal dos tempos de abertura, reforma econômica e um ajustamento estrutural.

O presidente Anwar Al-Sadat gabava-se publicamente de que durante seu “reinado”, a riqueza foi multiplicada muitas vezes como resultado da valorização do Estado. Os “novos ricos”, os quais haviam desenvolvido negócios e construções, engajaram-se no comércio exterior (mais importação que exportação). Com uma facilidade extraordinária, eles obtinham a autorização e licença necessária e tornaram-se ricos com obtenção de materiais de preços subsidiados e privilégios alfandegários.

A taxa de inflação neste período chegou a mais de 20% ao ano. O “novo rico” beneficiava-se muito disto, enquanto uma pequena parcela da população prejudicou-se, principalmente pessoas com rendas fixas.

Uma mudança radical ocorreu em meados dos anos 80. Enquanto o Estado continuava em função dos “ricos”, a taxa de crescimento de renda nacional declinou drasticamente como resultado de:

- a) Declínio do preço do petróleo;
- b) Redução do número de trabalhadores migrando para o exterior;

- c) Adoção, por parte do Governo, de medidas deflacionárias em acordo com as diretrizes do Fundo Monetário Internacional;
- d) Violenta flutuação nos rendimentos provenientes do turismo.

Se Nasser não expressava abertamente sua admiração pelo ocidente, apesar de estar claro em suas medidas, Anwar Sadat não deixou qualquer dúvida quanto sua fascinação sobre o estilo de vida ocidental. Dizem que Sadat via filmes americanos e europeus diariamente, adorava os uniformes militares europeus, expressava-se em inglês e outros idiomas na maioria de seus discursos, mesmo que imperfeitamente colocados. Ele colocava-se convencido de que nenhum dirigente do Terceiro Mundo poderia manter-se no poder sem o beneplácito americano. Dispensou os 20 mil especialistas soviéticos que estavam em solo egípcio em 1972, sem romper com Moscou, pois precisava de armas para combater Israel. A guerra desencadeada, de surpresa, em outubro do ano seguinte, com a Síria como aliada, foi apenas uma vitória parcial, mas permitiu-lhe recuperar o Canal de Suez e, sobretudo, salvar a honra para poder selar a paz.

Em meados de 1970 o governo egípcio abriu seus cofres a qualquer um que estivesse conectado a abertura das relações exteriores, além de demonstrar uma nova posição diante de Israel, Estados Unidos e União Soviética. Na verdade o Presidente Sadat pareceu mais inclinado em favorecer a intelectualidade e os intelectuais do que Nasser. Nasser caracterizou-se mais por sua influência e política para classes pobre e media, enquanto Sadat desenvolveu políticas não tanto populares para a massa.

Em 1970 o Egito iniciava suas relações com o Banco Mundial e Fundo Monetário internacional. A combinação do efeito deste desenvolvimento doméstico e externo não foi de toda negativo. O rápido crescimento da classe média, cujo sucesso econômico derivou largamente de atividades improdutivas foi combinado com rápida expansão da pobre qualidade educacional, e com uma posição soft do Estado que permitiu um pequeno numero de indivíduos explorarem estas fontes para seus próprios ganhos. Ao lado do Governo, a influência de empresas

estrangeiras e organizações internacionais foram também importantes em pesquisas em ciências sociais e humanidades, assuntos um tanto conflitantes com as prioridades nacionais.

Os anos 70 foram marcados por grandes importações de veículos e bens duráveis. Houve um afrouxamento da supervisão das escolas estrangeiras no Cairo. Vive-se uma nova fase: a reaproximação do Egito e Israel, a qual determinou uma reconciliação com o Ocidente, pois Israel era tido como uma “nação civilizada”, enquanto o Golfo Árabe como “atrasados”.

Esta reaproximação veio como mais um estímulo aos movimentos religiosos extremos e fundamentalista que apareciam, adicionado à liberação de seus membros da prisão no início dos anos 70. Tínhamos um solo fértil para que a violência e fanatismo desabrochassem.

2.2.2 *Infitah*

A explicação mais comum para este mal-estar econômico, social, político e cultural é uma reorientação econômica e política do Egito no início dos anos 70 através do que é conhecido como *Infitah*, ou política de “abertura das portas”.

Este termo é usualmente entendido das seguintes formas;

- a) A abertura de todas as portas para a importação de mercadorias estrangeiras e do capital;
- b) A retirada das restrições sobre investimentos no Egito;
- c) Gradual retirada do Estado da ativa função e seu papel ativo na economia.

Aparecem então, os seguintes problemas a partir da reorientação proveniente do *infitah*:

- a) O déficit da balança de pagamento atribuído à excessiva liberação das importações;

- b) A deteriorização na distribuição de renda que é explicada pelo declínio da proteção do Estado para com os pobres.
- c) Uma distorcida estrutura econômica é traçada para o abandono, por parte do Estado, de suas funções como um ativo investidor na agricultura e indústria, e como regulador dos investidores privados;
- d) Todos os problemas conectados com a crescente desigualdade na distribuição da renda;
- e) Uma negativa política de retirada de restrições e erradicação de barreiras;
- f) A liberação econômica que simplesmente permitiu consumidores, investidores, importadores e exportadores a se comportarem de uma nova maneira, maneira esta, não criada por eles próprios, mas incentivada pela “abertura das portas”.

Apesar de toda retórica reivindicação de um comprometimento maior com a paz nos anos 70 e a declaração da Guerra de Outubro de 1973⁷⁴ chamada “última guerra”, a instituição militar não mostrou qualquer sinal de desacelerar este crescimento em tamanho ou na aquisição de privilégios.

Juntamente com estes canais de avanço social, educação e instituições militares, apareceram outros. Um deles, o qual ganhou maior importância com a Infitah, foi o emprego direto ou indireto nos serviços de estrangeiros. Estas oportunidades eram limitadas na economia mais fechada de Nasser, e agora, estendia-se às camadas sociais mais baixas.

Ao lado de lucrativas rendas que teriam sido possíveis a partir do trabalho em instituições egípcias, a possibilidade de trabalhar em serviços estrangeiros poderia trazer um novo símbolo de crescimento de status social: adquirir o conhecimento de uma língua estrangeira, vestir uniforme ou meramente carregar o nome de uma famosa empresa multinacional.

⁷⁴ Guerra de Outubro ou Guerra do Ium Kpur, 1ª guerra de não-derrota árabe.

A taxa de migração externa cresceu significativamente até fins dos anos 60. Antes desta data, muitos egípcios migrantes pertenciam a um grupo de relativa alta renda. Depois de 1974, a estrutura da migração egípcia mudou. Ela começou a ser dominada por trabalhadores de construção não especializados ou semi-especializados, artistas e trabalhadores agrícolas, migrantes provenientes dos ricos países petrolíferos do Golfo. Este trabalho migrante necessitava de pouca educação e pouco capital. Isto ofereceu oportunidades de avanço social para analfabetos e não demandou mais capital que o preço de uma passagem aérea, a qual poderia ser adquirida a partir de um empréstimo a ser pago a partir dos primeiros salários no novo país.

Em 1974 a taxa de inflação girou entre 20 e 30%, enquanto na prévia década estava entre 5 e 6%. Muitos dos beneficiários desta alta inflação estavam entre os que já estavam em boa situação: donos de grandes quantidades de terras agrícolas ou propriedades urbanas que se beneficiaram da elevação dos preços das terras e do aluguel de apartamentos mobiliados. Além destes, beneficiaram-se os donos das indústrias e empreendimentos comerciais, contratantes e profissionais liberais. Também se beneficiaram um grande número de artesãos, trabalhadores agrícolas e de construção, os quais não estavam entre os imigrantes, mas conseguiram um aumento de renda como resultado do trabalho criado pelos imigrantes.

Por outro lado, esta inflação abateu os pequenos donos de terra, os aposentados, desempregados, funcionários de baixo nível. Também rebaixou a renda de uma significativa parte da classe média, constituído de oficiais do governo e profissionais trabalhadores de setores públicos. O mesmo ocorreu com novos universitários graduados que não migraram ou não conseguiram trabalho nas companhias estabelecidas e associadas à *Infitah*.

No caso dos ex-oficiais da força armada, estes deixaram suas ocupações para trabalhar em escritórios de exportação e importação. No caso de pequenos trabalhadores do governo, estes começaram a trabalhar com motoristas de táxi em horas vagas. Os pequenos e ausentes proprietários de terras começam a

produzir por si e não apenas supervisionar de longe. Artesãos começaram a ser pequenos contratantes. Donos de modestas propriedades urbanas começaram a alugar seus apartamentos mobiliados para turistas árabes. De fato houve uma dupla mão: a mobilidade social rápida causando um aumento da inflação e vice-versa.

Anwar al-Sadat entrou para a história ao visitar Jerusalém de 19 a 21 de novembro de 1977. As televisões do mundo inteiro imortalizaram seu discurso no Knesset. O acordo de paz entre Egito e Israel foi assinado no ano seguinte, em Camp David, sob a benção dos Estados Unidos. Este acontecimento deu a Sadat e a Menahem Begin o Prêmio Nobel da Paz, mas significou ao sucessor de Nasser, o isolamento do mundo árabe. O líder político parecia zombar dessa ruptura.

Logo após esta assinatura, o *sheikh* cego Abdel Omar Rahman, proferia sermões em tons ferozes e agressivos que eram gravados e distribuídos para várias mesquitas. Já havia se tornado alguém fortemente influenciador de seus seguidores e possuía uma formação sólida cujo doutorado tinha sido feito na Universidade de Al-Azhar egípcia.

O aumento das desigualdades sociais, da corrupção e principalmente a sensação de traição sentida pelos islamistas, foram um “prato cheio” para os extremistas que o assassinaram em 6 de outubro de 1981, em plena parada militar. Ele morreria por aqueles que tinham sido libertados das prisões por ele... Foi morto por um grupo liderado por jovem engenheiro, Abdelassam Faraj que justificou seu ato repetindo palavras do “mártir” Qutb.

2.2.3 Era Mubarak

Hosni Mubarak, eleito Presidente da República em 1981 depois da morte de Sadat, continua no poder até hoje com suas sucessivas reeleições. É chamado de o “último faraó” ou o “faraó do terceiro milênio”, em parte por seu poder quase absoluto e também por suas “ambições dinásticas”, embora desmentidas solenemente.

Com carreira na Aeronáutica, Mubarak viu aterrorizado a aviação egípcia ser destruída em poucas horas no dia 5 de junho de 1967, começo da Guerra dos Seis Dias. Na época de Nasser encarregou-o de reconstituí-la e dois anos mais tarde nomeou-o Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica.

Mubarak também foi um dos principais atores na guerra contra Israel, desencadeada em Outubro de 73. Foi considerado um herói e não tardou a ser nomeado vice-presidente da República. No dia do assassinato de Sadat, por pouco não acabou tendo o mesmo destino, pois estava ao seu lado.

Caracterizou-se por combater o extremismo até hoje, mas inteligentemente sem neutralizar a onda de re-islamização, com sutileza e uma “negociação de bastidores” com os representantes fundamentalistas e da Irmandade Muçulmana.

Retomando nosso panorama econômico, a proporção entre poupança e investimentos pode ter atingido altos níveis entre 1975 e 1985, estes causados por:

- a) Exportação de petróleo;
- b) Remessas de dinheiro de egípcios trabalhando no exterior;
- c) O Canal de Suez;
- d) O turismo.

No fim dos anos 80 os altos níveis caíram abruptamente devido ao aumento do consumo de bens de luxo importados, bem como as moradias de luxo, investimentos em aspectos não produtivos.

Neste período a corrupção e desrespeito pela lei são muito difundidos e há uma visível falta de trabalho ético. A violência aumentou muito e crimes até então não conhecidos se ampliaram. Apesar das rígidas leis e forte influência religiosa a violência perdurava.⁷⁵ Valores materiais estão fortemente estabelecidos, enquanto o trabalho produtivo e socialmente útil tem perdido o status e o prestígio social. A

⁷⁵ Claro que este nível de violência é infinitamente menor que o que se vê nas grandes capitais, mais dentro de uma sociedade islâmica é alarmante.

qualidade de vida na cidade estava se deteriorando rapidamente com o aumento da poluição do ar, superpopulação, congestionamento. O trânsito no Cairo passou a ser caótico ainda o é, cada vez pior. A poluição sonora nas regiões centrais é insuportável. Neste panorama vemos as vilas⁷⁶ rapidamente mudando de uma unidade de produção para uma unidade de consumo. Em ambos os casos, cidades e vilas, observaram-se um crescimento claro da ocidentalização na vida social acompanhado pelo crescimento do respeito por tudo que era estrangeiro e certo desdém por tudo que era local. Esta postura perdura até hoje.

Já no caso dos políticos, eles reclamam que o senso de lealdade e de pertencer a uma “terra-natal” tem diminuído, e que a preocupação com os problemas do dia-a-dia têm tomado lugar de um real compromisso com um projeto de revitalização e progresso e interesse no nacionalismo árabe. Eles também condenam o crescimento político e econômico dependente dos Estados Unidos, mas pouco pode fazer contra isto.

As várias manifestações de uma crise social e econômica no Egito podem ser mais convincentemente atribuídas a mudanças da estrutura social egípcia e a rápida taxa de mobilidade social. Esta mobilidade tem sido feita em passos acelerados nos últimos 30 anos. Isto quer dizer, muito mais acelerada que na mudança na política econômica dos anos 70 através do *infitah*, conclui o Dr. Amin em uma de nossas conversas na Universidade.

Ele afirma que “você pode levar o cavalo até a água, mas você não pode fazê-lo beber”. E é o desejo de beber ou a falta de desejo que é como uma perda do *link* entre a liberalização da economia e vários aspectos da economia do comportamento social já descrito anteriormente. A liberalização da economia pode realmente fazer o consumo ou a importação de certos produtos possíveis, mas não é tão fácil fazê-los desejáveis. Seu desejo é mais influenciado pelo nível de renda dos consumidores potenciais e a posição destas pessoas no staff social.

⁷⁶ No Cairo, as vilas são consideradas pequenos bairros de subúrbio com uma vida relativamente independente do grande centro.

Amin, não leva em consideração um fator muito importante: o marketing. O *marketing* através de suas ferramentas, seu composto mercadológico é capaz de trabalhar os aspectos de desejo (ou a falta dele), independentemente do nível de renda ou status dos indivíduos envolvidos. Mas não entrarei em análises mercadológicas mais profundas, uma vez que as linhas que permeiam esta tese são políticas e econômicas, mas junto com os produtos vindos do exterior, vieram também as agências de propaganda e promoção dominando as mídias.

A liberalização econômica pode ter sido um dos principais fatores aceleradores da taxa de mobilidade social, mas não creio ser o único. Outros importantes fatores foram trabalhados antes dos anos 70 e muitos fatores apontados nesta década, poderiam ter ocorrido em qualquer sistema econômico. Se esta argumentação estiver correta, seria errôneo imaginar que apenas uma mudança político-econômica seria capaz de trazer conseqüências tão profundas ao EGITO. Seria também errôneo pensar que o retorno a uma economia fechada reverteria a “crise”.

Não se deu a devida importância ao impacto socioeconômico proveniente da rápida mudança devido aos seguintes aspectos:

- a) É tentador pensar nesta relação acima mencionada porque isto cai no limite de duas disciplinas: economia e sociologia. Um deixa-a para o outro desenvolver as análises cabíveis;
- b) O mais perto que os economistas chegam à discussão é quando eles falam da distribuição de renda. Mas mesmos que eles tivessem dados comparativos da distribuição de renda pessoal ou funcional por um longo prazo, o que não existe no Egito, estes dados dificilmente revelariam algum aspecto da mudança de estrutura social sem levar em conta os estudos e ações mercadológicas;
- c) O aumento ou a queda dos percentuais de participação de classe alta ou baixa, não nos daria informações sobre se o número de um grupo em particular aumentou ou caiu em status social. O mesmo aconteceria sobre as mudanças que

devem ter ocorrido em suas fontes de renda. Dever-se-ia fazer um estudo de perfil de consumo e de mercado;

d) Similarmente o aumento ou queda na participação de seus salários em contraste com a renda obtida através de propriedades não nos contaria nada sobre se algum assalariado pode agora ter se transformado em proprietário ou vice-versa. (IBRAHIM, 2002: 35).

Tem-se inscrito muito sobre as mudanças nos valores e modelos sociais, padrões de comportamento associados com a abertura econômica ou migração de mão-de-obra. Frequentes são feitas referências sobre a deteriorização na ética, no trabalho, aumento de valores materiais e uma política apática.

Há quem relacione a tendência futura de um pródigo consumo associado com a abertura política dos anos 70. Talvez tenha havido uma aposta na súbita onda de consumismo simbolizado pelo rápido incremento na importação de carros, televisores coloridos, vídeos, máquinas de lavar, condicionadores de ar, refrigeradores americanos e ventiladores japoneses. Este tipo de consumo é considerado genericamente desnecessário e apesar disto, aloca uma fatia da poupança e do investimento pessoal e cria um pesado ônus na balança de pagamento. Muito investimento público, nesta fase, vai para projetos de infraestrutura em benefício dos habitantes urbanos de alta renda.

Destaco que muitos bens e serviços considerados supérfluos para os economistas ou professores de marketing são na verdade o grande símbolo de avanço social ou status para estas novas classes crescentes. O carro próprio não é simplesmente um meio de locomoção, mas uma declaração viva e tangível de uma ascensão, do sucesso do proprietário.

Aliado a tudo isto, a possibilidade de uma melhora na alimentação básica ficou evidente. Aumentou-se o consumo de arroz, carne, trigo e isto funcionou também como símbolo de avanço social e status para os de baixa renda em áreas rurais. Estes se tornam público consumidor para a população urbana.

Na construção, onde houve a substituição das habitações feitas de tijolos de barro por casas feitas de tijolos vermelhos. Este se tornou o principal símbolo de avanço social e status nas vilas. Isto está atrelado à necessidade de um novo tipo de casa com acesso à eletricidade e condições para acomodar os bens duráveis recém-adquiridos.

A população que saiu das áreas rurais, provocando um verdadeiro êxodo, investiu em táxi, mini-ônibus, caminhões, ou empreendimentos comerciais com o objetivo de atender as classes em ascensão.

Não é muito difícil traçar alguns outros novos padrões de comportamento social que apareceram: aumento da corrupção falta de disciplina, consumismo, valores materiais em alta, etc. Todos vêm como um reflexo da grande ansiedade de obter novas oportunidades e o medo de perder o que se conseguiu. Nestas circunstâncias, os princípios, padrões de moral ficaram impregnados de luxúria. Um novo sistema de valores deveria agregar muita flexibilidade e habilidade para estar em conexão com todos os preceitos do Islã e não perder o prazer de consumo. Padrões de comportamento que eram altamente observados no passado como “ter uma só palavra”, promessas, orgulho, integridade, agora são menos considerados. Lealdade, antigos relacionamentos são considerados como “excesso de sentimentalismo”. Casamentos estavam balizados entre pessoas de mesmo nível intelectual e principalmente mesma capacidade financeira, mas a diferença entre diferentes estratos sociais era tida como fatal, pois certamente seria fonte de problemas futuros. Deveriam ser evitados.

As crianças passam a ter oportunidades melhores que as de seus pais e começam a também estar dissociados de antigos padrões de comportamento, tradições ou autoridade paterna. Aumentou a permissividade. Seus hábitos de consumo, seus desejos ficam totalmente longe aos de seus pais. Fatores como educação moderna, línguas estrangeiras e acesso a símbolos ocidentais foram definitivos também para esta mudança. A mídia foi e continua sendo o grande canal de todas as novas informações e hábitos, desejos de consumo.

Por outro lado, e não menos importante, aqueles que não atingiram novos degraus de ascensão social ou aqueles que foram afetados de uma negativa forma pelas mudanças sociais e inflação, tiveram outras modificações em sentido contrário de seus padrões de conduta. É como se apegassem desesperadamente às únicas coisas das quais ainda tem certeza. Nestes casos as modificações tomaram outros rumos e outras características:

a) Hábitos na alimentação e no vestir que eram associados à área rural ou aos urbanos de baixa-renda começaram a ser adotados;

b) Hábitos antiquados de como mobiliar as residências foram re-utilizados;

c) Uma nova forma de apreciar as tradicionais músicas árabes;

d) Foram reutilizados nomes egípcios ou árabes antigos que retratavam uma origem humilde;

e) A adoção do hábito rural dos homens se abraçarem um com o outro sinal de felicitação ou em situação de despedida;

f) Muito interessante notar a conexão entre a adoção de hábitos rurais e de “baixa classe” com o ressurgimento de movimentos religiosos, ou “retorno islâmico”. Houve um fortalecimento da crença religiosa, um aumento no cuidado com rituais e cerimônias religiosas. Como exemplo, temos o uso do véu por um grande número de mulheres, o costume de iniciar cartas ou discursos com expressões religiosas, como “em nome de Deus”, “com a misericórdia de Deus”, a transmissão da oração da 6ªfeira em alto som e a interrupção do dia de trabalho por cinco vezes para orar.

g) Os líderes dos movimentos islâmicos não mais pertencendo a um estreito círculo de uma bem educada elite, falavam agora a um pequeno numero de moradores urbanos. O que podemos ver hoje é um movimento em massa onde membros e líderes pertencem às mais humildes origens, medianamente educados

e com fortes raízes no setor rural. Isto difere da figura de Osama Bin Laden, rico, bem educado que aparece na mídia como sendo o líder da Al Queda;

h) A geração mais nova agora usa palavras e expressões não usadas em 30 ou 40 anos atrás, exceto pelas pessoas da área rural ou de baixa renda urbanas;

i) Longas elaboradas e sofisticadas músicas foram substituídas por músicas curtas, palavras fáceis e tons delicados;

j) Na televisão, cinema, teatro, tramas tradicionais foram trocadas por tramas nas quais a pobreza não é mais associada à honestidade e a riqueza com a falta dela.

O acesso à riqueza não é mais confinado ao fato de um homem rico apaixonando-se por uma jovem pobre. Ou ainda, um pobre homem que de repente descobre um tesouro escondido. Coisas que fazem parte do imaginário social.

Mubarak reatou habilmente com os demais países árabes, contrários ao acordo de paz entre Egito e Israel, mas não para retomar a guerra. Desempenhou um papel de mediador entre Israel e Palestina, e assim ganhou uma imagem de sábio, respeitado por árabes e ocidentais.

Em meados de 1980, o Egito ingressou em outro período de crise econômica exacerbada pela óbvia corrupção e ostentação por parte da elite e os altos funcionários do governo. Segundo Burke (2007:167), de 1984 e 1994, a proporção de egípcios vivendo abaixo da linha da pobreza aumentou de 42% para 54%. Apesar da forte repressão característica do governo Mubarak, a Irmandade Muçulmana e os vários grupos que dela surgiram, cresceram rapidamente especialmente nos campi universitários. Em 1985 ano em que o jovem Mohammed Atta, um dos pilotos do atentado do WTC em 2001, matriculou-se no curso de engenharia da Universidade do Cairo, quase todas as associações estudantis eram dominadas por islamitas. Eles pressionavam as autoridades a islamizar os currículos.

Nesta fase, a violência no Egito, mais especialmente no alto Nilo. A Sociedade Islâmica tinha feito um recrutamento pesado entre os jovens graduados, mas desempregados das novas universidades rurais do vale do Nilo. Estes novos militantes podiam mobilizar os pobres do campo ou recém urbanizados usando a retórica violenta dirigida aos cristãos coptas.

Com relação à Reforma Agrária, em 1992 uma nova lei que parece ter afetado mais de seis milhões de habitantes (SAKH, 2007:33):

- 1- Estabeleceu um prazo de cinco anos, durante o qual o preço do aluguel da terra subiu progressivamente de 7 para 22 vezes o valor do imposto fundiário. Findo este período os proprietários ficaram liberados para definir o preço do arrendamento de acordo com o mercado, e os locatários incapazes de pagar tornaram-se passíveis de expulsão.
- 2- Os contratos deixaram de ser permanentes e transmitidos por herança, para serem firmados a prazo, com duração mínima oficial de um ano.
- 3- A renda anual passou a ser pagável em espécie e na totalidade a partir da assinatura do contrato de arrendamento, isto é, antes da colheita.
- 4- Permitia aos proprietários revalorizar seu patrimônio fundiário pelo aumento sensível da renda ou pela possibilidade de dispor dele à vontade.
- 5- Permitia aos neoliberais vangloriar-se do livre funcionamento do mercado, ao qual foram atribuídas todas as virtudes do novo sistema.
- 6- Encorajava a busca de maior rentabilidade e, portanto, a modernização e intensificação da produção.
- 7- Promovia a seleção dos minifúndios não rentáveis, facilitando sua incorporação às propriedades modernas.

Segundo o Centro Agrário para os direitos Humanos⁷⁷, uma organização não-governamental do Cairo, no período de 1998 a 200, contabilizou um total de 110 mortos, 846 feridos e 1409 prisões vinculadas a operações de expulsão de camponeses e outros conflitos associados à disputa por terras agrícolas. Esta lei transformou a vida dos camponeses.

No ano passado, em Izbat Mersha no Delta do Nilo, diante da recusa do Governo em entregar seus títulos de propriedade, camponeses se revoltaram. Eles pagaram as terras por cinco anos e agora os antigos donos estavam entrando com processos para reaver as terras. O confronto armado entre a população que apoiava os camponeses e a polícia foi violento. Foi a primeira vez que tais conflitos no Egito conseguiram repercussão no exterior. Com as Embaixadas egípcias inundadas de mensagens de protesto, os camponeses intimados foram libertados, as ações de acusações foram retiradas e os oficiais envolvidos foram transferidos. Os camponeses então tomaram uma importante decisão: não mais assinar acordos individuais com os ex-proprietários e sim por coletivamente. Assim, uma primeira etapa foi vencida na luta contra o questionamento dos direitos adquiridos por ocasião da reforma agrária.⁷⁸

Na primeira década de 1990 o Egito mergulhou numa onda de violência, atentados terroristas na maioria executados pela Sociedade Islâmica. Mais de 1000 pessoas foram mortas.

A comitiva de Mubarak foi atacada a tiros durante uma visita oficial a Adis Abeba, capital da Etiópia, mas o presidente escapou sem ferimentos. A autoria deste atentado foi da Sociedade Islâmica, mas foi amplamente atribuído a Bin Laden pela mídia mundial erroneamente.

O *raees*⁷⁹ Mubarak tem como meta liberalizar a economia egípcia, multiplicando as privatizações e atraindo capitais estrangeiros. Esta é uma política

⁷⁷ <<http://lchr-eg.org>> acessos em 12/10/2007 e 30/09/2009

⁷⁸ <http://anba.com.br> acesso em 01/10/2008.

⁷⁹ “presidente” em egípcio.

aprovada pelos meios empresariais, mas acaba pondo em risco o sistema de proteção social. Isso às vezes sacrifica muito a população carente.

Assim como Sadat que se beneficiava da imagem positiva de sua esposa Jihane, Mubarak também tem a mesma vantagem. Sua esposa Suzanne, formada pela Universidade Americana do Cairo, é uma primeira dama moderna, dinâmica e sempre pronta para presidir manifestações sociais e culturais.

Segundo Mohamed Habib⁸⁰ o Egito viveu uma eleição figurativa em 7 de setembro de 2005. O presidente Mubarak disputou o cargo com nove candidatos fracos e sem nenhuma chance de vitória. A regra é se nenhum candidato conseguir 50% dos votos não há 2º turno e não há urnas eletrônicas. Uma nova lei permite que partidos políticos estabelecidos a pelo menos cinco anos lancem candidatos, desde que tenham pelo menos 5% dos assentos do Parlamento e consigam a assinatura de mais de 250 dos 545 membros da Câmara Baixa (assembleia popular). A oposição tem apenas 34 cadeiras, no universo de 454 deputados. As restrições ao processo eleitoral o transformam, portanto, em mero referendo, disfarçado em mero referendo, disfarçado em eleições, para manter o atual mandatário na cadeira do poder. Ironicamente Henry Jackson, professor de Ciências Política da Columbia University em Nova York, disse a uma entrevista em 14 de outubro de 1981⁸¹ que via o governo Mubarak como um governo temporário que se fragmentaria e estaria cada vez mais próximo dos países conservadores e estritamente muçulmanos. Parece que ele errou...

Centenas de jovens universitários, e de lideranças políticas forçadas em eleições, para manter o atual mandatário na cadeira do poder, foram detidos em março deste ano durante uma série de manifestações a favor da reforma eleitoral e permanecem presos por meses, acusados de pertencerem a movimentos ilegais e levantes populares. Hoje o analfabetismo já supera mais da metade da população, e junto com outros péssimos indicadores, o Egito se encontra na 115ª

⁸⁰ Fonte: < <http://icarabe.org> > acesso em 29/08/2009

⁸¹ Fonte: Revista Veja de 14/10/81 dia da morte de Sadat.

posição no *ranking* do IDH, entre 173 países. O governo opressor faz de conta que é democrático, e o povo oprimido faz de conta que está feliz.

O povo egípcio é extremamente paciente e pacifista, porém nunca foi covarde, muito menos traidor da sua história.

Outro momento marcante une o Egito com o resto do mundo: O discurso de Barak Obama na Universidade do Cairo em 4 de junho de 2009. Os comentários foram os mais diversos e toda mídia mundial cobriu este, que parece ser o primeiro grande passo em direção de uma esperada pacificação nas relações entre oriente e ocidente. Os oponentes políticos do governo autocrático presente expressaram decepção. O dissidente político Ayman Nour que foi preso após desafiar o Presidente Mubarak na última eleição disse que a menção de democracia e direitos humanos no discurso foi bem menor do que queriam. A platéia continha um misto de aplausos de pé e olhares gélidos após cada parte do discurso, na medida em que cada assunto era abordado, da tolerância religiosa e direito das mulheres às armas nucleares e guerras no Iraque e Afeganistão.

Repetidas vezes, os ouvintes muçulmanos se disseram impressionados em quão habilmente Obama se apropriou de referências religiosas, culturais e históricas de forma que outros presidentes não conseguiram. Ele acrescentou no discurso quatro citações do Corão e empregou saudações em árabe como pôde ser visto na transmissão ao vivo feita por muitas emissoras. Ele falou mais como um líder esclarecido da região do que como um estrangeiro, seu discurso foi estruturado misturando uma mensagem política, social e religiosa. Foi um discurso corajoso, mas sua magnitude só será medida com o passar dos próximos meses quando poderemos ver os efeitos de tudo que foi dito. Hoje o que podemos dizer é que as mãos de Barak Obama foram oferecidas, alguns querem segurá-las e outros cortá-las.

III – RELAÇÕES INTERNACIONAIS: GLOBALIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA EGÍPCIA.

Através de sua longa história, o Egito nunca ficou fechado ao mundo por muito tempo, ou distante da globalização que sempre fez parte de sua trajetória. O Egito foi totalmente integrado comercialmente com Pérsia, Grécia, Roma, Arábia, impérios que eram engrenagens de uma globalização que sempre existiu. O Egito nunca foi pequeno ou pouco importante para o resto do mundo, mas somente em um momento da história o império egípcio foi motor central da globalização: no antigo Egito, numa época onde o mundo parecia muito pequeno comparado com nossos dias.

Os primeiros sinais de ocidentalização sobre o Egito datam da Campanha de Napoleão em 1798 e determina o primeiro contato do mundo árabe com o ocidente moderno. A expedição francesa neste ano sinalizou o início da integração do Egito na economia mundial.

Por parte de Muhammad Ali houve um esforço de industrializar o país e montar uma Força Armada eficiente. Este esforço foi intensificado no Reinado de Ismael que coincidiu com o acelerador do colonialismo europeu. O mesmo aceleramento aconteceu depois da Segunda Guerra Mundial.

Quanto mais o Egito apresenta importante mudança em seu desenvolvimento econômico e social e reformula suas relações sociais, mais ocidentalização precisa engolir. Quanto mais renda ganha, mais ele deve perder sua alma... (AMIN, 2002:54).

Mesmo com todo o reformismo e sincera intenção de lutar por uma economia e políticas independentes, os líderes não conseguiram negar a existência de uma concepção ocidental de progresso. Na verdade havia um antagonismo presente: de um lado, a invasão progressista ocidental e por outro lado uma forte intenção de retornar às raízes sociais e culturais egípcias.

A relação entre o Egito e a economia mundial flutuou entre períodos de extrema abertura e relativo isolamento. Isto inclui os trinta anos de ocupação

britânica que trouxe ainda mais influência estrangeira. Os padrões de consumo, que haviam permanecido intactos, foram profundamente alterados.

O período entre-guerras (1914–1945), particularmente os anos da Grande Depressão Mundial forçou o Egito a rever suas políticas. Por aproximadamente vinte anos depois da crise do Canal de Suez (1956 – 1974), o Egito retomou suas estratégias que estavam fortemente ligadas à economia mundial. O Egito continuou fortalecendo suas relações de comércio exterior, além de importações de tecnologia e conhecimentos técnicos.

Desde meados de 1970, o Egito tem desenvolvido um processo de integração:

- a) Aumento da liberalização do comércio exterior;
- b) Encorajamento dos investimentos privados estrangeiros;
- c) Abertura para modernas tecnologias;
- d) Desenvolvimento da mídia na forma de transmitir informações, idéias e padrões de consumo.

A *Open-door Policy*⁸² foi oficialmente anunciada em 1974, apesar de que “as portas”, desde 1798, nunca mais foram fechadas.

Algumas características deste período contemporâneo são:

- a) Grande variedade de produtos e serviços na lista de importação e exportação, além de grande número de parceiros com os quais o Egito comercializa.

A participação de comércio internacional no total da renda egípcia é na verdade menor agora que durante certo período no século passado e início deste século. Aquela época caracterizou-se pela exportação de algodão e comercializações em geral com a Inglaterra.

⁸² Infitah ou open door: marca o início da abertura da economia egípcia para o comércio internacional e seu ingresso na globalização

b) Grande diversidade de formas de atrair capital estrangeiro.

Há cem anos, o investimento privado estrangeiro no Egito caracterizou-se pelo investimento na infra-estrutura e nos empréstimos estrangeiros para o governo. Hoje os investimentos privados estrangeiros cobrem várias manufaturas, turismo, atividades bancárias com o empréstimo estrangeiro extensivo para o setor privado.

c) Aumento na proporção da população egípcia que se tornou envolvida neste processo de integração com a economia mundial.

A maioria dos egípcios continuou a viver perto do nível de subsistência e seu contato com idéias e estilos de vida estrangeiros era praticamente nulo. Hoje, produtos importados são encontrados na maioria das residências, mesmos as mais pobres que vivem na área rural. Enquanto poucos empresários e empregados estão envolvidos com exportação de petróleo, mais de um sexto da população está direta ou indiretamente recebendo benefícios do turismo. Poucas famílias estão recebendo remessas financeiras provenientes do trabalho de egípcios nos países árabes petroleiros, fonte de renda que se transformou na mais importante fonte de câmbio estrangeiro.

d) Há hoje o papel predominante das corporações transnacionais e instituições em processo de integração.

Hoje existe mais de 500 empresas de comércio internacional operando no Egito⁸³ e, como o processo de privatização acelerando, a participação das trades na economia egípcia está em franca expansão.

O fundo monetário Internacional, o Banco Mundial e outras organizações internacionais representam um importante papel na aceleração deste processo de integração na economia mundial.

⁸³Fonte: Ministério da Economia e Cooperação Internacional (Egypt Economic Profile, Cairo 2006:06).

Hobsbawm acrescenta outras características relativas à globalização que muito tem a ver com a realidade egípcia (2007:9-20)

a) Enorme e contínua aceleração da capacidade da espécie humana de modificação o planeta por meio da tecnologia e da atividade econômica e a globalização.

b) Profundo impacto político e cultural, sobretudo na sua forma atualmente dominante de um mercado global livre e sem controles.

c) Política, como principal campo de atividades humanas, praticamente não foi afetada pela globalização, a não ser se levarmos em conta o número de Embaixadas e ou participação em organismos internacionais e missões do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

d) A globalização trouxe consigo uma dramática acentuação das desigualdades econômicas e sociais no interior das nações e entre elas.

e) O maior impacto desta globalização é mais sensível para os que menos se beneficiam dela. E ao mesmo tempo, o mercado livre global afetou a capacidade de seus países e sistemas de bem-estar social para proteger seu estilo de vida.

f) Embora a escala real de globalização permaneça modesta, talvez com exceção de alguns países em geral pequenos e, sobretudo na Europa, seu impacto político e cultural é desproporcionalmente grande.

g) A suburbanização de áreas cada vez maiores no entorno dos centros originais.

O processo de globalização está afetando todos os aspectos da economia, sociedade e vida cultural egípcia. Este impacto envolve taxas de consumo, investimentos, crescimento e distribuição de renda, padrões de consumo, taxa de desemprego e níveis de satisfação das necessidades básicas. Este impacto também afeta a qualidade de vida, desenvolvimento humano, no que diz respeito à qualidade do meio ambiente, senso de identidade cultural e limite no poder do

Estado. Além de tudo isto, temos uma adequação cultural e religiosa às novas informações, idéias e tendências que vêm com a globalização.

A seguir, desenvolvo alguns aspectos que julgo interessantes de serem destacados a partir do impacto da globalização.

3.1 Papel do Estado

Na era da globalização a vida econômica e social é formatada pelas forças de mercado, que por sua vez é determinada mais pelas ações internacionais e negócios locais do que o próprio Estado. Aliás, uma das características marcantes da globalização é um Estado sem poder, principalmente nos países menos desenvolvidos. A soberania do consumidor é gradualmente trocada pelo padrão de consumo rápido e a soberania do Estado dá lugar aos produtores de bens e serviços e os comerciantes em geral.

Na tentativa de controle da mídia por parte do governo, ele acaba encorajando ainda mais um consumeirismo. Unido a isto, a redução drástica dos subsídios governamentais sobre os alimentos, educação e saúde e o abandono de seu efetivo papel, permitiu um padrão de consumo que traz vantagens para o grupo de alta renda. O panorama se faz com a liberação do comércio e com isto, o Estado encoraja o crescimento da ocidentalização do consumo, hábitos e valores sociais. Pode-se dizer que a globalização de alguma forma acaba por encorajar o *soft power* do governo.

Gunnar Myrdal (apud Amin, 1999:28) diz que uma característica encontrada em países subdesenvolvidos seria o *soft power* onde encontramos grupos fortes, pessoas públicas ou militares que acabam conduzindo de alguma forma, algumas ações que seriam de obrigação estatal.

A globalização trouxe com ela a vasta ampliação da mobilidade das pessoas e a eliminação em grande escala dos controles fronteiriços na Europa e em outras partes do mundo torna cada vez mais difícil para os governos controlar o que entra e sai dos seus territórios e o que ocorre neles. É tecnicamente

impossível controlar mais do que uma fração mínima do conteúdo dos containers que transitam pelos portos sem reduzir o ritmo da vida econômica diária quase pela metade. Os traficantes e os comerciantes ilegais valem-se amplamente dessa dificuldade, assim como da incapacidade dos Estados de controlar ou mesmo monitorar as transações financeiras individuais.

O medo da globalização traz consigo insegurança e exclusão dos menos afortunados e abre facilmente caminho para uma substituição da economia de mercado por uma postura protecionista. E este aspecto é muitíssimo aproveitado pelos islamistas fundamentalistas. Olhando por este lado, talvez o maior perigo não esteja nos homens-bombas ou em terroristas, mas nas claras transformações políticas que o mundo presencia e com as quais os governantes não estão sabendo, ou não querem lidar.

O crescimento de movimentos de Direito do Consumidor, de sociedades fundadas para a Proteção do Meio-ambiente, as quais preenchem lacunas deixadas pelo governo, são reações inevitáveis diante da globalização.

Desde os anos 70, o Egito tem sido testemunha da formação de inúmeras organizações para a Proteção do Consumidor e Meio Ambiente, mas este crescimento acelerou muito nos últimos anos. A maioria destes grupos possui algum fundamento religioso principalmente muçulmano e pouquíssimos grupos são cristãos. Estes grupos proporcionam aos consumidores muito mais do que a proteção de seus direitos, eles proporcionam auxílio à educação, serviços médicos, crédito para compra da casa própria e até refeições em festividades religiosas.

Claramente temos aqui é a sociedade civil arregimentando-se e preenchendo o papel mal desempenhado pelo Estado.

3.2 Níveis de consumo e crescimento de renda

No Egito temos o seguinte panorama dos anos 60 até agora:

- a) Severo declínio nas taxas de crescimento da renda para quase metade do nível anterior;
- b) Grande aumento da taxa de desemprego, principalmente entre universitários graduados.

Nestas circunstâncias, acreditava-se que ambas as classes, ricas e pobres, sofriam com isso. Mas o resultado dependeu da capacidade de cada segmento resistir ao declínio em seus padrões de vida. Enquanto o padrão caiu para uns, subiu para outros. Os que conseguiram manter-se em seu padrão foram os que estavam perto do poder e mesmo sob forte depressão, conseguiram obter ganhos adicionais às suas altas rendas e riquezas. O preço pago pelo resto da pobre população foi muito alto e tem sido pago por ela até hoje. Foi uma espécie de transferência de renda do “pobre” de hoje para a classe rica:

- a) Novas taxas sobre vendas recaindo mais fortemente sobre os de baixa renda;
- b) Muitas terras pertencentes ao governo foram vendidas a preços irrisórios à classe rica;
- c) Empréstimos bancários cedidos como empréstimos a pessoas de reputação duvidosa, as quais usaram sua influência para fazer depósitos no exterior.

Para melhor entender as flutuações e mudanças nas relações sociais e culturais do Egito desde a época da revolução de 52 até hoje, “era Mubarak”, temos as seguintes alterações de alguns parâmetros sócio-econômicos sugeridos por Amim como segue.

Por volta de 1955:

- 1 % da população egípcia teve uma renda anual de mais de LE⁸⁴1.500;
- 80% da população com menos de LE240;

⁸⁴ LE = libras egípcias (hoje aproximadamente R\$1,00 equivale a LE 3,0).

- 19% da população, que constituía uma “classe média”, com renda anual entre LE240 e 1.500 por família;

Se levarmos em consideração que a população egípcia era de 21,4 milhões em 1952 temos:

- 200.000 eram da classe alta;
- 4 milhões eram da classe média;
- Mais de 17 milhões eram da classe baixa.

A ocidentalização ou a habilidade de adotar padrões ocidentais de comportamento tem perdido a importância em distinguir uma classe social de outra, como resultado da extensão desses padrões entre a classe baixa. Apesar de trazer claramente a relação da globalização sobre um país islâmico, estas “adaptações” não são determinantes claros, visualmente falando, de classes sociais. Renda e riqueza continuam bons critérios para classificar classes sociais, não importando a fonte desta renda ou riqueza, ou mesmo seus padrões de consumo: Lembremos do Cartão de Crédito!

Nos anos 90, anos de Mubarak, temos outra formação de distribuição de renda no Egito:

- LE 300/por família/por mês = valor limite entre a classe baixa e média;
- LE 10.000/por família/por mês= valor limite entre a classe media e alta.

De acordo com esta classificação:

- 53% (30 milhões de pessoas) pertencem à classe baixa;
- 45% (25 milhões de pessoas) pertencem à classe média;

- 2% (1,2 milhões de pessoas) pertencem à classe alta⁸⁵.

Se compararmos com os anos 50, podemos perceber que a classe média aumentou mais de seis vezes nos últimos 50 anos enquanto a classe baixa cresceu somente 75% e a classe alta cresceu em também aproximadamente seis vezes.

Houve também mudanças nas características de cada uma das classes:

a) A nova classe alta não consiste de descendentes da velha classe alta. Estas famílias adquiriram riquezas em acumulações nos anos 70 e 80, coisa que seria raro antes das “open-door policies”. As fontes desta nova riqueza foram o comércio (particularmente a importação), contratações, especulação com terras e comissões intermediando atividades diversas. No passado, a principal fonte para a renda alta era a propriedade de terras agrícolas;

b) Como a antiga classe média, a nova inclui profissionais, comerciantes, altos e médios escalões de oficiais do governo, proprietários de pequenas e médias empresas de manufatura, proprietários de terra de média dimensão, donos de propriedades urbanas. No entanto, a nova classe média inclui alguns elementos de descendentes da velha classe alta que caíram em status após algumas medidas tomadas na revolução: a nacionalização e o confisco de propriedade. Esta nova classe possui um grande número de artesãos, de empregados em indústrias públicas e privadas;

c) A classe baixa inclui, como no passado, fazendeiros sem terra, pequenos proprietários, artesãos de baixa renda, pequenos comerciantes e trabalhadores da agricultura, mas agora adiciona uma grande proporção de baixos escalões do setor público e governamental.

Desnecessário dizer que a renda média destas três classes é significativamente alta hoje, se compararmos com os anos 50. Mas de qualquer

⁸⁵ Fonte: Family Budget Surveys.

maneira, a nova classe media possui praticamente 75%⁸⁶ das pessoas consideradas “classe media baixa” com renda familiar mensal não maior que LE600. Esta classe media baixa tem sua grande maioria composta de baixos empregados do governo, de empresas industriais, e muitos empregados do setor publico. Acredita-se que uma grande porção destas pessoas estava sofrendo pelos últimos 40 anos de uma crescente frustração, insatisfação com suas vidas, perda de auto-respeito e sentimentos de que, segundo o Dr. Bohgat Moussa⁸⁷, a sociedade devia a eles mais do que obtinham dela.

Os sintomas observados diante deste panorama foram: aumento de taxas de certos crimes, incluindo crimes contra parentes próximos no caso de emigrantes, corrupção em vários níveis no governo, cisões familiares.

O repentino aumento de oportunidades para aumentar renda e acumular nova riqueza aguçou apetite de boa parte da população, mas causou uma grande frustração àqueles que por alguma razão falharam em se beneficiar disto. Este é um sentimento que pude sentir durante conversas informais com alguns funcionários de vários níveis hierárquicos de um Hotel de 1ª linha em Gizah.

Quando a economia começou a decair em inicio dos anos 80, acompanhado pela queda no preço do petróleo e declínio das oportunidades de trabalho no Golfo, houve uma intensificação da frustração. O aumento da taxa de desemprego que na segunda metade dos anos 80 chegou a 20% da força de trabalho deve ter intensificado este sentimento de desaponto numa faixa da população que havia apostado grande esperança em sua educação e educação de seus filhos como canal de crescimento social.

Após tudo isto, parece fácil entendermos que o panorama propiciou o crescimento de uma espécie de fanatismo como forma de fugir de tanta angustia. Como vimos no primeiro capítulo desta Tese o fanatismo religioso no Egito emerge em uma época com um profundo clima de frustração no ar.

⁸⁶ Fonte: Family Budget Surveys

⁸⁷ Dr. Bohgat Moussa é diretor de divisão de Estudos de Negócios (Business Studies) da American University no Cairo.

Recentemente, grandes esperanças estão colocadas na privatização de empresas públicas, que, sem levar em consideração a eficiência das mesmas, podem ajudar o país a abater um pouco os débitos públicos. O impacto desta política nos níveis e padrões do consumo doméstico não tem recebido muita atenção.

Com a grande variedade de produtos importados, grande exposição de padrões de vida associado com sociedades mais afluentes, houve aumento na vontade de obter mais renda e produtividade. No entanto, o aumento do consumo e das aspirações foi maior que o aumento da renda, e provocou, naturalmente, uma queda na poupança.

Nos anos de 1973/74 temos a máxima imigração para o Golfo, nos anos 80 eles em geral retornaram, ocasionando uma onda de desemprego jamais vista. O comércio e a liberalização dos investimentos não foram favoráveis à empregabilidade, uma vez que havia necessidade de uma mão-de-obra especializada. Isto ocorreu com a redução do papel do Governo na criação de frentes de trabalho e redução nas oportunidades aos novos universitários.

O aparecimento de novos produtos de consumo foi acompanhado por uma intensificação das campanhas de venda. A maior responsável é a televisão, que agora tem uma larga amplitude. Nos anos entre 1975 e 1985 o Egito testemunhou um rápido aumento de renda per capita, principalmente como resultado de uma onda de migração de egípcios para os países árabes produtores de petróleo. Houve um aumento da mobilidade social, todos se beneficiaram de fontes estrangeiras de renda originadas de firmas e agências de turismo estrangeiras. Naturalmente a taxa de inflação também aumentou.

Nos anos de 1985 até 1995 em diante, houve um declínio na taxa de renda per capita quando a taxa de migração caiu e o mesmo ocorreu com os preços do petróleo. Apesar deste novo panorama, o padrão de consumo não caiu na proporção da queda do nível de renda.

3.3 Disparidade de renda e padrões de consumo

Temos um grande desenvolvimento nos padrões de vida doméstica em 1974/75, e depois, novamente nos anos 80. Nos anos 90 este padrão deteriorou-se um pouco, mas ainda foi superior, e continua sendo, aos anos 1974/75.

É difícil ver uma conexão forte entre a redução por parte do governo no investimento em serviços sociais, principalmente na queda do subsídio governamental sobre produtos de primeira necessidade e a grande integração da com a economia mundial. Não há dúvidas, no entanto, sobre o impacto da disparidade de crescimento de renda sobre o padrão de consumo. Este por sua vez, foi reflexo da estrutura da produção local e estrutura para importação. Temos então, um crescimento no consumo de produtos considerados de luxo, no total de consumo e um aumento correspondente na participação de produtos e serviços de luxo na produção local e na importação.

O conceito de “luxo” é muito relativo, pois o que era considerado produto de luxo nos anos 70 (uma televisão, por exemplo) hoje virou item de primeira necessidade.

As regiões do Golfo de Suez e Mar Vermelho estão repletos de construções de luxo para as férias de verão ou inverno. Mesmo o centro do Cairo está repleto de edifícios e flats com fachadas espelhadas e modernas.

Segundo Galal Amin, a disparidade salarial é mais forte que o marketing como influência nestas mudanças de padrão de consumo:

Este padrão não poderia ser mantido sem um livre acesso à importação, viagens ao exterior e intensiva exposição a padrões de consumo de sociedades influentes ocidentais. A mídia de massa e intensivas campanhas de venda tem obviamente desempenhado um importante papel na criação de novos desejos, mas foi principalmente o crescimento da disparidade de renda que possibilitou que isto acontecesse. (1999:15)

Apesar de este argumento fazer sentido, não pode ignorar o impacto que o trabalho mercadológico, promocional e suas técnicas de persuasão causaram na flutuação dos níveis de consumo.

Outro forte sinal de uma desigualdade social é o crescimento da informalidade no Egito. O setor informal é formado por pessoas de renda baixa sem oportunidade de uma atividade regulamentada: engraxates, camelôs, manobristas, porteiros, donas de casa que fazem comidas para vender em empresas, confecção de roupas e artesanato, transporte (taxi, por exemplo), manufaturas caseiras de moveis, etc. Aparece também o Terceiro Setor, ainda informal em sua maioria: sociedades religiosas atreladas às mesquitas, sociedades formadas por habitantes de certos bairros, ambos conseguindo recursos para ajudar na manutenção da saúde e educação dos mais necessitados.

A globalização produz, pela sua própria natureza, crescimento desequilibrado e assimétrico. Isto também põe em destaque a contradição entre aspectos da vida contemporânea que estão sujeitas à globalização e às pressões da padronização global. O Egito não seria diferente. A globalização levou ao movimento de um fluxo constante e crescente de trabalhadores migrantes das áreas pobres para as ricas, mas isto se traduziu em tensões políticas e sociais. Estima-se que hoje aproximadamente 3% da população viva fora de seu país de nascimento e o Estado até tem tentado limitar e mapear esta situação. Por outro lado o capital, as mercadorias e a comunicação ficam completamente fora do controle de qualquer Estado.

As desigualdades geradas pela globalização descontrolada dos mercados livres, que crescem muito rápido, são incubadoras naturais de descontentamentos e instabilidades. Se antigamente tínhamos clara noção do significado de guerra e paz, harmonia ou desarmonia, hoje com a falta de capacidade do governante de liderar com apoio de uma burguesia forte e leal, aparecem pequenos focos de distúrbio urbano e suburbano que podem virar crises sérias a qualquer momento.

Como acontece em vários países no mundo, o Egito também, como governo, tem grande dificuldade em exercer controle total e real sobre território, população e próprias instituições.

3.4 Necessidades básicas

Com a tirada dos subsídios governamentais, produtos alimentícios e utilidades domésticas chegaram a preços bastante próximos aos internacionais. Como consequência, temos uma deteriorização da qualidade da dieta de uma boa parte da população. Os anos 90 marcaram uma dieta de menos de 2000 calorias/dia⁸⁸ para pelo menos 35% da população. Além disto, temos má nutrição em 23% das crianças urbanas e 34% das crianças rurais com menos de cinco anos⁸⁹. Há recentes estimativas nos relatórios do Banco Mundial que dizem que a maioria dos lares egípcios tem diminuído seu consumo de alimentos devido ao aumento dos preços dos mesmos.

O mesmo tipo de raciocínio serve para os níveis de educação. O Banco Mundial relata que o aumento nos preços da educação tem tornado proibitivo para os pais de classe baixa propiciar níveis educacionais razoáveis a seus filhos. Vagas em Universidades públicas foram diminuídas pelo governo, promovendo indiretamente a saída de muitos jovens para Líbia, Arábia Saudita, na ânsia de poder cursar uma universidade pública e principalmente poder cursar o curso de sua escolha.⁹⁰

Em paralelo a esta realidade, outro grupo adquiriu o hábito de fazer suas refeições em fast foods, incluindo crianças. Além de usufruírem do sistema de *delivery* por parte de empresas multinacionais de alimentação rápida.

Na área de saúde, houve um crescimento no investimento privado em hospitais e clínicas particulares focado em equipamentos e profissionais, mas a classe mais privilegiada tem viajado para o exterior no caso de problemas mais graves.

Em um ano, não menos que quatro universidades particulares foram abertas no Cairo com inglês como língua de instrução e prometendo os mais altos padrões educacionais. Muito diferente do que as instituições governamentais podem oferecer, estas novas universidades recrutam o que há de melhor em profissionais

⁸⁸ A classe médica recomenda um mínimo de 2540 calorias/dia

⁸⁹ Dados provenientes do World Food Program

⁹⁰ Fonte: The Egyptian Gazette de 24/07/2008.

da educação, pagando quatro ou cinco vezes mais que outras faculdades pagam e muitas vezes utilizando livros-texto em outros idiomas. Temos neste caso a divisão entre as universidades que estão ou não estão inseridos no sistema global⁹¹.

3.5 Tratados Internacionais e o Egito

Os Tratados são acordos internacionais celebrados por escrito entre Estados e regido pelo Direito Internacional, quer conste de um instrumento único, quer de dois ou mais instrumentos conexos, qualquer que seja sua denominação particular. São atos solenes entre Estados, tão antigos quanto às relações amistosas ou litigiosas entre grupos políticos autônomos. (SOARES, 2002:58-59).

Pesquisando o significado da palavra “acordo” na língua portuguesa, encontrei várias definições: combinação, conformidade, conciliação e ainda, despertar, tirar de um sonho ou usar os sentidos

Dentre as várias definições, a que mais me parece trazer uma concepção nova, ou ao menos interessante a este trabalho são os termos “acordar de um sonho”, “despertar”.

Têm-se notícias da prática de acordos entre povos datados desde os primeiros registros escritos, gravados em pedra ou ainda em artefatos de aço como as espadas. A intenção era perpetuar no tempo aquilo que era de valor na história destes povos, valor igual aos valores religiosos fundamentais das grandes civilizações. Direitos e deveres estabelecidos entre unidades políticas autônomas, despertar de sonhos ou pesadelos após muitas disputas e conquistas.

Por toda a história do Oriente, mais especificamente no nascimento (622 d.C.) e crescimento do Islã pelo mundo, temos acordos que disputam o poder.

Muitas vezes apenas firmados de forma verbal, outras vezes sob disputas territoriais sangrentas, os tratados sempre existiram para de certa forma, tornar públicas as decisões importantes, para deixar claro ao Mundo que “ouve um

⁹¹ Fonte: Egyptian Mail 29/07/2008

despertar” de consciência ou o fim de um pesadelo, como as Guerras, ou ainda o despertar de “sonhos” como no caso dos ditadores e déspotas.

Os tratados podem ser considerados até hoje boas estratégias para balizar as relações internacionais, organizam as negociações e em sua grande maioria aparecem para selar momentos importantes na história:

- a) Vestfália (1648) – fim da Guerra dos 30 anos
- b) Tratado de Versalhes (1919) – união de estados cristãos e não.
- c) Convenção de Viena (1969) – direito dos Tratados
- d) Carta de São Francisco (1945) – fim da 2ª Guerra Mundial

O conceito de soberania, da criação de uma comunidade idealizada, cercada de uma fronteira intransponível, parece estar enfraquecido e novas disposições das nações se apresentam.

Talvez possamos pensar mais em uma união baseada em crenças, demandas, valores comuns, ideológicos e até mesmo éticos. Talvez esta seja uma forma mais coerente com a realidade contemporânea.

O Brasil descobriu que pode começar a estabelecer relações comerciais com nações diversas, sem atrelar-se somente ao MERCOSUL ou os ditos países de Primeiro Mundo, como no caso das relações com os países árabes. Um exemplo destes novos tipos de acordos é o G20 que une países em desenvolvimento para tratar de assuntos agrícolas independente dos acordos com as grandes potências.

Levando em consideração as Relações Internacionais, o Egito é membro de vários grupos internacionais e possui Acordos ou Tratados Multilaterais⁹² com vários países, inclusive o Brasil. Este país ingressou na Organização Mundial de Comercio (WTO) em 1995.

⁹² Segundo Guido Soares, Tratados Multilaterais são aqueles estabelecidos entre mais de dois Estados-partes. (2002:67).

O Egito é membro dos seguintes acordos⁹³: ABEDA; ACC; AFESC; AL; AMF; CAEU; CCC; ESCWA; FAO; G20; G15; G77; IAEA; IBRD; ICAO; ICRM; IDA; IDB; IFAD; IFC; IFRCS; ILO; IMF; IMO; INMARSAT; INTELSAT; INTERPOL; IOC; OSO; ITU; NAM; OAPEC; OIC; OPEC; PCA; UM; UNAMIR; UNCTAD; UNESCO; UNIDO; UNOMIL; UNPROFOR; UPU; WFTU; WHO; WIPO; WMO; WTO.

O G20 é um grupo de países em desenvolvimento criado em 20 de agosto de 2003, na fase final da preparação para V Conferência Ministerial da OMC, realizada em Cancun entre 11 e 14 de setembro de 2003. O Grupo concentra sua atuação em agricultura, o tema central da Agenda de Desenvolvimento de Doha.

O G20 tem uma vasta e equilibrada representação geográfica, sendo atualmente integrado por 19 membros:

- 5 são da África: África do Sul, Nigéria, Tanzânia, Zimbábue e o próprio Egito.
- 6 são da Ásia: China, Filipinas, Índia, Indonésia, Paquistão e Tailândia.
- 8 são da América Latina: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Cuba, México, Paraguai e Venezuela.

O Grupo nasceu com o objetivo de tentar, como de fato o fez, impedir um resultado pré-determinado em Cancun e de abrir espaço para as negociações sobre a agricultura. Naquela ocasião, o principal objetivo do grupo foi defender resultados que refletissem o nível de ambição do mandato de Doha e os interesses dos países em desenvolvimento.

Após o encontro em Cancun, o G20 dedicou-se a intensas consultas técnicas e políticas. Foram realizadas duas Reuniões Ministeriais no Brasil além

⁹³ Na prática, acordos, ajustes, pactos, ligas, tratados, convenções, são termos sem qualquer critério ou qualquer consequência jurídica (SOARES, 2002:59).

de freqüentes reuniões entre os Chefes de Delegação e Altos Funcionários em Genebra.

O G20 consolidou-se como interlocutor essencial e reconhecido nas negociações agrícolas e a legitimidade do grupo deve-se à:

- a) Importância dos seus membros na produção e comércio agrícola: quase 60% da população mundial, 70% da população rural em todo o mundo e 26% das exportações agrícolas mundiais. O Egito destaca-se no cultivo de algodão, arroz, milho, trigo, frutas, vegetais. Este país exporta e importa produtos agrícolas. A agropecuária representa 17% de sua economia⁹⁴ e um dos principais setores industriais é o alimentício.
- b) Sua capacidade de traduzir os interesses dos países em desenvolvimento em propostas concretas e consistentes.
- c) Sua habilidade em coordenar seus membros e interagir com outros grupos na OMC.

O poder da influência do G20 foi confirmado na fase final das negociações que levaram ao acordo-quadro⁹⁵ de julho de 2004. O acordo reflete todos os objetivos negociadores do grupo na fase inicial de negociações da Rodada de Doha:

- a) Ele respeita o mandato de Doha e seu nível de ambição.
- b) Aponta para resultados positivos das negociações de modalidades.
- c) Representa uma melhoria substantiva em relação ao texto submetido em Cancun, em todos os aspectos da negociação agrícola.

⁹⁴ Almanaque Abril – Mundo em Dados, Abril São Paulo (2003:89)

⁹⁵ Segundo Guido Soares (2002:62), é o tipo de tratado onde os Estados-partes traçam grandes molduras normativas, de direitos e deveres entre eles, de natureza vaga e que, por sua natureza pedem uma regulamentação mais pormenorizada. As decisões de complementação deste tipo de tratado devem ser consideradas como decisões dos Estados-partes, tal como se tivessem sido tomadas no momento em que os estados assinaram o acordo.

A proposta engloba, segundo o comunicado à Imprensa⁹⁶ vinda de Genebra, todos os temas relacionados ao pilar de acesso a mercados: cortes mais profundos nas maiores tarifas, flexibilidade para tratamento de sensibilidades dos Membros em alguns produtos e um resultado justo e equilibrado entre os Membros desenvolvidos e em desenvolvimento, incluindo tratamento especial e diferenciado efetivo para países em desenvolvimento

As relações entre Ocidente e Oriente desde muitos séculos não têm sido muito tranqüilas. O estopim desta animosidade teria sido o advento das Cruzadas.

Elas demonstram a primeira agressão sofrida pelos árabes, a qual marcaria de uma vez por todas as relações entre muçulmanos e cristãos e deram início à decadência do Islã.

Em 1095 o papa Urbano II ordenou de Roma, um ataque para tomar Jerusalém.

Como resultado desta investida romana, temos:

- a) A cristandade perdeu a guerra e a Terra Santa
- b) Os cristãos passaram a demonizar Maomé e sua fé
- c) Propaganda antislâmica incluía chamar Maomé de pervertido, charlatão e insinuavam que ele era o “diabo em pessoa”.
- d) Muitos muçulmanos adquiriram um profundo ressentimento pelo Ocidente e, muitos atribuíram ao Ocidente toda a culpa pelo fim dos tempos gloriosos do império árabe, um sentimento que chegou até hoje em nossos dias.
- e) O mundo islâmico havia mudado, tornou-se frio, defensivo, intolerante, estéril. (MAALOUF, 2001).

⁹⁶ Genebra 28 de maio de 2004

O efeito psicológico foi muito forte. A luta estimulou o fechamento mental religioso. O Alcorão continuou o mesmo, mas passou a ser interpretado com mais rigidez (DEMANT, 2004:53).

O Renascimento e Iluminismo, impulsionados pela filosofia e pela ciência, inclusive aquelas trazidas das terras árabes, decidiram limitar o poder religioso sobre assuntos terrenos. O início de um antagonismo entre Ocidente e Oriente deu-se quando os liberalismos político e econômico transformaram os países do Ocidente em potências laicas e em ascensão.

O islamismo, ao contrário, nunca mais veria “as luzes brilharem” como no passado, antes da rigidez religiosa decorrente das Cruzadas, religião e política não se separaram.

Os principais motivos da decadência do poderio muçulmano frente aos países europeus seriam:

- a) O casamento entre Estado e religião, pois Maomé também era um forte estadista e também um bom negociador de acordos.
- b) Faltou ao mundo islâmico uma reforma do pensamento semelhante a que ocorrera no Ocidente século XVIII delimitando a religião a um espaço da esfera privada.

Há um pressuposto que no islamismo não há espaço para pensamentos racionais, o que não é real. Na verdade, as novas potências conseguiram inverter o equilíbrio do poder em pouco tempo, os muçulmanos foram “engolidos” pelo domínio colonial e se viram obrigados a assimilar estas mudanças à força. No entanto, no caso do Egito a fé muçulmana foi preservada na época da colonização inglesa e isto trouxe muita força para o clero, independente de posições políticas e econômicas.

Porém, após findarmos o século XX, pudemos perceber que a “sociedade global” aprendeu algumas lições. A lição tirada pode ter sido que a dependência

das grandes potências só trás mais dependência, e que novas estratégias e acordos para novas negociações e ações com novos parceiros (tanto no âmbito político como no mercadológico) representam uma nova saída para o flagelo da dependência político-econômica.

Historicamente o Brasil sempre estabeleceu relações de certa forma pacífica com todas as religiões e culturas, com tantos imigrantes que fazem parte de nossa história. Afinal, o Brasil já nasceu globalizado.

Um dado interessante: a maioria dos representantes políticos brasileiros, especialmente de São Paulo, é de descendência árabe.

Vejo agilidade, impetuosidade e Inteligência por parte do governo brasileiro que está estreitando cada vez mais suas relações com países do Oriente Médio, muitos países de maioria muçulmana, principalmente o Egito.

Esta agilidade vem permeada de dúvidas, mas tem sua legalidade por duas razões:

- 1- Também somos uma nação desconhecida pelas outras nações. Tanto o Brasil, como o mundo árabe, são cercados de mitos e estórias fantasiosas que demandam um esforço extra por parte dos negociadores e diplomata. E falo também como negociadora e mediadora do comércio internacional com alguns países islâmicos. Tenho que primeiro "vender" o Brasil para depois vender nossos produtos e idéias. Sim, precisamos apresentar o Brasil como ele é e não aquele que a mídia global apresenta. Da mesma forma preciso entender o real de cada país islâmico e não aquilo que é vendido pela mídia.
- 2- Outro ponto bem menos romântico e bem racionalmente mercadológico, é lembrar que quando falo em países islâmicos, estou falando de mais de um

quarto dos habitantes do mundo, e que estão em pleno crescimento em número e importância nas relações internacionais e no comércio exterior. São potenciais consumidores de produtos industrializados e muitos outros artigos e serviços.

Ousadia ou não, o Outro⁹⁷, o mundo muçulmano, pode nos parecer muito estranho, mas também somos estranhos ao mundo e também somos usados como o Outro para muitas potências.

3.6 Outros aspectos da globalização egípcia

3.6.1 Meio ambiente

Muitos investidores estrangeiros aplicam em países menos desenvolvidos para escapar dos altos custos de proteção ao meio ambiente de seus países de origem. Teoricamente a globalização deveria trazer uma consciência de cuidado com a natureza para os países menos desenvolvidos, mas na prática não é isto que ocorre. Muito pelo contrário, o desenvolvimento a qualquer preço traz serias deturpações de consciência.

Um caso gravíssimo foi à tentativa por parte do Governo dos Estados Unidos de usar o deserto egípcio como local para depositar lixo nuclear produzido por empresas estrangeiras. Felizmente as tentativas foram infrutíferas. Houve um declínio por parte do Governo, na habilidade em providenciar suficiente proteção ao meio ambiente, proteção tanto da ação de seus habitantes, como de predadores estrangeiros.

Outro ponto a ser notado é a poluição resultante do crescimento do número de carros e indústrias, bem como a poluição do Nilo por lixos domésticos e industriais.

3.6.2 Cultura em geral

⁹⁷ Coloco com letra maiúscula a palavra “Outro” por fazer alusão ao sentido de “outro” do psicanalista Lacan.

A globalização tem o poder de mudar os gostos das pessoas e conseqüentemente há uma mudança na cesta básica de consumo. Foi o que aconteceu com o Egito nas últimas décadas. Tanto a influência da mídia, como a entrada de novos produtos estrangeiros são razão de tal mudança.

Disparidade na renda possui um decisivo papel na mudança dos gostos pessoais, pois os hábitos de consumo do grupo de renda são mais influenciados pelos grupos de alta renda, do que propriamente pelos hábitos estrangeiros de consumo. (AMIN, 1999:22).

Na verdade, os símbolos de “boa vida”, grande poder, ou aumento de status, tem de ser primeiro mostrados pelos membros de maior sucesso, para depois serem incorporados pelos outros.

A globalização da cultura tem sido principalmente no Egito, um processo de ocidentalização. Apesar da maioria dos hábitos ocidentais de consumo serem vistos como um alto nível de desenvolvimento, outros preferem vê-los apenas como novas alternativas. Existem formas de opressão cultural que tem como resultado final uma aceitação de invasão cultural pela cultura opressora. No Egito, não é muito fácil dizer onde termina o livre arbítrio, ou livre escolha, ou onde começa a opressão.

Não posso negar a forte atuação das campanhas publicitárias e promoções de venda, mas da mesma forma, não podemos negar que existe o livre arbítrio por parte de qualquer grupo de pessoas. O marketing precisa achar um “solo fértil” e carente para ter sucesso ao atuar.

Nenhum produto é lançado ou importado se não há claramente, e comprovadamente, uma carência direta ou indireta por tal bem.

Um claro antagonismo foi visto com relação a Al-Azhar, universidade de grande potencial até hoje, cuja característica é ser uma instituição religiosa e educacional fundamentada na mais pura raiz cultural egípcia islâmica. O governo revolucionário era da opinião que Al-Azhar poderia crescer, transformando-se numa réplica das universidades modernas. Medicina, agricultura e economia foram cursos adicionados ao currículo e ensinados em língua estrangeira, ao lado

dos ensinamentos de Lei Islâmica, tecnologia e árabe clássico. O gerenciamento de Al-Azhar foi colocado nas mãos de experts com PhD feitos em universidades ocidentais.

O mês do Ramadã ⁹⁸ tem sido ocasião de intensivas campanhas especialmente na TV. Sentimentos religiosos são incrivelmente explorados para atacar um mercado para consumo de produtos ditos “mundanos” ou ocidentais.

Nem toda a população estaria ávida ou capaz de sucumbir às tentações de consumo. Estes que não possuem um poder de compra suficiente, ou estão mais intensamente imersos em tradições locais, ou ambos, podem ter um forte sentimento de saudades das antigas tradições. Como conseqüência, isto cria uma relutância em cooperar em projetos nacionais, pressiona a elite ocidentalizada num confronto, além de haver a possibilidade de agitações políticas e sociais. Este aspecto de globalização pode de alguma forma explicar o fenômeno tão amplamente conhecido, o fanatismo religioso.

A cultura egípcia vem sendo tocada e modificada desde a época da revolução e desde então, e ainda mais após a Infitah, nunca mais parou de se transformar.

A Revolução de julho de 1952 proclamou poder garantir e satisfazer as necessidades da maioria dos egípcios, além de melhorar sua condição econômica de injustiça social.

Nesta época, é principalmente dos membros da classe média que os produtos intelectuais se originam, e são os membros da classe média que constituem a vasta maioria de consumidores destes mesmos produtos. Estes indivíduos parecem ser aqueles que erguem a bandeira do progresso e da democracia. Os níveis educacionais e de renda da classe baixa torna esta classe incapaz de assumir um papel significativo no consumo e produção de produtos culturais ou cultura.

⁹⁸ Mês em que os fiéis jejuam durante o dia até o por do sol.

Para a classe alta este problema aparece não como fator conectado com a educação ou renda. Estão em menor numero e não houve qualquer incentivo para incrementarem o consumo de cultura ou a produção dela. Aqueles que participam na produção ou consumo de cultura estão na sua maioria buscando diversão e entretenimento.

É a classe média que tradicionalmente lidera as mudanças sociais para melhor e, portanto, executou o mais importante papel no desenvolvimento cultural.

O crescimento da classe baixa para a classe media deve acontecer em um longo período tomando a melhor parte da “vida útil” do cidadão. Isto é o que normalmente acontece quando a fonte provocadora de mobilidade é a educação, ou crescimento da indústria ou comércio sob uma relativa e estável circunstancia. Por outro lado, renda pode crescer e a riqueza ser acumulada de um dia para outro, como resultado de aproveitar uma oportunidade que aumenta ou amplia inflação: migração para países mais ricos ou algum uso ilegal de autoridade.

Naturalmente a classe media que cresce sob estas circunstancias psicológicas e qualidades morais muito diferentes da que cresce e incrementa a riqueza num período pequeno pela pratica intensa de atividades improdutivas ou ilegais. (AMIN, 2003:103).

O desenvolvimento da classe media em países industrializados foi delineado a partir da riqueza gerada no desenvolvimento industrial, na agricultura e outras atividades produtivas, enquanto que o crescimento da classe media em vários países de Terceiro Mundo foi tecido a partir de renda não proporcionada por esforço. Frequentemente tem sido resultado do poder monopolista sobre alguma fonte econômica ou acesso ilegal a autoridade.

De 1952 até 1970 no Egito, as fontes de renda foram principalmente serviços produtivos, que contribuíram para aumentar serviços e produtos nacionais. Os exemplos de crescimento de renda “sem sacrifício real” existiam, mas eram poucos.

Nos anos seqüentes vários fatores contribuíram para a deteriorização na qualidade cultural do Egito em paralelo ao rápido aumento da renda e riqueza: migração, inflação e serviços intermediários em resposta ao open-door policy.

Os investimentos e expansão governamental na cultura e expansão da qualidade na educação criaram demanda por vários tipos de expressão cultural e formas de entretenimento, todos inclinados a gostos não sofisticados. O setor privado rápida e facilmente absorveram este gosto em suas ofertas de serviços e produtos. No entanto, nesta fase, editores e emissoras da mídia estavam mais controlados pelo Estado do que em qualquer época chamada de “período socialista”.

O poder da influência estrangeira havia aumentado muito, como por exemplo, no caso dos Estados do Golfo, empresas estrangeiras e agências internacionais. Isto diferia muito da época Nasser. A política imprimia barreiras políticas contra os estrangeiros (empresas, instituições financeiras) e severas restrições à migração para o Golfo.

O uso do sexo para vender revistas e jornais tornou-se muito difundido nestes últimos dez anos, de uma forma nunca visto na história da imprensa egípcia. O mesmo ocorreu com as musicas, cinema e teatro. O mesmo ocorre até com a aparência, muitas vezes um tanto desnudas, de cantoras e atrizes.

As obras religiosas também sofreram com isto. Uma forma emocional e infundada de interpretação da religião ganhou desenfreada popularidade no radio, TV e imprensa, onde a ênfase foi colocada na visão superficial da religiosidade, em oposição ao espírito verdadeiro de uma religião e seus nobres objetivos. A tendência foi atrelar a religião cada vez mais a assuntos sociais e políticos. As novelas e pequenas estórias passaram a mostrar desrespeito para com a religião, e foram formatados de uma forma simples para serem compreendidas pela grande maioria.

Os assuntos sobre os quais se iniciaram pesquisas foram a liberalização feminina, direitos humanos, direitos da mulher, democracia, privatizações, minorias étnicas e religiosas, reformas estruturais, encorajamento para iniciativas estrangeiras e redução na participação do estado na economia. Pouco a pouco, o Estado passou a ter um soft power com relação ao país. As emissoras de televisão pertencentes ao Estado egípcio foram dominadas pelos lucros e continuam assim até hoje. Também foram dominadas pela demanda de propagandas muito bem pagas e de interesses pessoais de adquirir poder e riqueza.

Resumindo, os fatores que juntos trouxeram este clima cultural para o Egito nesta época foram:

- a) Repentina e indiscriminada abertura para a economia ocidental e sua influência cultural;
- b) Alta taxa de migrantes para países do Golfo petrolífero;
- c) Aumento da taxa de inflação;
- d) Larga expansão na educação concomitante com o declínio em sua qualidade;
- e) Rápido crescimento da classe media combinado com a grande disparidade entre grupos de renda e esforço em assegurá-la, junto com a rápida acumulação de riqueza pelo novo segmento da sociedade, agora com gostos menos sofisticados e com pouca ou nenhuma educação;
- f) Grande penetração por parte de estrangeiros na vida econômica egípcia, com o aumento nas atividades culturais estrangeiras e internacionais, bem como instituições financeiras financiando pesquisas sociais.

Combinando com tudo isto, houve a modificação do papel do Estado egípcio, o qual relegou muitas de suas responsabilidades nas áreas sociais e econômicas e manteve controle sobre as instituições culturais e a mídia de massa.

Hoje talvez o quadro não esteja assim tão desolador. Vemos temas mais importantes e sofisticados serem desenvolvidos, com motivos mais nobres e de longe mais sensíveis às necessidades da maioria dos egípcios, qualquer que seja a classe.

3.6.3 Posição da Mulher

Falar da mulher no Islã demandaria alguns volumes, mas serei objetiva no sentido de falar apenas o que seja pertinente ao objetivo desta Tese.

Apesar de a Lei Islâmica permitir que um homem tenha até quatro esposas, desde que tenha condições de prover o mesmo para cada uma, hoje dificilmente um homem teria condições financeiras para sustentar mais do que uma família. Mesmo os homens de maior poder aquisitivo optam por não ter mais de uma esposa e conseqüentemente mais de uma família. As razões são as mesmas: é muito caro sustentar uma família descentemente, é difícil haver harmonia entre as esposas e filhos de famílias diferentes e não é todo o homem que tem vigor para cumprir seu dever sexual com todas elas.

O maior elogio para um homem ainda é dizer que “nada falta em casa”, que ele é um bom provedor e sua mulher é representação de seu sucesso na medida em que se arruma bem, usa boas jóias. No passado, com uma postura um pouco mais passiva da mulher egípcia, esta toleraria qualquer coisa deste homem se este provesse este lar com tudo que fosse necessário. Hoje as coisas mudaram e uma nova mulher, mais atuante e informada aparece.

Se antes falaríamos de ser ou não pertencente a uma família radical, para a mulher poder estudar, ou, se falaríamos na necessidade ou não de uma mulher ser instruída para apenas cumprir deveres domésticos, hoje o Egito vive outra realidade.

Com o aumento da inflação e aumento do custo de vida, os homens começaram a valorizar a habilidade de suas esposas para dividir o ônus da casa e a escolha por menos filhos, casas menores com cozinhas pequenas. A função da

mulher foi afetada e ao que parece trouxe uma relação diferenciada e um valor diferente do anterior atribuído aos homens: provedores.

Muitas mulheres saem para o mercado de trabalho como uma seqüência natural de seu crescimento, como no caso das jovens que saem das universidades em busca de uma posição no mercado de trabalho. Outras saem para o mercado de trabalho por pura satisfação pessoal, pois já tem seus filhos todos em idade escolar, estudando em universidades, já casados, e agora podem abrir novos horizontes. Elas podem ir às universidades, fazer mestrado, doutorado, inclusive praticar a caridade e o ensino de crianças em orfanatos.

Outras, no entanto, tendo ou não vontade de deixar o aconchego de seus lares acabam sendo obrigadas de alguma forma a contribuir com o orçamento domestico para que as contas sejam todas pagas, e o alimento, a educação estejam garantidos numa economia opressora.

Mesmo no caso das mulheres optarem em tomar conta de seus lares hoje, estas estão aptas a ganhar sua renda se a necessidade chegar. Só esta nova postura já traz claramente uma relação com mais carinho e respeito mutuo, mais autoconfiança e habilidade de se expressar entre os casais.

Para o homem egípcio esta situação tem repercussões ambíguas: se por um lado, ter a mulher dividindo as responsabilidades de pagamento das despesas domésticas é positivo, da mesma forma, grandes crises conjugais aparecem. As mulheres, agora mais autoconfiantes e até ganhando mais que seus maridos, colocam a posição de “provedor” em cheque e naturalmente o mesmo acontece com sua supremacia no lar.

A emancipação das mulheres encontra seu melhor indicador no grau em que elas alcançam, ou mesmo ultrapassam a educação dos homens. No entanto, no Egito ainda não temos este perfil. Com aproximadamente 40% de analfabetos em seu território, a maioria ainda são meninas. As razões perpassam por

problemas de subdesenvolvimento, descaso por parte do governo e alguns aspectos culturais levantados em conversas informais como será visto abaixo.

Alguns pais de baixa renda ainda dizem “não valer a pena” investir na educação de suas filhas, uma vez que elas irão rapidamente casar e para suas responsabilidades como esposa a educação básica, o que têm já é o suficiente. Mesmo em declarações semi-veladas, ainda percebi muita decepção por parte de alguns pais após o nascimento de suas filhas. A idéia é que os filhos serão parte da força de trabalho da família e conseqüentemente participarão da renda familiar e as filhas irão para outras famílias e quase nada contribuirão para o incremento da renda. Lembrem que em outras comunidades pobres no mundo, fatalmente as meninas iriam para a prostituição desde cedo para o incremento da renda própria ou familiar, mas no caso de um país muçulmano isto nunca aconteceria.

O sexo nunca foi um assunto facilmente desenvolvido em qualquer região do mundo, mas os preceitos islâmicos são muito claros e duros no que diz respeito à relação da mulher e do homem com o sexo. O sexo só é permitido dentro do casamento para ambos.

Dra. Heba Kotb, 39 anos, após concluir seu doutorado em Sexualidade na Universidade do Cairo, decidiu abrir uma nova forma de auxiliar as mulheres a lidarem melhor com a vida sexual. Ela é apresentadora sobre o tema em um canal aberto no Cairo. Duas vezes por semana ela fala sobre masturbação, noite de núpcias, métodos contraceptivos, etc.

O sexo é um presente de Allah para a humanidade para que as pessoas possam aproveitá-los, é necessário que elas consigam controlar seu comportamento de acordo com a ética social e pessoal. Devem se livrar do medo, da vergonha, da culpa. As mulheres sofrem mais com os problemas sexuais e não conseguem, não sabem se expressar quanto seu desagrado, p. ex. (KOTB, 2007).

A história do uso do véu pelas mulheres data da época do profeta Mohammad. Sua primeira esposa, Khadija nunca usou véu ou teria ficado presa em casa.

Muito pelo contrário, tinha posses e trabalhava fora de casa. As batalhas em Meca mudaram muito este panorama. Com tantas viúvas desamparadas, o Profeta teve a “revelação” de que um homem em condições poderia até casar-se com até quatro esposas. Neste momento as grandes alianças políticas viram uma grande oportunidade de se concretizarem através destes casamentos. Só que de quatro, muitos homens, inclusive o Profeta, passaram a ter mais esposas. A oposição política utilizou-se destes fatos para denegrir a imagem dos oponentes e começaram a assediar as esposas do Profeta. Este, então, recebeu uma nova “revelação” ordenando que os fiéis confinassem suas esposas e só as deixassem sair de casa, cobertas da cabeça aos pés. Gradualmente o que valia para o Profeta passou a valer para toda a sociedade muçulmana.

Segundo Brooks, (2002:21), as mulheres egípcias foram as primeiras do Oriente Médio a jogar fora o véu. Em 1923, regressando de uma conferência de mulheres sufragistas em Roma, as pioneiras feministas árabes Huda Shaarawi e Saiza Nabarawi arrancaram os véus na estação de trem do Cairo e muitas mulheres da multidão, que vieram recebê-las, fizeram o mesmo. Esta ação perpassaria o problema de usar ou não o véu. O uso desta indumentária representava a concordância comum código legal que em tudo as desvalorizava: seu testemunho valia metade do de um homem, tinha um sistema de herança que lhes destinava metade do legado a seu irmão, um futuro de vida doméstica em que o marido podia bater-lhe se ela lhe desobedecesse, podia dividir suas atenções com outras três mulheres, divorciar-se dela por capricho e obter a absoluta custódia dos filhos⁹⁹. Apenas lembro que este código, apesar de tudo e do tempo passado, ainda é totalmente válido.

Outro fato muito interessante é que em 2003, na primeira vez que estive no Cairo, soube através de um jornal local¹⁰⁰, que um *sheikh* da área rural egípcia havia proibido a venda de abobrinhas e berinjelas, vegetais muitíssimo utilizados na culinária egípcia, alegando que “o manuseio e cozinhar os longos e carnudos

⁹⁹ Todas estas normas estão presentes no Corão

¹⁰⁰ The Egyptian Gazette: 25/07/2003.

vegetais podia trazer à mulher pensamentos libidinosos”. O jornalista que ridicularizou este pronunciamento foi baleado e morto à porta de seu escritório.

É um engano achar que o uso de véu ou *hijab*¹⁰¹ hoje representa fanatismo. A opção de usar ou não representa uma liberdade jamais experimentada no passado, e seu uso traz liberdade de movimento em suas relações fora do aconchego do seu lar. Na verdade o *hijab* é um sinal para os homens, e sinal muito respeitado, de que ela não está disponível. Por outro lado, acaba ficando muito difícil, quando não se usa o *hijab*, convencer um homem de que você não é muçulmana e definitivamente não está disponível. Esta posição não é de forma alguma entendida pelos homens no dia-a-dia. Eu mesma tive algumas experiências irritantes com este assunto até aprender a sempre estar com um véu nos ombros e usá-lo em caso de emergência.

Segundo o Corão, o que pode ficar à mostra, no caso das mulheres são o rosto e as mãos. Ela pode mostra-se apenas para alguns homens com os quais seria proibido se casar (pai, irmãos, sogro, sobrinhos, filhos e enteados), para meninos impúberes e serviçais “sem vigor”.

Nos shoppings, nas ruas, no Aeroporto, nos hotéis do Cairo, podemos ver todas as formas de indumentária islâmica com todos os níveis de extremismo. Os mais comuns são o *hijab*, conhecido como véu, depois vem o *magnehs*¹⁰², e o *nekaab*¹⁰³ muito usado pelas sauditas ou muçulmanas que estão viajando com seus maridos. A indumentária chamada popularmente de “burca”¹⁰⁴ é raramente vista uma vez que se trata de uma prática radical muito particular imposta pelos talibãs do Afeganistão.

Na Universidade Americana no Cairo (UAC) eu pude ver meninas com as melhores e mais requintadas adaptações entre o *hijab* e as roupas ocidentais. Vi o

¹⁰¹ Hijab significa literalmente “cortina”

¹⁰² Capa com um círculo de pano semelhante a uma touca de freira que cai da cabeça para os ombros, deixando apenas um buraco para o rosto.

¹⁰³ Cobertura que deixa apenas os olhos a mostra.

¹⁰⁴ Grande manto que cobre totalmente a cabeça e o corpo e possui uma tela enfrente aos olhos de forma que nem mesmo os olhos da mulher sejam visto, e ela veja muito mal qualquer imagem externa.

esmero nas cores, nos adornos, nos tênis de marca, jeans de corte atual, sapatos e bolsas de grifes famosas e claro, celulares de última geração.¹⁰⁵

Visitei o Shopping Center Salam para a Mulher Velada, uma espécie de loja que vende enxovais islâmicos. A maior parte das vestimentas são os chamados “hijab esportivos”, isto é longas saias e lenços e cores combinadas, jaquetas compridas e ornamentadas com cristais imitando diamantes, que só deixam à mostra o que uma boa muçulmana deixaria. O gerente disse que o ideal para as muçulmanas mais esclarecidas é que comecem com estas roupas, mas depois devem passar para as cores menos vivas e mais compridas, menos torneadas. Devem acabar por usar em sua maioria os mantos negros, luvas e véus, pois a mulher deve projetar uma aura calma e tranqüila através de suas vestimentas.

Conversando com uma das atendentes da Biblioteca da Universidade Americana no Cairo, ouvi uma explicação no mínimo perturbadora para o seu uso de traje típico: o traje ocidental é uma forma de imperialismo que transforma a beleza da mulher em um produto capitalista a ser comprado e vendido ao mesmo tempo em que transforma as mulheres do Terceiro mundo em consumidoras dependentes de modas que rapidamente ficam obsoletas. A mulher muçulmana deve afirmar sua liberdade adotando o traje islâmico.

(...) E por trás de todo o falatório sobre o hijab libertar a mulher da exploração comercial ou sexual, de toda a discussão sobre a potência do hijab como um símbolo revolucionário de personalidade, estava o corpo: perigoso corpo feminino, que, de alguma forma, na sociedade muçulmana, fora feito para suportar o fardo encargo da honra masculina. (BROOKS, 2002:49)

Outra regra comum no Egito é que a mulher de forma alguma deve abrir sua porta a qualquer homem caso seu marido não esteja em casa. Esta regra torna as relações muito complicadas no cotidiano para uma estrangeira. Quando aluguei um apartamento em Gizah, tive de chamar o zelador para ver um problema com a água quente. A primeira dificuldade foi fazê-lo entrar em casa, a segunda dificuldade foi fazê-lo entender o que eu precisava em uma situação

¹⁰⁵ Apenas a título de comparação, a mensalidade desta Universidade gira em torno de R\$3.500,0/mês se usarmos a conversão do dólar atual. (29/09/2009). Lembrem que a cotação no Egito é de aproximadamente 6:1!

onde eu não falava o egípcio, ele não falava o inglês e não olhava para o meu rosto por eu ser estrangeira e estar descoberta. Minha salvação foi seu filho de uns sete anos que fez a mediação em inglês.

Nos hotéis este habito também traz algumas situações estranhas como ver um corredor cheio de bandejas com restos de comida. É que o serviço de quarto não pode bater na porta e muito menos entrar no quarto de uma muçulmana sem seu marido presente, então após o consumo, tudo é despejado para o lado de fora.

Mais um exemplo de preconceito às avessas: para muitos egípcios, as ocidentais tendem a estar disponíveis, uma vez que não se cobrem adequadamente e respondem com muita naturalidade à simpatia do povo egípcio. A lição que aprendi: às vezes, é melhor não sermos muito simpáticas. Para uma brasileira, como eu, é um árduo desafio dosar a simpatia, principalmente quando se é uma pesquisadora que depende efetivamente de falar com as pessoas para conseguir informações. Mais um desafio que tive de driblar.

Os homens são obrigados a cobrir a área do corpo que vai do umbigo ao joelho. A cobertura deve ser opaca e ficar larga o suficiente para disfarçar o volume dos órgãos genitais masculinos. Os egípcios adoram o futebol, e uma vez passei por um constrangimento ao entrar em uma área com meu filho, onde vários homens assistiam a um jogo de futebol. Os mais conservadores pediram ao garçom presente que avisasse que meu filho até poderia ficar assistindo o jogo com eles, mas eu deveria me retirar, pois os jogadores não estavam vestidos descentemente, estavam com as pernas de fora e isto os deixava constrangidos com minha presença.

3.6.4 Idioma árabe

O idioma árabe¹⁰⁶ tem sido substituído muitas vezes por idiomas estrangeiros na comunicação diária, na mídia e nas universidades. A TV aberta no

¹⁰⁶ Usualmente as pessoas me corrigem e dizem que não falo o egípcio e sim o árabe, pois o egípcio seria um árabe menos rebuscado que o tradicional.

Cairo apresenta programações em egípcio, inglês e francês, independente da faixa etária da programação.

Hoje em dia não é tão vexaminoso assim cometer erros gramaticais no falar ou escrever. Ser um mestre no idioma não é mais pré-requisito para entrar na carreira de radiodifusão ou jornalismo. Não é raro encontrar erros léxicos ou gramaticais nos artigos de jornal. Mesmo ministros e políticos cometem deslizes, justificados pela forma “mais objetiva de falar” e intenso contato com idiomas estrangeiros. Aliás, é impossível não notar a inclusão de palavras de outros idiomas nas conversas no dia-a-dia misturados com o árabe.

A mídia parece também não estar interessada em preservar tradições. Muitos locutores parecem se orgulhar em não pronunciar o idioma egípcio de forma perfeita e acrescentar palavras estrangeiras sem pudor. Alegam que os tornam mais conectados a uma “forma global” de comunicação e as mulheres dizem tornar a fala “mais sensual” e envolvente.

Não raro, ao escrever, acadêmicos usam termos rebuscados em outro idioma para dar valor ao assunto, parecer que estão falando de algo muito complicado ou muito profundo, algo que “não é para todo mundo”.

As possíveis causas deste perfil seriam:

- a) A rápida expansão educacional;
- b) Mudança no ensino médio que não perpetua o ensino do idioma como antes;
- c) Jornais, revistas, radio e principalmente televisão, dando uma maior importância a uma linguagem padronizada e não formal ou perfeita;
- d) A mídia é cada vez mais divergente das escolas e universidades na forma de transmitir informações, pois se trata de uma comunicação de massa;
- e) Escritores de mídia de massa alegam que o público não demanda mais este esmero no idioma;

f) Existe a desculpa por parte da mídia de que não há muito tempo para preparar as matérias diárias com esmero gramatical, o importante, segundo o editor chefe do jornal *The Egyptian Gazette*, Ramadan A. Kader, é o conteúdo.

Podemos dizer que temos três gerações de estudantes no Egito:

a) 1ª geração: 1930-1940

Estes estudantes pertenciam a uma relativa e estável classe social, seguro de seu status e de forma alguma presos ao passado. Suas atitudes eram seguras com relação às tradições culturais e de linguagem. Eles eram encantados, deslumbrados com o ocidente, mas não havia qualquer idéia de uma superioridade ocidental.

b) 2ª geração: 1950-1960

Houve uma rápida expansão educacional e a maioria que foi educado nesta fase, eram de uma classe baixa ou pertenciam a uma origem humilde. Eram, portanto, menos seguros com relação ao status social e almejavam em avanço. Tinham pouca paciência com as regras de linguagem. A nova geração de políticos da época da revolução (52-53) trazia uma mudança revolucionária em vários aspectos e, portanto, todas as formalidades, incluindo a gramatical poderiam ser sacrificadas.

c) 3ª geração: 1970 e até hoje.

A taxa de mobilidade social subiu, a educação continua a se expandir, a taxa de inflação subiu, e a imigração para países do petróleo coincidindo com a estreita relação com o ocidente. Houve um aumento nas visitas de estrangeiros, bem como a vinda de estrangeiros para morar. A entrada de muitos bens estrangeiros trouxe com eles um novo símbolo de boa vida que vinha se somar a tantos anos de privação. Crianças com sete anos em média já aprendem inglês nas escolas como matéria obrigatória.

Como já foi dito anteriormente, ao mesmo tempo em que existia um deslumbramento com o novo, uma facção fazia o movimento contrario: estavam cada vez mais apegados a tradições e psicologicamente havia mudanças, as quais em alguns casos traziam uma população esmerada na clássica pronuncia árabe.

3.6.5 O primeiro carro

O mais importante símbolo de crescimento no *status* social hoje é ter um carro próprio e uma bonita casa, com todo o equipamento necessário para uma vida confortável. Outros símbolos seriam cópias de alguns hábitos ocidentais como: fazer rápidas refeições fora de casa, viagens ao exterior, casa de praia ou casa de inverno.

A importação de carros cresceu no mínimo dez vezes nos últimos anos. Temos sete multinacionais vendendo carros de passeio no Egito: AAV (Arab American Vehicles), Citroen, General Motors, Hyundai, Nasco, Peugeot e Suzuki. A Ford e a Mercedes estão praticamente concluindo as negociações, mas tudo indica que estarão em plena ação de vendas rapidamente.

As ruas do Cairo hoje estão repletas de carros particulares enquanto o transporte publico não cresceu de acordo com a demanda. Mini vans, ônibus e metrô estão lotados ao final do dia e andam lado a lado com carros com um único usuário. Panorama muito conhecido de qualquer país de 3º Mundo.

Além do movimento, dos engarrafamentos constantes, a poluição do ar proveniente da má manutenção dos veículos e a poluição sonora provenientes de buzinas e gritos nervosos dos motoristas faz parte do dia-a-dia da maior cidade egípcia.

Há aproximadamente 50 anos atrás, o privilégio de ter um carro particular era reservado a uma pequena parcela da população egípcia. Um carro era comprado por pessoas que tinham condições e já haviam “passado da idade” de entrar em transportes públicos. Apenas aqueles que usariam a direção para viver

faziam aulas de direção. Como os taxistas, quando alguém chegava a uma idade que não usava o transporte público e necessitavam de uma condução própria e tinham condições de sustentá-lo, usualmente contratavam um motorista particular. Como ouvi algumas vezes no Cairo, “Nesta idade os olhos normalmente ficam fracos...”.

O transporte público era muito usado para viagens entre cidades egípcias, principalmente entre o Cairo e outra cidade. Como as estradas eram muito limitadas, a melhor forma de chegar a Alexandria partindo do Cairo, era de trem.

Nesta época, anos 50, segundo o professor Galal Amin em uma de nossas conversas, único estudante de direito na Universidade do Cairo a ter um carro particular, era o filho de Ismail Pascha Taymur, secretário particular no Palácio real. Além dele, apenas o reitor e os professores titulares possuíam carro.

Nos anos 70 a imagem é outra: ter um carro tornou-se imprescindível a cada família lutava por pelo menos dois carros. Jovens começavam a pedir seus próprios carros na maioria.

Hoje encontramos centenas de carros parados ao redor das universidades a espera de estudantes de em média 20 anos voltarem de suas aulas. Vemos então um círculo vicioso: a deteriorização do transporte público trouxe um incremento no número de carros particulares, e este, trouxe mais negligências no transporte público, com seus carros velhos e lentos.

Cada vez mais a utilização do transporte público passou a ser associado a classes baixas e cujas necessidades são ignoradas pelo Governo. Há um grande investimento nas vias públicas, nas estradas, nas marginais, para trazer facilidades aos donos de veículos e cada vez mais descaso com o desenvolvimento do transporte público.

Entre os anos 60-70 o carro particular era simplesmente um meio de transporte e um símbolo de status. Com a liberação das importações em 73-74 o Egito foi transformado num verdadeiro show-room de diferentes tipos de carros de

varias partes do mundo, juntamente com inúmeros acessórios. Qualquer um que tivesse passado algum tempo trabalhando no Golfo compraria um carro privado como símbolo de sucesso. Alguns modelos denotam específicos tipos de avanço social em específicos grupos de renda, pois nem todo carro traz o mesmo nível de status. A não possibilidade de comprar um veículo passou a ser símbolo de fracasso. Hoje é comum vermos jovens de dezoito anos dirigindo carros de milhares de libras pelas ruas do Cairo ou estradas rumo aos resorts do Mar Vermelho.

O carro é considerado o melhor símbolo de status, mais do que uma jóia, casa, caros restaurantes, pois o carro é visto por mais pessoas, as quais sabem muito bem o preço, isto é, o quanto o usuário pode pagar. Lê-se: capacidade financeira.

3.6.6 Férias de verão

O conceito de férias de verão tem grande significado no Egito. A pergunta comum em dado momento do ano é: “onde você passará as férias de verão?”.

O clima egípcio possui duas estações muito bem definidas e férias de verão significa passar as férias à beira mar. Os egípcios chamam as pessoas que passam o verão todo desta forma de *mustofin ou musayifin*¹⁰⁷. Quando estão falando de “mar”, normalmente refere-se ao Nilo, ou bahr e seus canais. Quando estão falando do oceano propriamente dito, usam uma palavra que quer dizer “o salgado”: *malH*.

Nos anos 50 a Alexandria, cidade litorânea, era o lugar mais procurado, assim como suas imediações. Havia duas outras localidades: uma pequena parcela de ricas famílias passava os meses de verão na Europa e a outra pequena parcela ia para Rãs Al-Barr, pequeno resort entre o Mediterrâneo e o Delta do Nilo. Este resort possuía uma infra-estrutura bem montada, completamente protegida de qualquer distúrbio e com valor cobrado para a entrada nestas áreas de valores

¹⁰⁷ A tradução seria algo como “viajante” em português.

impeditivos para a grande maioria da população egípcia, principalmente a classe considerada baixa.

No entanto, logo após a Revolução de 52, o Governo removeu todas as formas de barreiras para acesso às praias da Alexandria, inclusive a elevada taxa de entrada. Isto provocou uma avalanche de novos veranistas e mesmo os jardins do Palácio Muntaza, sempre cercado de guardas, estava livre para o povo. Não preciso descrever o pânico que se instalou na alta classe. As praias mais distantes, aquelas cuja distância determinava seu acesso apenas por carros particulares ainda foram preservadas, mas contavam com uma nova classe alta: aqueles militares que haviam se beneficiado com a Revolução. Obviamente a primeira medida tomada foi instituir uma “boa” taxa de entrada para garantir a paz. Afinal, teriam agora, férias ao lado do Palácio Real.

Mais tarde, nos anos 70-80 outra classe rica aparece a partir de uma mistura de fatores já conhecidos: como conexão com centros de poder, alta inflação, política de abertura comercial e migrações. Neste momento uma nova praia foi criada. Construíram-se barragens, paredes para bloquear as ondas e belas vilas foram construídas com arquitetura e infra-estrutura semelhante às praias de Miami.

Elas estão hoje a uns cem quilômetros de Alexandria. São chamadas de Marinas. São resorts fechados com segurança e uma alta taxa a ser paga para poder desfrutar das ditas férias de verão. Agora não é suficiente ter dinheiro para a entrada, mas ser “convidado” por outros moradores ou veranistas. Além disto, existe um clube que da mesma forma seleciona muito bem seus sócios. Ao mesmo tempo em que esta fatia da sociedade aproveita suas férias, acabam também fazendo negócios entre um banho de mar e outro. Manter a riqueza tira a liberdade e o tempo de lazer, e as férias que antigamente eram de meses passam a ser de alguns fins de semana. Mas é o suficiente para “serem vistos”.

Além disso, vêem como símbolo de status hospedar toda a sua família em hotéis de luxo, bem caros é claro, na própria cidade do Cairo. Mesmo que estejam

a poucos quarteirões de suas próprias casas, contar para a “sociedade”, serem vistos nas dependências destes hotéis traz prestígio social.

Como não há um habito forte no Cairo, e posso dizer até mesmo no Egito como um todo, de construir-se piscina dentro de Condomínios ou casas, os Hotéis ditos “cinco estrelas” abrem a possibilidade de se pagar um “*day use*”. Famílias ou jovens executivos que queiram aproveitar o sol de verão nos fins de semana ou mesmo nos finais de tarde, podem relaxar de mais um dia de trabalho ouvindo cantores internacionais à beira da piscina, bebendo um chá e sendo vistos junto a turistas internacionais, artistas, ricos *sheikh* sauditas. O mais importante para jovens ou famílias, é serem vistos e demonstrarem sua ascensão financeira e social.

Enquanto isso, no litoral, jovens “filhos do sucesso”, como são chamados nas revistas *vips* do Cairo, também exibem seus barcos, *jetskys*, como materialização da riqueza de seus pais.

3.6.7 Marketing

Nos anos 50-60, o crescimento mercadológico no Egito ainda era considerado lento, pois o Estado podia oferecer muitas coisas essenciais e serviços a preços factíveis. A inflação não estava alta e, portanto, não havia pressão para a busca adicionais rendimentos.

Em meados dos anos 70, a situação mudou radicalmente:

- a) Rápido crescimento dos preços após o aumento dos preços do petróleo;
- b) redução da intervenção do governo para proteção dos grupos de baixa renda;
- c) Remessas de dinheiro dos que trabalhavam fora do país;
- d) O sistema mercadológico esquentou rápido e a possibilidade de enriquecimento aparece;

- e) Novos bens eram vendidos e alugados;
- f) Propriedades publicas tornam-se privadas. Vários locais que eram usufruídos gratuitamente pela população como parques públicos, praias e bancos tornaram-se construções para obtenção de lucros e benefícios de um grupo limitado.

A partir deste panorama, todos começam a sentirem-se pressionados a obter uma maior renda de alguma nova forma.

Apartamentos eram alugados a estrangeiros, carros passaram a ser utilizados como táxi ao final do dia. Professores passaram a dar aulas particulares após o horário de trabalho e mesmo os empregados do Governo faziam extras após o expediente.

Através da telinha da TV as oportunidades de comprar ou obter lucros passam a ser ilimitados. Esta incrível invenção que entrava nos lares egípcios com o objetivo de transmitir idéias, informações foi transformada em uma invenção poderosa de vendas, onde agencias de propaganda tomaram o controle do tempo e da programação.

O aumento das oportunidades de aumento de lucros, resultado da alta inflação e inevitável aumento do desejo por novas coisas, dá inicio a um comportamento até então desconhecido no Egito. Qualquer um que tivesse um apartamento ou casa com dois andares certamente usaria a parte de baixo para comerciar algum bem.

Ate mesmo a época do Ramadan¹⁰⁸ foi gradualmente subjugada á lei do sistema mercadológico, transformando-o em uma “época de dar e receber presentes”, comer e beber coisas que não se provam durante o ano. As conhecidas “lanternas do Ramadan” passaram a ter o mesmo valor que a Arvore de Natal e tornaram-se símbolos religiosos caros, sem as quais o cerimonial islâmico perde seu valor. Isto nada mais é que um resultado de décadas de uma

¹⁰⁸Época do jejum anual islâmico.

política comercial aberta ao mundo e a presença de um sistema capitalista em ação, a ocidentalização inevitável.

(...) isto significaria que nós estamos agora vislumbrando algo muito mais sinistro que políticos de abertura comercial, capitalismo ou ocidentalização. Pode ser nada a menos que um processo de metamorfose no qual as coisas estão gradualmente sendo transformadas em mercadorias, o objeto de uma transação comercial incluindo a alma humana. (AMIN, 2002:74).

3.6.8 Roupas

As roupas sempre foram uma forma fácil de classificar pessoas com relação à classe social, gostos e estilos.

A *gallabiya*¹⁰⁹ era o retrato da classe baixa usada sem distinção por homens, mulheres e crianças. O mesmo acontecia com as sandálias “de dedo”. Unido a estes símbolos deve ser destacado para as mulheres: lenço de cabeça. Sim, uma mulher de classe baixa não poderia de forma alguma deixar seu lar sem usar um lenço cobrindo sua cabeça totalmente. Enquanto a mulher de classe media poderia deixar de usá-lo ocasionalmente sem grandes críticas.

Um homem de negócios egípcio dos dias de hoje não usaria uma *gallabiya*. Hoje eles usam roupas ocidentais, na maioria de procedência europeia, temendo serem considerados antiquados ou de uma origem humilde. Posso ver locutores oficiais do Governo dando entrevistas televisivas usando expressões inglesas e com dificuldades em achar palavras árabes adequadas.

Por incrível que pareça, poucos podem pagar por uma boa sandália “de dedo” nos dias de hoje. A sandália havaiana brasileira é vendida por 40 euros aproximadamente em todas as lojas de grife e todas as lojas de hotéis de 1ª linha. Mas tem de ser legitimamente brasileira, com bandeirinha na lateral. O produto brasileiro começa a ser símbolo de status para egípcios e turistas vindos de todo Oriente Médio.

¹⁰⁹ Vestido reto e longo sem formas definidas usado por alguns homens.

O numero de pessoas usando a *gallabiya* caiu muito mesmo entre a classe baixa, pois roupas européias tomaram seu lugar. O lenço foi substituído pelo *Higab*¹¹⁰, e então ficou difícil distinguir as classes pelo véu.

As roupas femininas sofreram uma rápida transformação nos últimos anos, principalmente como resultado de sua grande participação na vida pública e particularmente nos locais de trabalho.

Antigamente os meninos usavam uma espécie de lenço ou turbante vermelho na cabeça chamado *tarboush*. Após a Revolução de 52, o *tarboush* desapareceu completamente, permanecendo como um hábito de uso dos turcos aristocratas ou de nomes e títulos militares.

Houve uma significativa transformação na roupa feminina principalmente no que diz respeito a cores, pois antes o preto era praticamente única cor que se poderia usar. Hoje são inúmeras as cores de vestidos e véus coordenados com acessórios modernos adaptados.

Membros da classe media usavam e escolhiam suas roupas propositalmente para se distinguirem da classe baixa. Um importante desenvolvimento na vida econômica egípcia foi o aparecimento de roupas industrializadas. A classe media agora tinha crescido e tinha capacidade de comprar quantidades suficientes de roupas para baixar os custos produtivos. O aparecimento da “roupa-pronta” fez praticamente desaparecer um costume muito comum: o habito muito difundido dentro da classe media de fazer, tecer o vestuário de toda família em casa. As famosas máquinas de costura foram aos poucos desaparecendo das casas e poucos ainda sabiam como costurar. A profissão de costureira e alfaiate também começou a desaparecer.

O habito de consumir “roupas prontas” solidificou-se após os anos 60, quando tínhamos um tamanho de mercado consumidor suficiente. O primeiro item

¹¹⁰ Véu que cobre cabeça e pescoço das mulheres satisfazendo as prescrições islâmicas.

a ser produzido em larga escala foram os sapatos e meias e finalizaram com as jaquetas e casacos após os anos 70.

A indústria de roupas estava nas mãos de libaneses, palestinos, judeus e europeus com uma ou outra exceção. Hoje posso observar que o número de *gallabyias* é pequeno, embora ainda possa ser visto em pequeno número nas regiões mais pobres, vilas e subúrbios. Nota-se uma variedade de estilo de *higab* cobrindo cabeças femininas. Há variedade em cores, formas e jeitos de orná-lo na cabeça. Este é um símbolo religioso que vem discretamente aumentando sua utilização. O uso de maquiagem também foi intensificado. Mulheres e principalmente as meninas, não tinham o hábito de ir ao cabeleireiro até vinte ou trinta anos atrás.

Os religiosos mais fundamentalistas determinam que a mulher deve manter o cabelo completamente coberto e não devem usar roupas que revelam o contorno de seu corpo. No entanto, apesar do uso do *higab*, vêem-se roupas mais acinturadas de estilo mais ocidentalizados e em alguns casos mostram colos e seios bem definidos sob a roupa. O que parece é que o *higab* e o *blue jeans* tornaram-se o novo símbolo de status e de confortável situação financeira. Este é o traje visto em universidades particulares no Cairo. Adicionando ainda os carros importados, as férias na praia, um casamento extravagante, temos os novos símbolos de *status* jovem, símbolos que os diferenciam dos “outros”.

A partir de 52 o Egito testemunhou grande desenvolvimento cultural, diminuindo as restrições para as mulheres, as quais passaram a estar mais envolvidas com a vida pública e grande participação com o trabalho fora de casa. O desenvolvimento da industrialização e crescimento dos trabalhos governamentais deram possibilidades de novas ocupações para homens e mulheres. A mídia também incentivou esta mudança e tornou a mulher mais autoconfiante. Neste momento de transição, o *higab* tem uma função comunicacional muito importante.

As mulheres egípcias ganharam espaço, mas perderam a proteção de seus lares e vizinhanças e se viram obrigadas a “mandar uma mensagem” para os homens que dividem a mesma sala de trabalho, o mesmo ônibus, táxi, a mesma sala de estudos, etc. Esta mensagem é dita através do uso do *higab*: ela saiu de casa, mas isto não quer dizer que é uma propriedade pública. Não se pode tocá-la ou falar mais que o necessário para os assuntos de trabalho e estudo.

3.6.9 Festa de Aniversário

A sociedade egípcia nunca teve hábito de comemorar aniversário anualmente como nas sociedades ocidentais.

Sempre foi justificado celebrar o 7º dia de vida, uma vez que a mortalidade infantil sempre foi muito alta. Pela mesma razão sempre foi natural celebrar o 1º ano de vida das crianças. Mas celebrar todos os anos sempre foi considerado “meio estúpido” pelos egípcios. Nascimentos e mortes não eram assim tão importantes como hoje. A Certidão de Nascimento nunca foi requisitada para iniciar nas escolas, e era comum um homem esperar até entrar numa ocupação do Governo para pedir uma Certidão. Mesmo assim, era suficiente obter um “Certificado de Idade Estimada”, e não a Certidão oficial. Para as mulheres, a necessidade de uma Certidão era ainda menor, pois raramente iam para as escolas ou iam trabalhar fora.

Para muitos pais, as festas infantis de aniversário não passam de diversão de criança que trazido pelo ocidente, uma invenção burguesa. Festa de aniversário é associada com o crescimento de uma sociedade influente, crescimento do consumo e uma forma de indulgência para com as crianças. “Festas deixam as crianças mal acostumadas”...

A mudança de atitude com relação às festas de aniversário nos últimos 50 anos reflete outra importante mudança que ocorreu na sociedade egípcia nesta época. Primeiramente temos a atitude mudada com relação às crianças: antigamente crianças eram consideradas naturais frutos inevitáveis do casamento

e sua função era a preservação da espécie. Então era imperativo ter quantos eram possíveis, pois deste grande numero, muitos sobreviveriam. Era importante protegê-los em guardar sua saúde, mas a real garantia de bem estar “está nas mãos de Deus”, diziam. Uma educação moral era essencial, idem a educação intelectual, mas há limites estritos aos que os pais podem fazer para formar a personalidade da criança e moldar suas características. Segundo o islamismo, “crianças vem com destino pré-determinado”. Espera-se, e reza-se para tal, que as crianças possam crescer e ter sucesso material e conseqüentemente este sucesso possa ajudar seus pais.

Crianças hoje, infelizmente acabam tendo a função de “mostruário de status social” dos pais. O uso de roupas caras pelas crianças mostrará a riqueza de seus pais, assim como a escola onde são matriculados. O desenvolvimento tecnológico também faz parte de tudo isto. O numero de fotos tiradas nas festas de aniversários, filmagens profissionais são parte dos esforços de fazer da festa uma histórica ocasião a ser guardada para a posteridade.

Com a necessidade de tantas coisas para comemorar o aniversário de uma criança, a casa passou a ser inadequada para abrigar tantos familiares, amigos, afinal é um “evento social”. Nasce o costume de realizar festas em clubes e hotéis. Contam com o auxílio de um pessoal especializado em entreter crianças, que fazem teatrinhos, mágicas, performances em geral. A classe media emergente agora tem mais um símbolo de status.

3.6.10 Festas de Casamento

Os chamados “novos ricos” das décadas mais recentes preferem celebrar casamentos em hotéis “cinco estrelas” com música ocidentalizada ou a união de músicas tradicionais egípcias e suas bailarinas com um DJ com musicas ocidentais.

Nos anos 70 as classes ricas começam a fazer festas de casamento em grandes e luxuosos hotéis internacionais e foram gradualmente mudando a

natureza e os costumes de tais festas. A celebração “ululante” das mulheres que fazem aquele som com as línguas vistos em filmes, chamado zaghruta, tem sido raro. Muitas vezes é feito por parente de idades mais avançadas, pois os hotéis não encontram mais mulheres para tais serviços.

As conhecidas amêndoas cobertas de glacê ou *milabbis* e o *shabat*, bebida feita de uma espécie de melaço, também se tornaram raros. Para os egípcios, existe uma forte associação entre celebrações felizes com beber e comer coisas excessivamente doces. Isto talvez ocorra devido à escassez de açúcar na dieta diária.

Desta forma, os *milabbis* e *sharbat* passam a ser sinais de distinção da classe alta e muitas vezes o gosto muitíssimo adocicado é atenuado, pois o paladar ocidental é diferente.

Os coordenadores de eventos de hotéis insistem em não permitir, ou não facilitar, a presença de crianças nestas festas. Isto se deve ao medo de que elas não permitam que se sigam todos os planos e rituais previamente contratados. Além do mais, fica mais difícil controlar a comida e a bebida.

A música passa a ter uma potência sonora nunca vista e passa-se a cobrar “experiência em casamento em hotéis” dos músicos. Procura-se ter uma festa cheia de pessoas, algumas colunáveis, outras com poderes públicos ou políticos, mas ninguém consegue conversar devido ao alto volume do som. Não é mais a noiva ou o noivo (ou seus pais) que tomam conta da festa, temos um mestre de cerimônias no próprio hotel que deve orquestrar todo o *show* social. O mesmo ocorre com fotos ou filmagens: os noivos submetem-se aos mandos e desmandos destes profissionais.

Noivas casam¹-se na sua grande maioria com vestidos de modelagem totalmente ocidental. Colos nus, braços nus que se chocam com algumas roupas mais comportadas e de fundamentação islâmica de alguns convidados. Ironicamente temos convidadas totalmente vestidas de negro e com apenas olhos

à mostra e uma noiva que expõe em sua festa de casamento partes de seu corpo nunca vistas em público.

Pode-se perguntar o porquê de famílias submeterem-se a tais imposições... Primeiro não há mais espaço nas casas e apartamentos de hoje para tais shows, mesmo em classes altas. Apenas profissionais de eventos tem condições de orquestrar tudo isto. Apenas hotéis possuem profissionais da área de comidas e bebidas e infra-estrutura elétrica para todas estas parafernalias tecnológicas. Só um hotel assegurará que tudo estará protegido de tudo que ocorre “lá fora” com guarda privada, seguranças, porta com detector de metais, cães farejadores fiscalizando os carros.

A cerimônia acaba sendo uma forma de demonstrar aos outros a capacidade financeira destas famílias envolvidas, ou seja, é uma medida de sucesso. Medida esta, que será mais poderosa do que qualquer outra, principalmente porque têm o poder de ocultar a falta de etiqueta, dos bons modos, da boa educação, presentes na maioria dos atos dos “novos ricos” em ascensão.

3.6.11 Jornalismo

Com a Revolução de 52, uma nova forma de sensacionalismo veio para os editores de jornal. Com os últimos assuntos políticos são adicionados aos usuais escandalosos mix de crimes escandalosos e vida privada de estrelas de cinema. O resultado disto foi um novo direcionamento dos padrões jornalísticos de linguagem e conteúdos. O reflexo imediato foi à demanda por parte de novos leitores. Estes novos membros de classe media haviam recebido uma educação de baixa qualidade em escolas, universidades super populosas e com professores que tinham abandonado estas escolas antigas por outras mais modernas.

O governo nesta época havia fundado vários jornais e tirado o título de propriedade de outros. Além disto, houve a nacionalização de várias empresas de comercio e manufatura que apareceram no inicio de 1960. Isto garantiu um

monopólio para o governo e acabaram tornando as empresas de propaganda muito necessárias.

A expansão relativa da classe media entre os anos 52 e 70 não pode sequer ser comparada com o que aconteceu com a mesma classe nos anos seguintes, 70 a 90. Esta nova classe media com um novo tipo de educação, novos gostos, novas aspirações, definiu a cultura de massa egípcia durante o ultimo quarto de século, bem como a natureza da disponibilidade de jornais no mercado.

O perfil jornalístico veio do incitamento nacionalista político à exposição religiosa em 70. Na seqüência progrediu para um excitamento esportivo em 80 e provocações sexuais em 90. Revistas de temas desconhecidos no Egito apareceram. Havia um esmero com relação às fotos, bem como em estórias secretas, bizarras, escândalos. Foi um grande sucesso e o é até hoje. (ARMBRUST, 2000:51).

Era de se esperar que este panorama influenciasse a literatura egípcia. O mesmo ocorria com radio, os programas de TV, a identidade social representada pelos apresentadores, jornais, cinemas, e toda a linguagem empregada nestas formas de expressão cultural midiática. Com o aumento populacional, houve também o aumento do consumo de produtos culturais

3.6.12 Televisão

Como em todos os países nos quais a televisão chegou, esta veio como uma invasão americana de filmes de *Hollywood*. Não foram raros os casos de amigos e familiares a serem relegados a um segundo plano para que tudo (e todos) estivessem convergindo para frente da telinha da TV. A melhor posição, o melhor local da casa era feito para “ela”. Com todos os moradores e convidados amontoados ao redor daquele aparelho. O amor pela televisão superou todas as relações do lar, diálogos entre maridos e suas esposas, entre pais e filhos, e crianças acabam ficando mais tempo a sua frente do que nas escolas.

O poder da imagem superava o de som, e neste caso, falo do som da voz das pessoas. Ninguém poderia ignorá-la, não importando o assunto levantado. Parece que os humanos respondem melhor se são influenciados por imagens, não

importando se há racionalidade ou lógica (o ato de ouvir exige lógica) e neste caso a TV adequou-se como uma luva. Talvez os olhos sejam mais “democráticos” que os ouvidos, por esta razão as pessoas provavelmente não discordem muito do que vêem e tende a fazê-lo com o quê ouvem.

A medida de importância de uma TV em relação ao cinema para a população egípcia de classe média é clara. A programação estava mais propensa a estimular a emoção ao invés do intelecto.

Com a redução dos custos dos aparelhos, estes passaram também serem adquiridos pelas massas. Não havia, no início, a preocupação com o nível intelectual ou gostos. Com o tempo, criou-se oportunidade para grandes lucros, não só para os produtores de TV, mas para qualquer empresa que quisesse mostrar, promover seus produtos através dos trabalhos das agências de propaganda. Como as propagandas passam a ser a maior fonte de retorno para as estações de TV, a programação passa a ser cada vez mais voltada aos desejos das agências de propagandas e donos de empresas.

O desenvolvimento da televisão no Egito, assim como na maioria dos países de 3º Mundo, seguiu todas estas etapas, porém muitíssimo mais rápido.

A televisão chegou ao Egito no início de 1960 e a audiência era naturalmente limitada a um pequeno segmento da sociedade que podia pagar por ela. Ela ficava fora da vida da grande maioria da população, pois além do problema de seu preço, muitos ainda viviam em casas sem eletricidade. Nesta época os programas eram mais sofisticados, comprometidos com a intelectualidade, comprometidos com a religiosidade e visavam boa qualidade na linguagem utilizada. A TV era usada pela elite para promover-se, consolidar o poder e atacar seus inimigos.

No início dos anos 80 a situação mudou. A migração em massa para o Golfo havia incrementado o poder de compra de um vasto segmento da sociedade, aqueles anteriormente privados de ter um aparelho. Agora, retornando do Golfo,

eles tinham adquirido fortuna e novos desejos. A programação agora estava focada nos mercados desta população. As técnicas de propaganda e comunicação alcançam novos métodos. Começam a interromper jogos, seriados, para aproveitar a audiência. Ou ainda apareciam imediatamente após o chamado para rezar ou cantar canções religiosas. Na época do Ramadã, a mídia e a propaganda ficam a serviço também da Igreja. Há um bombardeio de hora em hora pela perturbadora e contraditória união entre propaganda, slogans religiosos e programas espirituais.

Com o advento dos canais via satélite, os produtores viram a possibilidade de comercializar seus produtos por “todo o mundo”. Produtores agora descobriam que mais lucros teriam se atingissem a maior parte dos gostos da audiência. Quanto mais genérico e massificado for o produto ou serviço, mais ele pode ser distribuído pela mídia televisiva.

Rostos bonitos começam a vender notícias e mercadorias. Esportes começam a ter um grande potencial de *marketing* e ficam ainda melhores se encabeçados por astros e atrizes famosos e por vezes com atitudes e posturas contundentes com os fundamentos islâmicos.

A era da globalização trouxe tudo isto para os televisores egípcios, os quais pagaram (e pagam) um preço pesado por tudo isto. Milhões de egípcios agora também podiam saber o que se passava em outros locais do mundo. As propagandas políticas oficiais perderam um pouco de sua força, pois estavam intercaladas com informações e apelos de todo o mundo.

As estações públicas de TV egípcias tiveram que dar lugar às novas estações privadas que foram “abençoadas” com certa liberdade de ação, mas eram suscetíveis a gestos “amigáveis” por parte do governo, tipo “uma mão lava a outra...” A competição por parte das estações de televisão estrangeiras não era para evidenciar a melhor empresa em questão. Afinal, a melhor não seria parabenizada por falar as verdadeiras estórias, mas por capturar o maior número de telespectadores. A demanda de uma parte da população era por mais

sexualidade e uma grande dose de entretenimento. Havia também um grande mercado, assim como nos ricos estados do Golfo Árabe, por programas de natureza religiosa e moralista.

O resultado é algo muito interessante que tem se desenvolvido nas últimas décadas. A televisão egípcia move-se nestas duas linhas contraditórias: sexo e religião.

3.6.13 Revistas e Jornais

Nos anos que precederam a II Guerra Mundial, haviam duas revistas sofisticadas culturalmente, *Al-Risala* e *Al-Thaqafa*. Nenhuma das duas tinha uma tiragem superior a dois mil exemplares, mas tinham uma grande e forte influência na vida cultural não somente do Egito, mas no Mundo Árabe. (ARMBRUST, 200:55).

Antes da guerra, nenhuma revista era desencorajada em sua publicação por problemas econômicos, mas isto mudou muito. Dois jornais começaram a sofrer com perda de consumo e a sentir-se ameaçados com o aumento nos custos de impressão. A quantidade de leitores não caiu, o número na verdade aumentou com o aumento da população e aumento das pessoas educadas e capazes de ler. Acontece que o problema não estava no número de leitores destas revistas ou jornais, mas seu número relativo comparado com o resto da população. Houve um significativo aumento de leitores de jornais e revistas simples e descompromissados. Estas duas revistas por serem mais intelectualizadas deixaram de ser produzidas e outra mais simples, a *Akhbar Al-Yawm*, cresceu em tiragem.

3.6.14 Telefones

Os fundamentalistas wahabi da Arábia Saudita dizem que algo que pode transferir a voz através destas distâncias deve ser “trabalho do diabo”, por esta razão, isto deveria ser proibido pela Lei Islâmica.

Ao lado de outras varias mudanças, os anos 50 depois da Revolução, trouxeram a oportunidade da classe media utilizar o telefone em larga escala. A

natureza das chamadas evoluiu de algo “absolutamente importante” a um simples “oi”. Este aparelho tornou-se íntimo do dia a dia de todos os egípcios que tinham condições de tê-lo. A família toda disputava um momento com este novo símbolo de status social.

Um dos custos do socialismo dos anos 60 foi o início da fiscalização das chamadas telefônicas por razões de segurança do Estado. Ninguém sabia se estava ou não sendo monitorado. Pessoas politicamente ativas eram objetos de interesse de escutas.

Com a política de *Infitah*, em meados dos anos 70 em diante, a demanda cresceu ainda mais, o governo ampliou as redes para tal e as taxas foram ficando cada vez mais acessíveis. Ele não representa apenas um símbolo de poder, mas também tem um papel muito importante na comunicação e nas relações sociais.

Por volta dos anos 90 chega o telefone celular no Egito, o que seria outro avanço nas relações sociais. O celular é visto nas ruas, nos clubes, restaurantes, universidades, etc. Rapidamente alcançou classe alta, média e média baixa.

3.6.15 INTERNET

No Egito 12% da população tem acesso a Internet e agora possui um novo sistema de busca chamado *Imhalal*¹¹¹. Ao digitar alguma palavra ou expressão, o usuário é avisado de que o assunto procurado trata-se de um *Haram*¹¹², ou contém algo ilícito e inadequado à ética muçulmana. Ele protege crianças e jovens de matérias imorais na *web*.

Ele foi criado por um jovem de 20 anos, iraniano e tem feito sucesso não só em lares muçulmanos como em lares que professam outras religiões.

Trata-se na verdade de uma nova forma de sensor moral que vem coibir o que ocorre em muitas *Lan House* ou *Cyber Café* onde livremente os jovens têm

¹¹¹ Halal quer dizer permitido, dentro da lei em árabe.

¹¹² Haram quer dizer fora da lei ou pecado em árabe.

acessado sites e informações que vão contra os ensinamentos muçulmanos. Sem qualquer constrangimento por parte dos donos desses estabelecimentos, grupos de jovens (sim, quando o objetivo é ver o que é pecado, eles estão sempre em grupo de 5 ou 6 meninos) se amontoam sobre um computador para pesquisar todo e qualquer tipo de assunto. Nunca percebi preocupação com relação à idade dos jovens ou horário de visita. Cheguei a ver esta cena várias vezes em diversos estabelecimentos nas ruas do Cairo. Nunca vi meninas fazendo isto.

Muitos pais postergam a colocação da *Internet* em suas casas com medo de que seus filhos acessem o que não devem, um zelo igual a qualquer pai do mundo. Quando perguntava se não temiam que seus filhos fossem a um *cyber café* fazer isto, sempre afirmaram que não, “seus filhos nunca fariam isso”. Concluindo, jovens são iguais em qualquer país globalizado ...e seus pais também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo proposto inicialmente, isto é, descrever o imbricamento do capitalismo com a ética muçulmana no Egito contemporâneo, foi cumprido no decorrer das descrições de mudanças e peculiaridades que juntam uma ética muçulmana inquebrantável com um capital fluídico, sem terra, sem pátria sem território certo. A reação contra a ocidentalização inerente à realidade da globalização exerce pressão contra os governos, principalmente o governo egípcio de Mubarak no Egito. Os ideais fundamentalistas que nasceram no próprio Egito ainda assombram o país e seu governante e mais que isto assombram todo o mundo na figura do egípcio Al-Zawahiri como porta-voz de todas as comunicações da Al-Qaeda.

Após todo este desenvolvimento e seus desdobramentos é correto dizer que a problemática inicialmente apresentada teve uma satisfatória resposta. O capitalismo, e tudo que ele representa, pressiona a ética muçulmana e a faz adaptar-se à nova realidade, às novas propostas vindas do ocidente. A reação a esta pressão pode vir sob forma de empreendedorismo, crescimento comercial internacional e nacional, acréscimos culturais ao cotidiano do povo a partir das novas relações estabelecidas, de novos elementos incluídos no cotidiano da população. Mas também pode gerar reações agressivas e radicais por parte daqueles que não aceitam este imbricamento capitalista e ocidental e as deturpações das palavras do Profeta.

Não existe um só tipo de fundamentalismo: há uma escala de radicalismo que vai desde aqueles que não querem mudar a ética, mas aceitam as transformações e desenvolvimentos tecnológicos vindos da globalização até os terroristas que acreditam em se martirizar e matar inocentes para chegar ao paraíso.

O perfil do governo ditador de Mubarak e sua postura de apoio a países ocidentais favorecem e criam um fértil espaço para a proliferação de grupos islâmicos suprindo as falhas governamentais. Ao lado de sua política agressiva

contra estes grupos, precisa manter-se em certa sintonia com eles e com as Leis islâmicas. O desejo destes grupos, principalmente a Irmandade Muçulmana é estabelecer um Estado religioso no Egito. Para evitar que isto aconteça, ele está constantemente manipulando as eleições ao seu favor, e o faz em nome de uma capenga democracia.

Apesar de uma sensação de paz e da imagem pacífica que este país vende, percebeu-se um incremento na utilização de vestes e adornos tradicionais pela população mais simples. É como se agarrassem com unhas e dentes o pouco do passado que ainda lhes restam. O Egito é e sempre será uma espécie de bomba relógio prestes a estourar a qualquer momento.

Este trabalho também sugere a possibilidade de próximos desdobramentos destas idéias em outros temas, como por exemplo, a comparação entre os grupos fundamentalistas no Egito e os grupos do tráfico no Brasil, e principalmente guarda a possibilidade de futuros aprofundamento em alguns temas como: a mulher após a *Infitah*, a mídia e o marketing no Islã, marketing político nos países islâmicos, enfim, restam muitas possibilidades.

A aplicabilidade das idéias aqui contidas poderão ser úteis tanto para a área acadêmica nos estudos da Relações Internacionais e Ciências Sociais, como para a área de Marketing Internacional.

Existe uma grande diferença entre as relações estabelecidas entre governos, países ou Estados nos dias de hoje. Antes se discutia por objetivos financeiros, territoriais, alguma supremacia em poder político. Hoje o que temos é um misto de regiões e grupos dificilmente delimitados ou pontuados. Temos dúvidas de “quem” é o Oriente. Com que se deveria falar ou fazer para conseguirmos a paz? Questionamos o porquê dos islâmicos não radicais não ajudarem a se chegar a um acordo com os radicais. Estes radicais estão 100% dispostos a matar e morrer por suas causas e a solidariedade islâmica é difícil de ser abater.

Não há separação entre Igreja e Estado, mesmo quando o país se diz laico. Além disso, grupos radicais fazem “às vezes” de muitos governantes.

É um momento no qual devemos estar preparados para uma relação política onde não se tem espaços demarcados, onde as formas políticas atuais não dão conta da nova realidade. É difícil para os antigos políticos e governantes lidarem com este momento. O mesmo acontece com as formas diplomáticas.

Conforme disse Kofi Annan, em uma de seus discursos na ONU, se a guerra é o fracasso da diplomacia, então a diplomacia, tanto bilateral como unilateral, é nossa primeira linha de defesa.

Precisamos repensar este novo formato de diplomacia e suas atividades.

Não arriscaria em sugerir algum modelo político ou diplomático como solução, pois não é o objetivo deste projeto. Posso desenvolver esta reflexão de forma mais aprofundada no próximo trabalho, mas a reestruturação é inevitável e urgente. O que creio ser definitivo é que não se pode reciclar escombros político, deve-se construir com novos materiais.

O islã nunca esteve dividido por país ou territórios, sempre foram divididos por grupos religiosos com linhas centrais diferentes. O ocidente é que os colocou em uma “caixa” de países. E na verdade, nos bastidores, nunca deixaram de ser o quê sempre foram: unidos pela religião e separados por ela. O povo sofre por ser obrigado a entrar nesta “caixa” dos Estados e países e também não sabem como mudar esta situação. Os radicais estão tentando ao seu modo...

Hoje temos uma potencialidade de mundo que nunca tivemos. Isto deve ter significado econômico, pois o capital é mundial. Esta capacidade econômica de mundo não pode mais ser centralizada e acaba por nos desterritorializar. Colocamos em uma posição libertadora que se contrapõe aos nacionalismos. Não dá para pensar em política hoje como antes, muitas categorias precisam ser reavaliadas ou inventadas, pois as anteriores não dão mais conta. Não conseguimos entender

as novas formas de insurgência de hoje, como o terrorismo, usando as antigas categorias.

O ocidente ainda hoje não entendeu este conflito e não sabe também como lidar com isso.

Como estabelecer uma conversa com eles? Partindo da diferença e respeitando a diferença. Eles fariam o mesmo? Não sei, mas alguém tem de dar o primeiro passo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABASA, Mona. **The Changing Consumer Cultures of Modern Egypt**. Cairo: The American University Press, 2006.

AMIN, Galal. **Whatever happened to the Egyptians?** Cairo: The American University in Cairo Press, 2004.

_____. **The Illusion of Progress in the Arab World**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2006.

_____. **Whatever ELSE happened to the Egyptians?** Cairo: The American University in Cairo Press, 2003.

_____. **Globalization, Consumption, Patterns and Human Development in Egypt**. Economic Research Forum, Iran and Turkey, jan. 2000.

ARBEX, José. **Islã – Um enigma de nossa época**. São Paulo: moderna Editora, 1996.

ARMBRUST, Walter. **Mass Mediations, New Approaches to Popular Culture in the Middle East and Beyond**. Los Angeles: University of California Press, 2000.

ARMSTRONG, Karen. **O Islam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ATLAS National Geographic: **Africa II** (vol.10). São Paulo: Abril, 2008.

BELT, Don. (Org.). **O Mundo do Islã**. São Paulo: National Geographic, 2001.

BÍBLIA, 1993. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, 2. ed. ver. E atual. No Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BILLAH, Mohammad M. **Modern Financial Transactions under Shari'ah**. Selangor: Ilmiah Publisher, 2003.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BROOKS, Geraldine. **Nove Partes do Desejo – O mundo secreto das mulheres islâmicas**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

BRUM, Eliane. **O Islã na laje**. Revista Época, São Paulo, 30 jan. 2009. Disponível em: <http://www.revistaepoca.globo.com>. Acesso em 25 ago. 2009.

BUCHAM, James. **Um bom lugar para morrer**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BUDGE, E. Wallis. **A magia Egípcia**. São Paulo: Madras Editora, 2003.

BURKE, Jason. **Al-Qaeda: A verdadeira História do radicalismo Islâmico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BURUMA, Ian; MARGALIT, Avishai. **Ocidentalismo - o Ocidente aos olhos de seus inimigos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CATTANI, Roberto. **O papel dos muçulmanos no Ocidente**. São Paulo: Islam-on-line, 2008

CAVALCANTE, Rodrigo. **Islã – Coleção para Saber Mais**, São Paulo: Editora Abril. 2003.

CAVES, Richard E, FRANKEL, Jeffrey, JONES, Ronald W. **Economia internacional – Comércio e transações Globais**, São Paulo: Editora Saraiva. 2001.

CHALLITA, Mansour. **O Alcorão ao alcance de Todos**, Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran. 2003.

_____. **O Alcorão** (tradução), Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran.

_____. **As mil e uma Noites**. Rio de Janeiro: Pixel. [2003].

CRAVINO, Janete. **Conflitos Internos – Resolução de Conflitos**. São Paulo: Revista Militar, 2005.

DEGENSZAJN, André Raichelis. **Terrorismo e Terroristas**, São Paulo, SP. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

D'ENCAUSE, Hélène Carrère. **L'Empire Éclaté – la révolte des nations en URSS**, Paris: Club France Loisirs. 1978.

DEMANT, Peter. **O Mundo muçulmano**, São Paulo: Editora Contexto. 2004.

EISENSTADT, S.N. **Revolução e a Transformação das Sociedades**, Rio de Janeiro: Zahar Editores. [?].

_____. **Modernização: protesto e mudança – Modernização de Sociedades Tradicionais**, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

FARAH, Paulo D. **O Islã**, São Paulo: Publifolha. 2001.

FOSCHETE, Mozart. **Relações Econômicas Internacionais**, São Paulo: Edições Aduaneiras. 2001.

GADALLA, Moustafa. **Cosmologia Egípcia, o universo animado**. São Paulo: Madras, 2001.

GASPARETTO, Zibia. **O Amor Venceu**. São Paulo: Espaço Vida & Consciência, 1998.

GASTALDI, J. P. **Elementos de Economia Política**. São Paulo: Editora Saraiva, 2005.

GEERTZ, Clifford. **Observando o Islã**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GONÇALVES, Ricardo Mario. **A ética Budista e o espírito econômico do Japão**. São Paulo: Editora Elevação, 2007.

GRAZIANO, Walter. **Hitler ganhou a guerra**. São Paulo: Editorial Sudamericana, 2005.

GREEN, Mark C., KEEGAN, Warren J. **Princípios de Marketing Global**. São Paulo: Editora Saraiva. 2000.

HABIB, Mohamed. **Congratulações ao presidente e pêsames ao povo do Egito**. Instituto de Cultura Árabe, 2005. Disponível em 29/08/2009.

HADDAD, Jamil Almansur. **O que é Islamismo**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1994.

HAICH, Elisabeth. **Iniciação**. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

HAMID, Mohsin. **O fundamentalista relutante**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2007.

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

HUNTINGTON, Samuel P. (1996). **O choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva. 1996.

IANNI, Octavio. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IBRAHIM, Saad E. **Egypt, Islam and Democracy**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2003.

JACQ, Christian. **Akhenaton e Nefertiti, o casal solar**. São Paulo: Hemus, 1978.

_____. **As Egípcias, relatos de Mulheres do Egito faraônico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

JASCHKE, Richard. **English – Arabic Dictionary for the spoken of Egypt**. New York: Hippocrene Books, 2003.

JENKINS, Siona. **Egyptian Arabic Phrasebook**, London: Lonely Planet. 2001.

KAMALI, Mohammad H. **Islamic Commercial Law**. Cambridge: The Islamic Texts Society. 2003.

KORAN.1983. **The Koran**.Translated by Arthur J. Arberry.2.ed.Oxford: Oxford University Press, 1983.

KUAZAQUI, Edmir. **Marketing Internacional – Como conquistar Negócios em Mercados Internacionais**. São Paulo: Makron Books. 1999.

LABABIDI, Lesley. **Cairo Street Stories**. Cairo: The American University Press, 2008.

LEWIS, Bernard. **A Crise do Islã – Guerra Santa e Terror Profano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **O que deu errado no Oriente Médio?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LEVY, Bernard-Henri. **Who killed Daniel Pearl?** Melville House Publishing, 2003.

LOPES, Alvarez. **O enigma das Pirâmides**. São Paulo: Hemus, 2000.

LUCCHESI, Marco (Org.). **Caminhos do Islã**. São Paulo: Editora Record, 2002.

MAALOUF, Amon. (2001). **As Cruzadas vista pelos Árabes**. São Paulo: Editora Brasiliense. 2001.

MARSOT, Afaf L. S. **A short History of Modern Egypt**. London: Cambridge University Press, 2002.

MARTINELLI, Dante P., VENTURA, Carla A, MACHADO, Juliano R. **Negociação Internacional**. São Paulo: Editora Atlas. 2004.

MARTINS, Celso. **Como entender o Islamismo**. São Paulo: D P L Editora, 2003.

MAQDISI, Ibn Qudamah. **Mukhtasar Minhaj Al-Qasidin**. El-Mansoura: dar Al-Manarah. [200?].

MILTON-EDWARDS, Beverley. **Islamic Fundamentalism since 1945**. New York: Routledge, 2006.

MIRHAN, Lejeune. **O problema não é pão**. Instituto de Cultura Árabe. São Paulo, 2008. Disponível em:<<http://www.icarabe.org>>. Acesso em 29/08/2009.

MOIX, Tereci. **Cleópatra, rainha e mulher**. São Paulo: Editora Globo, 1993.

MUZAFFAR, Chandra. **Islã e os Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: Renovar, 2004.

NOBRE ALCORÃO. Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa por Dr. Helmi NASR. [São Paulo]: 2007

NYE, Joseph S. **O Paradoxo Americano**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

OUFKIR, Malika; FITOUSSI, Michele. **Eu, Malika Oufkir prisioneira do Rei**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2000.

PASSETTI, Edson; OLIVEIRA, Salete (orgs.). **Terrorismo**. São Paulo: Editora PUCSP, 2006.

POWER, Samantha. **O Homem que queria salvar o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

QUR'ANA. **The noble Qur'na in the English language**. Translation by Dr. Muhammad M. Khan and Muhammad T. Al-Hilali. Madinah, K.S.A.

(s.n.) 2004.

RANGEL, Vicente M. **Direito e Relações Internacionais**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1988.

REGULA, Detraci. **Os Mistérios de Isis**. São Paulo: Madras Editora. 2002.

RESENDE, Paulo-Edgar Almeida. **Desafios da Globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Interdependência complexa e mestiçagem.**
In: Ponto-e-vírgula. Nº 3, 1º semestre de 2008.

_____. **Trajetória do Discurso Latino.** In: São Paulo em Perspectiva. São Paulo, Revista Fundação SEADE, vol. 16/n. 2 pp. 3-11.

REZEK, J.F. **Direito Internacional Público.** São Paulo: Saraiva, 1996.

ROBSON, Francis. **O Mundo Islâmico – O esplendor de uma fé.** Barcelona: Ediciones Folio, 2007. (Grandes civilizações do passado).

RUKHSANA, Mahvish Khan. **Diário de Guatánamo – Os detentos e as histórias que eles me contaram.** São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

RUSHDIE, Salman. **Os Versos satânicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SABIQ, Al-Sayid. **Fiqh us-Sunnah.** Indianápolis: American Trust Publications, [200-?].

SACCHETTI, Antonio Emilio. **11 de Setembro, Terrorismo ou Guerra.** Rio de Janeiro: Revista Marinha, 2001.

SAID, Edward W. **Cultura e Política.** *São Paulo:* Boitempo Editorial, 2003.

_____. **Orientalismo.** Barcelona: Novoprint, 2003.

_____. **Orientalismo.** São Paulo: Editora Schwarcz, 2007.

_____. **Culture and Imperialism.** New York: Vintage, 1993.

_____. **Covering Islam.** New York: Vintage, 1997.

_____. **Fora de Lugar.** São Paulo: CIA das Letras, 1999.

SAID, Rushdi. **Science & Politics in Egypt: A life's journey.** Cairo: The American University Press, 2004.

SAKH, Beshir. **A contra-reforma agrária egípcia**. Le monde Diplomatique Brasil, São Paulo: Instituto Polis, 2007.

SANT´ANNA, André. **O Paraíso é bem bacana**. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

SANT´ANNA, Ivan. **Plano de Ataque: a história dos vôos de 11 de setembro**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006.

SARRUF, Marina. **41ª Feira Internacional do Cairo**. São Paulo, 17 mar. 2008. Disponível em: <http://www.anba.com.br>. Acesso em 17 mar. 2008.

SASSON, Jean P. **Princesa Sultana, sua Vida, sua Luta**. São Paulo: Editora Best Seller. 2004.

_____. **Princesa – A história real da vida das mulheres árabes por trás de seus negros véus**. São Paulo: Editora Best Seller, 2003.

_____. **As Filhas da Princesa**. São Paulo: Editora Best Seller, 2004.

SOLÈ, Robert. **Egito – um olhar amoroso**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SOARES, G. **Curso de Direito Internacional Público**. São Paulo: Jurídico Atlas, 2002.

SOUZA, Corinne. **A Espiã de Bagdá – Espionagens e intrigas do Iraque para Londres**. São Paulo: editora Landscape, 2004.

STEINBERGER, Margareth B. **Discursos Geopolíticos da mídia – Jornalismo e imaginário internacional na América latina**. São Paulo: Educ; São Paulo: Cortês Editora, 2005.

SYED, Mohammad A, **The position of Women in Islam**. New York: State University of New York Press, 2004.

366 **READING FROM ISLAM**. New Alresford: Arthur James, 2000.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patrícios, sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: editora UNESP, 2008.

VASSORT, Patrick. **Sade e o espírito do capitalismo**. Le Monde Diplomatique Brasil. São Paulo: Instituto Polis, 2007.

WEBER, Max. **A ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**, São Paulo: Cia das Letras- Edição de Antonio F. Pierucci. 2004.

_____. **Ciência e Política – Duas Vocações**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004. (Coleção a obra prima de cada autor).

_____. **Economia e Sociedade**. São Paulo: Editora UnB, 2004.

WEFFORT, Francisco. C. (Org.). **Os Clássicos da Política**. São Paulo: Editora Ática, 2004. 1 e 2 v.

WRIGHT, Lawrence. **O Vulto das Torres**. São Paulo: Cia das Letras, 2007. 5

ZAYYAT, Latifa. **The Open Door**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2003.

SITES

www.islamonline.com.br

www.bbconline.com.br

www.cnnonline.com.br

www.almanaqueabril.com.br

www.pnud.gov.br

www.mre.gov.br

www.upsa.es

www.itamaraty.gov.br

www.brazilembcairo.org.eg

www.achanoticias.com.br

www.aucgypt.edu.eg

www.relnet.com.br

www.foreignaffairs.com

www.funag.gov.br

www.inpri.funag.gov.br

www.icarabe.org

www.mesquitabrasil.com.br

www.ibeipr.com.br

www.islam.org.br

www.cedi.com.br

www.weekly.ahram.org.rg

www.english.aljazeera.net/news/middleeast

www.cdial.org.br

www.anba.com.br

www.thereport.amnesty.org

www.boletin_islamico@yahoo.com.br

www.unctad.org

www.wto.org

www.intracen.org

www.forumdoconsumidor.org.br

www.citizen.org

www.mre.gov.br/politicaexterna

www.g20.mre.gov.br

www.egypt.org.eg

www.egypt_government

www.stat.wto.org/country

www.geocities.com

www.arabias.com.br

www.cairolive.com.br

www.islam.com.br

www.cmgrupo.com

www.altmuslim.com

www.wamy.org.br

www.biblioteca.pucpr.br

www.biblioteca.pucsp.br

www.egitoebraasil.com

www.mst.org

www.blog.controversia.com.br

Filmes em DVD

A MENSAGEM: O mensageiro de Deus. Arábia Saudita: Al-Ris-alah, 1977

ATAQUE terrorista. Reino Unido: Universal, 2008.

COUNTDOWN – Ataque terrorista. Estados Unidos: Focus Film, 2008.

DETONADOR – A face do terrorismo. Estados Unidos, 2003.

FALCÃO negro em perigo. Estados Unidos: Universal, 2001.

FATOR Haders. Estados Unidos: Universal, 2006.

MUNIQUE. Estados Unidos: Paramount, 2007.

MUNIQUE 1972 – Um dia em setembro. Suíça: Versátil, 1999.

NOVA YORK sitiada. Estados Unidos: Paramount, 1998.

O REINO. Estados Unidos: Universal, 2007

O SUSPEITO. Estados Unidos: Playarte, 2008.

O TRAIADOR. Estados Unidos: Playarte, 2008.

RODA VIVA: Especial Terror nos Estados Unidos 2001. Brasil: Log On, 2003.

SLEEPER CELL: Ataque terrorista -1ª temporada. Estados Unidos: Paramount, 2008.

VÔO UNITED 93. Estados Unidos: Universal, 2006.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)